

CADERNO DE RESUMOS

5º Cine-Fórum 2025: Cinema, Letras, Arte, Sociedade e Debate

Evento Nacional



organizadores:

Altamir Botoso

Murilo de Castro

André Rezende Benatti

CADERNO DE RESUMOS
5º CINE-FÓRUM: CINEMA, LETRAS, ARTE, SOCIEDADE E DEBATE

Organizadores

Altamir Botoso
Murilo de Castro
André Rezende Benatti

COMITÊ CIENTÍFICO

Dra. Adrianna Alberti (UFMS)

Profa. Dra. Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (PPGLetras - UEMS)

Dr. Alan Silus (UEMS)

Dr. Altamir Botoso (PPGLetras - UEMS)

Dra. Aline Saddi Chaves (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Alexandre Tadeu dos Santos (PPGCOM - UFG)

Profa. Dra. Ana Rita Vidica (PPGCOM - UFG)

Profa. Dra. Ana Maria Rufino Gillies (PPG-CINEAV - Unespar)

Profa. Dra. Ana Paula Tribesse Patrício Dargel (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Anderson dos Santos Paiva (PPGCOM - UFRR)

Profa. Dra. Ângela Teixeira de Moraes (PPGCOM - UFG)

Prof. Dr. Arlindo Jose De Souza Neto (PPGCISH - UERN)

Prof. Dr. Arkley Marques Bandeira (PPGCult - UFMA)

Profa. Dra. Ariane Diniz Holzbach (PPGCOM-UFF)

Profa. Dra. Beatriz Avila Vasconcelos (PPG-CINEAV - Unespar)

Profa. Dra. Carina Luisa Ochi Flexor (PPGCOM e PPGAV - UnB)

Profa. Dra. Débora Opolski (PPG-CINEAV - Unespar)

Prof. Dr. Eduardo Tulio Baggio (PPG-CINEAV - Unespar)

Prof. Dr. Fábio Noronha (PPG-CINEAV - Unespar)

Dr. André Rezende Benatti (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Daniel Conte (PPG em Processos e Manifestações Culturais - Universidade Freevale)

Profa. Dra. Juslaine De Fátima Abreu Nogueira (PPG-CINEAV - Unespar)

Profa. Dra. Lara Lima Satler (PPGCOM-UFG)

Prof. Dr. Laecio Ricardo de Aquino Rodrigues (PPGCOM-UFPE)

Dra. Maria de Lourdes Silva (UEMS)

Profa. Dra. Marina Mapurunga de Miranda Ferreira (PPGCOM-UFRB)

Dra. Marinete A. Zacharias Rodrigues (PROFHistória - UEMS)

Prof. Dr. Marcos Vinícius Teixeira (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Nataniel dos Santos Gomes (PPGLetras - UEMS)

Profa. Dra. Patricia Rebello da Silva (PPGCOM - UERJ)

Profa. Dra. Patricia Maria Uchôa Simões (FUNDAJ/UFPE)

Prof. Dr. Paulo Cesar Silva de Oliveira (PPGCOM - UERJ)

Prof. Dr. Pedro Faissol (PPG-CINEAV - Unespar)

Prof. Dr. Pedro Henrique Cremonese Rosa (PPGCOM - UEL)

Dr. Volmir Cardoso Pereira (PPGLetras - UEMS)

Profa. Dra. Raquel de Aragão Uchôa Fernandes (PPGECI - UFRPE - Fundaj)

Prof. Dr. Roberto Tietzmann (PPGCOM - PUCRS)

Prof. Dr. Rodrigo Daniel Levoti Portari (PPG-Comunicação e Poder - UFMT)

Profa. Dra. Vanessa Arlésia de Souza Ferretti (PPGLetras - UEMS)

Prof. Dr. Vilso Junior Santi (PPGCOM - UFRR)

Prof. Dr. Wilson Rogério Penteado Júnior (PPGCS - UFRB)

Msc. Victória Nantes Marinho Adorno (UEMS)

PARECERISTAS AD HOC

Ana Paula Almeida Mendes

Arkley Marques Bandeira

Arlindo Jose De Souza Neto

Barbara Loureiro Andretta

Carina Luisa Ochi Flexor

Daniel Conte

Denise Dias

Eduardo Fernando Gomes dos Santos Filho

Fabiana Miraz de Freitas Grecco

Giselle Xavier d'Ávila Lucena

Ibrahim Alisson Yamakawa

Izabela Baptista do Lago

Júlia Alves do Carmo

Lara Lima Satler

Layla de Oliveira Vasconcellos

Leonardo Augusto de Jesus

Leonardo Santos

Letícia Benevides Araújo Almeida

Lisiane Aguiar

Lucas Fortes

Lucas Soboleswki Flores

Luciandro Tassio Ribeiro de Souza

Luiz Antonio Piesanti

Luiz Felipe dos Santos

Marina Mapurunga de Miranda Ferreira

Marlus Silva dos Santos

Matheus Rocha da Silva

Patricia Maria Uchôa Simões

Patricia Rebello da Silva
Paulo Cesar Silva de Oliveira
Paulo Henrique Pressotto
Pedro Henrique Cremonez Rosa
Rafael Adelino Fortes
Raquel de Aragão Uchôa Fernandes
Roberto Tietzmann
Rodrigo Daniel Levoti Portari
Samuel Carvalho
Talita Ferreira Gomes da Silva
Thátilla Sousa Santos
Tiago Florencio de Abreu
Túlio Araujo Rocha
Vilso Junior Santi
Wilson Rogério Penteado Júnior
Éderson Luís da Silveira

Equipe Coletivo Cine-Fórum®

Coordenador do Evento
Altamir Botoso

Coordenador PPGLetras UEMS
André Rezende Benatti

Cofundador e Diretor Geral
Renan da Silva Dalago

Cofundadora do Coletivo Cine-Fórum
Ágatha Martins Avila

Editor Assistente
Murilo de Castro

Criação e Ilustração
Pedro Costa

Coordenador de Projetos
JC Costa

Realização:

Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Apoio:

Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo da Universidade Estadual do Paraná
Núcleo de Ensino de Línguas da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

Parceria:

Editora Nova Fronteira
Sebo Touché Livros
Editora Aleph

ISBN: 978-65-83315-05-2

DOI: doi.org/10.63418/ccf-978-65-83315-05-2

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Cine-Fórum 2025 (5. : 2025 : Goiânia, GO)
5º Cine-Fórum 2025 : cinema, letras, arte,
sociedade e debate [livro eletrônico] : caderno de
resumos : evento nacional / organizadores Altamir
Botoso, Murilo de Castro, André Rezende Benatti. --
1. ed. -- Goiânia, GO : Coletivo Cine-Fórum, 2025.
PDF

Vários colaboradores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-83315-05-2

1. Arte e cultura 2. Cinema 3. Debates 4. Letras
e arte 5. Pensamento crítico 6. Sociedade I. Botoso,
Altamir. II. Castro, Murilo de. III. Benatti, André
Rezende. IV. Título.

25-283582

CDD-700

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte e cultura 700

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Importante: Para fins de comprovação acadêmica, horas complementares e curriculum lattes; **este arquivo se trata de livro eletrônico ou e-book.** Este arquivo é um Caderno de Resumos Simples de Evento Nacional ou Anais de Evento Nacional contendo ISBN, DOI e FICHA CATALOGRÁFICA pela Editora Coletivo Cine-Fórum, todos os resumos foram recebidos, avaliados por pares à cega, apresentados e publicados no ano de 2025

QUINTO CINE UM DEDO DE PROSA

No limiar onde a arte se encontra com o pensamento crítico, o 5º Cine-Fórum 2025 se desdobra como um território de encontros e insurgências. Este evento, organizado pelo Coletivo Cine-Fórum, não é apenas um espaço de exibição, mas um ato coletivo de reimaginação — onde o cinema, a literatura e as artes se entrelaçam para questionar, celebrar e ressignificar o mundo que habitamos.

Em sua essência acadêmica, o Cine-Fórum se afirma como um laboratório de ideias, onde filmes e textos são dissecados não apenas como objetos estéticos, mas como documentos sociais. Cada projeção é uma aula aberta, cada debate, um seminário sem paredes — um convite à desconstrução de narrativas hegemônicas e à construção de novos paradigmas. A curadoria, rigorosa e plural, reflete a urgência de discutir identidades, memórias e futuros possíveis, tornando-se um farol para pesquisadores, artistas e espectadores que buscam mais do que entretenimento: busca-se transformação.

Mas há poesia nesse rigor. Porque a tela é também um espelho líquido, onde rostos e paisagens se dissolvem em metáforas. Porque as palavras dos debates, às vezes ásperas, às vezes doces, são versos não escritos de um poema contínuo, ecoando perguntas: *Quantos mundos cabem em um frame? Quantas vozes podem habitar uma só história?* O Cine-Fórum é, assim, um ritual de escuta e fúria, onde a beleza e a crítica dançam em compassos alternados — ora harmoniosos, ora desconcertantes.

E é nesse diálogo entre o cerebral e o sensível que reside a magia deste encontro. Por isso, nosso agradecimento não poderia ser meramente formal: ele é um reconhecimento de cumplicidade. Aos cineastas, que emprestam seus olhares; aos escritores, que tecem narrativas como fios de resistência; aos acadêmicos, que desvendam camadas invisíveis; e, sobretudo, ao público, que chega com a coragem de se deixar afetar — vocês são os coautores desta história.

Que as sementes plantadas nestes dias germinem em outras telas, outros livros, outras ruas. E que o Cine-Fórum 2025 seja lembrado não como um evento, mas como um acontecimento: um instante em que a arte nos lembrou que mudar o mundo começa por ousar repensá-lo.

O Cine é Nosso, e Sempre Será!

Com amor, afeto e esperança de dias melhores.

Equipe Coletivo Cine-Fórum 2025

Caderno de RESUMOS

Coletivo Cine-Fórum 2025

Evento Nacional

KARLA SOFÍA GASCÓN VS INTENCIONALIDADE E ACEITABILIDADE: UMA ANÁLISE DE ARGUMENTOS ESTIGMATIZADOS EM DISCURSOS POLÊMICOS

Laura Lopes da Silva¹

RESUMO

O filme *Emilia Pérez* (2024), do diretor francês Jacques Audiard, tem sido marcado por controvérsias desde o seu lançamento, não apenas a respeito de sua narrativa, mas fora da ficção também, graças aos discursos proferidos pelos envolvidos no longa-metragem. No começo do ano de 2025, diversas postagens da atriz espanhola Karla Sofía Gascón, protagonista da obra, surgiram na superfície da internet, em específico, na rede social X (Twitter), por conta de seu conteúdo intolerante a diversos grupos minoritários. Em uma análise prévia foi possível constatar que os discursos proferidos por Gascón na internet bebem de estigmas sociais uma vez tratados pelo sociólogo Erving Goffman, mormente, o estigma tribal, isto é, “os estigmas tribais de raça, nação e religião” (1981, p. 7) que têm como suporte o preconceito com um grupo por conta de sua origem étnica ou religiosa. Além disso, outra vertente teórica pela qual é possível analisar tais declarações é a Teoria da Argumentação, sobretudo, as questões referentes a intencionalidade e a aceitabilidade, elementos textuais de coerência que são foco da argumentação, pois consideram, respectivamente, a construção de argumentos por parte do orador e a aceitação deles pelo alvo, neste caso, outros internautas. Em síntese, este trabalho tem por objetivo analisar como teorias argumentativas e sociais podem ajudar na compreensão de questões discriminatórias presentes em discursos atuais baseados em falsos postulados obsoletos. Assim, refletindo sobre como é possível interpretar discursos polêmicos baseados em estigmas, evoluindo nossa compreensão acerca de outros pronunciamentos ou declarações de mesmo caráter visando poder auxiliar em um apagamento de tais ideais. Para tanto será necessário analisar paralelamente tanto as teorias anteriormente citadas quanto os discursos de Gascón, pontuando em quais sentidos eles podem ser considerados enquanto uma argumentação polêmica e de que forma os estigmas sociais são usados como argumentos para a defesa da tese em cada texto.

Palavras-chave: Polêmica. Argumentação. Estigma social. Aceitabilidade. Intencionalidade.

¹ Bacharela em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
Mestranda em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

UM AUTOR-CURADOR ENTRE DOIS MUNDOS: SOBRE O DICIONÁRIO DE ARTISTAS, DE GONÇALO M. TAVARES

Ibrahim Alisson Yamakawa ²

RESUMO

Desde 2001, Gonçalo M. Tavares explora diferentes gêneros literários. São mais de 50 livros publicados até agora, traduzidos em cerca de 70 países. Organizados pelo próprio autor em Cadernos, O Bairro, O Reino, Epopeia, Enciclopédia, Atlas, Estudos Clássicos, Mitologias, Canções, Arquivos, Investigações, Teatro, Cinema, Poesia, Diálogos, Haikus, Bloom-Books, Diário, Diário-Ficção, Cidades, História Fragmentada do Mundo, Artes, além de literatura infantil e outras publicações como ensaios, fragmentos, crônicas, aforismos, prefácios, artigos e mais publicações híbridas não classificadas pelo autor, em parcerias com plataformas on-line e outros artistas, cada uma explora novas possibilidades de linguagem, abrindo sempre uma nova fronteira. São publicações tão diferentes entre si que até “a própria linguagem é completamente diferente” (Tavares, 2018, p. 228). No limite, elas até “podiam ter sido escritas por autores diferentes” (Tavares, 2018, p. 228). Basicamente, trata-se de experimentar e empregar engenhosamente ao máximo os recursos que as artes e a escrita oferecem para ir cada vez mais longe. Para tanto, o autor admite que se deve ler e ver tudo, cada vez mais, e, depois, esquecer para escrever (Tavares, 2002). Essa estratégia parece fácil, mas não é. Na contemporaneidade, a oferta cultural é enorme. Há um sem-número de livros, filmes, músicas, vídeos, objetos de arte e produtos da cultura de massa disponíveis. E mais: a grande quantidade de informação em circulação no mundo hoje é responsável, em parte, pela atenção precária com que a arte, em geral, é recebida. Para defender-se da pressão desse fluxo informativo contínuo e sensibilizar um público já cansado pelo excesso de informação, parece ser cada vez mais necessário ter à disposição “um catálogo, um guia” (Villa-Forte, 2019, p. 42) ou mesmo um dicionário para pôr ordem ao caos e, de alguma maneira, fazer frente a esse acúmulo sem sentido. O *Dicionário de Artistas*, de Gonçalo M. Tavares parece ter esse objetivo. Publicado inicialmente, a partir de 2020, nas plataformas do Centro Cultural Belém (CCB), e, depois, em livro, em 2021, a partir da obra de artistas contemporâneos selecionados, esse *Dicionário*, reunindo imagens de *Os Espacialistas* e textos de Gonçalo M. Tavares, estabelece um esplêndido diálogo entre literatura e arte, (re)sensibilizando o leitor embotado pela cultura de massa. Não apenas isso, o *Dicionário* posiciona-se entre dois mundos, extraindo o essencial de cada um. Sua importância, nesse sentido, é incontestável. Para compreender essa importância, faz-se necessário discutir o conceito de autor-curador, com Leonardo Villa-Forte (2019), Alberto Pucheu (2014), Eduardo Lourenço (2022) e Pedro Eiras (2020), além de expandir a noção de literatura no *Dicionário de Artistas*, de Gonçalo M. Tavares.

Palavras-chave: *Dicionário de artistas*. Gonçalo M. Tavares. Autor-Curador. Literatura Portuguesa. Arte.

² Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7923-1706>

ENTRE TENSÕES E DISPUTAS NOS ESPAÇOS SOCIAIS, SEMPRE SOLITÁRIAS

Francisco Heitor Pimenta Patrício ³

Juliana Miranda Cavalcante da Silva ⁴

RESUMO

Solitária (2022), de Eliana Alves Cruz, narra as tensões que emergem das complexas relações trabalhistas entre patrões e suas empregadas domésticas, representadas pelo par Dona Lúcia e Camila, de um lado, e Eunice e Mabel, do outro, ambas mães e filha. Durante os cerca de 20 anos que a narrativa abarca, Dona Lúcia, Eunice, Camila e Mabel atravessam situações que as transformam, sempre sob a sombra da exploração da força de trabalho dos que realizam serviços domésticos, uma das heranças coloniais que a sociedade brasileira carrega. A todo momento, a narrativa reforça o processo de subalternização de uma dupla em detrimento do conforto e dos privilégios da outra. Um exemplo disso é o fato implícito de Camila e Mabel serem tratadas como futuras substitutas das mães – Camila como futura patroa e Mabel como futura empregada – continuando a perpetuar essas relações. Desse modo, a pesquisa busca analisar marcadores sociais na obra para entender como os binômios quartinho-casa grande, poder-submissão, privilégio-negação são desenvolvidos na obra, bem como identificar os marcadores de raça, classe e gênero para demonstrar como a interseccionalidade entre eles é fator intrínseco à construção da narrativa. As relações sociais e suas intersecções, comumente presentes no projeto literário da autora, são fator essencial para a construção da narrativa, sendo entendidas, na pesquisa, como chaves de leitura para a obra. Nossa hipótese inicial se baseia no fato de que a intersecção entre gênero, raça e classe social é componente constitutivo das vivências particulares e sociais das personagens principais. Desse modo, na construção do nosso argumento, para tratar da interseccionalidade, utilizaremos principalmente Collins (2019). Ainda utilizaremos Bento (2022) para tratar da existência velada de um pacto entre as camadas sociais privilegiadas para continuarem no poder, Castro (2020) e Lugones (2020) para tratar das relações de poder e colonialidade e, por último, Nascimento (2020) para particularizar as relações entre a mulher negra e o mercado de trabalho por uma perspectiva decolonial, além da fortuna crítica da autora.

Palavras-chave: Eliana Alves Cruz. *Solitária*. Decolonialidade. Interseccionalidade. Gênero e Classe.

³ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestre em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Letras/Português pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6774-2349>.

⁴ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Comunicação Social e Direito pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5048-6534>.

FANTASMA DO PASSADO: OS SINTOMAS DE UMA HISTÓRIA TRAUMÁTICA EM INFÂNCIA DOS MORTOS E PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

Kleberon Rodrigues ⁵

RESUMO

Esta pesquisa toma como corpus de investigação as obras *Infância dos Mortos* (1977), de José Louzeiro, e o filme *Pixote, A Lei do Mais Fraco* (1980), de Hector Babenco. Ambas as obras, ao retratar realidades da marginalização e exclusão social, espaços para se explorar as relações de poder e as práticas violentas que marcam as trajetórias das personagens. O objetivo desta pesquisa é, portanto, investigar como a violência se manifesta e se inscreve materialmente nos corpos das personagens, funcionando como um sintoma de um passado traumático que retorna de forma brutal nas dinâmicas de subversão, dominação e extermínio. A partir dessa perspectiva, pretende-se evidenciar a violência não apenas como um elemento narrativo, mas como uma força estruturante das relações sociais e históricas que atravessam as narrativas. A análise teórica fundamenta-se nos estudos sobre fantasmagoria e *imagem-sintoma* e realismo traumático articulando a violência com sua dimensão espectral, na qual o trauma se inscreve de forma recorrente na experiência social e cultural. Para essa abordagem, dialoga-se com teóricos como Georges Didi-Huberman (2013), Stefan Andriopoulos (2014) e Hal Foster (2017), cujas contribuições possibilitam compreender as imagens fílmica e a estética literária como rastros fantasmagóricos. Além disso, referências como Walter Benjamin (2006) e sua concepção de história, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985) sobre a indústria cultural, e Hannah Arendt (2009) no que concerne ao poder e à violência, oferecem um arcabouço crítico para a leitura das obras. Metodologicamente, a dissertação articula uma abordagem interdisciplinar que combina análise fílmica, crítica literária e teoria da imagem, destacando como a violência se inscreve materialmente nos corpos e nos espaços narrativos. A partir dessa estrutura, evidencia-se como *Pixote* e *Infância dos Mortos* revelam um Brasil espectral, no qual os corpos marginalizados carregam os vestígios de uma história de exclusão e repressão. A pesquisa contribui para os estudos sobre a relação entre estética e política, apontando como a representação da violência nessas narrativas não apenas denuncia uma violência de seu tempo, mas também inscreve como sintoma que perpassa a história brasileira.

Palavras-chave: Literatura e cinema. Poder e Violência. Corpos. Fantasmagoria. Pixote.

⁵ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2019), pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Mestre em Estudos de Literatura Cultura e Letramento (2024), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

UNIYEHAKI, A ARTE DE SE TORNAR: REFLEXÕES DE UMA ARTISTA ARUKWAYENO

Keila Felício Iaparrá⁶

Elissandra Barros⁷

RESUMO

Neste trabalho, reflito sobre minha trajetória artística e identitária como mulher indígena do povo Palikur-Arukwayene, abordando a arte como meio de resistência, afirmação e transformação. Analiso meu processo criativo, desde os primeiros rabiscos na infância até a exploração de diferentes linguagens, como pintura, performance e teatro, evidenciando a arte como ferramenta de conexão com minhas raízes e expressão da minha identidade indígena, antes de ser artista, indígena mulher. Esse percurso artístico é também uma forma de reivindicar minha presença enquanto sujeito de fala, questionando os silenciamentos e os estereótipos historicamente impostos às mulheres indígenas. Adoto uma metodologia qualitativa, baseada em gravações realizadas com minha orientadora, Dra. Prof^a Elissandra Barros da Silva, nas quais discutimos meu processo artístico e revisei minhas experiências pessoais e artísticas. Transcrevi essas conversas e organizei os relatos, incluindo reflexões sobre como a arte me ajudou a lidar com questões como preconceito, pertencimento e identidade. Essas reflexões foram fundamentais para compreender como o fazer artístico se torna uma forma de cura, de resistência e de construção de conhecimento a partir das minhas vivências enquanto mulher Palikur-Arukwayene. Também destaco a importância das narrativas tradicionais do povo Palikur como fonte de inspiração. Essas histórias, muitas vezes contadas por meus avós e anciãos da comunidade, são ressignificadas em minhas obras, permitindo que eu transforme elementos simbólicos em imagens contemporâneas. Minha experiência na Licenciatura Intercultural Indígena e no PET-Indígena foi essencial nesse processo, pois esses espaços acadêmicos proporcionaram a articulação entre os saberes tradicionais e os conhecimentos ocidentais, fortalecendo minha identidade enquanto artista e pesquisadora. A participação em eventos como o Corpus Urbis, e em exposições dentro e fora do território, ampliou minha visão sobre a arte indígena contemporânea e me fez compreender que ocupar esses espaços também é um ato político. Reafirmo, portanto, a arte como um campo de resistência e transformação, um elo entre passado e presente, individualidade e coletividade. Ao dar forma visual às narrativas e às experiências vividas, minha produção contribui para a valorização da cultura indígena e para a luta por representatividade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Arte indígena contemporânea. Palikur-Arukwayene. Identidade. Resistência.

⁶ Artista visual e pesquisadora do povo Palikur-Arukwayene. Desenvolve trabalhos em arte digital e pintura em tela, abordando identidade e memória cultural de seu povo. Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena, é discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

⁷ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e no Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política, ambos na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

PINÓQUIO: ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA NARRATIVA VERBAL E SUA TRANSPOSIÇÃO A VERSÕES FÍLMICAS

Ana Paula Justen⁸
Jéssica Daiane Rangel Dullius⁹
Maria Eduarda Klein Kulmann¹⁰
Juracy Assmann Saraiva¹¹

RESUMO

O conto de fadas *Pinóquio*, escrito por Carlo Collodi, é uma narrativa ficcional publicada em livro em 1883, sob o título *As aventuras de Pinóquio*. Antes disso, ela havia sido publicada desde 1881, em capítulos, no *Giornale per i Bambini*, jornal dedicado a crianças, com o título *História de uma marionete*. Collodi, cujo nome era Carlo Lorenzini, nasceu em Florença, em 1826; ele começou a trabalhar ainda jovem no jornalismo e, mais tarde, voltou-se ao público infantil, traduzindo alguns contos de fadas. *História de uma marionete* teve um sucesso imediato, e Collodi, que pretendia finalizar a história na cena em que Pinóquio é enforcado em uma árvore após ser enganado pela dupla Raposa e Gato, recebeu diversos pedidos para dar outro final à personagem (Cabo, 2022). O escritor atendeu ao pedido dos leitores e, ficcionalmente, o boneco continua vivo para os leitores até hoje. A narrativa conta a história do boneco Pinóquio, marionete feita a partir de um pedaço de madeira, que tem vida própria. Seu criador, Gepeto, cuidadosamente, lhe dá traços humanos, como olhos, nariz, boca e pernas. Ao receber as pernas, Pinóquio logo sai em busca de descobertas, característica que acaba compondo sua personalidade. O boneco, ao longo da história, se mete em diversas confusões e o que sempre o acompanha é o desejo de “ser um bom menino”, isto é, tornar-se humano de verdade. A elaboração do resumo fundamenta-se em estudos de narratologia, que permitiram a compreensão dos elementos que compõem os níveis da história e do discurso e abriram sendas no processo da interpretação. A partir dessa base conceitual, analisaram-se semelhanças e diferenças entre três versões de *Pinóquio*: a obra original, escrita por Collodi e duas de suas adaptações, a da Disney (1940), dirigida por Ben Sharpsteen, Hamilton Luske, Wilfred Jackson, Norman Ferguson, Bill Roberts, T. Hee e Jack Kinney, e a dirigida por Guillermo del Toro (2022). Conclui-se que, apesar das diferentes versões, as aventuras do boneco que queria se tornar um menino permanecem atuais, passados mais de um século de sua primeira publicação, uma vez que os anseios de Pinóquio seguem muito similares aos de crianças da contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Pinóquio. Literatura. Adaptação cinematográfica.

⁸ Graduanda de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale, RS, e já foi bolsista de iniciação científica na mesma instituição em projeto sobre Machado de Assis. ORCID: 0009-0008-2935-7106.

⁹ Graduanda de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale, RS. Participou da publicação de um artigo na área de Sociolinguística e tem interesse em literatura brasileira e americana. ORCID 0009-0002-8862-3095.

¹⁰ Graduanda de Licenciatura em Letras Português / Inglês pela Universidade Feevale, RS. Tem interesse em formas virtuais de incentivo à leitura, como o BookTok. ORCID: 0009-0005-4496-8528.

¹¹ Juracy Assmann Saraiva é professora e pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista em Produtividade do CNPq. Pós-Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. ORCID: 0000-0003-1783-2850.

IDENTIDADE NEGRA – REFLEXÕES LITERÁRIAS E PSICOLÓGICAS SOBRE AUTOACEITAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE

Francielle Carvalho da Mota¹²

Meire Oliveira Silva¹³

RESUMO

O presente trabalho tem por objeto de pesquisa as obras, o livro *Meu Avô Africano*, de Carmen Lúcia Campos; o conto "Noite sem lua", de Eliana Alves Cruz e o poema-canção "Me Gritaron Negra", da Afro-peruana Victoria Santa Cruz. Com o propósito de fomentar reflexões sobre ancestralidade, construção da identidade negra e resistência cultural. Esta análise se concentra nos processos de construção da identidade negra e na construção do conceito de autoestima, fundamentando-se em contribuições intelectuais. Destacamos teóricas negras como Grada Kilomba, a psicanalista Neusa Santos Sousa, pesquisadora e ativista destacada por seu trabalho sobre racismo estrutural e feminismo negro Carla Akotirene e Franz Fanon, psiquiatra e ativista que aborda a importância do autoconhecimento na libertação do sujeito negro. As narrativas apresentam-se como espaço de construção da identidade negra, reconhecimento identitário do ser, aceitação e valorização da cultura negra em uma sociedade marcada pela hegemonia branca. O conteúdo literário reflete a importância da representatividade negra na construção do subjetivo em diversos contextos sociais. A pesquisa ainda examina o importante papel da escrivência permeando o objeto e o sujeito do estudo, inspirada nos escritos da teórica, feminista e ativista norte-americana bell hooks que trata questões de raça, classe, gênero e interseccionalidade. Conceição Evaristo, cunhou o termo escrivência para expressar pela escrita, as experiências de vida e resistência das mulheres negras. A análise parte de uma perspectiva histórica e cultural, explorando como o racismo estrutural impacta na vida do ser negro, além de compreender e discutir como os processos históricos, sociais e psicológicos influenciam na construção da identidade negra e o desenvolvimento da autoestima em contextos marcados pelo racismo. Espera-se que este trabalho contribua para discussões sobre interseccionalidade, destacando sua importância na compreensão das opressões vividas, especialmente por mulheres negras. Ainda destacar a importância de práticas interseccionais e antirracistas nas políticas públicas e na educação para combater a desigualdade racial e fortalecer a identidade negra.

Palavras-chave: Autoestima. Identidade negra. Práticas antirracistas. Literatura.

¹²Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). Graduanda em Letras - Português/Espanhol na Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Coordenadora Geral do Coletivo Negro TEMBO. Orcid: 0009-0009-8291-5063 E-mail: Franciellecmotta@gmail.com.

¹³Doutora, Mestra e pós-Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada e Literatura Brasileira, pela Faculdade de Filosofia, Letras Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Docente no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Orcid: 0000-0002-4863-6062 E-mail: meireoliveirasilva79@gmail.com

OS ESPAÇOS DA DOR EM *HISTÓRIA DO PRANTO*, *HISTÓRIA DO CABELO* E *HISTÓRIA DO DINHEIRO*, DE ALAN PAULS

Thiago Felício Barbosa Pereira¹⁴

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo central analisar a estruturação dos espaços da dor nas obras *História do pranto*, *História do cabelo* e *História do dinheiro*, de Alan Pauls, compreendidas como uma trilogia literária informalmente intitulada de Trilogia da perda. Parte-se da premissa de que a realidade sociopolítica e histórica vivenciada durante o período da ditadura civil-militar na Argentina (1976–1983) encontra, nessas narrativas, uma forma de representação estética por meio da categoria do espaço. Assim, os espaços literários são lidos não apenas como cenários físicos, mas como construções simbólicas, afetivas e políticas, marcadas por uma memória coletiva traumática. Ancorado no campo da Literatura Comparada, apresenta-se um diálogo entre literatura, história e política, observando como os espaços narrativos são impregnados por experiências de perda, repressão, silêncio e resistência. A questão norteadora que orienta esta investigação é: de que modo as questões de ordem social, histórica e política inerentes ao regime ditatorial argentino se manifestam e se materializam na construção dos espaços nas obras que compõem a trilogia de Alan Pauls? Para responder a essa indagação, recorre-se a um referencial teórico que contempla autores clássicos e contemporâneos da crítica literária e da teoria da memória. Dentre os principais estudiosos utilizados como suporte para a análise, destacam-se Antonio Candido (2006), com suas reflexões sobre a literatura como forma de humanização; Regina Dalcastagnè (1996), cujos estudos abordam a representação da violência e da marginalidade; Seligmann-Silva (2003), fundamental para compreender a dimensão testemunhal da literatura; Walter Benjamin (2016; 2018), especialmente no que tange às concepções de memória, ruína e experiência; Antoine Compagnon (2001), com sua abordagem da crítica literária moderna; Beatriz Sarlo (2007), referência essencial nos estudos sobre memória e ditadura na Argentina; e Carlo Ginzburg (2013), que oferece uma perspectiva indiciária e interpretativa da narrativa histórica e literária. A leitura das obras de Pauls permite compreender como o autor mobiliza elementos da memória coletiva e individual para reconstruir, ficcionalmente, o cenário da repressão vivida, revelando marcas profundas deixadas nos corpos, nas subjetividades e nos espaços. Dessa forma, busca-se não apenas refletir sobre a representação da ditadura militar argentina, mas também evidenciar o poder da literatura em dar forma ao indizível e ao traumático, propondo uma estética do sofrimento e da ausência que contribui para a elaboração de uma memória crítica do passado recente. O espaço, nesse contexto, assume papel central como lugar simbólico onde o passado se reinscreve e se atualiza, tornando-se testemunho e resistência.

Palavras-Chave: Ditadura argentina. Alan Pauls. Espaço ficcional. Literatura argentina contemporânea.

¹⁴ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Contato: thiaggofbp@gmail.com

QUAL(IS) LÍNGUA(S) VOCÊ FALA? O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

José Antônio Quintela¹⁵

Elissandra Barros¹⁶

RESUMO

Antes da colonização europeia, a região do Oiapoque era habitada por diversos povos indígenas, caracterizando-se como grande área de diversidade linguística-cultural. Esses povos falantes de diferentes línguas, muitas das quais foram extintas, restando poucos ou nenhum registro delas (Silva, 2016, p. 82). Atualmente, a região é habitada por indígenas: Galibi Kali'nã, Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur-Arukwayene. Segundo Silva (2020), localizam-se nas terras indígenas: Galibi, Uaçá e Juminã. Este estudo integra o *Projeto Qual(is) língua(s) você fala? Rumo à identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque* e nossa proposta apresentar os resultados do levantamento de dados de dissertações e teses sobre as línguas indígenas do Oiapoque no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Nossa pesquisa abrange quatro grandes áreas: Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Ciências Sociais Aplicadas; e multidisciplinar. A Abordagem é do tipo “estado da arte” (Ferreira, 2002) e se caracteriza por mapear e discutir as produções acadêmicas com foco no objeto investigado, tentando responder quais aspectos e dimensões essas produções estão enfatizando e privilegiando em diferentes épocas e lugares. Ao todo foram verificadas 2.791 referências bibliográficas, no entanto, apenas 64 foram válidas nesta pesquisa. As análises apontam que a maior parte das produções acadêmicas está concentrada na região Norte (44,4%), seguida pela região Sudeste (41,3%). No Norte, destacam-se as pesquisas originárias das Universidades Federais do Amapá e do Pará, enquanto no Sudeste, a Universidade de São Paulo (USP) se sobressai como principal instituição produtora desses materiais. A maioria dos estudos está inserida na grande área das Ciências Humanas (64,5%), seguida por Linguística, Letras e Artes (25,8%), Multidisciplinar (6,5%) e Ciências Sociais Aplicadas (3,2 %). Os métodos utilizados foram: Trabalho de Campo (21,1%), Etnográficos (14%), e Pesquisa Qualitativa (10,5%). A maioria dos estudos está relacionada aos povos Karipuna (39,7%) e Palikur-Arukwayene (30,2%), e apenas 9,5% abordam os quatro povos indígenas desta região.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Oiapoque. Estado da Arte. Produções acadêmicas.

¹⁵ Graduando em Letras Libras/Português como L2 pela Universidade Federal do Amapá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3382-5647>

¹⁶ Doutora em Linguística. Docente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política e do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amapá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4454-0952>

ZOOLITERATURA NA POESIA DE MURILO MENDES E DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Heloisa Maluf Nantes de Lima¹⁷

RESUMO

Este estudo propõe uma análise da zooliteratura dos poetas mineiros Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, articulando-a com os pressupostos teóricos postulados por Maria Esther Maciel, a fim de investigar o papel da literatura na construção de uma consciência crítica acerca da relação entre o ser humano e os viventes não humanos em um contexto de crise ecológica e antropocêntrica. Busca-se problematizar as representações dos animais na poesia desses autores, enfatizando como a literatura pode contribuir para uma postura mais ética, sensível e responsável em relação aos seres não humanos. Diante de um cenário no qual o antropocentrismo legitima práticas de exploração, objetificação e indiferença em relação aos animais, este trabalho pretende estimular uma reflexão que incentive o cuidado, a empatia e o respeito pelas diversas formas de vida que habitam o Planeta. Ao examinar a presença dos animais nas obras de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes, pretende-se evidenciar como suas representações literárias desafiam as hierarquias entre viventes humanos e viventes não humanos, promovendo um olhar mais atento e questionador sobre as dinâmicas de dominação e exclusão na sociedade contemporânea. A metodologia adotada baseia-se na leitura e interpretação crítica da poesia desses autores, em diálogo com os estudos críticos animais e as contribuições teóricas de Maria Esther Maciel. A análise visa compreender de que maneira a literatura pode sensibilizar o leitor para questões éticas e filosóficas relacionadas ao mundo dos animais, problematizando o papel da arte na desconstrução de paradigmas antropocêntricos. Espera-se, com esta investigação, não apenas lançar luz sobre uma faceta menos explorada da poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes, mas também contribuir para o avanço das reflexões sobre a presença dos animais na literatura e sua relevância para a construção de novas formas de percepção e coexistência entre seres humanos e não humanos.

Palavras-chave: Antropoceno. Carlos Drummond de Andrade. Murilo Mendes. Estudos críticos animais. Zooliteratura.

¹⁷ Heloisa Maluf Nantes de Lima é acadêmica do terceiro semestre no curso de letras habilitação Português e Inglês da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e é bolsista CNPq no programa de iniciação científica, sob orientação da professora Dra. Angela Guida, que também orienta o presente trabalho.

O QUE HÁ NAS MARGENS DO CÂNONE? LITERATURA LÉSBICA E CENSURA À OBRA DE CASSANDRA RIOS

Talita Ferreira Gomes da Silva¹⁸

RESUMO

É notório que desde os anos 1970 há uma maior incidência de movimentações sociais de mulheres. Ainda com avanços significativos, observa-se que é acanhado o reconhecimento da presença das lésbicas como parte dessa perspectiva. Esta apresentação oral, contribuindo para a diminuição desse silêncio compulsório, visa se alinhar às vozes lésbicas insurgentes que reivindicam espaços epistemológicos na constante formação da sociedade. Tem-se como objeto, para tal, a obra *Eu sou uma lésbica* (1981), de Cassandra Rios, autora que recebeu alcunhas como “escritora maldita” e “a mais proibida do Brasil”. Pretende-se analisar o texto sob a crítica contemporânea feminista através, primordialmente, do diálogo com a Teoria Queer, de Judith Butler (2019), e com o Manifesto Contrassexual, de Paul Preciado (2014), que buscam desconstruir a heteronormatividade, as ideias da fixidez de gênero e, principalmente, as perspectivas limitadoras sobre as identidades sexuais. Através de romances ficcionais que tinham mulheres lésbicas como protagonistas, Rios experienciou a censura à época da ditadura militar brasileira, tendo 36 livros publicados proibidos. No entanto, verifica-se que essa perseguição política parece não ter sido superada, uma vez que ainda atualmente se torna tarefa árdua resgatar suas obras. Como justificativa à repressão, os livros de Cassandra Rios eram intitulados como “pornográficas”, vez que tratavam de relacionamentos amorosos entre mulheres, o que iria contra a moral e os bons costumes. Através de pesquisa bibliográfica, literária e documental, pretende-se questionar, neste trabalho, as razões alegadas para tal título e analisar como essa categorização era demonstrada não somente como apagamento da literatura produzida, mas também dos sujeitos das obras – seja na autoria, seja como personagens – , as mulheres lésbicas. Portanto, o presente trabalho põe-se como uma oportunidade de trazer novas perspectivas sobre as pautas e identidades lésbicas, reivindicando o resgate da comunidade acadêmica à autora e reafirmando seu imensurável valor para a literatura nacional, sobretudo para a literatura lésbica.

Palavras-chave: Cassandra Rios. Censura. Ditadura militar. Literatura lésbica. Silenciamento.

¹⁸ Doutoranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pós-graduada em Revisão Textual e Gêneros, Sexualidade e Educação pelas Faculdades Iguaçu. Graduada em Letras: Português pela Universidade Estadual de Juiz de Fora (UFJF). Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes). E-mail: talitaferreiragomes@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1750-999X>.

RONIWALTER JATOBÁ: FICÇÃO, RAZÃO ANTAGÔNICA PERIFÉRICA E A PROMESSA NACIONAL-DESENVOLVIMENTISTA NÃO CUMPRIDA

Rafael Lucas Santos da Silva ¹⁹

RESUMO

Esta comunicação foi desenvolvida à guisa de apresentação do Projeto “Ficção, Trabalho e História na Literatura de Roniwalter Jatobá: uma análise materialista lacaniana da poética do trauma pela promessa nacional-desenvolvimentista não cumprida”, aprovado no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual do Paraná, em outubro de 2024 para receber financiamento CAPES/PIPD. Assim, a comunicação discute a importância de promover um resgate sobre a produção literária de Roniwalter Jatobá, propondo uma análise de sua obra sob um ponto de vista um pouco menos explorado: a relação entre forma literária e processo social, estudada no quadro da modernização conservadora brasileira. A “razão antagônica”, em Adorno (2009), recusa a unidade e evidencia contradições irreconciliáveis. Na obra de Jatobá, manifesta-se na fratura entre literatura e história, expondo o desencontro entre modernização e integração social. Para este fim, a abordagem de Schwarz (1999) sobre o fim do nacional-desenvolvimentismo possibilita trazer à tona uma perspectiva dialética sobre as consequências sociais, econômicas e culturais desse processo histórico. De acordo com Schwarz (1999), o “nacionalismo desenvolvimentista” surgiu como uma tentativa de superação da condição colonial e da dependência econômica, promovendo a industrialização como caminho para a modernização e a integração social, preocupada com o “destino dos oprimidos e excluídos” a fim de trazê-los “ao universo da cidadania, do trabalho assalariado e da atividade econômica moderna” (Schwarz, 1999, p. 156). Tendo em vista ser uma pesquisa em andamento, será feita uma discussão preliminar focalizando a primeira obra publicada, em 1976, por Jatobá, intitulada *Sabor de química*. Neste sentido, esta comunicação insere-se em uma pesquisa mais ampla a respeito, se configurando como um estudo bibliográfico de cunho interpretativo. Em muitas narrativas a desilusão com as promessas de integração social surge a partir da experiência de personagens com a imigração mal-sucedida do Nordeste para o sudeste do país. Apresentam-se como pontos de partida dessa análise a relevância inédita que personagens trabalhadores ganharam no sistema literário brasileiro com a produção literária de Jatobá. As trajetórias de protagonistas trabalhadores encarnam diferentes impasses a respeito da possibilidade de emancipação das camadas pobres da sociedade brasileira. A hipótese que direciona o estudo é a de que a figuração de personagens trabalhadores e suas experiências cotidianas de relações de trabalho formalizam esteticamente uma frustração em relação à promessa nacional-desenvolvimentista de uma integração social pelo mercado de trabalho. Para esta comunicação, além de Adorno (2009) e Schwarz (1999) também temos como aportes teóricos Cardoso (2019), Dalcastagnè (2021), Fontes (2008) e Rancière (2017).

Palavras-chave: Roniwalter Jatobá. Crítica cultural materialista. Literatura e processo social. Relações de trabalho. Cultura e colapso da modernização.

¹⁹ Realiza estágio de pós-doutorado (2025-2027) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE/UEM), com financiamento CAPES/PIPD. Doutor em Letras (2024), na área de Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Também publicou artigos e capítulos de livros, com destaque para “Figurações do trabalho em Filmes de Plástico” (2024) e “Violência sistêmico-simbólica e precarização do trabalho em Passageiro do fim do Dia, de Rubens Figueiredo” (2020).

LITERATURA ALÉM DA FICÇÃO: ANÁLISE DIALÓGICA E CRÍTICA LITERÁRIA EM TEXTOS NÃO FICCIONAIS

Sergio Cricca Viana²⁰

RESUMO

As pesquisas em crítica literária, acadêmicas ou não, concentram-se majoritariamente em prosa e poesia, especialmente romances e poemas. Essas categorias são os principais objetos de críticas, teorizações e referências bibliográficas, restringindo o conceito de "crítica literária" a um escopo repetitivo de "literaturas". Para Bakhtin, a literatura vai além da ficção estruturada em diálogos, narradores e capítulos, por entendê-la como a materialização de discursos dialógicos em um sistema projetado por seu criador, no qual criaturas literárias habitam um ecossistema próprio, portanto, qualquer obra intuída como manifestação de discursos — fluindo do criador por meio de suas criaturas, que interagem, dialogam e constroem relações volitivas-emotivas com o outro e com o narrador — pode ser considerada literatura. Dessa forma, personagens, espaços e histórias literárias também emergem em textos tradicionalmente classificados como "não ficcionais". A partir dessa fundamentação filosófica, obras rotuladas como não ficção ou não fantasia podem se tornar objeto de análise. Questões como: Qual a relação volitiva-emotiva entre Aristóteles e seu rival argumentativo em *Ética a Nicômaco*? Quais as motivações responsivas das personagens históricas citadas em *O Príncipe* de Maquiavel? Como os trabalhadores da fábrica de agulhas reagem aos experimentos industriais em *A Riqueza das Nações* de Adam Smith? Quem é o "povo" na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, assinada na Assembleia Nacional Constituinte Francesa? Esses são exemplos de obras "não ficcionais" que permitem e merecem análises literárias. A exemplificação será feita com o objeto de minha tese: *Dialogo del Reggimento di Firenze* (1521-1526), de Francesco Guicciardini, frequentemente negligenciada por ser considerada um "manual político" e erroneamente vista como esgotada — não por si mesma, mas por outras obras mais célebres, especialmente as de Maquiavel. A proposta é analisá-la sob a ótica do discurso e dos diálogos volitivos-emotivos entre as personagens, que debatem os melhores e piores regimes de governo, defendendo posições e criticando seus rivais discursivos. Esse diálogo pode ser interpretado como um exercício literário do autor para compreender sua realidade política, ainda mais considerando que a obra trata de personagens e temas reais, especificamente de 32 anos antes de sua conclusão. Essa obra será traduzida por mim para o português, inaugurando estudos de literatura e crítica literária nesse campo, raramente abordado até mesmo em italiano, evidenciando o ineditismo da crítica literária aplicada a obras não ficcionais.

Palavras chave: Texto Não Ficção. Análise do Discurso Dialógico. Crítica Literária. Personagem. Narrador.

²⁰ Tradutor e professor de língua italiana. Doutorando, bolsista CAPES, pelo Dept. Letras Modernas - Italiano pela FFLCH -USP, pelo programa de Línguas e Culturas Italianas. Mestre pelo mesmo departamento. Pós-Graduado em Filosofia e Filosofia no Ensino, também Pós-Graduação em História Cultural, pela Claretiano. Bacharel e licenciatura em História pela FSA.

RETRATOS EM DIFERENÇA: UM ESTUDO CULTURAL-COMPARATISTA ENTRE O RETRATO E A HORA DA ESTRELA

Kahê Fernando Lúcio de Melo²¹

Rony Márcio Cardoso Ferreira²²

RESUMO

Este resumo é um recorte teórico do plano de trabalho elaborado para o Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) e pretende investigar a relação entre a tradução e a criação literária a partir de uma leitura cultural-comparatista entre *Unfinished Portrait* (1934), romance de Mary Westmacott (pseudônimo de Agatha Christie) traduzido por Clarice Lispector em 1975, recebendo o título em português de *O Retrato*, e *A Hora da Estrela*, publicado por Lispector no ano de 1977. Para tal, a pesquisa se vale de pressupostos teóricos dos estudos da tradução, principalmente das noções propostas por Rosemary Arrojo (1993), da literatura comparada, com os pensamentos de Tânia Franco Carvalhal (2003) e pelos postulados do filósofo Franco-Argelino, Jacques Derrida (1991), mais específico, suas as noções de *différance* e desconstrução. Esses teóricos nos auxiliam na compreensão de que a tradução não age meramente como uma reprodução do texto tido como original, mas se estabelece em um jogo, de presença e ausência, de significados e ressignificações, de adiamentos e deslocamentos de sentidos que, dessa forma, geram sentidos outros ao texto traduzido, a partir da noção derridiana de *différance*. Já a desconstrução, termo cunhado em 1967 Derrida, associada ao contexto tradutório, revela como funciona o desejo do tradutor perante a um texto, a uma obra, a uma literatura e a relevância de seu papel nesse processo ambivalente. Portanto, ao traduzir *O Retrato*, Clarice Lispector não apenas reescreve o texto de uma língua para outra, mas o transcria, operando na linha tênue entre o próprio e o alheio e problematizando a própria noção de identidade e autoria. A tradução, nesse contexto, revela-se um gesto de escrita marcado pela diferença, cujos rastros são percebidos na construção narrativa e estilística de *A Hora da Estrela* dois anos depois. Desta forma, esta pesquisa busca evidenciar como a tradução, com seu caráter de adiamento e multiplicidade de sentidos, inscreve-se na própria lógica da escritura Clariceana, desfazendo fronteiras entre autoria e roubo, evidenciando assim como Lispector reescreve o livro de Agatha Christie nas margens de sua própria criação literária.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. *Différance*. Desconstrução. Clarice Lispector. Agatha Christie.

²¹ Atualmente é discente da graduação em Letras- Licenciatura-Português e Espanhol da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Desenvolve o Plano de Trabalho "Retratos em tradução cultural: Clarice Lispector leitora de Agatha Christie" sob orientação do Prof. Dr. Rony Márcio Cardoso Ferreira, no âmbito do Programa de Iniciação Científica e Voluntário e Tecnológica Voluntária (PIVIC) da UFMS.

²² Doutor em Literatura (Literatura e Práticas Sociais), na linha de pesquisa Estudos Literários Comparados, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Estudos de Linguagens (Teoria Literária e Estudos Comparados) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduado em Letras - Licenciatura - Habilitação em Português/Espanhol pela mesma Universidade. Durante o mestrado e o doutorado, desenvolveu pesquisa sobre Clarice Lispector escritora e tradutora.

INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Sara da Silva Sommer²³

RESUMO

Nesta proposta de trabalho, vinculada ao projeto PIBIC, exploramos a poética de Manoel de Barros para compreender como o tempo é desconstruído e reconstruído em suas obras por meio de uma poética da infância. Caminhando em direção contrária à linearidade convencional, Barros recria o tempo a partir da memória, revelando outros meios de enxergar e ressignificar a experiência humana como um todo. A infância, elemento essencial em sua escrita, transcende a dimensão biográfica e se torna um estado de espírito, símbolo de uma percepção sensível, intuitiva e inventiva da realidade. Essa perspectiva abre espaço para o lúdico, o imaginário e uma linguagem poética que desafia a lógica racional, permitindo uma relação singular entre o homem e a natureza. O objetivo principal da pesquisa é investigar como Manoel de Barros reinventa o tempo, dissolvendo a cronologia tradicional e criando uma travessia poética em que a memória se torna um espaço dinâmico de criação. Pretendemos analisar de que modo o poeta transforma vivências particulares e subjetivas em uma linguagem que entrelaça o real e o imaginário, ressignificando a noção de passagem temporal e conferindo novos sentidos ao ordinário e ao cotidiano. Suas grafias de vida de menino pantaneiro desafiam a rigidez do tempo cronológico e dão destaque ao efêmero, o esquecido e o aparentemente insignificante. A metodologia utilizada consiste na leitura atenta das poesias de Manoel de Barros, aliada a reflexões teóricas e filosóficas sobre memória, infância e criação poética. Esse olhar crítico busca compreender como Barros rompe com as convenções literárias, resgatando outras formas de pensar o tempo e a memória. Como resultado, espera-se demonstrar que sua poesia desafia os modelos tradicionais do fazer literário, ampliando os horizontes da leitura e convidando o leitor a habitar o extraordinário no ordinário, ressignificando o cotidiano e o mundo através da poesia e da imaginação criativa.

Palavras-chave: Infância. Manoel de Barros. Memória. Criação Poética. Tempo.

²³ Sara da Silva Sommer é acadêmica do quinto semestre no curso de Letras habilitação Português e Inglês da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e é bolsista FUNDECT do programa de Iniciação Científica, sob orientação da professora Dra. Angela Guida, que também orienta o presente trabalho.

ANÁLISE DO TRATAMENTO E DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLD

Letícia Rarek Conceição²⁴

Letícia Jovelina Storto²⁵

RESUMO

O trabalho com os gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa tem sido discutido desde a década de 1990. Com a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC (Brasil, 2018), reafirmou-se o lugar da oralidade nas aulas de língua materna no Brasil. No entanto, ainda se constata a fragmentação do ensino da prática da oralidade em sala de aula, em que, quase sempre, enfatiza-se a escrita em detrimento da oralidade. Muitas vezes, os gêneros textuais orais apresentam-se como instrumento para o ensino de línguas e em atividades pré-textuais como pretextos para o ensino de outro gênero textual ou como atividades avaliativas, não sendo considerados objeto principal de ensino na práxis pedagógica. Diante dessa lacuna, nosso trabalho visa a apresentar uma análise dos gêneros orais apresentados em uma coleção de livro didático voltado ao ensino fundamental, aprovado no *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) para o período de 2024-2027. Nossa pesquisa é documental de cunho descritivo e qualitativo. Como embasamento teórico, apropriamo-nos dos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a respeito de sequência didática de gênero como metodologia para o desenvolvimento de capacidades de linguagem, bem como em Bronckart (2023), que propõe a análise dos gêneros textuais e suas práticas. Também recorremos aos trabalhos dos pesquisadores do Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino (LABOR). Como resultados, observamos que os dois volumes analisados pouco apresentam a oralidade como objeto principal de ensino, conforme indicado pela BNCC para o ensino de língua portuguesa. Ademais, notamos que a obra não segue a metodologia da sequência didática, que os gêneros orais ficam restritos ao fim dos capítulos, que prevalecem atividades de leitura em voz alta, de oralização da escrita ou ainda de atividades isoladas que abarcam alguns gêneros textuais, sem quaisquer orientações acerca da estrutura e seus respectivos elementos. O único gênero oral com presença constante em todos os livros é a discussão oral, mas surge sem uma sistematização das atividades, apenas como forma de registro das leituras e das respostas dos estudantes em outras atividades, ou seja, como instrumento de ensino. Com isso, ressaltamos que, na práxis pedagógica, existe uma urgência da inclusão dos gêneros orais como objeto de ensino nos livros didáticos, de modo que possam contribuir com o desenvolvimento global do estudante e ao desenvolvimento de múltiplas capacidades de linguagem.

Palavras-chave: Oralidade. Gêneros Textuais. Material Didático. Sequência Didática. Educação Básica.

²⁴ Doutoranda em ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, Mestra em ensino pela UNESP, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e graduada em Letras e Pedagogia pela UENP. Atua como professora de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal de ensino de Ourinhos- SP. <https://orcid.org/0000-0002-8130-5089>

²⁵ Possui pós-doutorado em Educação e em Linguística Aplicada doutorado em Estudos da Linguagem e graduação em Letras. É Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). É líder do Grupo de Pesquisa Diálogos Linguísticos e Ensino (DIALEP). Integra o Projeto Norma Urbana Culta, de São Paulo (NURC-SP-USP). É cofundadora e coordenadora do Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino - LABOR. É membro do Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos (LILA). <http://orcid.org/0000-0002-7175-338X>.

AFETO, ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA: CULTURA ALIMENTAR ENTRE OS KARIPUNA DA ALDEIA SANTA ISABEL

Alcimara Anicá dos Santos²⁶

Elissandra Barros²⁷

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a cultura alimentar do povo Karipuna da Aldeia Santa Isabel, compreendendo o alimento como algo que vai além da nutrição, assumindo dimensões espirituais, sociais, culturais e afetivas. A pesquisa parte de uma perspectiva pessoal e coletiva, na qual memórias da infância, experiências familiares e vivências com os saberes tradicionais se entrelaçam com uma reflexão acadêmica e crítica sobre os impactos das mudanças climáticas e culturais nas práticas alimentares do povo Karipuna. O título *"Afeto, ancestralidade e memória: cultura alimentar entre os Karipuna da Aldeia Santa Isabel"* reflete a centralidade do alimento na construção e fortalecimento da identidade Karipuna, entendendo-o como prática que conecta os indivíduos ao território, aos ancestrais e às redes comunitárias. O alimento, nesse contexto, é também um marcador de pertencimento, memória e resistência. A metodologia adotada é qualitativa e baseia-se principalmente em memórias familiares, relatos orais e vivências pessoais, com destaque para as experiências vividas com meu avô Aniká, importante pajé Karipuna. O processo metodológico se inicia com entrevista a partir de minhas memórias baseada em gravações realizadas por minha orientadora, Dra. Prof.^a Elissandra Barros da Silva, a entrevista se articula com uma revisão bibliográfica sobre alimentação indígena, espiritualidade, sustentabilidade e cultura alimentar. Essa abordagem permitiu construir uma narrativa que respeita o modo tradicional de transmissão de saberes do povo Karipuna, valorizando histórias, práticas cotidianas e conhecimentos ancestrais. Ao longo do trabalho, foi realizada uma análise crítica das transformações alimentares em curso, destacando os desafios impostos pela substituição dos alimentos tradicionais por produtos industrializados e pelas alterações nos ciclos naturais, que colocam em risco a continuidade das práticas alimentares e o fortalecimento cultural das novas gerações. A pesquisa propõe estratégias para a valorização e preservação da cultura alimentar Karipuna, como a documentação de receitas e memórias ancestrais. Com isso, busca-se compreender a cultura alimentar Karipuna como um campo de resistência, memória e continuidade, no qual preparar e partilhar o alimento é também um ato político, espiritual e afetivo, capaz de fortalecer os laços com o território, com os ancestrais e com a coletividade.

Palavras-chave: Cultura alimentar, Memória, Identidade Karipuna, Território, Ancestralidade.

²⁶ Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela UNIFAP, mestranda em Estudos de Cultura e Política na mesma instituição. Pesquisa cultura alimentar, identidade e ancestralidade do povo Karipuna.

²⁷ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e no Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política, ambos na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

PROPOSTA DE UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA DO ESPAÇO EM O CASTELO ANIMADO (1986) DE DIANA WYNNE JONES E SUA INTERFACE COM A PRODUÇÃO FÍLMICA HOMÔNIMA DE ANIMAÇÃO (2004) DE HAYAO MIYAZAKI

Mariana Elisa da Silva Terra²⁸

Juan Demétrio Souto Prado²⁹

Gabriel David Barcelos³⁰

Ítalo Oscar Riccardi León³¹

RESUMO

A noção da presença de um castelo relacionado a um espaço mágico na literatura, talvez, não seja uma ideia tão recente. Imaginariamente, tal construção nos remete aos contos de fadas, tais como, por exemplo, *A Bela Adormecida* dos irmãos Grimm, *A Bela e a Fera* de Madame de Villeneuve, e muitos outros que também se poderiam inserir, incluindo as aventuras dos cavaleiros medievais dos contos do lendário Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Segundo Coelho (2010, p.30), durante os séculos medievais, prolifera uma copiosa literatura narrativa em terras do Ocidente europeu que evidencia um idealismo extremo e um mundo de magia e de maravilhas completamente estranhas à vida real e concreta do cotidiano. Foi neste contexto que, visando um foco de abordagem de caráter alegórico, surgiu o interesse por estudar, analisar e levantar algumas relações comparativas intersemióticas entre *O Castelo Animado* (*Howl's Moving Castle*), de autoria da escritora inglesa Diana Wynne Jones, lançado em 1986, com sua interface a partir da produção fílmica homônima de animação (2004), de Hayao Miyazaki, cineasta japonês, cofundador do prestigiado *Studio Ghibli*. Apesar de se tratar de produções narrativas ou de linguagens distintas, o enredo conta a história de Sophie Hatter, a mais velha de três irmãs que, sendo ela a mais velha da família, tudo indica que o seu destino será o fracasso. Após a morte do pai, Sophie não se incomoda quando fica como aprendiz na chapelaria da família, enquanto as duas irmãs vão para lugares diferentes. Depois de atrair a atenção da Bruxa das Terras Desoladas, Sophie se torna uma mulher de 90 anos devido a um feitiço que não poderá contar a ninguém. Assim, toda determinada, ela pega seus pertences e segue seu próprio caminho em busca de uma nova vida, se deparando com o castelo em movimento do perigoso mago Howl. Deste modo, tendo como referencial o sentido do castelo, símbolo que para Chevalier e Gheerbrant (2001, p.199) representa transcendência espiritual e o peso de uma força sagrada, considerando que os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas, o presente trabalho objetiva promover uma leitura de análise comparativa intersemiótica com base nas características espaciais que surgem ao interior do castelo e se encontra presente em ambas as obras, observando as possíveis conexões e fatores simbólicos que serão estudados no decorrer da proposta, cuja metodologia está embasada tomando como referência a pesquisa bibliográfica exploratória, fundamentada na perspectiva dos estudos intersemióticos de Clüver (2007), Plaza (2010), Santaella, (2018), juntamente com outros autores, além dos já citados no resumo.

Palavras-chave: Espaço. Castelo. Análise Intersemiótica. Literatura Comparada e Outras Artes.

²⁸ Graduanda do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na (UNIFAL-MG).

²⁹ Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na (UNIFAL-MG).

³⁰ Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na (UNIFAL-MG).

³¹ Orientador do trabalho. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, Departamento de Letras, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

MARCOLINO DE SANTA LUZIA: PINTURA E CINEMA EM UM POEMA DE PAU BRASIL (1925)

Eduardo Savella³²

RESUMO

A capacidade das palavras em provocar a imaginação visual tem um papel importante na obra do escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade. Alguns dos poemas de *Pau Brasil*, seu cancioneiro de 1925, estabelecem relações explícitas com outros meios visuais — como a pintura, a fotografia e o cinema — dando pistas sobre afinidades formais, indicando modelos que o poeta faz funcionar em sua proposta modernista, atenta às inovações técnicas advindas da Revolução Industrial. Um caso interessante, nesse sentido, é o poema “viveiro”, que integra o segmento “Roteiro das Minas” da obra. Para além de suas sugestões à imaginação visual e sonora (com a utilização, por exemplo, de uma expressão própria para a descrição de imagens, “primeiro plano”), o poema menciona, no último verso, um pintor popular que trabalhou e viveu nos arredores de Belo Horizonte, no começo do século XX: “Marcolino de Santa Luzia”. É possível que Oswald o tenha conhecido, ou pelo menos sua obra, na viagem que fez com Tarsila do Amaral e outros modernistas à Minas Gerais, em 1924, viagem que motivou a escrita do segmento “Roteiro das Minas”, de *Pau Brasil*. Por meio de uma leitura cerrada do poema “viveiro” e de seu contexto histórico, a comunicação busca analisar como a referência a esse artista hoje largamente desconhecido funciona em relação às sugestões visuais do poema, bem como a uma tela contemporânea de Tarsila (intitulada *Lagoa Santa*, de 1925). Além disso, em relação aos efeitos visuais provocados por “viveiro”, a junção entre o antigo e o moderno, parte do projeto inovador de Oswald com sua Poesia Pau Brasil (tal como proclama no “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, de 1924) também não deixa de se dar entre a pintura de Marcolino (a tradição de pintura popular que com ele sobrevive, em 1924) e a forma, por assim dizer, cinematográfica (portanto, nova à época) do poema. Forma cinematográfica confirmada, aliás, por algumas referências explícitas ao cinema em alguns outros poemas da obra, bem como por sua fortuna crítica, a exemplo de Haroldo de Campos, para quem “o procedimento básico da sintaxe oswaldiana” é “a técnica de montagem”, que “Oswald hauriu nos seus contatos com as artes plásticas e o cinema”.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; Modernismo Brasileiro; Poesia; Pintura; Cinema.

³² Eduardo Savella é Mestre em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH/USP e Bacharel em Cinema e Vídeo pela FAP/UNESPAR. Atua como cineasta, pesquisador, gestor cultural e cineclubista.

OS FONEMAS E POEMAS QUE MACAPÁ NOS DEU: PRODUÇÃO DE PODCAST NO ESTUDO FONÉTICO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Henrique dos Santos Mosciaro ³³

Aline Silva Vieira ³⁴

RESUMO

Este trabalho é uma sequência de um trabalho anterior, onde encontrou-se a possibilidade de unirmos linguística, literatura e audiovisual em um único produto: um podcast, ainda em pós-produção, de nome “FONETICALIDADES: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO”. Agora, deu-se sequência ao podcast ao produzir um segundo episódio, de nome “OS FONEMAS E POEMAS QUE MACAPÁ NOS DEU”, onde, utilizando os mesmos processos de produção do episódio anterior, de nome “NO OESTE PARANAENSE LITERATURA SE MISTURAM”, estudou-se as marcas fonéticas presentes no idioleto de um falante de português brasileiro — agora não mais sendo do estado do Paraná, mas do estado do Amapá —, através de uma entrevista cedida pelo autor Gabriel Yared, que serve como ponto de partida para que fosse desenvolvida a metodologia, sendo está a elaboração do roteiro do episódio, que divide-se em: introdução, onde o ouvinte é apresentado à proposta do podcast e a alguns conceitos sobre fonética; a entrevista, momento em que, por meio de perguntas norteadoras, desenvolveu-se uma conversa sobre literatura, linguagens e línguas artificiais; e análise e encerramento, que é quando o ouvinte ouve as observações sobre o contraste entre os idioletos dos apresentadores e do entrevistado e despede-se do episódio. Dando maior ênfase à seção de análise, foram selecionadas algumas palavras/frases a fim de ser realizada uma análise qualitativa e as transcrições fonéticas do material selecionado; estas transcrições são essenciais para que seja possível identificar os traços mais distintivos, a nível fonético, do idioleto de Gabriel, permitindo perceber as variações entre idioletos de diferentes estados (Amapá e Mato Grosso do Sul), e até mesmo entre idioletos dentro do mesmo estado (Mato Grosso do Sul), levando a uma melhor reflexão sobre a diversidade presente no português brasileiro. Eventualmente, compreende-se que este trabalho contempla formas outras de se fazer ciência, permitindo que os estudos da ciência linguística se tornem mais acessíveis através de outras linguagens.

Palavras-chave: Fonética. Português Brasileiro. Podcast.

³³ Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus Corumbá, graduando do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

³⁴ Mestre, e doutoranda, em Letras e Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (FALE/UFGD), graduanda do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DO TRABALHO ARTÍSTICO FEMININO NA OBRA CINEMATOGRAFICA *BIG EYES*, DE TIM BURTON

Larissa Beatriz de Andrade Aguiar³⁵

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto a obra cinematográfica *Big Eyes* (2014), de Tim Burton, que retrata a vida e a arte da pintora norte americana Margaret Keane, mais precisamente no período referente as décadas de 1950 e 1960. O presente estudo propõe examinar as características do estilo do diretor Tim Burton, a trajetória da pintora Margaret Keane e as particularidades de suas obras, prosseguindo, para o aprofundamento no estudo, por meio da análise da representação estética do trabalho artístico feminino. Para tanto, discute-se sobre os aspectos estéticos relevantes das obras de Burton e de Margaret Keane, além de promover contextualização e embasamento sobre a temática do trabalho artístico feminino, a fim de relacioná-los na obra fílmica em questão. A metodologia aplicada consiste em pesquisa bibliográfica, delimitação do tópico de pesquisa e estruturação dos objetivos, consolidação de arcabouço teórico e leituras complementares em consonância às temáticas em análise, seleção de cenas do filme *Big Eyes* relacionada a análise proposta, culminando na análise fílmica em associação ao referencial teórico, por meio dos preceitos metodológicos de Xavier (2005), e Rosenfeld (2013). Outros teóricos que embasam essa pesquisa, são Linda Nochlin (2016), Virginia Woolf (1995), Heleieth Saffioti (2013) e Guerrilla Girls (1998). Este estudo, está em andamento, e até o momento vem desenvolvendo discussões e consolidando o referencial teórico acerca dos aspectos estéticos que compõem uma obra cinematográfica, observando as características do estilo burtonesco, marca registrada do diretor Tim Burton, e a estética única das obras da pintora, considerando também os aspectos contextuais e históricos que fundamentam e caracterizam essa construção estética. É importante ressaltar também a importância de trabalhos que discutamos sobre temáticas como o trabalho artístico feminino, que elucida os desafios enfrentados pelas mulheres artistas ao longo da história, representadas por meio de Margaret (Amy Adams), considerando as desigualdades de oportunidade e visibilidade em relação aos homens, dentro do âmbito artístico, e como isso implica na construção da identidade artística feminina.

Palavras-chave: Margaret Keane. Trabalho artístico feminino. Estética. Tim Burton.

³⁵ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, 2024 (PPGL/UFOPA). Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade São Vicente (2021). Licenciada em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Oeste do Pará em 2019.

FIGURAÇÕES DO TRABALHO NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: O CASO DE UMA DRÁSTICA AUSÊNCIA

Rafael Lucas Santos da Silva ³⁶

RESUMO

Nesta comunicação, o objetivo é promover um debate sobre as figurações do trabalho na literatura brasileira contemporânea. Onde estão e quais são os papéis dos/as trabalhadores/as na produção literária? Como as relações sociais de trabalho podem ser formalizadas esteticamente e como esta temática na produção literária pode conduzir a uma reflexão política e ética sobre os mundos do trabalho? São questões vinculadas a tese de doutorado intitulada “É o colapso, seu Edgar: ficção, trabalho e sociedade em Ana Paula Maia”, defendida e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE), da Universidade Estadual de Maringá (UEM), em 2024. Ao iniciar a pesquisa de doutoramento, uma das dificuldades identificadas foi escassez de obras literárias e de produção crítica sobre a representação do trabalho. Nesse contexto, surgiu a importância da produção crítica de Regina Dalcastagnè, concernente à sua discussão sobre a ausência de representação de grupos marginalizados no campo literário brasileiro. Nascida em 1967, Dalcastagnè graduou-se em Comunicação Social em 1988 e obteve seu doutoramento em 1997 em Teoria Literária, consolidando-se no meio acadêmico com uma pesquisa que articula crítica à representação social, construção estética, instrumentalização e mediação da voz autoral, além de procedimentos de legitimação e exclusão de experiências literárias. Professora e pesquisadora contemporânea, coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea (GELBC) da UnB, Dalcastagnè destaca-se no meio crítico por assumir uma abordagem ao campo literário brasileiro que demonstra como tende a reproduzir os padrões de exclusão da sociedade brasileira, instaurando reflexões e debates pela democratização do nosso campo literário, especialmente quanto ao acesso aos meios de produção e circulação dos textos. Apesar disso, a produção crítica de Dalcastagnè ainda não foi objeto de investigação mais sistemática. Como a produção crítica de Dalcastagnè aborda a temática do trabalho no campo literário brasileiro? Ao nos movermos por essa indagação, acreditamos ser possível estabelecer uma investigação que abre um campo de pesquisa interessado na figuração literária do trabalho. Trata-se de um estudo bibliográfico de cunho interpretativo, com a prioridade de renovar o debate sobre a questão da ausência de personagens trabalhadores e de relações de trabalho na literatura brasileira contemporânea. Assim, esta comunicação visa demarcar algumas características de sua trajetória, concebendo que abre espaço para o debate sobre a presença de trabalhadores e a figuração das relações de trabalho na literatura brasileira contemporânea.

Palavras-chave: Literatura brasileira. Crítica cultural materialista. Representação do trabalho. Regina Dalcastagnè. Os pobres na literatura.

³⁶ Realiza estágio de pós-doutorado (2025-2027) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PLE/UEM), com financiamento CAPES/PIPD. Doutor em Letras (2024), na área de Estudos Literários, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Também publicou artigos e capítulos de livros, com destaque para “Figurações do trabalho em Filmes de Plástico” (2024) e “Violência sistêmico-simbólica e precarização do trabalho em Passageiro do fim do Dia, de Rubens Figueiredo” (2020).

ENTRE ECOS E VAZIOS: A LITERATURA COMO LUGAR DA NÃO-IDENTIDADE

Frederico Costa Macêdo ³⁷

RESUMO

Este trabalho busca explorar a desconstrução das identidades de gênero e sexualidade nas obras *Acenos e Afagos* (2008) e *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, sob a ótica da teoria queer. Pretende-se demonstrar como Noll, utilizando algumas singularidades únicas em suas narrativas, desestabiliza categorias normativas apresentando personagens que desafiam os limites do sistema binário de gênero e sexo. A pesquisa ainda investiga como a narrativa de Noll instiga uma ressonância de ecos e vazios, desestabilizando a construção de um eu fixo focando nas figuras marginalizadas e nas suas subjetividades em constante transformações. Para isso, a metodologia envolve uma análise bibliográfica crítica e interpretativa das obras, partindo pela investigação dos personagens principais, além do suporte teórico de autoridades na Teoria Queer, especialmente Judith Butler (2017), e na Literatura Homoerótica, com Jurandir Freire Costa (1992) como referências que discutem a performatividade de gênero, sexo, e a fluidez das identidades. Outrossim, o referencial teórico-crítico também parte dos estudos de Bauman (2008) que analisa a questão da construção identitária em uma modernidade líquida e de Bosi (2012) que estabelece uma história concisa sobre a literatura brasileira. Concepções essas que serão utilizadas para explorar a maneira como Noll rompe com as convenções narrativas e desconstrói discursos hegemônicos, patriarcais e heteronormativos de identidade e desejo, criando um espaço ficcional onde a instabilidade e a indefinição são centrais. Isso porque, em suas narrativas, os limites entre sujeito e alteridade, realidade e ficção, masculinidade e feminilidade são constantemente borrados, revelando uma escrita marcada pela fluidez e pelo esvaziamento de certezas identitárias. Logo, os textos de Noll configuram um espaço ficcional em que a instabilidade, a ambiguidade e a indefinição não apenas compõem o estilo narrativo, mas funcionam como estratégias de resistência e contestação às normatizações sociais. Dessarte, esta pesquisa busca, compreender como as narrativas literárias de João Gilberto Noll abrem novas possibilidades de representação queer na literatura brasileira contemporânea, questionando as fronteiras do corpo e da sexualidade.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Sexualidade. Literatura. Noll.

³⁷ Mestrando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha de pesquisa Literatura Comparada e Estudos Culturais.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO: TECENDO SENTIDO NA ESCRITA

Juraci Soares da Silva ³⁸

Silvelena Cosmo Dias ³⁹

RESUMO

Esta apresentação resulta de uma pesquisa de mestrado realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública no interior do estado de Mato Grosso. O objetivo geral do estudo é proporcionar condições para que os educandos aprimorem sua proficiência escrita. Como objetivos específicos, propomos: (i) verificar o nível discursivo dos estudantes na produção do gênero discursivo carta do leitor; (ii) identificar os movimentos discursivos utilizados pelos alunos na construção de seus enunciados; e (iii) analisar os efeitos de sentido presentes nas produções escritas. Para alcançar esses objetivos, fundamentamo-nos na teoria do dialogismo de Bakhtin (2011). No que se refere à escrita como atividade interativa, ancoramo-nos em Antunes (2003, 2014) e Koch e Elias (2008, 2015). Em relação aos procedimentos teórico-metodológicos, a pesquisa adota os pressupostos da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011) e Tripp (2005), bem como a abordagem qualitativa interpretativista de Bortoni-Ricardo (2008). O *corpus* de análise foi constituído a partir de um diagnóstico inicial, no qual os alunos produziram uma carta do leitor sobre temas de livre escolha. Em seguida, foi desenvolvido um projeto de intervenção composto por uma sequência de atividades didático-pedagógicas, incluindo pesquisas, leituras, produções escritas, correções individuais e em pares, culminando na reescrita final. Além disso, realizamos uma oficina de leitura com todas as produções dos participantes. Com o objetivo de dar maior visibilidade ao aluno-autor, os textos produzidos foram publicados em um *blog* criado para fortalecer a interação entre educandos e comunidade escolar. A análise das produções revelou avanços significativos em comparação ao diagnóstico inicial. Os movimentos discursivos utilizados pelos estudantes demonstraram que os efeitos de sentido presentes nos textos estão diretamente conectados às suas vivências, tanto em aspectos pessoais quanto sociais. Dessa forma, constatamos que a prática pedagógica desenvolvida por meio da pesquisa-ação possibilitou aos alunos a construção de seus enunciados com maior autonomia, dinamismo e reflexão, contribuindo para o aprimoramento de suas habilidades e competências de escrita. Nesse sentido, a produção escrita configura-se como ponto de partida e de chegada no processo de ensino-aprendizagem (GERALDI, 2013), proporcionando ao discente a oportunidade de se manifestar no texto como sujeito ideológico, histórico e social, constituído pela língua(gem).

Palavras-chave: Leitura. Pesquisa. Produção escrita. Interação.

³⁸Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino de Novo Santo Antônio/MT. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-8850-3536>.

³⁹ Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/IEL. Professora-Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6569-992X>.

JACQUES DERRIDA: A HOSPITALIDADE PARA COM O CORPO ESTRANHO

Bruna Nathally Pires Ulrich ⁴⁰

RESUMO

Este resumo é um recorte teórico da pesquisa do plano de trabalho elaborado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que leva em consideração o conceito pressuposto sobre a hospitalidade de Jacques Derrida e a teoria da tradução no Brasil. Com isso, indagamos como a teoria derridiana, diante a teoria da tradução desenvolvida no Brasil, evidencia sua relevância epistemológica desconstrutora, tendo como aporte teórico os textos de Jacques Derrida (2003), Haroldo de Campos (1992), Seligmann Silva (2018/2020), Paulo Ottoni (1998/2005/2006) e Antoine Berman (2012). Sendo assim, temos como objetivo, no âmbito dos estudos comparados, tradutórios e culturais, ressaltar como a noção de hospitalidade contribuiu para o fortalecimento de uma teoria desconstrutora na tradução literária do país. Dessa forma, utilizamos da ideia de uma tradução hospitaleira, acolhedora e legítima, mas ao mesmo tempo hostil, desacolhedora e ilegítima. Isso porque a percepção de hospitalidade de Jacques Derrida mantém-se como a linha divisória entre dois países, a terceira margem de um rio, o entre-lugar do lugar e o nenhum lugar. Por consequência, reconhecemos as alteridades presentes no texto de partida e tomamos consciência da potencialização, do direito de jurisdição e da operacionalização da fidelidade inalcançada no texto de chegada. Afinal, a fidelidade é para “mais de um”; ou seja, ela precisa ser fiel para o primeiro texto, mas precisa seguir as regulamentações do texto traduzido. A tradução, então, torna-se mais do que a transposição do texto em outra língua. Ela carrega em si as trocas culturais advindas entre dois idiomas e, principalmente, escritores, uma vez que, um texto de chegada que não amalgama a tradução literal, traz a possibilidade de aproximar ou afastar o leitor do texto de partida. Portanto, teceremos uma relação de acolhimento como o albergue do longínquo, reconhecendo e armazenando em nossa biblioteca babélica as particularidades e nuances do corpo estranho.

Palavras-chave: Jacques Derrida. Hospitalidade. Teoria da tradução. Acolhimento.

⁴⁰ Bruna Nathally Pires Ulrich, graduanda do 7º semestre de Letras-português/inglês na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ORCID 3065954393194519

UM AUTOR-CURADOR ENTRE DOIS MUNDOS: SOBRE O DICIONÁRIO DE ARTISTAS, DE GONÇALO M. TAVARES

Ibrahim Alisson Yamakawa ⁴¹

RESUMO

Desde 2001, Gonçalo M. Tavares explora diferentes gêneros literários. São mais de 50 livros publicados até agora, traduzidos em cerca de 70 países. Organizados pelo próprio autor em Cadernos, O Bairro, O Reino, Epopeia, Enciclopédia, Atlas, Estudos Clássicos, Mitologias, Canções, Arquivos, Investigações, Teatro, Cinema, Poesia, Diálogos, Haikus, Bloom-Books, Diário, Diário-Ficção, Cidades, História Fragmentada do Mundo, Artes, além de literatura infantil e outras publicações como ensaios, fragmentos, crônicas, aforismos, prefácios, artigos e mais publicações híbridas não classificadas pelo autor, em parcerias com plataformas on-line e outros artistas, cada uma explora novas possibilidades de linguagem, abrindo sempre uma nova fronteira. São publicações tão diferentes entre si que até “a própria linguagem é completamente diferente” (Tavares, 2018, p. 228). No limite, elas até “podiam ter sido escritas por autores diferentes” (Tavares, 2018, p. 228). Basicamente, trata-se de experimentar e empregar engenhosamente ao máximo os recursos que as artes e a escrita oferecem para ir cada vez mais longe. Para tanto, o autor admite que se deve ler e ver tudo, cada vez mais, e, depois, esquecer para escrever (Tavares, 2002). Essa estratégia parece fácil, mas não é. Na contemporaneidade, a oferta cultural é enorme. Há um sem-número de livros, filmes, músicas, vídeos, objetos de arte e produtos da cultura de massa disponíveis. E mais: a grande quantidade de informação em circulação no mundo hoje é responsável, em parte, pela atenção precária com que a arte, em geral, é recebida. Para defender-se da pressão desse fluxo informativo contínuo e sensibilizar um público já cansado pelo excesso de informação, parece ser cada vez mais necessário ter à disposição “um catálogo, um guia” (Villa-Forte, 2019, p. 42) ou mesmo um dicionário para pôr ordem ao caos e, de alguma maneira, fazer frente a esse acúmulo sem sentido. O *Dicionário de Artistas*, de Gonçalo M. Tavares parece ter esse objetivo. Publicado inicialmente, a partir de 2020, nas plataformas do Centro Cultural Belém (CCB), e, depois, em livro, em 2021, a partir da obra de artistas contemporâneos selecionados, esse *Dicionário*, reunindo imagens de *Os Espacialistas* e textos de Gonçalo M. Tavares, estabelece um esplêndido diálogo entre literatura e arte, (re)sensibilizando o leitor embotado pela cultura de massa. Não apenas isso, o *Dicionário* posiciona-se entre dois mundos, extraíndo o essencial de cada um. Sua importância, nesse sentido, é incontestável. Para compreender essa importância, faz-se necessário discutir o conceito de autor-curador, com Leonardo Villa-Forte (2019), Alberto Pucheu (2014), Eduardo Lourenço (2022) e Pedro Eiras (2020), além de expandir a noção de literatura no *Dicionário de Artistas*, de Gonçalo M. Tavares.

Palavras-chave: *Dicionário de artistas*. Gonçalo M. Tavares. Autor-Curador. Literatura Portuguesa. Arte.

⁴¹ Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7923-1706>

ENTRE TENSÕES E DISPUTAS NOS ESPAÇOS SOCIAIS, SEMPRE SOLITÁRIAS

Francisco Heitor Pimenta Patrício⁴²
Juliana Miranda Cavalcante da Silva⁴³

RESUMO

Solitária (2022), de Eliana Alves Cruz, narra as tensões que emergem das complexas relações trabalhistas entre patrões e suas empregadas domésticas, representadas pelo par Dona Lúcia e Camila, de um lado, e Eunice e Mabel, do outro, ambas, mãe e filha. Durante os cerca de 20 anos que a narrativa abarca, Dona Lúcia, Eunice, Camila e Mabel atravessam situações que as transformam, sempre sob à sombra da exploração da força de trabalho dos que realizam serviços domésticos, uma das heranças coloniais que a sociedade brasileira carrega. A todo momento, a narrativa reforça o processo de subalternização de uma dupla em detrimento do conforto e dos privilégios da outra. Um exemplo disso é o fato implícito de Camila e Mabel serem tratadas como futuras substitutas das mães - Camila como futura patroa e Mabel como futura empregada - continuando a perpetuar essas relações. Desse modo, a pesquisa busca analisar marcadores sociais na obra para entender como os binômios quartinho-casa grande, poder-submissão, privilégio-negação são desenvolvidos na obra, bem como identificar os marcadores de raça, classe e gênero para demonstrar como a interseccionalidade entre eles é fator intrínseco à construção da narrativa. As relações sociais e suas intersecções, comumente presentes no projeto literário da autora, são fator essencial para a construção da narrativa, sendo entendidas, na pesquisa, como chaves de leitura para a obra. Nossa hipótese inicial se baseia no fato de que a intersecção entre gênero, raça e classe social é componente constitutivo das vivências particulares e sociais das personagens principais. Desse modo, na construção do nosso argumento, para tratar da interseccionalidade, utilizaremos principalmente Collins (2019). Ainda utilizaremos Bento (2022) para tratar da existência velada de um pacto entre as camadas sociais privilegiadas para continuarem no poder, Castro (2020) e Lugones (2020) para tratar das relações de poder e colonialidade e, por último, Nascimento (2020) para particularizar as relações entre a mulher negra e o mercado de trabalho por uma perspectiva decolonial, além da fortuna crítica da autora.

Palavras-chave: Eliana Alves Cruz. Solitária. Decolonialidade. Interseccionalidade. Gênero e Classe.

⁴² Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mestre em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA) e Graduado em Letras/Português pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6774-2349>.

⁴³ Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Graduada em Comunicação Social e Direito pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5048-6534>.

FANTASMA DO PASSADO: OS SINTOMAS DE UMA HISTÓRIA TRAUMÁTICA EM INFÂNCIA DOS MORTOS E PIXOTE, A LEI DO MAIS FRACO

Kleberon Rodrigues ⁴⁴

RESUMO

Esta pesquisa toma como corpus de investigação as obras *Infância dos Mortos* (1977), de José Louzeiro, e o filme *Pixote, A Lei do Mais Fraco* (1980), de Hector Babenco. Ambas as obras, ao retratar realidades da marginalização e exclusão social, espaços para se explorar as relações de poder e as práticas violentas que marcam as trajetórias das personagens. O objetivo desta pesquisa é, portanto, investigar como a violência se manifesta e se inscreve materialmente nos corpos das personagens, funcionando como um sintoma de um passado traumático que retorna de forma brutal nas dinâmicas de subversão, dominação e extermínio. A partir dessa perspectiva, pretende-se evidenciar a violência não apenas como um elemento narrativo, mas como uma força estruturante das relações sociais e históricas que atravessam as narrativas. A análise teórica fundamenta-se nos estudos sobre fantasmagoria e *imagem-sintoma* e realismo traumático articulando a violência com sua dimensão espectral, na qual o trauma se inscreve de forma recorrente na experiência social e cultural. Para essa abordagem, dialoga-se com teóricos como Georges Didi-Huberman (2013), Stefan Andriopoulos (2014) e Hal Foster (2017), cujas contribuições possibilitam compreender as imagens fílmica e a estética literária como rastros fantasmagóricos. Além disso, referências como Walter Benjamin (2006) e sua concepção de história, Theodor W. Adorno e Max Horkheimer (1985) sobre a indústria cultural, e Hannah Arendt (2009) no que concerne ao poder e à violência, oferecem um arcabouço crítico para a leitura das obras. Metodologicamente, a dissertação articula uma abordagem interdisciplinar que combina análise fílmica, crítica literária e teoria da imagem, destacando como a violência se inscreve materialmente nos corpos e nos espaços narrativos. A partir dessa estrutura, evidencia-se como *Pixote* e *Infância dos Mortos* revelam um Brasil espectral, no qual os corpos marginalizados carregam os vestígios de uma história de exclusão e repressão. A pesquisa contribui para os estudos sobre a relação entre estética e política, apontando como a representação da violência nessas narrativas não apenas denuncia uma violência de seu tempo, mas também inscreve como sintoma que perpassa a história brasileira.

Palavras-chave: Literatura e cinema. Poder e Violência. Corpos. Fantasmagoria. *Pixote*.

⁴⁴ Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo (2019), pela Universidade de Ribeirão Preto (UNAERP). Mestre em Estudos de Literatura Cultura e Letramento (2024), Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

UNIYEHAKI, A ARTE DE SE TORNAR: REFLEXÕES DE UMA ARTISTA ARUKWAYENO

Keila Felício Iaparrá⁴⁵
Elissandra Barros⁴⁶

RESUMO

Neste trabalho, reflito sobre minha trajetória artística e identitária como mulher indígena do povo Palikur-Arukwayene, abordando a arte como meio de resistência, afirmação e transformação. Analiso meu processo criativo, desde os primeiros rabiscos na infância até a exploração de diferentes linguagens, como pintura, performance e teatro, evidenciando a arte como ferramenta de conexão com minhas raízes e expressão da minha identidade indígena, antes de ser artista, indígena mulher. Esse percurso artístico é também uma forma de reivindicar minha presença enquanto sujeito de fala, questionando os silenciamentos e os estereótipos historicamente impostos às mulheres indígenas. Adoto uma metodologia qualitativa, baseada em gravações realizadas com minha orientadora, Dra. Prof^a Elissandra Barros da Silva, nas quais discutimos meu processo artístico e revisei minhas experiências pessoais e artísticas. Transcrevi essas conversas e organizei os relatos, incluindo reflexões sobre como a arte me ajudou a lidar com questões como preconceito, pertencimento e identidade. Essas reflexões foram fundamentais para compreender como o fazer artístico se torna uma forma de cura, de resistência e de construção de conhecimento a partir das minhas vivências enquanto mulher Palikur-Arukwayene. Também destaco a importância das narrativas tradicionais do povo Palikur como fonte de inspiração. Essas histórias, muitas vezes contadas por meus avós e anciãos da comunidade, são ressignificadas em minhas obras, permitindo que eu transforme elementos simbólicos em imagens contemporâneas. Minha experiência na Licenciatura Intercultural Indígena e no PET-Indígena foi essencial nesse processo, pois esses espaços acadêmicos proporcionaram a articulação entre os saberes tradicionais e os conhecimentos ocidentais, fortalecendo minha identidade enquanto artista e pesquisadora. A participação em eventos como o Corpus Urbis, e em exposições dentro e fora do território, ampliou minha visão sobre a arte indígena contemporânea e me fez compreender que ocupar esses espaços também é um ato político. Reafirmo, portanto, a arte como um campo de resistência e transformação, um elo entre passado e presente, individualidade e coletividade. Ao dar forma visual às narrativas e às experiências vividas, minha produção contribui para a valorização da cultura indígena e para a luta por representatividade na sociedade contemporânea.

Palavras-chave: Arte indígena contemporânea. Palikur-Arukwayene. Identidade. Resistência.

⁴⁵ Artista visual e pesquisadora do povo Palikur-Arukwayene. Desenvolve trabalhos em arte digital e pintura em tela, abordando identidade e memória cultural de seu povo. Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena, é discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

⁴⁶ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e no Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política, ambos na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

PINÓQUIO: ASPECTOS COMPOSICIONAIS DA NARRATIVA VERBAL E SUA TRANSPOSIÇÃO A VERSÕES FÍLMICAS

Ana Paula Justen⁴⁷
Jéssica Daiane Rangel Dullius⁴⁸
Maria Eduarda Klein Kulmann⁴⁹
Juracy Assmann Saraiva⁵⁰

RESUMO

O conto de fadas *Pinóquio*, escrito por Carlo Collodi, é uma narrativa ficcional publicada em livro em 1883, sob o título *As aventuras de Pinóquio*. Antes disso, ela havia sido publicada desde 1881, em capítulos, no *Giornale per i Bambini*, jornal dedicado a crianças, com o título *História de uma marionete*. Collodi, cujo nome era Carlo Lorenzini, nasceu em Florença, em 1826; ele começou a trabalhar ainda jovem no jornalismo e, mais tarde, voltou-se ao público infantil, traduzindo alguns contos de fadas. *História de uma marionete* teve um sucesso imediato, e Collodi, que pretendia finalizar a história na cena em que Pinóquio é enforcado em uma árvore após ser enganado pela dupla Raposa e Gato, recebeu diversos pedidos para dar outro final à personagem (Cabo, 2022). O escritor atendeu ao pedido dos leitores e, ficcionalmente, o boneco continua vivo para os leitores até hoje. A narrativa conta a história do boneco Pinóquio, marionete feita a partir de um pedaço de madeira, que tem vida própria. Seu criador, Gepeto, cuidadosamente, lhe dá traços humanos, como olhos, nariz, boca e pernas. Ao receber as pernas, Pinóquio logo sai em busca de descobertas, característica que acaba compondo sua personalidade. O boneco, ao longo da história, se mete em diversas confusões e o que sempre o acompanha é o desejo de “ser um bom menino”, isto é, tornar-se humano de verdade. A elaboração do resumo fundamenta-se em estudos de narratologia, que permitiram a compreensão dos elementos que compõem os níveis da história e do discurso e abriram sendas no processo da interpretação. A partir dessa base conceitual, analisaram-se semelhanças e diferenças entre três versões de *Pinóquio*: a obra original, escrita por Collodi e duas de suas adaptações, a da Disney (1940), dirigida por Ben Sharpsteen, Hamilton Luske, Wilfred Jackson, Norman Ferguson, Bill Roberts, T. Hee e Jack Kinney, e a dirigida por Guillermo del Toro (2022). Conclui-se que, apesar das diferentes versões, as aventuras do boneco que queria se tornar um menino permanecem atuais, passados mais de um século de sua primeira publicação, uma vez que os anseios de Pinóquio seguem muito similares aos de crianças da contemporaneidade.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. Pinóquio. Literatura. Adaptação cinematográfica.

⁴⁷ Graduanda de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale, RS, e já foi bolsista de iniciação científica na mesma instituição em projeto sobre Machado de Assis. ORCID: 0009-0008-2935-7106.

⁴⁸ Graduanda de Licenciatura em Letras Português/Inglês pela Universidade Feevale, RS. Participou da publicação de um artigo na área de Sociolinguística e tem interesse em literatura brasileira e americana. ORCID 0009-0002-8862-3095.

⁴⁹ Graduanda de Licenciatura em Letras Português / Inglês pela Universidade Feevale, RS. Tem interesse em formas virtuais de incentivo à leitura, como o BookTok. ORCID: 0009-0005-4496-8528.

⁵⁰ Juracy Assmann Saraiva é professora e pesquisadora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bolsista em Produtividade do CNPq. Pós-Doutora em Teoria Literária pela Universidade Estadual de Campinas. Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. ORCID: 0000-0003-1783-2850.

IDENTIDADE NEGRA – REFLEXÕES LITERÁRIAS E PSICOLÓGICAS SOBRE AUTOACEITAÇÃO E INTERSECCIONALIDADE

Francielle Carvalho da Mota⁵¹

Meire Oliveira Silva⁵²

RESUMO

O presente trabalho tem por objeto de pesquisa as obras, o livro *Meu Avô Africano*, de Carmen Lúcia Campos; o conto “Noite sem lua”, de Eliana Alves Cruz e o poema-canção “Me Gritaron Negra”, da Afro-peruana Victoria Santa Cruz. Com o propósito de fomentar reflexões sobre ancestralidade, construção da identidade negra e resistência cultural. Esta análise se concentra nos processos de construção da identidade negra e na construção do conceito de autoestima, fundamentando-se em contribuições intelectuais. Destacamos teóricas negras como Grada Kilomba, a psicanalista Neusa Santos Sousa, pesquisadora e ativista destacada por seu trabalho sobre racismo estrutural e feminismo negro Carla Akotirene e Franz Fanon, psiquiatra e ativista que aborda a importância do autoconhecimento na libertação do sujeito negro. As narrativas apresentam-se como espaço de construção da identidade negra, reconhecimento identitário do ser, aceitação e valorização da cultura negra em uma sociedade marcada pela hegemonia branca. O conteúdo literário reflete a importância da representatividade negra na construção do subjetivo em diversos contextos sociais. A pesquisa ainda examina o importante papel da escrevivência permeando o objeto e o sujeito do estudo, inspirada nos escritos da teórica, feminista e ativista norte-americana bell hooks que trata questões de raça, classe, gênero e interseccionalidade. Conceição Evaristo, cunhou o termo escrevivência para expressar pela escrita, as experiências de vida e resistência das mulheres negras. A análise parte de uma perspectiva histórica e cultural, explorando como o racismo estrutural impacta na vida do ser negro, além de compreender e discutir como os processos históricos, sociais e psicológicos influenciam na construção da identidade negra e o desenvolvimento da autoestima em contextos marcados pelo racismo. Espera-se que este trabalho contribua para discussões sobre interseccionalidade, destacando sua importância na compreensão das opressões vividas, especialmente por mulheres negras. Ainda destacar a importância de práticas interseccionais e antirracistas nas políticas públicas e na educação para combater a desigualdade racial e fortalecer a identidade negra.

Palavras-chave: Autoestima. Identidade negra. Práticas antirracistas. Literatura.

⁵¹Graduada em Gestão de Recursos Humanos pela Universidade do Norte do Paraná (UNOPAR). Graduanda em Letras – Português/Espanhol na Universidade do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Coordenadora Geral do Coletivo Negro TEMBO. Orcid: 0009-0009-8291-5063 E-mail: Franciellecmotta@gmail.com.

⁵²Doutora, Mestra e pós-Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada e Literatura Brasileira, pela Faculdade de Filosofia, Letras Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Docente no Departamento de Letras da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Orcid: 0000-0002-4863-6062 E-mail: meireoliveirasilva79@gmail.com

ESCRITA E REESCRITA DE TEXTOS EM CONTEXTO ESCOLAR: A POTENCIALIZAÇÃO DO APARECIMENTO DE INDÍCIOS DE AUTORIA

Ingrid Liliam da Silva⁵³

RESUMO

Frente à necessidade de novos estudos concernentes ao ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica, este artigo apresentará um recorte dos resultados dispostos em Dissertação de Mestrado anteriormente desenvolvida (Silva, 2023), que buscou investigar, sob cunho analítico-discursivo, a noção de indícios de autoria em contexto escolar, conforme Possenti (2001, [2002] 2009), que postula a noção de Indícios de Autoria; em Geraldini (1991), que apresenta caminhos para se considerar as Condições de Produção de um Texto, especialmente em contexto escolar; em Fiad (2013), que concebe a escrita como trabalho; em Bakhtin ([1992] 2000), que apresenta a noção de Gênero do Discurso de que nos valeremos; em Mussalim (2020), segundo a qual o Campo de Atividade Humana em que os gêneros são produzidos e postos a circular, e não os gêneros do discurso em si, deve ser o centro organizador do Currículo de Língua Portuguesa. A hipótese que norteou esta pesquisa é a de que podemos encontrar indícios de autoria em textos escolares, produzidos por alunos, especialmente quando contemplada a prática da reescrita durante o processo de escrita textual (Fiad, 2013). O procedimento analítico deste artigo, por sua vez, implicou na comparação entre a produção textual – e sua posterior reescrita – de um dos alunos do 3º ano do Ensino Médio, que compôs o *corpus* da pesquisa de Mestrado, coletado por meio de minicurso ofertado por membros do grupo de pesquisa *Círculo de Estudos do Discurso* (CED-UFU), no ano de 2021, em contexto pandêmico, portanto, remoto. Como sugerem os resultados, há evidências tanto da produtividade de se trabalhar com os gêneros do discurso no ambiente escolar, partindo da compreensão do funcionamento do campo de atividade em que os gêneros são produzidos e postos a circular, quanto de que o processo de escrita e, principalmente, de reescrita possibilita e/ou otimiza o aparecimento de indícios de autoria nos textos.

Palavras-chave: Análise do Discurso. Indícios de Autoria. Escrita e Reescrita. Texto Escolar.

⁵³ Graduada em Letras – Português pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e graduanda em Letras – Inglês (EaD) pela mesma universidade. Mestre – bolsista CAPES – em Estudos Linguísticos também pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), vinculado à área de concentração "Linguística e Linguística Aplicada" e linha de pesquisa "Linguagem, sujeito e discurso". ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7436-307X>

OS ESPAÇOS DA DOR EM *HISTÓRIA DO PRANTO*, *HISTÓRIA DO CABELO* E *HISTÓRIA DO DINHEIRO*, DE ALAN PAULS

Thiago Felício Barbosa Pereira⁵⁴

RESUMO

Esta comunicação tem como objetivo central analisar a estruturação dos espaços da dor nas obras *História do pranto*, *História do cabelo* e *História do dinheiro*, de Alan Pauls, compreendidas como uma trilogia literária informalmente intitulada de Trilogia da perda. Parte-se da premissa de que a realidade sociopolítica e histórica vivenciada durante o período da ditadura civil-militar na Argentina (1976–1983) encontra, nessas narrativas, uma forma de representação estética por meio da categoria do espaço. Assim, os espaços literários são lidos não apenas como cenários físicos, mas como construções simbólicas, afetivas e políticas, marcadas por uma memória coletiva traumática. Ancorado no campo da Literatura Comparada, apresenta-se um diálogo entre literatura, história e política, observando como os espaços narrativos são impregnados por experiências de perda, repressão, silêncio e resistência. A questão norteadora que orienta esta investigação é: de que modo as questões de ordem social, histórica e política inerentes ao regime ditatorial argentino se manifestam e se materializam na construção dos espaços nas obras que compõem a trilogia de Alan Pauls? Para responder a essa indagação, recorre-se a um referencial teórico que contempla autores clássicos e contemporâneos da crítica literária e da teoria da memória. Dentre os principais estudiosos utilizados como suporte para a análise, destacam-se Antonio Candido (2006), com suas reflexões sobre a literatura como forma de humanização; Regina Dalcastagnè (1996), cujos estudos abordam a representação da violência e da marginalidade; Seligmann-Silva (2003), fundamental para compreender a dimensão testemunhal da literatura; Walter Benjamin (2016; 2018), especialmente no que tange às concepções de memória, ruína e experiência; Antoine Compagnon (2001), com sua abordagem da crítica literária moderna; Beatriz Sarlo (2007), referência essencial nos estudos sobre memória e ditadura na Argentina; e Carlo Ginzburg (2013), que oferece uma perspectiva indiciária e interpretativa da narrativa histórica e literária. A leitura das obras de Pauls permite compreender como o autor mobiliza elementos da memória coletiva e individual para reconstruir, ficcionalmente, o cenário da repressão vivida, revelando marcas profundas deixadas nos corpos, nas subjetividades e nos espaços. Dessa forma, busca-se não apenas refletir sobre a representação da ditadura militar argentina, mas também evidenciar o poder da literatura em dar forma ao indizível e ao traumático, propondo uma estética do sofrimento e da ausência que contribui para a elaboração de uma memória crítica do passado recente. O espaço, nesse contexto, assume papel central como lugar simbólico onde o passado se reinscreve e se atualiza, tornando-se testemunho e resistência.

Palavras-Chave: Ditadura argentina. Alan Pauls. Espaço ficcional. Literatura argentina contemporânea.

⁵⁴ Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Piauí. Contato: thiaggofbp@gmail.com

QUAL(IS) LÍNGUA(S) VOCÊ FALA? O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE AS LÍNGUAS INDÍGENAS DO OIAPOQUE

José Antônio Quintela⁵⁵

Elissandra Barros⁵⁶

RESUMO

Antes da colonização europeia, a região do Oiapoque era habitada por diversos povos indígenas, caracterizando-se como grande área de diversidade linguística-cultural. Esses povos falantes de diferentes línguas, muitas das quais foram extintas, restando poucos ou nenhum registro delas (Silva, 2016, p. 82). Atualmente, a região é habitada por indígenas: Galibi Kali'nã, Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur-Arukwayene. Segundo Silva (2020), localizam-se nas terras indígenas: Galibi, Uaçá e Juminã. Este estudo integra o *Projeto Qual(is) língua(s) você fala? Rumo à identificação e salvaguarda das línguas indígenas do Oiapoque* e nossa proposta apresentar os resultados do levantamento de dados de dissertações e teses sobre as línguas indígenas do Oiapoque no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. Nossa pesquisa abrange quatro grandes áreas: Ciências Humanas; Linguística, Letras e Artes; Ciências Sociais Aplicadas; e Multidisciplinar. A Abordagem é do tipo "estado da arte" (Ferreira, 2002) e se caracteriza por mapear e discutir as produções acadêmicas com foco no objeto investigado, tentando responder quais aspectos e dimensões essas produções estão enfatizando e privilegiando em diferentes épocas e lugares. Ao todo foram verificadas 2.791 referências bibliográficas, no entanto, apenas 64 foram válidas nesta pesquisa. As análises apontam que a maior parte das produções acadêmicas está concentrada na região Norte (44,4%), seguida pela região Sudeste (41,3%). No Norte, destacam-se as pesquisas originárias das Universidades Federais do Amapá e do Pará, enquanto no Sudeste, a Universidade de São Paulo (USP) se sobressai como principal instituição produtora desses materiais. A maioria dos estudos está inserida na grande área das Ciências Humanas (64,5%), seguida por Linguística, Letras e Artes (25,8%), Multidisciplinar (6,5%) e Ciências Sociais Aplicadas (3,2 %). Os métodos utilizados foram: Trabalho de Campo (21,1%), Etnográficos (14%), e Pesquisa Qualitativa (10,5%). A maioria dos estudos está relacionada aos povos Karipuna (39,7%) e Palikur-Arukwayene (30,2%), e apenas 9,5% abordam os quatro povos indígenas desta região.

Palavras-chave: Línguas Indígenas. Oiapoque. Estado da Arte. Produções acadêmicas.

⁵⁵ Graduando em Letras Libras/Português como L2 pela Universidade Federal do Amapá. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3382-5647>

⁵⁶ Doutora em Linguística. Docente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política e do Mestrado em Letras da Universidade Federal do Amapá. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4454-0952>

ZOOLITERATURA NA POESIA DE MURILO MENDES E DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Heloisa Maluf Nantes de Lima⁵⁷

RESUMO

Este estudo propõe uma análise da zooliteratura dos poetas mineiros Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade, articulando-a com os pressupostos teóricos postulados por Maria Esther Maciel, a fim de investigar o papel da literatura na construção de uma consciência crítica acerca da relação entre o ser humano e os viventes não humanos em um contexto de crise ecológica e antropocêntrica. Busca-se problematizar as representações dos animais na poesia desses autores, enfatizando como a literatura pode contribuir para uma postura mais ética, sensível e responsável em relação aos seres não humanos. Diante de um cenário no qual o antropocentrismo legitima práticas de exploração, objetificação e indiferença em relação aos animais, este trabalho pretende estimular uma reflexão que incentive o cuidado, a empatia e o respeito pelas diversas formas de vida que habitam o Planeta. Ao examinar a presença dos animais nas obras de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes, pretende-se evidenciar como suas representações literárias desafiam as hierarquias entre viventes humanos e viventes não humanos, promovendo um olhar mais atento e questionador sobre as dinâmicas de dominação e exclusão na sociedade contemporânea. A metodologia adotada baseia-se na leitura e interpretação crítica da poesia desses autores, em diálogo com os estudos críticos animais e as contribuições teóricas de Maria Esther Maciel. A análise visa compreender de que maneira a literatura pode sensibilizar o leitor para questões éticas e filosóficas relacionadas ao mundo dos animais, problematizando o papel da arte na desconstrução de paradigmas antropocêntricos. Espera-se, com esta investigação, não apenas lançar luz sobre uma faceta menos explorada da poesia de Carlos Drummond de Andrade e de Murilo Mendes, mas também contribuir para o avanço das reflexões sobre a presença dos animais na literatura e sua relevância para a construção de novas formas de percepção e coexistência entre seres humanos e não humanos.

Palavras chave: Antropoceno. Carlos Drummond de Andrade. Murilo Mendes. Estudos críticos animais. Zooliteratura.

⁵⁷ Heloisa Maluf Nantes de Lima é acadêmica do terceiro semestre no curso de letras habilitação Português e Inglês da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e é bolsista CNPq no programa de iniciação científica, sob orientação da professora Dra. Angela Guida, que também orienta o presente trabalho.

LITERATURA ALÉM DA FICÇÃO: ANÁLISE DIALÓGICA E CRÍTICA LITERÁRIA EM TEXTOS NÃO FICCIONAIS

Sergio Cricca Viana⁵⁸

RESUMO

As pesquisas em crítica literária, acadêmicas ou não, concentram-se majoritariamente em prosa e poesia, especialmente romances e poemas. Essas categorias são os principais objetos de críticas, teorizações e referências bibliográficas, restringindo o conceito de "crítica literária" a um escopo repetitivo de "literaturas". Para Bakhtin, a literatura vai além da ficção estruturada em diálogos, narradores e capítulos, por entendê-la como a materialização de discursos dialógicos em um sistema projetado por seu criador, no qual criaturas literárias habitam um ecossistema próprio, portanto, qualquer obra intuída como manifestação de discursos — fluindo do criador por meio de suas criaturas, que interagem, dialogam e constroem relações volitivas-emotivas com o outro e com o narrador — pode ser considerada literatura. Dessa forma, personagens, espaços e histórias literárias também emergem em textos tradicionalmente classificados como "não ficcionais". A partir dessa fundamentação filosófica, obras rotuladas como não ficção ou não fantasia podem se tornar objeto de análise. Questões como: Qual a relação volitiva-emotiva entre Aristóteles e seu rival argumentativo em *Ética a Nicômaco*? Quais as motivações responsivas das personagens históricas citadas em *O Príncipe* de Maquiavel? Como os trabalhadores da fábrica de agulhas reagem aos experimentos industriais em *A Riqueza das Nações* de Adam Smith? Quem é o "povo" na *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão*, assinada na Assembleia Nacional Constituinte Francesa? Esses são exemplos de obras "não ficcionais" que permitem e merecem análises literárias. A exemplificação será feita com o objeto de minha tese: *Dialogo del Reggimento di Firenze* (1521-1526), de Francesco Guicciardini, frequentemente negligenciada por ser considerada um "manual político" e erroneamente vista como esgotada — não por si mesma, mas por outras obras mais célebres, especialmente as de Maquiavel. A proposta é analisá-la sob a ótica do discurso e dos diálogos volitivos-emotivos entre as personagens, que debatem os melhores e piores regimes de governo, defendendo posições e criticando seus rivais discursivos. Esse diálogo pode ser interpretado como um exercício literário do autor para compreender sua realidade política, ainda mais considerando que a obra trata de personagens e temas reais, especificamente de 32 anos antes de sua conclusão. Essa obra será traduzida por mim para o português, inaugurando estudos de literatura e crítica literária nesse campo, raramente abordado até mesmo em italiano, evidenciando o ineditismo da crítica literária aplicada a obras não ficcionais.

Palavras chave: Texto Não Ficção. Análise do Discurso Dialógico. Crítica Literária. Personagem. Narrador.

⁵⁸ Tradutor e professor de língua italiana. Doutorando, bolsista CAPES, pelo Dept. Letras Modernas - Italiano pela FFLCH -USP, pelo programa de Línguas e Culturas Italianas. Mestre pelo mesmo departamento. Pós-Graduado em Filosofia e Filosofia no Ensino, também Pós-Graduação em História Cultural, pela Claretiano. Bacharel e licenciatura em História pela FSA.

RETRATOS EM DIFERENÇA: UM ESTUDO CULTURAL-COMPARATISTA ENTRE O RETRATO E A HORA DA ESTRELA

Kahê Fernando Lúcio de Melo

Rony Márcio Cardoso Ferreira

RESUMO

Este resumo é um recorte teórico do plano de trabalho elaborado para o Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC) e pretende investigar a relação entre a tradução e a criação literária a partir de uma leitura cultural-comparatista entre *Unfinished Portrait* (1934), romance de Mary Westmacott (pseudônimo de Agatha Christie) traduzido por Clarice Lispector em 1975, recebendo o título em português de *O Retrato*, e *A Hora da Estrela*, publicado por Lispector no ano de 1977. Para tal, a pesquisa se vale de pressupostos teóricos dos estudos da tradução, principalmente das noções propostas por Rosemary Arrojo (1993), da literatura comparada, com os pensamentos de Tânia Franco Carvalhal (2003) e pelos postulados do filósofo Franco-Argelino, Jacques Derrida (1991), mais específico, suas as noções de *différance* e desconstrução. Esses teóricos nos auxiliam na compreensão de que a tradução não age meramente como uma reprodução do texto tido como original, mas se estabelece em um jogo, de presença e ausência, de significados e ressignificações, de adiamentos e deslocamentos de sentidos que, dessa forma, geram sentidos outros ao texto traduzido, a partir da noção derridiana de *différance*. Já a desconstrução, termo cunhado em 1967 Derrida, associada ao contexto tradutório, revela como funciona o desejo do tradutor perante a um texto, a uma obra, a uma literatura e a relevância de seu papel nesse processo ambivalente. Portanto, ao traduzir *O Retrato*, Clarice Lispector não apenas reescreve o texto de uma língua para outra, mas o transcria, operando na linha tênue entre o próprio e o alheio e problematizando a própria noção de identidade e autoria. A tradução, nesse contexto, revela-se um gesto de escrita marcado pela diferença, cujos rastros são percebidos na construção narrativa e estilística de *A Hora da Estrela* dois anos depois. Desta forma, esta pesquisa busca evidenciar como a tradução, com seu caráter de adiamento e multiplicidade de sentidos, inscreve-se na própria lógica da escritura Clariceana, desfazendo fronteiras entre autoria e roubo, evidenciando assim como Lispector reescreve o livro de Agatha Christie nas margens de sua própria criação literária.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. *Différance*. Desconstrução. Clarice Lispector. Jacques Derrida.

INFÂNCIA E MEMÓRIA NA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Sara da Silva Sommer⁵⁹

RESUMO

Nesta proposta de trabalho, vinculada ao projeto PIBIC, exploramos a poética de Manoel de Barros para compreender como o tempo é desconstruído e reconstruído em suas obras por meio de uma poética da infância. Caminhando em direção contrária à linearidade convencional, Barros recria o tempo a partir da memória, revelando outros meios de enxergar e ressignificar a experiência humana como um todo. A infância, elemento essencial em sua escrita, transcende a dimensão biográfica e se torna um estado de espírito, símbolo de uma percepção sensível, intuitiva e inventiva da realidade. Essa perspectiva abre espaço para o lúdico, o imaginário e uma linguagem poética que desafia a lógica racional, permitindo uma relação singular entre o homem e a natureza. O objetivo principal da pesquisa é investigar como Manoel de Barros reinventa o tempo, dissolvendo a cronologia tradicional e criando uma travessia poética em que a memória se torna um espaço dinâmico de criação. Pretendemos analisar de que modo o poeta transforma vivências particulares e subjetivas em uma linguagem que entrelaça o real e o imaginário, ressignificando a noção de passagem temporal e conferindo novos sentidos ao ordinário e ao cotidiano. Suas grafias de vida de menino pantaneiro desafiam a rigidez do tempo cronológico e dão destaque ao efêmero, o esquecido e o aparentemente insignificante. A metodologia utilizada consiste na leitura atenta das poesias de Manoel de Barros, aliada a reflexões teóricas e filosóficas sobre memória, infância e criação poética. Esse olhar crítico busca compreender como Barros rompe com as convenções literárias, resgatando outras formas de pensar o tempo e a memória. Como resultado, espera-se demonstrar que sua poesia desafia os modelos tradicionais do fazer literário, ampliando os horizontes da leitura e convidando o leitor a habitar o extraordinário no ordinário, ressignificando o cotidiano e o mundo através da poesia e da imaginação criativa.

Palavras-chave: Infância. Manoel de Barros. Memória. Criação Poética. Tempo.

⁵⁹ Sara da Silva Sommer é acadêmica do quinto semestre no curso de Letras habilitação Português e Inglês da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e é bolsista FUNDECT do programa de Iniciação Científica, sob orientação da professora Dra. Angela Guida, que também orienta o presente trabalho.

ANÁLISE DO TRATAMENTO E DA ABORDAGEM DOS GÊNEROS TEXTUAIS ORAIS EM LIVROS DIDÁTICOS APROVADOS PELO PNLD

Letícia Rarek Conceição⁶⁰

Letícia Jovelina Storto⁶¹

RESUMO

O trabalho com os gêneros textuais no ensino da Língua Portuguesa tem sido discutido desde a década de 1990. Com a publicação da *Base Nacional Comum Curricular* – BNCC (Brasil, 2018), reafirmou-se o lugar da oralidade nas aulas de língua materna no Brasil. No entanto, ainda se constata a fragmentação do ensino da prática da oralidade em sala de aula, em que, quase sempre, enfatiza-se a escrita em detrimento da oralidade. Muitas vezes, os gêneros textuais orais apresentam-se como instrumento para o ensino de línguas e em atividades pré-textuais como pretextos para o ensino de outro gênero textual ou como atividades avaliativas, não sendo considerados objeto principal de ensino na práxis pedagógica. Diante dessa lacuna, nosso trabalho visa a apresentar uma análise dos gêneros orais apresentados em uma coleção de livro didático voltado ao ensino fundamental, aprovado no *Programa Nacional do Livro Didático* (PNLD) para o período de 2024-2027. Nossa pesquisa é documental de cunho descritivo e qualitativo. Como embasamento teórico, apropriamo-nos dos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a respeito de sequência didática de gênero como metodologia para o desenvolvimento de capacidades de linguagem, bem como em Bronckart (2023), que propõe a análise dos gêneros textuais e suas práticas. Também recorremos aos trabalhos dos pesquisadores do Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino (LABOR). Como resultados, observamos que os dois volumes analisados pouco apresentam a oralidade como objeto principal de ensino, conforme indicado pela BNCC para o ensino de língua portuguesa. Ademais, notamos que a obra não segue a metodologia da sequência didática, que os gêneros orais ficam restritos ao fim dos capítulos, que prevalecem atividades de leitura em voz alta, de oralização da escrita ou ainda de atividades isoladas que abarcam alguns gêneros textuais, sem quaisquer orientações acerca da estrutura e seus respectivos elementos. O único gênero oral com presença constante em todos os livros é a discussão oral, mas surge sem uma sistematização das atividades, apenas como forma de registro das leituras e das respostas dos estudantes em outras atividades, ou seja, como instrumento de ensino. Com isso, ressaltamos que, na práxis pedagógica, existe uma urgência da inclusão dos gêneros orais como objeto de ensino nos livros didáticos, de modo que possam contribuir com o desenvolvimento global do estudante e ao desenvolvimento de múltiplas capacidades de linguagem.

Palavras-chave: Oralidade. Gêneros Textuais. Material Didático. Sequência Didática. Educação Básica.

⁶⁰ Doutoranda em ensino pela Universidade Estadual do Norte do Paraná, Mestra em ensino pela UNESP, Especialista em Língua Portuguesa e Literatura e graduada em Letras e Pedagogia pela UENP. Atua como professora de Língua Portuguesa nos anos finais do ensino fundamental da rede pública municipal de ensino de Ourinhos- SP. <https://orcid.org/0000-0002-8130-5089>

⁶¹ Possui pós-doutorado em Educação e em Linguística Aplicada doutorado em Estudos da Linguagem e graduação em Letras. É Professora da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP). É líder do Grupo de Pesquisa Diálogos Linguísticos e Ensino (DIALEP). Integra o Projeto Norma Urbana Culta, de São Paulo (NURC-SP-USP). É cofundadora e coordenadora do Laboratório Brasileiro de Oralidade, Formação e Ensino - LABOR. É membro do Laboratório Integrado de Letramentos Acadêmico-Científicos (LILA). <http://orcid.org/0000-0002-7175-338X>.

AFETO, ANCESTRALIDADE E MEMÓRIA: CULTURA ALIMENTAR ENTRE OS KARIPUNA DA ALDEIA SANTA ISABEL

Alcimara Anicá dos Santos⁶²

Elissandra Barros⁶³

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a cultura alimentar do povo Karipuna da Aldeia Santa Isabel, compreendendo o alimento como algo que vai além da nutrição, assumindo dimensões espirituais, sociais, culturais e afetivas. A pesquisa parte de uma perspectiva pessoal e coletiva, na qual memórias da infância, experiências familiares e vivências com os saberes tradicionais se entrelaçam com uma reflexão acadêmica e crítica sobre os impactos das mudanças climáticas e culturais nas práticas alimentares do povo Karipuna. O título *“Afeto, ancestralidade e memória: cultura alimentar entre os Karipuna da Aldeia Santa Isabel”* reflete a centralidade do alimento na construção e fortalecimento da identidade Karipuna, entendendo-o como prática que conecta os indivíduos ao território, aos ancestrais e às redes comunitárias. O alimento, nesse contexto, é também um marcador de pertencimento, memória e resistência. A metodologia adotada é qualitativa e baseia-se principalmente em memórias familiares, relatos orais e vivências pessoais, com destaque para as experiências vividas com meu avô Aniká, importante pajé Karipuna. O processo metodológico se inicia com entrevista a partir de minhas memórias baseada em gravações realizadas por minha orientadora, Dra. Prof.^a Elissandra Barros da Silva, a entrevista se articula com uma revisão bibliográfica sobre alimentação indígena, espiritualidade, sustentabilidade e cultura alimentar. Essa abordagem permitiu construir uma narrativa que respeita o modo tradicional de transmissão de saberes do povo Karipuna, valorizando histórias, práticas cotidianas e conhecimentos ancestrais. Ao longo do trabalho, foi realizada uma análise crítica das transformações alimentares em curso, destacando os desafios impostos pela substituição dos alimentos tradicionais por produtos industrializados e pelas alterações nos ciclos naturais, que colocam em risco a continuidade das práticas alimentares e o fortalecimento cultural das novas gerações. A pesquisa propõe estratégias para a valorização e preservação da cultura alimentar Karipuna, como a documentação de receitas e memórias ancestrais. Com isso, busca-se compreender a cultura alimentar Karipuna como um campo de resistência, memória e continuidade, no qual preparar e partilhar o alimento é também um ato político, espiritual e afetivo, capaz de fortalecer os laços com o território, com os ancestrais e com a coletividade.

Palavras-chave: Cultura alimentar, Memória, Identidade Karipuna, Território, Ancestralidade.

⁶² Graduada em Licenciatura Intercultural Indígena pela UNIFAP, mestranda em Estudos de Cultura e Política na mesma instituição. Pesquisa cultura alimentar, identidade e ancestralidade do povo Karipuna.

⁶³ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Docente no Curso de Licenciatura Intercultural Indígena e no Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política, ambos na Universidade Federal do Amapá – UNIFAP.

PROPOSTA DE UMA LEITURA INTERSEMIÓTICA DO ESPAÇO EM O CASTELO ANIMADO (1986) DE DIANA WYNNE JONES E SUA INTERFACE COM A PRODUÇÃO FÍLMICA HOMÔNIMA DE ANIMAÇÃO (2004) DE HAYAO MIYAZAKI

Ariana Elisa da Silva Terra⁶⁴
Juan Demétrio Souto Prado⁶⁵
Gabriel David Barcelos⁶⁶
Ítalo Oscar Riccardi León⁴

RESUMO

A noção da presença de um castelo relacionado a um espaço mágico na literatura, talvez, não seja uma ideia tão recente. Imaginariamente, tal construção nos remete aos contos de fadas, tais como, por exemplo, *A Bela Adormecida* dos irmãos Grimm, *A Bela e a Fera* de Madame de Villeneuve, e muitos outros que também se poderiam inserir, incluindo as aventuras dos cavaleiros medievais dos contos do lendário Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda. Segundo Coelho (2010, p.30), durante os séculos medievais, prolifera uma copiosa literatura narrativa em terras do Ocidente europeu que evidencia um idealismo extremo e um mundo de magia e de maravilhas completamente estranhas à vida real e concreta do cotidiano. Foi neste contexto que, visando um foco de abordagem de caráter alegórico, surgiu o interesse por estudar, analisar e levantar algumas relações comparativas intersemióticas entre *O Castelo Animado* (*Howl's Moving Castle*), de autoria da escritora inglesa Diana Wynne Jones, lançado em 1986, com sua interface a partir da produção fílmica homônima de animação (2004), de Hayao Miyazaki, cineasta japonês, cofundador do prestigiado *Studio Ghibli*. Apesar de se tratar de produções narrativas ou de linguagens distintas, o enredo conta a história de Sophie Hatter, a mais velha de três irmãs que, sendo ela a mais velha da família, tudo indica que o seu destino será o fracasso. Após a morte do pai, Sophie não se incomoda quando fica como aprendiz na chapelaria da família, enquanto as duas irmãs vão para lugares diferentes. Depois de atrair a atenção da Bruxa das Terras Desoladas, Sophie se torna uma mulher de 90 anos devido a um feitiço que não poderá contar a ninguém. Assim, toda determinada, ela pega seus pertences e segue seu próprio caminho em busca de uma nova vida, se deparando com o castelo em movimento do perigoso mago Howl. Deste modo, tendo como referencial o sentido do castelo, símbolo que para Chevalier e Gheerbrant (2001, p.199) representa transcendência espiritual e o peso de uma força sagrada, considerando que os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas, o presente trabalho objetiva promover uma leitura de análise comparativa intersemiótica com base nas características espaciais que surgem ao interior do castelo e se encontra presente em ambas as obras, observando as possíveis conexões e fatores simbólicos que serão estudados no decorrer da proposta, cuja metodologia está embasada tomando como referência a pesquisa bibliográfica exploratória, fundamentada na perspectiva dos estudos intersemióticos de Clüver (2007), Plaza (2010), Santaella, (2018), juntamente com outros autores, além dos já citados no resumo.

Palavras-chave: Espaço. Castelo. Análise Intersemiótica. Literatura Comparada e outras artes.

⁶⁴ Graduanda do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na UNIFAL-MG.

⁶⁵ Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na UNIFAL-MG.

⁶⁶ Graduando do quinto período do curso de Bacharelado em Letras Línguas Estrangeiras na UNIFAL-MG.

⁴ Orientador do trabalho. Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), docente do Instituto de Ciências Humanas e Letras – ICHL, Departamento de Letras, da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG).

MARCOLINO DE SANTA LUZIA: PINTURA E CINEMA EM UM POEMA DE PAU BRASIL (1925)

Eduardo Savella⁶⁷

RESUMO

A capacidade das palavras em provocar a imaginação visual tem um papel importante na obra do escritor modernista brasileiro Oswald de Andrade. Alguns dos poemas de *Pau Brasil*, seu cancioneiro de 1925, estabelecem relações explícitas com outros meios visuais — como a pintura, a fotografia e o cinema — dando pistas sobre afinidades formais, indicando modelos que o poeta faz funcionar em sua proposta modernista, atenta às inovações técnicas advindas da Revolução Industrial. Um caso interessante, nesse sentido, é o poema “viveiro”, que integra o segmento “Roteiro das Minas” da obra. Para além de suas sugestões à imaginação visual e sonora (com a utilização, por exemplo, de uma expressão própria para a descrição de imagens, “primeiro plano”), o poema menciona, no último verso, um pintor popular que trabalhou e viveu nos arredores de Belo Horizonte, no começo do século XX: “Marcolino de Santa Luzia”. É possível que Oswald o tenha conhecido, ou pelo menos sua obra, na viagem que fez com Tarsila do Amaral e outros modernistas à Minas Gerais, em 1924, viagem que motivou a escrita do segmento “Roteiro das Minas”, de *Pau Brasil*. Por meio de uma leitura cerrada do poema “viveiro” e de seu contexto histórico, a comunicação busca analisar como a referência a esse artista hoje largamente desconhecido funciona em relação às sugestões visuais do poema, bem como a uma tela contemporânea de Tarsila (intitulada *Lagoa Santa*, de 1925). Além disso, em relação aos efeitos visuais provocados por “viveiro”, a junção entre o antigo e o moderno, parte do projeto inovador de Oswald com sua Poesia Pau Brasil (tal como proclama no “Manifesto da Poesia Pau Brasil”, de 1924) também não deixa de se dar entre a pintura de Marcolino (a tradição de pintura popular que com ele sobrevive, em 1924) e a forma, por assim dizer, cinematográfica (portanto, nova à época) do poema. Forma cinematográfica confirmada, aliás, por algumas referências explícitas ao cinema em alguns outros poemas da obra, bem como por sua fortuna crítica, a exemplo de Haroldo de Campos, para quem “o procedimento básico da sintaxe oswaldiana” é “a técnica de montagem”, que “Oswald hauriu nos seus contatos com as artes plásticas e o cinema”.

Palavras-chave: Oswald de Andrade; Modernismo Brasileiro; Poesia; Pintura; Cinema.

⁶⁷ Eduardo Savella é Mestre em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela FFLCH/USP e Bacharel em Cinema e Vídeo pela FAP/UNESPAR. Atua como cineasta, pesquisador, gestor cultural e cineclubista.

OS FONEMAS E POEMAS QUE MACAPÁ NOS DEU: PRODUÇÃO DE PODCAST NO ESTUDO FONÉTICO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Henrique dos Santos Mosciaro ⁶⁸

Aline Silva Vieira ⁶⁹

RESUMO

Este trabalho é uma sequência de um trabalho anterior, onde encontrou-se a possibilidade de unirmos linguística, literatura e audiovisual em um único produto: um podcast, ainda em pós-produção, de nome “FONETICALIDADES: A DIVERSIDADE LINGUÍSTICA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO”. Agora, deu-se sequência ao podcast ao produzir um segundo episódio, de nome “OS FONEMAS E POEMAS QUE MACAPÁ NOS DEU”, onde, utilizando os mesmos processos de produção do episódio anterior, de nome “NO OESTE PARANAENSE LITERATURA SE MISTURAM”, estudou-se as marcas fonéticas presentes no idioleto de um falante de português brasileiro — agora não mais sendo do estado do Paraná, mas do estado do Amapá —, através de uma entrevista cedida pelo autor Gabriel Yared, que serve como ponto de partida para que fosse desenvolvida a metodologia, sendo esta a elaboração do roteiro do episódio, que divide-se em: introdução, onde o ouvinte é apresentado à proposta do podcast e a alguns conceitos sobre fonética; a entrevista, momento em que, por meio de perguntas norteadoras, desenvolveu-se uma conversa sobre literatura, linguagens e línguas artificiais; e análise e encerramento, que é quando o ouvinte ouve as observações sobre o contraste entre os idioletos dos apresentadores e do entrevistado e despede-se do episódio. Dando maior ênfase à seção de análise, foram selecionadas algumas palavras/frases a fim de ser realizada uma análise qualitativa e as transcrições fonéticas do material selecionado; estas transcrições são essenciais para que seja possível identificar os traços mais distintivos, a nível fonético, do idioleto de Gabriel, permitindo perceber as variações entre idioletos de diferentes estados (Amapá e Mato Grosso do Sul), e até mesmo entre idioletos dentro do mesmo estado (Mato Grosso do Sul), levando a uma melhor reflexão sobre a diversidade presente no português brasileiro. Eventualmente, compreende-se que este trabalho contempla formas outras de se fazer ciência, permitindo que os estudos da ciência linguística se tornem mais acessíveis através de outras linguagens.

Palavras-chave: fonética, português brasileiro, podcast.

⁶⁸ Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus Corumbá, graduando do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

⁶⁹ Mestre, e doutoranda, em Letras e Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (FALE/UFGD), graduanda do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

A REPRESENTAÇÃO ESTÉTICA DO TRABALHO ARTÍSTICO FEMININO NA OBRA CINEMATOGRAFICA *BIG EYES*, DE TIM BURTON

Larissa Beatriz de Andrade Aguiar ⁷⁰

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto a obra cinematográfica *Big Eyes* (2014), de Tim Burton, que retrata a vida e a arte da pintora norte americana Margaret Keane, mais precisamente no período referente as décadas de 1950 e 1960. O presente estudo propõe examinar as características do estilo do diretor Tim Burton, a trajetória da pintora Margaret Keane e as particularidades de suas obras, prosseguindo, para o aprofundamento no estudo, por meio da análise da representação estética do trabalho artístico feminino. Para tanto, discute-se sobre os aspectos estéticos relevantes das obras de Burton e de Margaret Keane, além de promover contextualização e embasamento sobre a temática do trabalho artístico feminino, a fim de relacioná-los na obra fílmica em questão. A metodologia aplicada consiste em pesquisa bibliográfica, delimitação do tópico de pesquisa e estruturação dos objetivos, consolidação de arcabouço teórico e leituras complementares em consonância às temáticas em análise, seleção de cenas do filme *Big Eyes* relacionada a análise proposta, culminando na análise fílmica em associação ao referencial teórico, por meio dos preceitos metodológicos de Xavier (2005), e Rosenfeld (2013). Outros teóricos que embasam essa pesquisa, são Linda Nochlin (2016), Virginia Woolf (1995), Heleieth Saffioti (2013) e *Guerrilla Girls* (1998). Este estudo, está em andamento, e até o momento vem desenvolvendo discussões e consolidando o referencial teórico acerca dos aspectos estéticos que compõem uma obra cinematográfica, observando as características do estilo burtonesco, marca registrada do diretor Tim Burton, e a estética única das obras da pintora, considerando também os aspectos contextuais e históricos que fundamentam e caracterizam essa construção estética. É importante ressaltar também a importância de trabalhos que discutam sobre temáticas como o trabalho artístico feminino, que elucida os desafios enfrentados pelas mulheres artistas ao longo da história, representadas por meio de Margaret (Amy Adams), considerando as desigualdades de oportunidade e visibilidade em relação aos homens, dentro do âmbito artístico, e como isso implica na construção da identidade artística feminina.

Palavras-chave: Margaret Keane. Trabalho artístico feminino. Estética. Tim Burton.

⁷⁰ Mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras, 2024 (PPGL/UFOPA). Especialista em Literatura em Língua Inglesa pela Faculdade São Vicente (2021). Licenciada em Letras-Inglês pela Universidade Federal do Oeste do Pará em 2019.

ENTRE ECOS E VAZIOS: A LITERATURA COMO LUGAR DA NÃO-IDENTIDADE

Frederico Costa Macêdo ⁷¹

RESUMO

Este trabalho busca explorar a desconstrução das identidades de gênero e sexualidade nas obras *Acenos e Afagos* (2008) e *Berkeley em Bellagio* (2002), de João Gilberto Noll, sob a ótica da teoria queer. Pretende-se demonstrar como Noll, utilizando algumas singularidades únicas em suas narrativas, desestabiliza categorias normativas apresentando personagens que desafiam os limites do sistema binário de gênero e sexo. A pesquisa ainda investiga como a narrativa de Noll instiga uma ressonância de ecos e vazios, desestabilizando a construção de um eu fixo focando nas figuras marginalizadas e nas suas subjetividades em constante transformações. Para isso, a metodologia envolve uma análise bibliográfica crítica e interpretativa das obras, partindo pela investigação dos personagens principais, além do suporte teórico de autoridades na Teoria Queer, especialmente Judith Butler (2017), e na Literatura Homoerótica, com Jurandir Freire Costa (1992) como referências que discutem a performatividade de gênero, sexo, e a fluidez das identidades. Outrossim, o referencial teórico-crítico também parte dos estudos de Bauman (2008) que analisa a questão da construção identitária em uma modernidade líquida e de Bosi (2012) que estabelece uma história concisa sobre a literatura brasileira. Concepções essas que serão utilizadas para explorar a maneira como Noll rompe com as convenções narrativas e desconstrói discursos hegemônicos, patriarcais e heteronormativos de identidade e desejo, criando um espaço ficcional onde a instabilidade e a indefinição são centrais. Isso porque, em suas narrativas, os limites entre sujeito e alteridade, realidade e ficção, masculinidade e feminilidade são constantemente borrados, revelando uma escrita marcada pela fluidez e pelo esvaziamento de certezas identitárias. Logo, os textos de Noll configuram um espaço ficcional em que a instabilidade, a ambiguidade e a indefinição não apenas compõem o estilo narrativo, mas funcionam como estratégias de resistência e contestação às normatizações sociais. Dessarte, esta pesquisa busca, compreender como as narrativas literárias de João Gilberto Noll abrem novas possibilidades de representação queer na literatura brasileira contemporânea, questionando as fronteiras do corpo e da sexualidade.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Sexualidade. Literatura. Noll.

⁷¹ Mestrando em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG), na linha de pesquisa Literatura Comparada e Estudos Culturais.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO: TECENDO SENTIDO NA ESCRITA

Juraci Soares da Silva (UFMS)⁷²
Silvelena Cosmo Dias (UFMS)⁷³

RESUMO

Esta apresentação resulta de uma pesquisa de mestrado realizada com alunos do 9º ano do ensino fundamental de uma escola pública no interior do estado de Mato Grosso. O objetivo geral do estudo é proporcionar condições para que os educandos aprimorem sua proficiência escrita. Como objetivos específicos, propomos: (i) verificar o nível discursivo dos estudantes na produção do gênero discursivo carta do leitor; (ii) identificar os movimentos discursivos utilizados pelos alunos na construção de seus enunciados; e (iii) analisar os efeitos de sentido presentes nas produções escritas. Para alcançar esses objetivos, fundamentamo-nos na teoria do dialogismo de Bakhtin (2011). No que se refere à escrita como atividade interativa, ancoramo-nos em Antunes (2003, 2014) e Koch e Elias (2008, 2015). Em relação aos procedimentos teórico-metodológicos, a pesquisa adota os pressupostos da pesquisa-ação, conforme Thiollent (2011) e Tripp (2005), bem como a abordagem qualitativa interpretativista de Bortoni-Ricardo (2008). O *corpus* de análise foi constituído a partir de um diagnóstico inicial, no qual os alunos produziram uma carta do leitor sobre temas de livre escolha. Em seguida, foi desenvolvido um projeto de intervenção composto por uma sequência de atividades didático-pedagógicas, incluindo pesquisas, leituras, produções escritas, correções individuais e em pares, culminando na reescrita final. Além disso, realizamos uma oficina de leitura com todas as produções dos participantes. Com o objetivo de dar maior visibilidade ao aluno-autor, os textos produzidos foram publicados em um *blog* criado para fortalecer a interação entre educandos e comunidade escolar. A análise das produções revelou avanços significativos em comparação ao diagnóstico inicial. Os movimentos discursivos utilizados pelos estudantes demonstraram que os efeitos de sentido presentes nos textos estão diretamente conectados às suas vivências, tanto em aspectos pessoais quanto sociais. Dessa forma, constatamos que a prática pedagógica desenvolvida por meio da pesquisa-ação possibilitou aos alunos a construção de seus enunciados com maior autonomia, dinamismo e reflexão, contribuindo para o aprimoramento de suas habilidades e competências de escrita. Nesse sentido, a produção escrita configura-se como ponto de partida e de chegada no processo de ensino-aprendizagem (GERALDI, 2013), proporcionando ao discente a oportunidade de se manifestar no texto como sujeito ideológico, histórico e social, constituído pela língua(gem).

Palavras-chave: Leitura. Pesquisa. Produção escrita. Interação.

⁷²Mestre em Letras pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Professor de Língua Portuguesa da rede pública de ensino de Novo Santo Antônio/MT. Orcid ID: <https://orcid.org/0009-0002-8850-3536>.

⁷³Doutora em Linguística Aplicada pela UNICAMP/IEL. Professora-Adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-6569-992X>.

JACQUES DERRIDA: A HOSPITALIDADE PARA COM O CORPO ESTRANHO

Bruna Nathally Pires Ulrich ⁷⁴

RESUMO

Este resumo é um recorte teórico da pesquisa do plano de trabalho elaborado no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que leva em consideração o conceito pressuposto sobre a hospitalidade de Jacques Derrida e a teoria da tradução no Brasil. Com isso, indagamos como a teoria derridiana, diante a teoria da tradução desenvolvida no Brasil, evidencia sua relevância epistemológica desconstrutora, tendo como aporte teórico os textos de Jacques Derrida (2003), Haroldo de Campos (1992), Seligmann Silva (2018/2020), Paulo Ottoni (1998/2005/2006) e Antoine Berman (2012). Sendo assim, temos como objetivo, no âmbito dos estudos comparados, tradutórios e culturais, ressaltar como a noção de hospitalidade contribuiu para o fortalecimento de uma teoria desconstrutora na tradução literária do país. Dessa forma, utilizamos da ideia de uma tradução hospitaleira, acolhedora e legítima, mas ao mesmo tempo hostil, desacolhedora e ilegítima. Isso porque a percepção de hospitalidade de Jacques Derrida mantém-se como a linha divisória entre dois países, a terceira margem de um rio, o entre-lugar do lugar e o nenhum lugar. Por consequência, reconhecemos as alteridades presentes no texto de partida e tomamos consciência da potencialização, do direito de jurisdição e da operacionalização da fidelidade inalcançada no texto de chegada. Afinal, a fidelidade é para “mais de um”; ou seja, ela precisa ser fiel para o primeiro texto, mas precisa seguir as regulamentações do texto traduzido. A tradução, então, torna-se mais do que a transposição do texto em outra língua. Ela carrega em si as trocas culturais advindas entre dois idiomas e, principalmente, escritores, uma vez que, um texto de chegada que não amalgama a tradução literal, traz a possibilidade de aproximar ou afastar o leitor do texto de partida. Portanto, teceremos uma relação de acolhimento como o albergue do longínquo, reconhecendo e armazenando em nossa biblioteca babélica as particularidades e nuances do corpo estranho.

Palavras-chave: Jacques Derrida. Hospitalidade. Teoria da tradução. Acolhimento.

⁷⁴ Bruna Nathally Pires Ulrich, graduanda do 7º semestre de Letras-português/inglês na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, ORCID 3065954393194519

CONSTELAÇÃO NICHIJŌ: UMA POÉTICA DO COTIDIANO EM YOSHIMOTO E WENDERS

Brenda Yoshioka ⁷⁵

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é analisar o conto "Kitchen" (*In Kitchen*, Banana Yoshimoto, 1987) e o filme *Dias Perfeitos* (Wim Wenders, *Perfect Days*, 2023), para verificar como a poética do cotidiano é um fator que delinea a estética dessas produções culturais em diálogo. A relevância dessa comparação reside no fato de que ambas as obras exploram a vida ordinária como um espaço de significação e afeto, evidenciando a estética do cotidiano como um eixo estruturante na literatura e no cinema. A partir desse olhar, buscamos compreender como essas narrativas constroem um senso de intimidade e pertencimento nos espaços domésticos e urbanos, além de ressignificarem as ações diárias por meio da repetição e da contemplação. Metodologicamente, adotamos uma abordagem comparativa entre a linguagem cinematográfica e a literária, fundamentada nos conceitos de paisagem transcultural (Lopes, 2012) e constelação (Souto, 2016/2019). A análise se concentrará nos aspectos narrativos e espaciais das obras, observando de que maneira os espaços cotidianos, os rituais e as sutilezas do ordinário estruturam a experiência estética em cada mídia. Como recurso analítico, nomeamos a constelação desta pesquisa como *nichijō* (日常, em tradução livre: cotidiano), permitindo estabelecer relações entre os elementos formais e temáticos das narrativas. Espera-se que essa investigação contribua para estudos que abordam o diálogo entre as linguagens literária e cinematográfica, especialmente no que tange à construção estética do cotidiano. Ao explorar o conceito de *nichijō*, buscamos evidenciar como "Kitchen" e *Dias Perfeitos* constroem atmosferas poéticas a partir da repetição, da solidão e do contato íntimo com os objetos e ambientes, ampliando a compreensão do cotidiano como um campo de criação estética.

Palavras-chave: Banana Yoshimoto. Wim Wenders. Cotidiano. Nichijō. Cinema e Literatura. Ocidente e Oriente.

⁷⁵ Bacharel em Letras – Português/Inglês pela Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP – EFLCH). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Literatura e Autonomia: Questões de Estética e Ética pela Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP – EFLCH).

REESCREVENDO OU REITERANDO O ÉPICO? A REESCRITA DO RAMAYANA EM *LANKA'S PRINCESS* (2016), DE KAVITA KANÉ

Tais Leite de Moura ⁷⁶

RESUMO

Surpanakha, frequentemente retratada como vilã no épico hindu *Ramayana*, assume o papel de protagonista no romance *Lanka's Princess* (2016), de Kavita Kané. Na obra, os leitores familiarizam-se com seus pensamentos, angústias, medos, além de seu passado antes do fatídico encontro com o avatar de Vishnu Rama, sua esposa Sita e seu irmão Lakshmana. Este trabalho objetiva analisar a reescrita do épico pela autora indiana, considerando sua identidade nativa, a representação do episódio emblemático da mutilação de Surpanakha por Rama e Lakshmana e o papel do mito na construção da identidade indiana contemporânea. A pesquisa, de caráter bibliográfico, baseia-se em fontes primárias e secundárias. As fontes primárias são compostas de trechos da tradução do *Ramayana* de Valmiki do sânscrito para o inglês, realizada por Robert Goldman (2009), e o próprio romance *Lanka's Princess* (2016). As fontes secundárias, por sua vez, abrangem artigos acadêmicos, críticas literárias e teorias sobre reescrita de épicos e a relevância da mitologia hindu para a formação da identidade indiana. A análise comparativa entre o épico original e sua reescrita examina semelhanças, diferenças e o impacto da perspectiva nativa da autora na obra, focando também na forma narrativa e às ressignificações de Surpanakha. O embasamento teórico deste trabalho inclui os estudos de Katherine Erndl ("The Mutilation of Surpanakha"), Usha Bande ("Revisionist Myth-Making as a Resistance") e Romila Thapar (*The Past as Present: Forging Contemporary Identities Through History*). A análise aponta que, embora o romance ofereça uma perspectiva alternativa ao épico hindu ao dar voz a uma personagem feminina marginalizada, ele ainda reforça uma visão cristalizada da Índia, fortemente influenciada pelo chamado hinduísmo sindicalizado, homogeneizando narrativas e punindo o que escapa à norma – seja a heterogeneidade de discursos, ou a representação de uma mulher abertamente sexual. Este projeto está vinculado, através do Programa PrInt/CAPES, à Ambedkar University Delhi, sob a orientação de Vikram Thakur na Índia e Laura Izarra no Brasil.

Palavras-chave: reescrita. épico. hinduísmo. *Ramayana*. *Lanka's Princess*.

⁷⁶ Doutoranda e mestre em Estudos Linguísticos e Literários em inglês pela Universidade de São Paulo. Sua dissertação de mestrado teve como base o romance *O Deus das Pequenas Coisas* (1998), de Arundhati Roy, e atualmente sua pesquisa foca em mitologia hindu, diáspora e a mulher indiana. Em 2024, foi pesquisadora na Ambedkar University Delhi, na Índia, sendo coorientada por Vikram Singh Thakur. É bolsista CAPES desde agosto de 2024. ORCID: 0000-0001-5234-5391.

A VIRALIZAÇÃO DE MÚSICAS ANTIGAS ATRAVÉS DA RECATEGORIZAÇÃO REFERENCIAL EM FILMES E SÉRIES: INTERAÇÃO DIGITAL COMO PROTAGONISTA

Higor Barbosa Rodrigues⁷⁷

RESUMO

Este trabalho está inserido dentro dos estudos da área de Linguística Textual e comunga com o conceito de que “o referente (ou objeto de discurso) é a representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto” (Cavalcante; Custódio-Filho e Brito, 2014, p. 27). Os referentes investigados são as músicas *Bye Bye Bye*, lançada no ano 2000 pela banda estadunidense NSYNC, e *Running Up That Hill (A Deal With God)*, lançada no ano 1985 pela cantora inglesa Kate Bush. Ambas são classificadas como antigas, pois a primeira foi lançada há 25 anos e a segunda há 40 anos. Entretanto, recentemente voltaram a fazer sucesso devido a viralização em mídias como *Spotify*, *TikTok* e *Youtube*, provocada pela recategorização referencial presente em obras audiovisuais: *Bye Bye Bye* foi utilizada no filme *Deadpool e Wolverine*, lançado em 2024, e *Running Up That Hill (A Deal With God)* na quarta temporada da série *Stranger Things*, disponibilizada pela plataforma de *streaming Netflix* no ano de 2022. Nesse sentido, Cavalcante; Custódio-Filho e Brito (2014) dizem que “um mesmo referente pode sofrer transformações, chamadas de recategorizações, a depender da forma que um texto o apresenta e de como ele será reconstruído pelo coenunciador” (p. 32). A interação digital também tem um papel importante nessa viralização e recategorização, por isso utilizo neste estudo o conceito de interatividade que diz respeito “às possibilidades que os interlocutores podem ter de controlar ou reagir de alguma forma aos textos que circulam em contexto digital” (Cavalcante et al., 2022, p. 80). No tocante à metodologia, é quanti-qualitativa ao passo que são utilizados gráficos fornecidos pelos sites *SoundCharts* e *Spotify*, juntamente de descrições e interpretações minhas enquanto pesquisador, embasadas pelo referencial teórico do trabalho, que ainda inclui Custódio-Filho (2011), Matos (2018), Muniz-Lima (2024), entre outros. Os resultados preliminares mostram que essas duas músicas atravessam o tempo e impregnam no imaginário das pessoas com um novo contexto, visto que a música do NSYNC agora é diretamente relacionada com o filme, assim como a de Kate Bush é lembrada pela sua inserção na série, originando assim novos clássicos. O protagonismo da interação digital se concentra justamente no engajamento ativo por parte dos usuários das diferentes mídias, seja através dos *streamings* no *Spotify* ou dos vídeos curtos produzidos no *TikTok*, popularmente conhecidos como “dancinhas do *TikTok*”.

Palavras-chave: Linguística Textual. Interação Digital. Referenciação. Músicas.

⁷⁷ Graduado em Letras – Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas (FALE/UFAL). Pesquisador nas áreas de Linguística Textual e interação digital, vinculado ao Grupo de Estudos do Texto e da Leitura (GETEL). Email: higorbarbosarodrigues@hotmail.com.

LETRAMENTO LITERÁRIO-CINEMATOGRAFICO: DA TEORIA À AÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Gilmar de Azevedo⁷⁸
Ivânia Campigotto Aquino⁷⁹
Tiago Miguel Stieven⁸⁰

RESUMO

Este artigo potencializa a reflexão e a discussão sobre o letramento literário-cinematográfico com alunos do Ensino Médio. Propõe estratégias de ações que viabilizem auxiliar o corpo docente na prática de formação leitora em sala de aula, sendo que tais práticas tem como objetivo principal aprimorar o senso crítico, tornando-os cidadãos conscientes do seu papel como seres atuantes, autônomos e que são donos de uma amplitude cultural e vocabular que possibilitem maior interação com o meio no qual estão inseridos. Justifica-se esta proposta pela necessidade de auxiliar professores de Letras (e de outras áreas) como agentes de formação literária, na utilização dos recursos midiáticos disponíveis na promoção de construção de sentidos e de vivências humanizadoras da literatura. Para responder à questão de pesquisa: "Como obras fílmicas, em nível de processo de representação, podem funcionar como estratégia educacional para alunos do Ensino Médio, como ferramenta socioeducacional importante à formação de sujeitos livres em pensamento e opiniões, tendo a literatura como fator preponderante ao desenvolvimento intelectual?", buscou-se o cinema, como texto em letramento, porque representa um instrumento fomentador de diálogos, debates, interação e um método educacional complementar para promover o Ensino Médio nas instituições de ensino. Como Metodologia, o percurso percorrido foi a argumentação de caráter qualitativo e bibliográfico e como Referencial Teórico os autores Soares (2002), Kleiman (1998), Cosson (2014) no letramento e no letramento literário como fenômeno de ensino da leitura e da escrita dentro de um contexto em que elas sejam significativas e façam parte do cotidiano dos cidadãos; o cinema na sala de aula com Thiel e Thiel (2010) e o ensino e a aprendizagem inovadores, com auxílio das tecnologias com Bazin (1991), Rojo (2012) e Stam (2003) para se chegar ao letramento literário-cinematográfico. Como Resultados e discussão, sugestões de obras a serem trabalhadas nas três séries do Ensino Médio para que professores e alunos possam se beneficiar das audiovisuais para proporcionar nas aulas o desenvolvimento de conhecimentos discursivos e linguísticos, além da leitura, da escrita e da formação de leitores.

Palavras-chave: Letramentos. Cinema. Letramento literário-cinematográfico. Ensino Médio.

⁷⁸ Graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1987), Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de S. Paulo (2001), doutorando no Programa de Pós-graduação da Universidade de Passo Fundo. Leciona no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7908-0407>. E-mail: gilmar-azevedo@uergs.edu.br.

⁷⁹ Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1990), Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), doutora (2007) e Pós-doutora (2010) em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora titular III da Universidade de Passo Fundo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9221-3473>. E-mail: ivania@upf.br.

⁸⁰ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – PPGL/UPF, na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, com Bolsa PROSUC/CAPES Modalidade II. Mestre em Letras – Estudos Literários pela UPF. Professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Passo Fundo/RS. Advogado inscrito na OAB/RS sob o nº 93.055. E-mail: tiagomstieven@gmail.com.

O ORIGINAL E O TRADUZIDO: HAROLDO DE CAMPOS E A CLAUSURA METAFÍSICA

Agatha Cristie da Silva Pereira⁸¹

Rony Márcio Cardoso Ferreira⁸²

RESUMO

Este recorte faz parte do plano de trabalho do PIBIC desenvolvido no âmbito da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e tem um objetivo analisar os ensaios de Haroldo de Campos, focando especificamente em “A clausura metafísica na teoria da tradução de Walter Benjamin, explicada através da Antígona de Hölderlin” (1996). Esse texto traz uma reflexão sobre a teoria da tradução e como isso impacta os estudos literários brasileiros. A pesquisa tem como objetivo compreender como esses ensaios se encaixam nas contribuições para o campo da tradução aqui no Brasil, usando a crítica literária, os estudos da tradução e a literatura comparada como ponto de partida. No texto mencionado, Haroldo de Campos fala sobre a ideia de tradução segundo Benjamin, destacando como é complicado reproduzir fielmente o original e o risco da tradução acabar enclausurada no silêncio, como Benjamin menciona. Dessa forma, a tradução vai muito além de simplesmente imitar o texto original. Ela busca uma “língua pura”, que encontra um equilíbrio entre o original e o traduzido, extraindo a sua essência. Mas, Haroldo de Campos sugere uma nova visão sobre essa ideia. Logo, traduzir não seria atingir a mimesis do texto original, mas atingir a pura linguagem, a qual consistiria em um equilíbrio entre texto original e traduzido, retirando deste a sua parte viva. Haroldo, por outro lado, busca recriar a língua pura de Walter Benjamin, retirando dela o seu caráter messiânico. Dessa maneira, quando pensamos na clausura metafísica enquanto uma forma de traduzir o texto, não se trataria de alcançar uma fidelidade cega ao original, mas de recriá-lo, tal como proposto por Campos e sua teoria da tradução ao invés de ser uma simples reprodução, com a tradução sendo sempre afetada por uma barreira que dificulta a transmissão total do sentido original. Assim, quando pensamos na clausura metafísica enquanto uma forma de traduzir o texto, não se trataria de alcançar uma fidelidade cega ao original, mas de recriá-lo, tal como proposto por Campos e sua teoria da tradução, expandindo o pensamento crítico.

Palavras-chave: Teoria da tradução; crítica literária; literatura comparada; Haroldo de Campos.

⁸¹ Atualmente é discente da graduação em Letras- Licenciatura-Português e Inglês da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica e Tecnológica da Ufms (FUNDECT), com o Plano de Trabalho intitulado "Haroldo de Campos: por uma epistemologia antropofágica da tradução no Brasil (década de 1990)", sob orientação do Prof. Dr. Rony Márcio Cardoso Ferreira.

⁸² Doutor em Literatura (Literatura e Práticas Sociais), na linha de pesquisa Estudos Literários Comparados, pela Universidade de Brasília (UnB). Mestre em Estudos de Linguagens (Teoria Literária e Estudos Comparados) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduado em Letras - Licenciatura - Habilitação em Português/Espanhol pela mesma Universidade. Durante o mestrado e o doutorado, desenvolveu pesquisa sobre Clarice Lispector escritora e tradutora.

ARMADILHAS POÉTICAS: O OBJETO COMO INVENTÁRIO NA POESIA DE ANA MARTINS MARQUES

Lohayne dos Santos Sousa⁸³

Angela Guida⁸⁴

RESUMO

Aprendemos com o poeta Manoel de Barros que tudo, absolutamente tudo aquilo que nos leva a coisa nenhuma pode ser convertido em matéria de poesia e é com essa sábia lição em mente que apresentamos como proposta de trabalho investigar as miudezas do cotidiano presentes na poesia de Ana Martins Marques relacionando os objetos que compõem o livro de poemas *Da arte das armadilhas* (2011), em que a poeta mineira engendra um verdadeiro inventário de coisas diversas que vão de um açucareiro que abriga em si o doce e o amargo a uma cristaleira que vela e desvela um retrato íntimo e poético do espaço de uma casa e das memórias que se construíram e se constroem no entrelaçamento dos objetos com cada cômodo numa partilha do sensível do dentro e do fora com aquilo que aparentemente não se vê de imediato, uma vez que uma simples cristaleira pode guardar bem mais que uma singela louça branca, conforme tentaremos demonstrar nesta pesquisa. A princípio, como pontuado, vamos privilegiar a obra *Da Arte das armadilhas*, pela presença mais acentuada dos objetos, no entanto, a poética de Ana Martins Marques, em geral, também como vamos demonstrar, pode ser pensada como uma poética que confere protagonismo aos objetos, animados ou não, como é o caso do emblemático *Livro dos Jardins* (2019), em que a poeta ao oferecer um jardim para Orides Fontela, Sylvia Plath, Wislawa Szymborska e Ingeborg Bachmann produz um inventário de dalias, rosas, papoulas, camélias, entre outras plantas. Nosso diálogo com a poética de Ana Martins Marques será acompanhado pelas reflexões engendradas por Gaston Bachelard em *A Poética do espaço* (2008), Jean Baudrillard em *O Sistema dos objetos* (2020), Maria Esther Maciel em *A memória das coisas: ensaios de literatura, cinema e artes plásticas* (2004) e Georges Didi-Huberman em *O que vemos, o que nos olha* (2010).

Palavras-chave: Ana Martins Marques. Objetos. Espaço. Memória. Poesia.

⁸³ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde desenvolve pesquisa na obra de Ana Martins Marques. Membro do grupo de pesquisa Lumiar. <https://orcid.org/0009-0004-0265-9711>

⁸⁴ Professora no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde orienta pesquisas de mestrado e doutorado. Coordenadora do grupo de pesquisa Lumiar. <https://orcid.org/0000-0002-8948-646X>

A METAMORFOSE DE GREGOR SAMSA E KASPAR HAUSER: A ONTOLOGIA DA LINGUAGEM E A FABRICAÇÃO DO REAL

José Renato Batista ⁸⁵

Rita de Cássia A Pacheco Limberti ⁸⁶

RESUMO

A linguagem molda a percepção da realidade ao mesmo tempo em que impõe limites ao que pode ser enunciado. A partir das figuras de Gregor Samsa, de *A Metamorfose*, e Kaspar Hauser, este estudo investiga como a exclusão do discurso reflete processos de fabricação do real. A abordagem teórico-metodológica deste trabalho se ancora na filosofia da linguagem de Wittgenstein e nas discussões sobre a construção da subjetividade em Blikstein, o objetivo central da pesquisa é demonstrar como a privação da linguagem pode resultar na desumanização do sujeito, tornando-o um elemento periférico na construção simbólica da realidade. Gregor Samsa, ao ser transformado em inseto, não apenas perde a capacidade de se comunicar, mas também é destituído de humanidade perante os outros personagens, evidenciando que sua existência está condicionada à linguagem e à intersubjetividade. Kaspar Hauser, por sua vez, emerge como um sujeito à margem do logos, cuja ausência de referências linguísticas iniciais impõe a necessidade de um longo processo de inserção na ordem simbólica, sugerindo que a linguagem não apenas descreve, mas constitui a experiência do ser. Ambos os casos evidenciam que o estatuto ontológico do sujeito é profundamente vinculado à sua capacidade de significação e reconhecimento social. Desse modo, o estudo explora como a linguagem funciona como mediadora da experiência e como seu apagamento pode gerar uma ontologia da exclusão, na qual o inefável adquire dimensão central: a análise evidencia que a realidade é filtrada pela linguagem, e o que não pode ser nomeado. O inefável, nesse sentido, desafia as fronteiras do que se entende por realidade e identidade e diante disso, como implicação, sugere-se que a ausência ou a impossibilidade da linguagem não deve ser vista apenas como um limite, mas também como um espaço de potencialidade e resistência, onde novas formas de subjetividade podem emergir. Dessa forma, a investigação contribui para um debate mais amplo sobre a relação entre linguagem, ontologia e exclusão social, questionando os limites da comunicação como condição da existência humana.

Palavras-chave: Linguagem. Percepção. Kafka. Kaspar Hauser. Metamorfose.

⁸⁵ Acadêmico do quarto ano de Letras, pela UEMS, campus Jardim.

⁸⁶ É docente do curso de Letras da UEMS, em Jardim, e do PPGLetras da UEMS, em Campo Grande; mestre e doutora em Semiótica e Linguística Geral pela USP, com Bolsa Sanduíche para a École Normale Supérieure em Paris, França; Estágio Pos-doutoral em Análise do discurso sob a supervisão de Eni ORLANDI, UNICAMP; professora visitante do da Università degli Studi di Torino - UNITO; com vasta publicação de artigos em livros e periódicos, autoria e organização de livros.

OS MONSTROS DE FRANKENSTEIN E POBRES CRIATURAS

Jaqueline Antero Santos⁸⁷
Linduarte Pereira Rodrigues⁸⁸

RESUMO

Frankenstein ou o Moderno Prometeu, de Mary Shelley, foi publicado pela primeira vez em 1818. Esse clássico da literatura apresentou o que seria mais tarde reconhecido como a primeira obra de ficção científica e grande representante da literatura gótica. Inovador e fascinante, *Frankenstein* continuou a se expandir ao longo dos anos, ganhando novas adaptações, incluindo a literatura, o cinema, o teatro, a música etc. Talvez seja essa a grande virtude da obra: sua capacidade de oferecer aos leitores inúmeras possibilidades de leitura ficcional. Dessa diversidade de adaptações, surgiu o interesse por explorar a mais recente adaptação para o cinema: *Pobres Criaturas*, um filme de Yorgos Lanthimos, lançado em dezembro de 2023 nos Estados Unidos. Essa produção faz uma releitura da obra de Shelley, utilizando a criatividade do diretor para oferecer uma nova perspectiva sobre o clássico gótico. Desse modo, partindo da referência literária da obra pioneira de 1818, o estudo objetivou identificar as principais influências de Shelley na composição da criatura de Lanthimos. Adotando uma metodologia comparativa, a leitura baseou-se em estudos anteriores sobre *Frankenstein*, incluindo trabalhos de Fretucci (2017), Klein (2018), Todorov (1975) e Lercercle (1991), que serviram de base comparativa para as proposições realizadas acerca da adaptação fílmica. Assim sendo, destaca-se a relevância do estudo corrente, uma vez que permite compreender o fio que tece a relação entre a obra literária e suas adaptações cinematográficas enquanto um contínuo narrativo que a expõe e atualiza as representações socioculturais e históricas no cotidiano da humanidade (Rodrigues, 2017). Através desta pesquisa, e do aprofundamento nas narrativas de *Frankenstein* e *Pobres Criaturas*, foi possível perceber o modo como a obra de Shelley é continuada, reimaginada e ressignificada para o cinema, demonstrando que a narrativa presente na obra da autora se reafirma como clássico da literatura universal gótica, e *Frankenstein* continua sendo uma figura emblemática do terror de ficção científica que resiste ao tempo, inspirando gerações de leitores na contemporaneidade.

Palavras-chave: Frankenstein. Pobres Criaturas. Literatura Gótica. Ficção Científica. Adaptação.

⁸⁷Mestranda em Literatura pelo programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba; Graduada em Letras-Inglês pela Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) da Universidade Estadual da Paraíba; Professora de língua inglesa em curso livre de idiomas; Membro do grupo de pesquisas Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).

⁸⁸Doutorem Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING) da Universidade Federal da Paraíba; Professor do curso de Licenciatura em Letras (Português) da Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA) e dos Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP) e Literatura e Interculturalidade (PPGLI) da Universidade Estadual da Paraíba; Líder do grupo de pesquisas Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).

QUAL (IS) LÍNGUA (S) VOCÊ FALA?: UM ESTUDO DA RELAÇÃO DO PARIKWAKI COM AS LÍNGUAS EM CONTATO

Lenise Felício Batista⁸⁹
Elissandra Barros da Silva⁹⁰

RESUMO

O município de Oiapoque está situado no extremo norte do Brasil, no estado do Amapá, na fronteira com a Guiana Francesa. Nessa região, localizam-se as Terras Indígenas Galibi, Juminã e Uaçá, onde vivem os povos Galibi-Kalinã, Galibi-Marworno, Karipuna e Palikur-Arukwayene, distribuídos em mais de 67 aldeias. Historicamente, a área do Oiapoque sempre foi um mosaico linguístico, uma vez que, antes da chegada dos europeus, já era habitada por diversos povos indígenas que falavam línguas distintas. Nesse cenário, destacam-se os Palikur-Arukwayene, que têm o parikwaki (Palikur/Aruak) como língua materna. Este estudo investiga as atitudes linguísticas dos Palikur-Arukwayene que residem na Aldeia Kumenê, na Terra Indígena Uaçá, inserindo-se no campo da Sociolinguística. A análise das crenças e atitudes linguísticas é fundamental para compreender a relação do povo com as línguas parikwaki e português, identificando como essas crenças e atitudes influenciam não apenas o ensino e a aprendizagem dessas línguas, mas, sobretudo, o prestígio e a vitalidade do parikwaki entre os Palikur-Arukwayene. A pesquisa foi desenvolvida em três etapas: (1) revisão bibliográfica, com o objetivo de identificar autores e estudos sobre crenças e atitudes linguísticas em diferentes povos indígenas; (2) trabalho de campo, realizado na Aldeia Kumenê, totalizando 49 dias de coleta de dados, durante os quais foram aplicados questionários; e (3) análise dos dados obtidos. O questionário, composto por 28 perguntas, foi respondido por 45 participantes, divididos nas seguintes categorias: (I) professores indígenas (11 ou 24,4%); (II) alunos indígenas (17 ou 37,8%); e (III) membros da comunidade da Aldeia Kumenê (17 ou 37,8%). Os resultados da pesquisa permitem observar os impactos da valorização do português como língua nacional e dominante, bem como a transformação do parikwaki em uma língua predominantemente oral, fato que se tornou evidente nas respostas dos participantes. Este estudo contribui significativamente para reflexões sobre o papel da escola na promoção e valorização das línguas indígenas, além de destacar a necessidade de políticas linguísticas que visem ao equilíbrio da diversidade linguística na comunidade da Aldeia Kumenê.

Palavras-chave: Atitudes linguísticas. Crenças. Parikwaki. Kheuol. Português.

⁸⁹ Mestranda do Programa de Pós-graduação Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá. Membro do Núcleo Kusuvwi de Estudos Palikur-Arukwayene. E-mail: lenisepalikur@gmail.com

⁹⁰ Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política da Universidade Federal do Amapá. Membro do Núcleo Kusuvwi de Estudos Palikur-Arukwayene. E-mail: elisbarros@unifap.br

POR UMA HISTÓRIA DAS IDEIAS DISCURSIVAS A PARTIR DA PRODUÇÃO TEÓRICA DE ENI ORLANDI NA ANÁLISE DE DISCURSO BRASILEIRA

Daniel Santos Oliveira ⁹¹

RESUMO

Este trabalho abriga-se no campo dos estudos da linguagem, especificamente nas seguintes vertentes teóricas: Análise de Discurso (AD) fundada por Michel Pêcheux na França e implementada/desdobrada por Eni Orlandi no Brasil, História das Ideias Linguísticas (HIL) e História das Ideias Discursivas (HID). O levantamento de bibliografia, em português, que tratam das referidas teorias direcionou esta pesquisa a um significativo dado quantitativo de textos que têm sido publicados com autoria de Eni Orlandi. Através dessa verificação, esta pergunta de pesquisa foi formulada: como se realizam as tomadas de posição da autora-pesquisadora-professora Eni Orlandi nos textos que têm publicado no Brasil? E também foram constituídos estes objetivos: 1 – historicizar partes da Análise de Discurso materialista-brasileira-orlandiana; 2 – investigar os desdobramentos e deslocamentos protagonizados pela obra de Eni Orlandi, no Brasil, em relação ao projeto teórico francês de Michel Pêcheux; e 3 – observar como se dá a (re)produção do conhecimento discursivo brasileiro a partir da autoria de Eni Orlandi. O dispositivo teórico tem sido organizado pelas seguintes obras: Costa (2018), Ferreira (2007, 2009, 2023 e 2024), Gadet (2014), Guasso (2021), Guasso e Petri (2016), Maldidier (2011 e 2017), Orlandi (1984a e 1984b, 1985, 1993, 1998a, 1998b, 2002, 2008, 2012, 2013, 2015, 2017, 2018a, 2018b, 2019a, 2019b, 2020, 2021, 2022 e 2024), Pêcheux (1999, 2014a, 2014b, 2014c, 2014d e 2015), Petri (2006, 2007, 2013 2016, 2019 e 2023) e Scherer (2013, 2015 e 2023). O *corpus* organiza-se por recortes discursivos extraídos da obra da autora em questão, tendo como fonte das informações catalográficas a Plataforma *Lattes*. A interpretação e os gestos analíticos lançados sobre os materiais já reunidos têm dado a ver que Eni Orlandi para implementar, no Brasil, a Análise de Discurso *pecheutiana* se distancia de pressupostos linguísticos empiristas/formalistas e se encaminha para uma perspectiva discursiva articulada ao materialismo histórico e à psicanálise; tal deslizamento, apontado pela própria análise, instala na Unicamp atualizações epistemológicas sustentadas pelo desdobramento da própria teoria a qual Eni Orlandi se inscreve na posição de autoria.

Palavras-chave: História das Ideias Discursivas. Análise de Discurso brasileira. Eni Orlandi.

⁹¹ Doutorando do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPGLL) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). ORCID: orcid.org/0000-0003-4414-6389.

O PENSAMENTO DISSEMINADOR E O VIVER-COM DAS ESPÉCIES EM *ÁGUA VIVA* DE CLARICE LISPECTOR

Manuela de Deus Ricartes⁹²
Rony Márcio Cardoso Ferreira⁹³

RESUMO

Este presente resumo é um recorte procedente do Plano de Trabalho do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (Pibic) e apresenta a noção de Disseminação proposta por Jacques Derrida direcionada para os estudos teóricos da ecocrítica, a partir da leitura da obra *Água Viva* (1973) de Clarice Lispector. Esse projeto segue a metodologia de natureza proeminentemente bibliográfica. Em meio aos desastres ambientais e a precarização de vidas, percebemos uma forte hegemonia favorecendo a segregação entre viventes, sobretudo seres humanos e plantas, sustentada pelo fator do logocentrismo. Dialogando os estudos literários com a natureza, a obra nos leva a refletir sobre a sensibilidade dos vegetais, assim possibilitando os leitores a repensar a maneira que a sociedade enxergou a comunicação vegetal durante muito tempo. E é por intermédio desse pensamento que abre-se espaço para as alteridades que formam o pensamento disseminador, se assemelhando com o ato de dispersão das sementes no meio-ambiente, visto que, precisam se dispersar para germinar, fugindo do terrível estado de sobrevivência. Dessa maneira, temos por objetivo reconhecer como a disseminação se mostra presente em *Água Viva*, revertendo valores binários, ouvindo as vozes recalcadas dos vegetais e repropondo leituras sobre coabitação e interdependência entre os viventes. Além disso, analisaremos a importância da relação homem-natureza e a “solidariedade dos viventes”, movimento de resistência contra as forças opressoras e as dicotomias estabelecidas, para compreendermos como a escritora ouve as múltiplas vozes vegetais em nome de um “com-viver” ou “viver-com” entre espécies. Neste âmbito, nos valeremos de três obras de Evando Nascimento, *O pensamento vegetal: a literatura das plantas* (2021), *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (2012) e *Derrida* (2004) para aporte teórico da pesquisa vigente desenvolvida até o momento. Logo, os postulados derridianos previamente citados, juntos do monólogo clariciano serão apresentados como rastros, que se reinscrevem, se desconstroem e se reinventam ao passo que a ordem vigente é questionada a fim de desprecariar vidas.

Palavras-chave: Disseminação. *Água Viva*, Clarice Lispector.

⁹² Manuela de Deus Ricartes é discente do 7º semestre curso de graduação Letras- Licenciatura- português e inglês da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação (FAALC), da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul e pesquisadora do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), orientada pelo Professor Dr. Rony Márcio Cardoso Ferreira. ORCID: 9199409167230880.

⁹³ Professor orientador Dr. Rony Márcio Cardoso Ferreira. ORCID: 9199409167230880.

AINDA ESTOU AQUI, DE MARCELO RUBENS PAIVA, E A PERSISTÊNCIA DA MEMÓRIA PÓS-DITATORIAL

Rosicley Andrade Coimbra⁹⁴

RESUMO

Este trabalho pretende analisar a persistência da memória pós-ditatorial no livro *Ainda estou aqui*, de Marcelo Rubens Paiva (2015). Partiremos do pressuposto de que a memória traumática é uma memória que não se apaga, mas se transforma em algo insistente e repetitivo, para investigar como ela resiste às políticas do esquecimento e se apresenta como uma “história a contrapelo” (Benjamin, 1996) do Brasil pós-64. A hipótese que levantamos é de que a estratégia adotada por Marcelo Rubens Paiva consiste na subversão da lógica do gênero romance. Ou seja: *Ainda estou aqui* é indeterminado enquanto romance, pois sua aproximação com a biografia confunde as fronteiras entre história e ficção, sobretudo ao trazer personagens que preexistem ao livro e empregar uma voz narrativa que é a do próprio autor do livro. Nesse sentido, pode-se, ainda, tomar a memória como um dos temas e personagem principal do livro. Intenta-se, portanto, perceber como essa memória traumática persiste e como Marcelo Rubens Paiva se ampara em recursos ficcionais para recontar a história de sua família, atingida pela Ditadura Militar (1964-1985), cujas consequência foram o desaparecimento de seu pai, Rubens Paiva, e a luta de sua mãe, Eunice Paiva, para saber a verdade e fazer justiça à memória do marido. Entretanto, para realizar tudo isso, foi preciso operar alguns deslocamentos, a começar pela voz narrativa e pela memória que precisou ser revisitada e configurada conforme estratégias narrativas. A ficção entra em cena como uma forma de melhor refletir sobre o real e não como falseamento da realidade. Assim, o deslocamento fica por conta da perspectiva adotada pelo autor que ficciona o real, como diria Jacques Rancière (2009), para melhor colocá-lo em questão. O livro *Ainda estou aqui* escava o passado traumático de uma família e traz à tona os fantasmas da ditadura que ainda nos assombram, destacando a imagem dos torturados e desaparecidos durante os anos de chumbo. Conforme a perspectiva adotada, o leitor é interpelado por esse passado e é obrigado a se posicionar para não deixar que essa história seja esquecida. Trata-se de uma questão de “responsabilidade moral” (Ricoeur, 2007) e aceitá-la é lutar para que a história não se repita. Ao final, todos são colocados como herdeiros de uma história traumática. Isso significa que o livro de Paiva convoca uma dimensão ética ao nos tornar também responsáveis por essa memória e nos responsabilizar pelo “dever de memória” (Ricoeur, 2007) para com as vítimas da violência de Estado.

Palavras-chave: Ditadura Militar. Memória. Esquecimento. Dever de memória. *Ainda estou aqui*.

⁹⁴ Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Mestrado em Letras pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente desenvolve estágio pós-doutoral na Universidade Federal de Goiás (PIPD/Capes), sob a supervisão do Prof. Dr. Flávio Pereira Camargo.

CAMINHOS E DESAFIOS: REFLEXÕES EM TORNO DOS LETRAMENTOS CRÍTICOS E O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

Simone dos Santos França⁹⁵

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados parciais de uma pesquisa em andamento que tem como escopo investigar as relações e as contribuições dos letramentos críticos para o ensino de línguas estrangeiras. Consiste em um estudo de caráter bibliográfico e de abordagem qualitativa. A metodologia conta com análise de um corpus composto por estudos sobre a temática letramentos críticos e ensino de línguas estrangeiras, com base no aporte teórico dos autores Street (2014), Cervetti; Pardales; Damico (2001), Monte Mór (2013), Costa (2016), Janks (2010, 2012), Rosa (2016), Batista (2010) dentre outros. Os resultados preliminares evidenciam a adoção de uma perspectiva educacional que pode contribuir para ir além do desenvolvimento de habilidades linguísticas, criando oportunidades para a formação de cidadãos críticos e conscientes do que podem fazer com a língua no meio em que vivem. Essa proposição de um ensino de línguas significativo para o aluno implica ainda em “assumir a função educativa da língua estrangeira em nosso entorno social, cultural e político” (Baptista, 2010, p. 123). Assim, pode-se possibilitar diferentes entendimentos e reflexões por parte aluno frente às questões da sociedade que lhe são apresentadas, um pensar e agir em prol de mudanças para ele e sua comunidade. Nesse sentido, os letramentos críticos fomentam um conjunto de princípios que podem direcionar as práticas pedagógicas. Entre eles, a formação cidadã, formação identitária, reflexividade, reconhecimento e respeito às diversidades culturais, linguísticas e étnicas, contextualização sócio histórico-cultural, criticidade, problematização, heterogeneidade, percepção das relações de poder e representação, emancipação, empoderamento, (re)(des)construção de sentidos e visões do mundo e transformação social. Visto que na perspectiva dos letramentos críticos, a intenção é propiciar uma expansão do olhar do aluno, bem como sua agentividade, em outras palavras, que o estudante não apenas leia criticamente um texto ou faça uso da língua, mas que, ao refletir sobre outras realidades, ele atue em prol de mudanças para a comunidade local e global.

Palavras-chave: Ensino de línguas. Letramentos críticos. Contribuições.

⁹⁵ Doutorado em Estudo de Linguagens pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Graduação em Letras com habilitação em Espanhol, pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) e Licenciatura em Pedagogia pelo Centro Universitário (Claretiano). Vínculo atual: Universidade Federal de Rondônia (UNIR). <https://orcid.org/0000-0003-2747-4815>

ANÁLISE DISCURSIVA DA VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA: UM ESTUDO GEOSSOCIAL DO ETARISMO NO MUNICÍPIO DE CAMPO GRANDE/MS

Nelson Passos Alfonso⁹⁶

RESUMO

O presente estudo propõe uma análise discursiva da violência contra a pessoa idosa, com foco no etarismo no município de Campo Grande/MS. A pesquisa busca compreender as narrativas e justificativas que sustentam comportamentos violentos, contribuindo para a formulação de políticas públicas que protejam as pessoas idosas. O objetivo geral é analisar discursivamente o etarismo, a fim de compreender as narrativas e justificativas que sustentam esses comportamentos e contribuir para a formulação de políticas públicas que protejam as pessoas idosas. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, combinando métodos bibliográficos e de campo. A análise discursiva será o foco principal, utilizando textos teóricos e dados empíricos coletados em ambientes sociais. A seleção das leituras será seletiva e crítica, focando em obras fundamentais sobre análise do discurso, como as de Eni P. Orlandi, Marlon Leal Rodrigues, Paulo Cesar Tafarello e outros, além de estudos contemporâneos sobre violência contra pessoas idosas. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas com pessoas idosas e seus filhos para explorar as interações discursivas e identificar padrões de violência e justificativas. Questionários serão aplicados a profissionais de saúde, assistência social, autoridades do judiciário e policiais para obter uma visão externa sobre a dinâmica familiar e a violência contra pessoas idosas. A análise teórica se fundamenta nas obras de Michel Pêcheux e Eni P. Orlandi, que oferecem uma base teórica robusta para explorar as dinâmicas de poder e as justificativas que sustentam comportamentos violentos. A análise do discurso permite desvendar as estratégias utilizadas para naturalizar ou ocultar a violência, revelando as ideologias subjacentes que sustentam essas práticas. A pesquisa também se baseia nas reflexões de Simone de Beauvoir sobre a desumanização das pessoas idosas, a ambiguidade social em relação à velhice, os estereótipos negativos associados ao envelhecimento e a perda de prestígio social das pessoas idosas. Espera-se que esta pesquisa contribua para o campo da linguística e da comunicação, analisando como ocorrem as construções históricas e ideológicas, e oferecendo novos olhares e reflexões metodológicas sobre a análise de discursos em contextos de violência. A análise geossocial permitirá identificar padrões espaciais de incidência de violência e discriminação, bem como os fatores socioeconômicos e culturais que influenciam essas práticas.

Palavras-chave: Análise discursiva. Violência. Geossocial.

⁹⁶ Advogado, Especialista em Direito Processual Civil, Professor Colaborador da Universidade da Maturidade – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UMA-UEMS) e Mestrando Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – 2025/2026. Área de concentração: Estudos Linguísticos. Linha de Pesquisa: Língua, Discurso e Sociedade. Orientador Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues.

UMA ANÁLISE ESTÉTICO-MATERIALISTA DO ROMANCE *O AVESSO DA PELE*, DE JEFERSON TENÓRIO

Marcel Medeiros Mata Ribeiro⁹⁷

Volmir Cardoso Pereira⁹⁸

RESUMO

Fomentado edital UEMS/CNPq N° 01/2024 – PROPPI/UEMS – PIBIC (em andamento), este trabalho é parte de iniciação científica que tem por objetivo analisar e discutir a obra *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório, a partir da perspectiva da crítica cultural materialista, com foco nas tensões ideológicas que o romance suscita e nos procedimentos estéticos que o moldam. A análise proposta visa compreender como o romance representa e intervém nas relações raciais e sociais no Brasil, partindo de como apresenta o racismo estrutural presente em nossos dias, conflitos geracionais e tensões entre classes. A escolha de *O avesso da pele* se dá devido à sua capacidade de levantar questões urgentes sobre a realidade social contemporânea ao nos apresentar as experiências de Pedro, um jovem negro com sua vida marcada pelo luto na perda do pai, vítima de uma abordagem policial mal-sucedida, e pelo racismo, do qual foi entendendo, aos poucos, também ser vítima. A importância deste estudo reside na necessidade de entender como a literatura não apenas reflete conflitos sociais, mas também é influenciada por discursos políticos, desempenhando um papel fundamental nos debates sobre as relações raciais no Brasil e sobre os processos que levam à reificação do homem pelo homem. A recente censura sofrida pela obra em diversas escolas brasileiras, como na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, reforça sua relevância ao apontar questionamentos sobre a representação de vozes marginalizadas em um contexto cultural e político em constante tensão, e ao apontar onde o discurso do outro nos toca e nos influencia. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa se desenvolve a partir da análise crítica da obra, aliada a um levantamento bibliográfico que abrange autores como Cevalco (2013), Frederico (2012), Eagleton (2011), Williams (2011), Goldmann (1991) e Adorno (2021), que sustentam a abordagem materialista cultural. A pesquisa também tem realizado um mapeamento da fortuna crítica da obra, composta por artigos acadêmicos e dissertações, que focalizam o romance sob óticas semelhantes. A análise estética da narrativa busca integrar a forma literária do romance com as ideologias subjacentes, conforme sugerido por Eagleton e Williams. Até este momento, a pesquisa identificou as principais tensões sociais presentes na obra e suas relações com a realidade brasileira, avançando na exploração dos elementos formais que reforçam a crítica social que permeia o romance, bem como tem apontado as representações da reificação do corpo negro presentes no texto.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Materialismo. Cultura. Racismo.

⁹⁷ Autor. Acadêmico de Letras Português/Espanhol e suas Literaturas na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul com bolsa de iniciação científica (2024/2025) pela mesma instituição, com a qual pesquisa crítica cultural materialista na literatura. ORCID: 0009-0009-9338-3103

⁹⁸ Orientador. Professor Doutor do quadro efetivo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, com pesquisa no campo da crítica cultural materialista. ORCID: 0000-0002-7581-1890

UNS QUEREM QUE ISTO NÃO SEJA O SERTÃO: O BANDITISMO REFORMISTA DE HOBSBAWM EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS DE GUIMARÃES ROSA

Everton Luís Teixeira⁹⁹

RESUMO

Ao interpretar a figura ambígua do chefe jagunço Zé Bebelo — personagem de *Grande sertão: veredas* (1956) —, este trabalho busca examinar aspectos da formação e da posterior dissolução de grupos sociais reformadores no interior das culturas sertanejas no século XX, com base em uma leitura dialética e bibliográfica entre a historiografia contemporânea e a Estética literária mostradas por Eric Hobsbawm — em obras como *Bandidos* (2010) e *Rebeldes primitivos* (2025) — e pelo ficcionista Guimarães Rosa. José Rebêlo Adro Antunes, vulgo Zé Bebelo, surge no *Grande sertão* simultaneamente como chefe e apóstata do jaguncismo devido a uma avançada consciência política, a qual demonstra uma modificação no caráter esperado do bandido social vulgar e iletrado. Tal figura, a semelhança do movimento tenentista brasileiro, é o ideal de “soldado cidadão” que pregava reformas políticas e sociais. Ainda que seja um reformador e não um revolucionário, Zé Bebelo sonha com os ideais iluministas tomando conta de sua realidade local, enquanto demanda por um mundo novo e livre do mal praticado pelo jaguncismo. Desnorteando assim as práticas arcaicas sertanejas, essa personagem também configurar-se-á no ponto divisor do enredo memorialístico desse único romance rosiano ao exigir ser julgado dentro das normas legais. Observa-se então que Guimarães Rosa aproximou sua narrativa de diversos métodos de pesquisa histórica ao realizar uma análise da realidade e do *modus operandi* desenvolvidos por homens comuns, levando a história contemporânea ocidental a se infiltrar no particular e imensurável sertão ficcional brasileiro. Hobsbawm, por sua vez, fez-se devedor da Literatura ao emprestar dessa a matéria que serviu aos exames desenvolvidos acerca do banditismo rural. Nesse diálogo histórico-literário objetiva-se a ampliação da vereda interpretativa da obra rosiana tendo como partida o exame da temática do “banditismo social” hobsbawmiano. Por outro lado, busca-se também contribuir com este ramo da historiografia, trazendo à tona a figura do jagunço, amostra de proscrito social que escapou à classificação forjada por Hobsbawm, mas que ainda assim obedece às tipologias estabelecidas por esse intelectual, embora a escrita rosiana as tenha embaralhado intencionalmente em uma clara demonstração de que, assim como pensou esse historiador no final de sua *Era dos extremos* (1994), o indivíduo atravessou o século passado sem saber exatamente para onde ir. Ao se colocar esses dois observadores-participantes do nebuloso século XX em confronto, lança-se por uma compreensão mais total do sertão brasileiro o qual, algumas vezes, rompe com a topografia nacional, erigindo algo maior, a saber: uma metonímia de todos os territórios ocidentais onde imperam a violência e os desmandos do Estado, seja esse paralelo ou sob vestes democráticas.

Palavras-chave: “Banditismo social”. Eric Hobsbawm. *Grande sertão: veredas*. Guimarães Rosa. Sertão.

⁹⁹ Professor das Literaturas de Língua Portuguesa no Magistério Superior e coordenador do Projeto de Pesquisa intitulado Repercussões ocidentais entre a Literatura e a Historiografia no século XX: Guimarães Rosa e Eric Hobsbawm. É doutor e mestre em Letras (Área de Estudos Literários) pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Docente efetivo da Faculdade de Letras do Campus Universitário de Bragança (FALE/CBRAG/UFPA). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8440-0583>.

"A GENTE" NO FLOW PODCAST: UMA ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA

José Henrique Alves da Silva¹⁰⁰
Eliane Vitorino de Moura Oliveira¹⁰¹

RESUMO

As escolhas linguísticas que fazemos para nos expressarmos dizem muito de quem somos. Identificam-nos quanto à nossa origem, à posição sociocultural, ao nível de escolaridade e à capacidade de nos adequarmos aos ambientes e às situações interacionais nas quais nos inserimos; por isso, usar uma ou outra variante é uma marca de identidade e de pertencimento, mas, também, de registro contextual. Neste trabalho, analisamos os usos das variantes possíveis para a variável 1ª pessoa do plural, Nós e A gente, em entrevistas disponíveis no canal *Flow Podcasts*, no *Youtube*. O objetivo é testar a hipótese de que os usos difeririam de acordo com a formalidade e a seriedade das temáticas, ou seja, em programas mais sérios/formais, a variante Nós teria maior destaque; em podcasts cujos temas ou entrevistados tivessem um perfil mais descontraído, a variante A gente seria mais recorrente. Para a composição do *corpus*, selecionamos seis entrevistas: três de cunho mais sério/formal e três descontraídos/informais, com diferentes entrevistados e temas também diversos. De cada amostra, recortamos dez minutos, sendo selecionados momentos em que o diálogo do *podcast* já estava mais avançado, pois, desse modo, acreditamos estarem os entrevistados mais à vontade e menos tensos, de modo a podermos contar com seu vernáculo (Labov, 2008 [1972]). A base teórico-metodológica é na Sociolinguística Variacionista, tendo as pesquisas de Labov (2008 [1972]), Carvalho (1979) e Gumperz (1982) como principais referências. O gênero *podcast* foi a opção selecionada, pois dele participam pessoas de diferentes regiões, classes/grupos sociais, visões de mundo, entre outros, em ambientes cuja oralidade é protagonista. Como resultado, foi possível concluir como irrelevante a questão da formalidade ou informalidade e/ou seriedade/descontração, visto que, no *corpus*, falantes com perfil mais ortodoxo, como da área da psiquiatria, optaram por utilizar, em seus diálogos, termos não tão complexos e de um entendimento mais prático, externo aos ambientes acadêmicos ou clínicos, como o *podcast* em questão, privilegiando a variante A gente, mais informal, tanto quanto os músicos das bandas entrevistadas, grupo social geralmente associado à informalidade.

Palavras-chave: Variação linguística. Nós e A gente. Formal e informal. Podcasts.

¹⁰⁰ Graduando em Letras – Língua Portuguesa, Campus Arapiraca, pela Universidade Federal de Alagoas.

¹⁰¹ Eliane Vitorino de Moura Oliveira, docente no Curso de Letras/UFAL Arapiraca e no Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura (PPGLL) FALE/UFAL. Vice-líder do grupo de Pesquisa DALLT (Arapiraca/UFAL) e integrante do Grupo de Pesquisa GEDEALL (FALE/UFAL). E-mail: eliane.oliveira@arapiraca.ufal.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0698-3795>

LETRAMENTO LITERÁRIO-CINEMATOGRAFICO: DA TEORIA À AÇÃO PARA O ENSINO MÉDIO

Gilmar de Azevedo¹⁰²
Ivânia Campigotto Aquino¹⁰³
Tiago Miguel Stieven¹⁰⁴

RESUMO

Este artigo potencializa a reflexão e a discussão sobre o letramento literário-cinematográfico com alunos do Ensino Médio. Propõe estratégias de ações que viabilizem auxiliar o corpo docente na prática de formação leitora em sala de aula, sendo que tais práticas tem como objetivo principal aprimorar o senso crítico, tornando-os cidadãos conscientes do seu papel como seres atuantes, autônomos e que são donos de uma amplitude cultural e vocabular que possibilitem maior interação com o meio no qual estão inseridos. Justifica-se esta proposta pela necessidade de auxiliar professores de Letras (e de outras áreas) como agentes de formação literária, na utilização dos recursos midiáticos disponíveis na promoção de construção de sentidos e de vivências humanizadoras da literatura. Para responder à questão de pesquisa: "Como obras fílmicas, em nível de processo de representação, podem funcionar como estratégia educacional para alunos do Ensino Médio, como ferramenta socioeducacional importante à formação de sujeitos livres em pensamento e opiniões, tendo a literatura como fator preponderante ao desenvolvimento intelectual?", buscou-se o cinema, como texto em letramento, porque representa um instrumento fomentador de diálogos, debates, interação e um método educacional complementar para promover o Ensino Médio nas instituições de ensino. Como Metodologia, o percurso percorrido foi a argumentação de caráter qualitativo e bibliográfico e como Referencial Teórico os autores Soares (2002), Kleiman (1998), Cosson (2014) no letramento e no letramento literário como fenômeno de ensino da leitura e da escrita dentro de um contexto em que elas sejam significativas e façam parte do cotidiano dos cidadãos; o cinema na sala de aula com Thiel e Thiel (2010) e o ensino e a aprendizagem inovadores, com auxílio das tecnologias com Bazin (1991), Rojo (2012) e Stam (2003) para se chegar ao letramento literário-cinematográfico. Como Resultados e discussão, sugestões de obras a serem trabalhadas nas três séries do Ensino Médio para que professores e alunos possam se beneficiar das audiovisuais para proporcionar nas aulas o desenvolvimento de conhecimentos discursivos e linguísticos, além da leitura, da escrita e da formação de leitores.

Palavras-chave: Letramentos. Cinema. Letramento literário-cinematográfico. Ensino Médio.

¹⁰² Graduado em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1987), Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de S. Paulo (2001), doutorando no Programa de Pós-graduação da Universidade de Passo Fundo. Leciona no Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7908-0407>. E-mail: gilmar-azevedo@uergs.edu.br.

¹⁰³ Graduada em Letras pela Universidade de Passo Fundo (1990), Mestre em Teoria da Literatura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1999), doutora (2007) e Pós-doutora (2010) em Estudos de Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É professora titular III da Universidade de Passo Fundo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9221-3473>. E-mail: ivania@upf.br.

¹⁰⁴ Doutorando em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo – PPGL/UPF, na linha de pesquisa Produção e Recepção do Texto Literário, com Bolsa PROSUC/CAPES Modalidade II. Mestre em Letras – Estudos Literários pela UPF. Professor de Língua Portuguesa da Rede Municipal de Ensino de Passo Fundo/RS. Advogado inscrito na OAB/RS sob o nº 93.055. E-mail: tiagomstieven@gmail.com.

O ECO NÍNFICO NA MODERNIDADE: AS TRANSPOSIÇÕES DE *LOLITA* (1955) EM DIFERENTES MÍDIAS

Laura Lopes da Silva ¹⁰⁵

RESUMO

O impacto de uma boa história literária, por vezes, pode ser mensurado, tanto por seu valor crítico para a literatura e seus oriundos estudos quanto pela recepção do público. No caso de *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, o romance tem repercussão até hoje seja pelo texto, seja pelo conteúdo dele. Esse trabalho tem como objetivo traçar uma possível linha de averiguação de como o termo “ninfeta” e o enredo do livro tornaram-se símbolos deturpados em diferentes formas de mídia e, conseqüentemente, distanciaram-se das denúncias apresentadas no romance. Para tanto este trabalho será fundamentado em referências bibliográficas que aqui complementam-se, a intertextualidade, que permite que um texto seja referenciado em outro e a narrativa transmídia, teoria essa em que o autor Henry Jenkins (2008) pondera sobre como uma história pode ser traduzida para diferentes meios. Para isso, será essencial analisar alguns aspectos narrativos da obra, como o enredo e a personagem, Dolores Haze, após a apresentação dessas peças-chave será apresentada quais os meios midiáticos que de alguma forma usam de *Lolita* (1955), de Vladimir Nabokov, como referência ou base, por exemplo, a novela brasileira *Verdades Secretas* (2015), músicas internacionais e adaptações cinematográficas. Logo, estudar o clássico sempre será um caminho conhecido nos estudos acadêmicos, mas comparar o cânone a outra forma de arte pode mostrar como a interdisciplinaridade é valiosa para diferentes áreas das ciências humanas. Assim, mostrando para o público as diferentes formas em que um livro pode ser transmitido para outra forma de mídia e como um enredo pode ser alterado a depender de quem o tem em mãos, seja como uma adaptação cinematográfica, uma referência musical ou uma releitura do enredo. Com efeito, este trabalho pretende analisar a forma como a literatura, em especial, a cânone, estimula o aparecimento de reconstruções de seus personagens literários em personagens midiáticos, assim como acontece com as suas histórias. Dessa forma, expondo a importância que distintos caminhos de análise têm para atualizar a perspectiva de um objeto, refletindo com demais participantes de quais modos uma obra literária pode ser interpretada e quais os alcances dessas interpretações.

Palavras-chave: *Lolita* (1955). Intertextualidade. Narrativa Transmídia. Literatura.

¹⁰⁵ Bacharela em Letras – Português/Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Santa Maria (PPGL - UFSM).

CONDENADOS CORPOS NEGROS: REPRESENTAÇÕES MASCULINAS NA ESCRITA DIASPÓRICA E DECOLONIAL DE ANTÔNIO CARLOS PETEAN

Deivide Almeida Ávila¹⁰⁶

RESUMO

A representação do corpo negro masculino na literatura brasileira reforça diversos estereótipos reiterando imagens do senso comum e aparecendo, muitas vezes, apenas como personagens coadjuvantes e/ou com rótulos pré-concebidos. Assim, ocupam lugar secundário na produção literária brasileira. Autores, como Antônio Carlos Lopes Petean, vêm modificando essa tipificação. Poderemos ler no seu poema *Tua história* (2020) como o eu-lírico negro se situa na sociedade contemporânea e como este ainda sobrevive às agruras de um tempo marcado pela estereotipação da cor da pele, (re)vivendo a diáspora africana. Todos os versos indicam o processo sócio-histórico a que as pessoas negras foram e são submetidas até hoje. Tal processo impacta a vivência desses seres humanos que não tiveram e ainda não têm escolhas e sobrevivem condenadas aos guetos, à subalternidade, muitas vezes em condições precárias, proveniente do racismo. Para tal, veremos como o autor explicita a segregação racial com uma escrita decolonial. Após o fim da escravidão, o negro se viu sem-terra, sem educação e sem trabalho, além do serviço de escravo (que era de graça), se viu anulado, desapropriado e desprovido de qualquer dignidade humana. O poema “Tua história” denuncia o racismo da época colonial ainda vigente na contemporaneidade. Se nos tempos da escravidão acontecia a expatriação involuntária, decorrente da ação de agentes opressores, os colonizadores que viam nas pessoas pretas tão somente uma força de trabalho e, em razão disso, tiravam-lhes a humanidade, a identidade objetificando-os de formas variadas; no mundo contemporâneo, a expatriação continua, não que os negros sejam arrancados de seu solo natal, mas são “expatriados” em decorrência do preconceito, do racismo que oblitera sua cultura, seus valores e os coloca numa posição de inferioridade, matando física ou simbolicamente seus corpos. Para embasar e dar suporte à análise do poema, alguns teóricos da literatura negra, como Pinho (2004), Cuti (2010) e Kilomba (2019), entre outros, serão citados.

Palavras-chave: Diáspora. Decolonialidade. Corpo negro masculino.

¹⁰⁶ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens na linha I - Literatura, Cultura e Tecnologia pelo CEFET/MG. E-mail: almeidavila06@yahoo.com.br

INFÂNCIA E MEMÓRIA ATRÁVES DA POESIA DE MANOEL DE BARROS

Sara da Silva Sommer¹⁰⁷

Ângela Guida¹⁰⁸

RESUMO

Nesta proposta de trabalho, vinculada ao projeto PIBIC, exploramos a poética de Manoel de Barros para compreender como o tempo é desconstruído e reconstruído em suas obras por meio de uma poética da infância. Caminhando em direção contrária a linearidade convencional, Barros recria o tempo a partir da memória, revelando outros meios de enxergar e ressignificar a experiência humana como um todo. A infância, elemento essencial em sua escrita, transcende a dimensão biográfica e se torna um estado de espírito, símbolo de uma percepção sensível, intuitiva e inventiva da realidade. Essa perspectiva abre espaço para o lúdico, o imaginário e uma linguagem poética que desafia a lógica racional, permitindo uma relação singular entre o homem e a natureza. O objetivo principal da pesquisa é investigar como Manoel de Barros reinventa o tempo, dissolvendo a cronologia tradicional e criando uma travessia poética onde a memória se torna um espaço dinâmico de criação. Pretendemos analisar de que modo o poeta transforma vivências particulares e subjetivas em uma linguagem que entrelaça o real e o imaginário, ressignificando a noção de passagem temporal e conferindo novos sentidos ao ordinário e ao cotidiano. Suas grafias de vida de menino pantaneiro desafiam a rigidez do tempo cronológico e dão destaque ao efêmero, o esquecido e o aparentemente insignificante. A metodologia utilizada consiste na leitura cuidadosa das poesias de Manoel de Barros, aliada a reflexões teóricas e filosóficas sobre memória, infância e criação poética. Esse olhar crítico busca compreender como Barros rompe com as convenções literárias, resgatando outras formas de pensar o tempo e a memória. Como resultado, espera-se evidenciar que sua poesia desafia os modelos tradicionais do fazer literário, ampliando os horizontes da leitura e convidando o leitor a habitar o extraordinário no ordinário, ressignificando o cotidiano e o mundo através da poesia e da imaginação criativa.

Palavras-chave: Manoel de Barros. Tempo. Memória.

¹⁰⁷ Sara da Silva Sommer é acadêmica do quinto semestre no curso de Letras habilitação Português e Inglês da UFMS (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul) e é bolsista FUNDECT do programa de Iniciação Científica.

¹⁰⁸ Professora Associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul FAALC. Mestrado em Letras/ Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF], Doutora em Ciência da Literatura/Poética pela Universidade Federal do Rio de Janeiro [UFRJ]. Pós-Doutorado em Estudos Literários, pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG], com supervisão de Maria Esther Maciel na pesquisa "A Poética Animal na Literatura Brasileira Contemporânea." Atua como docente permanente no programa de Pós-Graduação/Mestrado em Estudos de Linguagens e como docente colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática [mestrado e doutorado] UFMS. Coordenadora do Grupo de Pesquisa LUMIAR. Interesse especial por pesquisas que privilegiem o diálogo entre os vários campos do conhecimento.

DA FANTASIA À PLATAFORMA: TENSIONAMENTOS LESBIANOS EM PORNHUB

Raabe Bastos¹

RESUMO

O artigo analisa a interseção entre lesbianidades, pornografia e plataforma. Os estudos referentes à sexualidade e gênero nas plataformas autodenominadas pornográficas têm demonstrado que elas podem redimensionar os exercícios dos sujeitos — suas práticas e identidades — na integração das tecnologias contemporâneas às dinâmicas afetivo-sexuais e de inteligibilidade. Williams (1989), referência nos estudos cinematográficos sobre pornografia, escreve como as narrativas cinemáticas do gênero pornográfico constituem um elemento poderoso entre os muitos discursos que relacionam a um saber/poder com o prazer sexual. Butler (2022) discute a respeito do poder da fantasia, chamando-a de exterior constitutivo nas construções e deslocamentos do real, movimentando categorias, conceitos, sujeitos e corpos, de maneira que o indivíduo se faz apoiando-se em tais performances, experiências e afetos. Preciado (2014) chama de farmacopornográfico a gestão de corpos que agem em gênero e sexualidade, elencando o pornô como uma das instâncias que penetram o cotidiano e as subjetividades, são discursos sobre o sexo e suas tecnologias como agentes sociais. Nessa esteira, o Pornhub se faz de valia para pensar gênero e sexualidade por se tratar de uma das plataformas mais acessadas do mundo, sendo uma produção coletiva e colaborativa, visto que todos os usuários podem submeter vídeos no espaço. A maneira como tais mídias influenciam na distribuição do visível impacta no gênero e na sexualidade, de maneira que um ambiente que centraliza sua produção e distribuição no corpo, como o Pornhub, pode escancarar tensionamentos no que tange às identidades e práticas que geram subjetivação, são negociações exercidas nos e por corpos, possibilitando experiências através da partilha de uma mesma matriz cultural. Localizar as plataformas em suas dimensões culturais como agentes na organização e produção de discursos é destacar as visibilidades por elas endossadas, fundamentadas e conformadas (Parreiras, 2024). Lésbica é uma das formas de representação mais buscadas no Pornhub, propiciando análises em termos das várias relações entre tecnologia e vida cotidiana. As lesbianidades somadas à pornografia e à plataforma podem propiciar e ocasionar apreensões que dizem respeito aos conceitos acionados, nos quais, por seus caracteres de processualidade, oferecem possibilidades de desestabilização. Apresentados os principais eixos, a pesquisa olha os títulos de vídeos que contêm a palavra “lésbica” no Pornhub. A investigação da qual este artigo faz parte analisa, utilizando como metodologia a categorização das nomeações — que são tags agentes nos algoritmos — a partir dos conceitos da teoria queer e das lesbianidades, 1000 títulos coletados na plataforma autodenominada pornográfica.

Palavras-chave: Sexualidade. Gênero. Lesbianidades. Plataforma. Pornografia.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES); <https://orcid.org/0009-0003-1911-0699>.

HORROR CORPORAL: ESTÉTICA, MÍDIA E A DESINTEGRAÇÃO DO CORPO NA CONTEMPORANEIDADE PELO FILME “A SUBSTÂNCIA”

Leonardo Magela Lopes Matoso²

Josenildo Soares Bezerra³

RESUMO

Nas sociedades contemporâneas, os corpos são constantemente moldados por discursos midiáticos, normas estéticas e exigências mercadológicas que delimitam o que é considerado belo, aceitável e desejável. O culto à juventude e a obsessão pela perfeição física operam como dispositivos de controle, influenciando subjetividades e instaurando um regime de vigilância e disciplina sobre a aparência. O cinema, enquanto manifestação artística e cultural, tem problematizado essas questões, expondo a violência simbólica e material imposta aos corpos na busca incessante por um ideal inatingível. Nesse contexto, este estudo de abordagem qualitativa, centrado na análise imanente inspirado em Ismail Xavier (2007), investiga como o filme *A Substância* (2024), dirigido por Coralie Fargeat, constrói uma crítica às normas estéticas e ao culto à juventude na contemporaneidade. O filme, inserido no subgênero *Body Horror*, tensiona os limites do corpo e da identidade, revelando os efeitos do controle biopolítico e mercadológico sobre o feminino. A narrativa evidencia a transformação da identidade física e psíquica em objeto de consumo, ao mesmo tempo que denuncia a patologização do envelhecimento, tratado como defeito a ser corrigido. A análise, fundamentada em Michel Foucault (2001/2021), David Le Breton (2013) e Paul Preciado (2018), desvela como *A Substância* constrói visualmente essas tensões, utilizando a gramática do horror corporal para expor a desconexão entre corpo e identidade. O filme não apenas explicita a violência imposta pela indústria da estética, mas também provoca uma reflexão sobre a fragilidade dos corpos submetidos a essa lógica. Em um mundo onde o corpo se torna refém de um ideal insustentável, *A Substância* desafia o espectador a olhar além da superfície e questionar os mecanismos de poder que transformam a carne em mercadoria. Longe de ser apenas um entretenimento, a obra se estabelece como um discurso crítico sobre os sacrifícios exigidos em nome da perfeição e as consequências de reduzir o corpo à sua aparência.

Palavras-chave: Estética. Mídia. Corpo. Dismorfia. Consumo.

² Psicanalista, Enfermeiro e Jornalista. Doutorando em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Mestre em Cognição, Tecnologias e Instituições pela Universidade Federal Rural do Semiárido (Ufersa). E-mail: leonardo.l.matoso@gmail.com

³ Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor da UFRN. Membro fundador da *Red Latinoamericana de investigadores en Publicidad/Colômbia* (RELAIP). Líder do Grupo de Pesquisa CORPOLÍTICA: Grupo de Estudos Interdisciplinares, Práticas Discursivas e Política dos Corpos.

O CINEMA EM SALA DE AULA D'ALMA NO OLHO'

Luciene Araújo de Almeida⁴

RESUMO

Este trabalho tem como propósito evidenciar a relevância do letramento cinematográfico na formação de futuros docentes. A proposta foi desenvolvida no Instituto Federal de Goiás – Campus Goiânia, junto a discentes das turmas de Licenciatura em Letras: Língua Portuguesa, no âmbito da disciplina *Prática como Componente Curricular*. Objetivou-se apresentar o cinema enquanto linguagem artística e instrumento pedagógico, distinguindo gêneros e estilos cinematográficos produzidos ao longo da história, com vistas à sua aplicação em contextos escolares. A partir da análise dos objetivos formativos, considerando o público-alvo, o currículo da licenciatura e as práticas pedagógicas adotadas, investigou-se o cinema como recurso didático capaz de fomentar a apreciação estética, a análise crítica e a produção experimental, contribuindo para a construção e compreensão de conceitos em uma perspectiva ampla e interdisciplinar. A proposta central da disciplina consiste em explorar o potencial pedagógico do cinema e suas múltiplas possibilidades de apropriação no ensino de Letras. O título da disciplina faz alusão ao curta-metragem *Alma no Olho*, de Zózimo Bulbul, obra que incita à reflexão sobre a escravidão e a busca pela liberdade por meio de um processo simbólico de transformação interior, construído a partir de uma narrativa imagética. Nesse sentido, propus que o título da disciplina já representasse, em si, um convite à experiência estética e crítica que se desenvolveria ao longo do curso. No semestre mais recente, a curadoria de filmes e textos utilizados nos debates foi orientada por um compromisso com as Leis nº 10.639/03 e nº 11.645/08, com o intuito de sensibilizar os licenciandos quanto à importância do cinema como ferramenta na implementação dessas legislações, bem como em sua contribuição para a promoção da equidade nas relações étnico-raciais. Ressalto, ainda, a imprescindibilidade de envolver a comunidade escolar na construção de um compromisso coletivo com a cidadania, o que implica uma prática educacional voltada à leitura crítica da realidade social e à reflexão sobre os direitos e deveres que regem a vida em sociedade. Sob tal perspectiva, acredito que a utilização do cinema como disparador de discussões sobre temas transversais revela-se um poderoso agente de transformação social. Conforme sustenta Duarte (2002, p. 99), “um filme é sempre um produto cultural, ou seja, é uma produção que combina elementos da(s) cultura(s) aos sistemas utilizados na construção de suas imagens”. Assim, compreendemos que a arte, quando mediada por diálogos constantes e intencionais, tem o potencial de provocar deslocamentos dos sujeitos em relação aos seus lugares sociais — muitas vezes marcados por processos de exclusão oriundos de uma estrutura social ainda excludente e desigual. Dessa forma, esta comunicação se propõe a compartilhar reflexões e observações oriundas do desenvolvimento da disciplina, evidenciando as contribuições do cinema para a formação crítica, ética e sensível dos futuros professores.

Palavras-chave: Cinema. Formação de professores. Educação antirracista.

⁴ Professora do IFG, atuando no ensino médio integrado e no curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa. Atual professora supervisora do PIBID. Doutoranda em Letras e Literatura na UFG. Principais áreas de estudo: Letramento literário e cinematográfico e formação docente buscando atender às leis 10.639/2003 e 11.645/2008, para contribuir com o fortalecimento da figura negra e para uma educação antirracista.

UMA ANÁLISE DA LINGUAGEM AUDIOVISUAL CLÁSSICA E DA ESTÉTICA DO VÍDEO DIGITAL NA WEBSÉRIE MANU & DUDA

Maria Eduarda Neves Ramos⁵

Carolina Guerra Libério⁶

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo entender a construção estética do produto audiovisual digital, a websérie *Manu & Duda*, utilizando conceitos e noções desenvolvidas e aplicadas no audiovisual clássico, que neste caso engloba tanto o cinema quanto a televisão, e no audiovisual digital, que vem crescendo a partir do surgimento e popularidade de plataformas de vídeo online. A websérie *Manu & Duda* acompanha a relação e o cotidiano de mãe e filha das personagens as quais dão o nome ao projeto. São cinco episódios de até oito minutos que foram produzidos inteiramente de forma caseira pelas protagonistas e criadoras da websérie. O projeto foi idealizado para a disciplina de Estética do Vídeo – componente curricular do curso de Rádio e TV da UFMA – ofertada no semestre letivo 2020.2, que aconteceu de forma remota devido a pandemia da COVID-19. Para analisar a estética da websérie serão utilizados autores como Jacques Aumont (2012), Francesco Casetti e Federico Di Chio (1991), Arlindo Machado (2000), conferindo o embasamento necessário para destacar os principais aspectos estéticos das linguagens cinematográfica e televisiva; Philippe Dubois (2004), que coloca em perspectiva a existência de uma estética própria do vídeo; Jay David Bolter e Richard Grusin (2000), trazendo o conceito de remediação como ponto de partida para pensar na relação entre as diferentes mídias; Jean Burgess e Joshua Green (2009), que discorrem acerca da ascensão do YouTube como uma plataforma de compartilhamento de vídeos; e, Daniela Zanetti (2013), cujo trabalho acerca das novas narrativas do audiovisual permitiu o aprofundamento no formato websérie. Com o intuito de analisar os novos formatos audiovisuais desenvolvidos para o meio virtual/digital, a pesquisa traz alguns exemplos, mas com um destaque maior para o gênero *vlog* – nomenclatura derivada da junção das palavras “blog” e “vídeo” – visto que a partir do estabelecimento do YouTube como uma nova ferramenta midiática e da possibilidade de produção e distribuição de conteúdo independente de conhecimento audiovisual ou qualidade técnica, esse formato foi e a segue como um dos principais da plataforma. O trabalho busca elencar aspectos estéticos e narrativos que compõem os *vlogs* – através de referências de vídeos de youtubers brasileiros e internacionais – e como a websérie *Manu & Duda* utiliza esses mesmos elementos para a construção da sua linguagem.

Palavras-chave: Estética. Audiovisual. Vídeo. Websérie.

⁵ Graduanda de Rádio e Televisão pela UFMA, realizou estágio de 2 anos na TV Mirante e tem experiência com Produção e Assistência de Direção para cinema. Desenvolveu projetos autorais como o curta-metragem “Noite das Bruxas”, contemplado pelo edital municipal da Lei Aldir Blanc em 2021, e a websérie “Manu & Duda”, disponível no Instagram e no Vimeo.

⁶ Fotógrafa, videoasta, pesquisadora, e professora na área de Produção Audiovisual do curso de Rádio e TV da Universidade Federal do Maranhão. Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Produção Fotográfica e Videográfica, Novas mídias e Cultura Visual.

QUANDO NEVA NO VERÃO: A IMPORTAÇÃO DO IMAGINÁRIO NATALINO ESTRANGEIRO E SEUS IMPACTOS NA CULTURA BRASILEIRA

Suzana Piazza dos Reis⁷

RESUMO

O Natal no Brasil é amplamente representado por símbolos visuais e narrativos originários do hemisfério norte, como neve, renas, trenós e vestimentas pesadas, apesar do clima tropical do país. Esse fenômeno levanta questões sobre a construção da identidade cultural brasileira e a assimilação de referências estrangeiras. Este estudo investiga o processo histórico e midiático de importação desses elementos e seus impactos na forma como os brasileiros percebem a festividade, inclusive na infância, quando memórias afetivas são formadas. Além disso, busca compreender como determinados símbolos natalinos foram consolidados no imaginário coletivo e se alguns deles poderiam ser ressignificados para se alinharem melhor ao contexto climático e cultural do país. A pesquisa será conduzida a partir de uma abordagem qualitativa e exploratória, estruturada em cinco eixos principais: revisão bibliográfica sobre identidade cultural, consumo e construção de imaginários simbólicos; análise documental e midiática de materiais publicitários, filmes, comerciais e decorações natalinas ao longo das décadas; investigação sobre a percepção do público em relação a esses símbolos e sua adequação ao Brasil; estudo comparativo de adaptações da simbologia natalina em outros países do hemisfério sul; e análise histórica das influências geopolíticas e econômicas na adoção de símbolos estrangeiros no Brasil. O estudo dialoga com autores que abordam identidade cultural, globalização e tendências de consumo, analisando como a disseminação de um imaginário importado pode influenciar a autopercepção nacional e as narrativas culturais associadas ao Natal. Ao refletir sobre a permanência de certos símbolos e sua ressignificação ao longo do tempo, pretende-se contribuir para o debate sobre representatividade e identidade nacional, questionando até que ponto a presença de uma simbologia descolada da realidade brasileira interfere na construção de uma memória coletiva mais autêntica. Ao trazer essa discussão, o estudo se insere em um contexto mais amplo de investigações sobre como diferentes culturas assimilam, ressignificam ou rejeitam símbolos oriundos de contextos estrangeiros. A partir da análise dos dados, busca-se ampliar o entendimento sobre a relação entre consumo, tradição e identidade no Brasil.

Palavras-chave: Natal. Identidade cultural. Consumo. Globalização. Representação simbólica.

⁷ Graduada em Design – Projeto Visual pela Universidade Positivo, com especialização em Comunicação e Tendências pela Universidade de Lisboa. Atuante profissional na área de Tecnologia, exercendo funções de Pesquisa de Tendências e Futuros.

QUANDO AS MULHERES SÃO FONTES? UMA ANÁLISE COM PERSPECTIVA DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE NO JORNALISMO INDEPENDENTE DA AGÊNCIA MURAL

Maria Tereza Ferreira Cunha⁸

RESUMO

Este resumo apresenta a proposta do trabalho de conclusão de curso com o tema: “Quando as mulheres são fontes? Uma análise com perspectiva gênero e interseccionalidade no jornalismo independente da Agência Mural”. No trabalho será realizada uma análise sobre um recorte de 30 dias, sendo o mês selecionado julho de 2024, por se tratar de um mês sem comemorações de cunho feminista. O objeto deste trabalho, a Agência Pública, propõe mudanças significativas na abordagem das pautas que podem ser enriquecedoras para as novas gerações. Mas será que ela, de fato, segue à risca seus ideais de defesa das minorias e reverberação dessas vozes? Pensando nisso, analisaremos as fontes utilizadas nas produções. A análise será guiada pela seguinte pergunta: Quando as mulheres são fonte? Utilizaremos como base para discussão as seguintes referências: o artigo publicado na Revista Charque, em 2018, que será embasamento para entender a mulher na cauda longa do jornalismo. Nele, Paula Rocha e a Andressa Dancosky (2018) conseguem trazer uma linha do tempo brasileira sobre a inserção das mulheres no jornalismo. A presença (ou ausência) delas como fonte nas produções da Agência Pública será analisada com base nas discussões das autoras. Quanto à categorização das fontes utilizadas nas matérias (fontes institucionais, especializadas, oficiais etc), será utilizada a proposição de Nilson Lage (2001) aliada à proposta de considerar fontes a partir de uma perspectiva antirracista proposta pelo Manual de Redação do coletivo Alma Preta (2023). Considerando que a Agência Mural fala para um público periférico, as discussões sobre jornalismo local e regional, norteadas por Perruzo (2005), também serão apresentadas na discussão e na análise. Por fim, o conceito de interseccionalidade, de Colling; Bilge (2023), também conduzirá a reflexão para entender a categorização e a influência das fontes e do conhecimento do público. Quanto à metodologia utilizada, a análise de conteúdo, de Bardin (2022), norteará a análise de conteúdo. A Agência Mural, nosso objeto de estudo, foi ao ar pela primeira vez em 2010, num blog com cerca de 20 correspondentes de periferias e grande São Paulo. Em 2015, ganhou um site e, em 2018, ficou oficialmente formalizado como um jornal independente. No trabalho, que está em desenvolvimento, pretende-se observar como a agência articula a utilização das fontes femininas nas suas produções.

Palavras-chave: Mulheres. Fontes. Jornalismo com perspectiva de gênero. Interseccionalidade. Jornalismo local e regional.

⁸ Aluna do 7º semestre do curso de jornalismo da Universidade do Estado do Mato Grosso (Unemat). Trabalho orientado pela prof. Dra. Lilian Juliana Martins, professora da Unemat e pós-doutoranda na Unicamp.

CONVERGÊNCIA E TRANSMÍDIA: AS RELAÇÕES DE INTERMIDIALIDADE EM ASSASSIN'S CREED

Laécio Fernandes de Oliveira⁹

Linduarte Pereira Rodrigues¹⁰

RESUMO

O avanço tecnológico atende a um *continuum*, embora as gerações que estão imersas no universo da cibercultura e da cultura pós-humana (Santaella, 2023), no estágio atual dos humanos híbridos e dos robôs do século XXI, negligenciem as tecnologias anteriores pelo seu arcaísmo, a exemplo da descoberta do fogo pelo *Homo erectus* e das primeiras formas gráficas, isto é, a escrita cuneiforme. Neste contexto, este estudo se interessa pela questão de como as tecnologias têm impactado nos modos de comunicação e nas formas de entretenimento de massa, a exemplo do cinema. Assim, objetiva, imerso na cultura da convergência, refletir sobre as relações transmídia e de intermidialidade, explorando o processo de surgimento da franquia de jogos eletrônicos *Assassin's Creed*, cuja referência do primeiro jogo é o romance *Alamut* do escritor esloveno – Vladimir Bartol –, e a adaptação desta franquia de jogos para o filme homônimo *Assassin's Creed*, lançado em 2016, no Brasil. Outrossim, interessa explorar, com base na teoria da adaptação, e na categoria de referência intermediária, algumas das relações simbólicas no âmbito dessa história, cuja base é a mitologia de uma primeira civilização que se atualiza, converge, por meio de diversas mídias na atualidade. O estudo segue os moldes teórico-metodológico da pesquisa de natureza qualitativa, sustentada nos princípios teóricos dos estudos da Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011) e da inter/transmidialidade de Jenkins (2013), Clüver (2011), Rajewsky (2012) e Fecine; Figueirôa (2011). Sob este contexto, o estudo constata que os diversos meios e plataformas de comunicação, a exemplo do cinema e da internet, servem a atualização dos textos, das mitologias e de suas narrativas; além dos recursos audiovisuais (som e imagem) de que dispõem atualmente, em prol da promoção e integração do público de determinada produção cultural. Desse modo, *Assassin's Creed*, cuja base mitológica é disseminada por meio de diversas plataformas de comunicação, possibilita que seus telespectadores participem de forma ativa da produção cultural e, por meio da inteligência coletiva e versatilidade dos meios de consumo nas sociedades contemporâneas, os fãs ganham em capacidade de mobilização virtual, produção e compartilhamento de conteúdo.

Palavras-chave: *Assassin's Creed*. Transmidialidade. Referência Intermediária. Mitologia. Semiótica Antropológica.

⁹ Doutorando em Literatura pelo do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Mestre em Educação pelo Programa Profissional em Formação de Professores (PPGFP-UEPB), linha de pesquisa Linguagem, Cultura e formação docente; Professor da Rede Estadual de Educação do Estado da Paraíba; Membro do grupo de pesquisa Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB); Bolsista CAPES.

¹⁰ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING-UFPB); Professor do curso de Licenciatura em Letras (Português) da Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), e dos Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP-UEPB) e Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Líder do grupo de pesquisas Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB).

DIMENSÕES DE AUTORIA NO CINEMA DE AGNÈS VARDA

Victor da Silva Zanini¹¹

RESUMO

O presente trabalho investiga as dimensões da autoria no cinema de Agnès Varda, analisando como sua filmografia se relaciona com os debates históricos e teóricos sobre autoria no cinema. Considerando que a noção de autor sempre foi motivo de discussões e contestações nas demais artes, no cinema estas vem amplificadas por seu contexto de entrada na cultura e por sua natureza colaborativa, estabelecendo paradigmas que estão integrados ao vocabulário cinematográfico até hoje, tanto no cenário acadêmico quanto coloquial. No caso de Agnès Varda, essas discussões adquirem particular relevância, pois sua obra e prática artística, além de tensionarem concepções tradicionais e contemporâneas do conceito de autoria, também traçam paralelos históricos e contextuais com as transformações do pensamento acerca da autoria no cinema. Primeiramente, comparando o conceito de *caméra-stylo*, de Alexandre Astruc, ao de *cinécriture*, formulado por Varda, propõe-se o cinema enquanto uma linguagem própria e de liberdade artística similar à da escrita. Depois, a *politique des auteurs*, liderada por François Truffaut, sedimenta uma ideia de autoria que prioriza noções de estilo, independência criativa e o papel da direção, em diálogo com proposições do projeto artístico de Varda que iniciava sua carreira em meio a eclosão da *Nouvelle Vague*. A posterior *auteur theory* e subseqüentes noções de autorismo viriam a consolidar a figura do diretor nas discussões de cinema, caracterizando os modos como costumeiramente apropria-se da figura de Agnès Varda na atualidade. Encontrando ecos nos filmes e intenções artísticas de Varda, que frequentemente incitam espectadores a participarem ativamente do processo interpretativo, as contribuições de Roland Barthes e Michel Foucault ampliam a concepção da autoria ao proporem deslocamentos na centralidade do autor. Enquanto Foucault apresenta a função-autor como uma construção discursiva e social multifacetada, Barthes, com *a morte do autor* sugere a transformação da obra em um campo aberto de significações, cujo agente último é o receptor e não mais criador da obra. Ao se destacar o caráter processual da criação de Varda, incorporando a abordagem de *redes de criação*, conforme proposta por Cecilia Salles, se evidencia como Varda opera uma autoria que também reconhece e estimula a participação de outros agentes, aproximando o diálogo à natureza colaborativa do cinema. Em suma, a filmografia de Agnès Varda não apenas incorpora aspectos centrais das discussões teóricas sobre autoria no cinema, mas também aponta complexidades ou adiciona dimensionalidades à estas ideias. Traçar esses paralelos talvez ajude a ilustrar certos aspectos do debate e a ultrapassar a cisão entre autoria individual, criação coletiva e obra pública.

Palavras-chave: Autoria no Cinema. Agnès Varda. Teorias do Cinema. Processos de Criação.

¹¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

DO ESTÚDIO À FOR YOU: A PRESENÇA DO RÁDIO NO TIKTOK EM CARUARU-PE

Stephanie Ayliane Almeida de Sá¹²

RESUMO

Com vídeos rápidos, coreografias virais e uma nova linguagem para a construção de publicações, o TikTok tem se tornado um proliferador de tendências para diversas áreas, assumindo um protagonismo na produção, distribuição e consumo de conteúdos (Lindemann; Schuster; Belochio, 2022). É nesse ponto que emerge a possibilidade de expansão de novas estratégias de atuação jornalística, que "aproveitem" os recursos naturais da plataforma – o formato dinâmico de conteúdo, o algoritmo de fácil disseminação de publicações e o alto engajamento dos usuários – para expandir o alcance de público. Por isso, esta pesquisa se propôs a analisar de que forma essa produção de conteúdo tem sido realizada dentro do aplicativo, no contexto da cidade de Caruaru, localizada no Agreste de Pernambuco, a partir do recorte de emissoras de rádio. Para a análise, foram selecionados os perfis das rádios Liberdade (2.416 seguidores) e Metropolitana (512 seguidores), as únicas do município com presença efetiva na plataforma. A análise considerou o período de junho de 2024, durante a cobertura do São João de Caruaru, o evento mais expressivo da cidade, que mobiliza diversos setores e desperta uma cobertura jornalística mais ativa. Ao todo, foram analisadas 153 postagens, verificando a linguagem do conteúdo produzido e analisando o comportamento do público consumidor em relação ao que foi publicado. Entre as métricas analisadas, estão pontos como duração dos vídeos, uso de recursos nativos – como *hashtags*, áudios virais e *trends* – e o número de visualizações, curtidas e comentários. Além disso, as postagens foram classificadas nas categorias de *Show*, Corte de Podcast, Entrevista, Conteúdo Exclusivo, Humor e Publicidade, definidas a partir da observação do material publicado. A partir da divisão, foi possível perceber de forma mais efetiva quais tipos de conteúdo têm maior aderência do público da plataforma e como as emissoras têm se posicionado dentro do aplicativo, traçando alguns parâmetros a partir da relação jornalista-usuário dentro do contexto de Caruaru, que também carregam diretrizes de caráter universal, que podem ser percebidas em diferentes contextos regionais.

Palavras-chave: TikTok. Jornalismo. Rádio. Cibercultura.

¹² Jornalista, mestranda do programa de Programa de Pós-graduação em Comunicação e Inovação Social do Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE/CAA).

DE INVISÍVEL PARA APAGADO: A COBERTURA DO JORNAL NACIONAL SOBRE O APAGÃO DE 2020 NO AMAPÁ

Flávia Coimbra¹³
Elissandra Barros¹⁴

RESUMO

Em 2020, o estado do Amapá vivenciou o maior apagão já registrado no Brasil, quando treze dos dezesseis municípios do estado ficaram sem energia. Diante da gravidade dessa tragédia no setor elétrico e também social, este trabalho tem o objetivo de analisar a cobertura do Jornal Nacional, da Rede Globo, sobre o tema. Com foco no material audiovisual, recorre-se à metodologia da análise da materialidade audiovisual de Coutinho (2016; 2019) que propõe um método específico para análise do telejornalismo através de texto, som, imagem, tempo e edição, e da proposta histórico-semiótica de Mauad (1996), que busca compreender, através de imagens a relação paradigmática das representações, uma vez que as decisões jornalísticas, feitas em um conjunto de escolhas possíveis, veiculam informações e mensagens. Para tanto, foi selecionado um corpus empírico formado por vinte e oito edições do Jornal Nacional, correspondentes ao mês de novembro de 2020, disponíveis na plataforma de streaming Globoplay. Este estudo contribui para a reflexão acerca do espaço concedido ao Amapá na mídia nacional, investigando como os recursos discursivos moldam as narrativas sobre o estado, localizado no extremo norte do país. Ao final da pesquisa, constatou-se que o JN destinou, em um mês, apenas 58 minutos à temática do apagão no Amapá, acionando tanto fontes oficiais quanto a comunidade local. O noticioso se valeu de uma cobertura factual e pouco aprofundada sobre a complexidade do problema, que afetou mais de 600 mil amapaenses. Destarte, é necessário refletir sobre a elaboração de uma comunicação mais eficiente e realista, pois, ao tratar a região e sua população de forma inferiorizada, invisível ou insignificante, perde-se a oportunidade de contribuir efetivamente para mitigar situações trágicas. Incluem-se neste contexto a importância de se promover uma cobertura jornalística plural, ampliar o debate público acerca das vulnerabilidades locais e fortalecer estratégias de prevenção para minimizar danos em situações futuras.

Palavras-chave: Telejornalismo. Apagão. Amapá.

¹³ Bacharel em Jornalismo. Discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) da Universidade Federal do Amapá. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1151-5097>

¹⁴ Doutora em Linguística. Docente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) da Universidade Federal do Amapá. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4454-0952>

A ARTE DE CONTAR E SEDUZIR OS LEITORES-FÃS NA PLATAFORMA WATTPAD

Karolaine Soares Dos Santos¹⁵

Abinalio Ubiratan da Cruz Subrinho¹⁶

RESUMO

O Presente trabalho é obstinado a investigar/problematizar a produção e recepção dos textos de ficção na plataforma *Wattpad*. Essa mídia se diferencia das demais redes e está em constante ascensão em razão de favorecer aos sujeitos ambiência e recursos específicos para (co)criação de textos literários/de ficção, a exemplo, de novelas, fanfics entre outros, bem como da experiência da leitura enquanto prática coletiva e interativa, e não apenas isso possibilita também tanto à autores autônomos, iniciantes, quanto aos veteranos e já conhecido do grande público vitrine e audiência para as suas obras, e de modo “gratuito”, movimento que culmina na popularização de obras e autores, emergência de novos best-sellers e adaptações cinematográficas. Mediante a esse contexto, a pesquisa adota a netnografia (Kozinets, 2014) por método, cartografando e analisando comunidades, perfis e a interação entre usuários, e usuários e textos, observando quais os gêneros literários/de ficção mais populares neste ambiente, assim como as características, estilos de escrita e estratégias adotadas para seduzir os leitores-fãs. Por arcabouço teórico, recorreremos, entre outros aos estudos de Brust (2012) para se pensarmos os conceitos de autor/ editor/editora; a Jenkins (2009) e (2014) a fim de refletirmos a convergência entre mídias, e a cultura reelaborada a partir da participação, também a ideia do leitor-usuário, leitor-fã, comunidades de leitura; Santaella (2014) para subsidiar a relação de distanciamento e aproximação entre artes e mídias e, por fim, Thompson a fim de discutir o livro, a leitura e a literatura nessa linha tênue entre o velho e o novo mercado do livro. Dessa maneira, compreendemos que este trabalho é de relevante importância para contribuir no entendimento desse novo caldo de cultura que cada vez mais vem ganhando adeptos/notoriedade entre os jovens autores, leitores da cultura de massa. Mesmo numa pesquisa ainda em desenvolvimento, já podemos destacar por resultado ao quantitativo de obras que saem da *Wattpad* e ganham destino certo nas prateleiras das livrarias e grandes redes varejistas, também nas telas dos cinemas, destacamos também que é cada vez mais recorrente a escrita colaborativa, entre os usuários da plataforma.

Palavras-chave: Wattpad. Leitores-fãs. Plataforma. Autor.

¹⁵ Graduanda em Letras/Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (*Campus XVI, Irecê*); Integrante do Grupo de Estudo: Ler e Criar com Mídias Digitais (LERCOM), karol2001escritora@gmail.com

¹⁶ Doutorando, no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL), e Mestre em Educação e Diversidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professor efetivo da Universidade do Estado da Bahia (*Campus XVI, Irecê*). Coordenador do Grupo de Estudo: Ler e Criar com Mídias Digitais (LERCOM). E-mail: aucsubrinho@uneb.br.

LUZ E SOMBRA COMO ELEMENTOS DE FANTASMAGORIA EM *KAIRO* (2001), DE KİYOSHI KUROSAWA

Ícaro Ricarte¹⁷
Dandara França de Oliveira¹⁸
Marcelo Monteiro Costa¹⁹

RESUMO

O trabalho analisa o uso de luz e sombra como elementos fundamentais para a construção da atmosfera fantasmagórica presente no filme *Kairo* (2001), de Kiyoshi Kurosawa, por meio da metodologia de análise fílmica. O estudo investiga como esses elementos visuais contribuem para a imersão do espectador na narrativa e reforçam a reflexão sobre o isolamento e a solidão em um mundo atravessado pela tecnologia digital. A fundamentação teórica se baseia no conceito de "limiares luminosos", compreendendo a luz como um elemento fronteiro entre o real e o fantástico. Dessa forma, a pesquisa considera a luz como um componente estilístico essencial da imagem cinematográfica, refletindo sobre a variação luminosa dentro do plano sob uma perspectiva formal e dramática. Para tanto, são analisadas sequências específicas do filme em que a iluminação exerce papel estruturante na percepção do sobrenatural, estabelecendo um diálogo entre os personagens e espaços permeados por presenças espectrais. A luz, ora difusa, ora ausente, evidencia a fragilidade da existência dos personagens diante da progressiva desconexão social, a crescente detenção na esfera digital, e também reforça a materialização do medo no universo diegético. A sombra, por sua vez, atua como um limiar entre dimensões, sugerindo a existência de presenças invisíveis que habitam o espaço fílmico, forçando o imaginário e direcionando a busca pelo não visível e palpável. Em conjunto, o posicionamento estático da câmera com enquadramentos bem definidos, conduz o olhar e retém tanto o espectador como o personagem em um único ambiente, trazendo a sensação de aprisionamento no medo, uma vez que, não há outro espaço para esquivar-se, apenas a escuridão ou os seres espectrais (*yurei*). Assim, o trabalho investiga como a oposição entre luz e escuridão amplia a ambiguidade visual e narrativa do filme, potencializando sua dimensão metafórica e filosófica. O estudo também dialoga com abordagens do cinema de horror japonês, contextualizando o filme dentro da tradição de histórias de fantasmas (*kaidan*) e dos horrores psicológicos que caracterizam a filmografia de Kiyoshi Kurosawa. Ao examinar os efeitos plásticos e narrativos da luz e da sombra em *Kairo*, a pesquisa busca contribuir para os estudos sobre estética cinematográfica, explorando como a fotografia cria experiências sensoriais e simbólicas que extrapolam o gênero do horror, revelando inquietações contemporâneas sobre a solidão e o vazio existencial na era digital.

Palavras-chave: Horror. Fantasmas. Luz. Sombra. J-Horror.

¹⁷ Estudante do bacharelado em Rádio, TV e Internet da UFPE.

¹⁸ Estudante do bacharelado em Estudos de Mídia da UFPE.

¹⁹ Orientador do trabalho, professor e pesquisador do Departamento de Comunicação Social da UFPE.

REPRESENTAÇÕES DA MULHER PÓS-MODERNA NA SÉRIE *FLEABAG*

Ana Flávia Godoy de Oliveira²⁰

Éverly Pegoraro²¹

RESUMO

Fleabag é uma série britânica de 2016 criada e estrelada por Phoebe Waller-Bridge. A obra possui duas temporadas de seis episódios e é baseada num monólogo teatral de autoria da própria Phoebe. A série gira em torno de uma mulher com cerca de 30 anos, dona de um café. Além de problemas familiares com a irmã, o cunhado, o pai e a mãe/madrasta, a protagonista também lida com seus problemas internos e com questões que circundam a vida pós-moderna. *Fleabag*, como é chamada no roteiro e pelos fãs, vive também o luto pela perda da mãe e da melhor amiga, e lida com questões amorosas e sexuais com alguns parceiros ao longo da série. O objetivo desta pesquisa, de natureza qualitativa, é refletir sobre as representações da mulher pós-moderna na série *Fleabag*. Para isso, estudamos sobre identidade pós-moderna e representação feminina, bem como sobre cultura de séries e o conceito de ironia, pois há necessidade de entendê-los para a formação do olhar teórico construído para analisar esta obra. Para o estudo, foi utilizada a análise de narrativa seriada proposta por Azubel (2018), a partir dos pressupostos de análise fílmica de Casetti e Di Chio (1990). O *corpus* da pesquisa é composto por três sequências de cenas que estão presentes no primeiro episódio da primeira temporada. Concluímos por meio da análise, que *Fleabag* representa por meio do humor ácido e da ironia, uma mulher marcada por conflitos existenciais. A série brinca com as identidades e os lugares da mulher ao mesmo tempo que a protagonista oscila entre a liberdade feminina e a sexual e os dilemas e as dificuldades de relacionamentos mais sólidos. *Fleabag* vai além da representação feminina. Tanto por meio da ironia e da comicidade como de forma mais direta, o que vemos representadas em tela são as complexas relações e o vazio existencial da pós-modernidade. *Fleabag* é uma mulher livre financeiramente e sexualmente e dona do próprio negócio. Mas, para além desses aspectos comumente relacionados ao universo feminino independente, a protagonista é uma pessoa que lida com muitos conflitos internos. Com a perda da mãe e da melhor amiga, ela tem dificuldade de se abrir e se aproximar emocionalmente da irmã, bem como tem dificuldade de criar um laço mais forte com o pai. Para compensar esse vazio, *Fleabag* tem diversas relações superficiais e líquidas, principalmente com parceiros sexuais.

Palavras-chave: Cultura de séries. Identidade feminina. Ironia.

²⁰ Graduanda em Jornalismo na Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro). Voluntária de Iniciação Científica

²¹ Professora Doutora no Departamento de Comunicação Social (Decs) da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro).

DO CONTRAPASSO AO CONTEMPORÂNEO: NARRATIVAS TRANSMIDIÁTICAS DE FRANCESCA DA RIMINI

Nicolly Lima Siqueira ²²

RESUMO

Este trabalho analisa as ressignificações da narrativa de Francesca da Rimini, originalmente apresentada no *Inferno* de *A Divina Comédia* de Dante Alighieri (2021), nas interpretações contemporâneas do mangá de Go Nagai (2023) e na música *Francesca* de Hozier (2023). Utilizando os fundamentos teóricos da intermedialidade e transmedialidade da Rajewsky (2020), Marie-Laure Ryan (2013) e Jenkins (2009), bem como estudos sobre mito e narrativa de Mircea Eliade (2019), a pesquisa explora como diferentes mídias reinterpretam e ampliam o significado da história de Francesca. A análise investiga a estética visual do mangá, a poética musical e a interação entre texto, imagem e som para conectar o público contemporâneo às narrativas clássicas. A pesquisa revela como essas ressignificações preservam a essência trágica da história de Francesca, enquanto promovem diálogos culturais que reforçam sua relevância como símbolo de amor, tragédia e resistência emocional.

Palavras-chave: Francesca da Rimini. *A Divina Comédia*. Intermedialidade. Transmedialidade.

²² Mestranda em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. E-mail: nicollylsiqueira31@gmail.com

NARRATIVAS SILENCIADAS: CONFLITOS DE TERRA E INVISIBILIDADE NO AMAPÁ

Ingra Tadaiesky²³

Flávia Coimbra²⁴

RESUMO

Esta pesquisa tem o objetivo de analisar as narrativas dos conflitos de terra no estado do Amapá, mais especificamente no município de Ferreira Gomes, desdobrando-se, principalmente, a partir dos sujeitos impactados e invisibilizados por esse processo. A chegada de grandes empreendimentos hidrelétricos, de celulose, de matérias primas e de bens semielaborados no estado atinge diretamente a rotina das comunidades agrícolas e ribeirinhas, oferecendo uma ameaça nova: o risco de perder a posse das terras que sempre foram suas. Para Porto-Gonçalves (2017), Loureiro (2012) e Margarit (2013) a Amazônia é uma região de grandes dimensões, rica em diversidade ambiental e social, e essa magnitude é levada em consideração na implementação de grandes projetos de infraestrutura e desenvolvimento. Em posse do Rio Amazonas, a maior bacia hidrográfica do mundo, a região norte se tornou protagonista na geração de energia. No papel, essas terras são de posse das empresas, mas na prática, famílias ocupam o território desde antes da sua chegada. Essas mesmas famílias são vistas como “problemas a se resolver” por parte dos empreendimentos que avançam cada vez mais no território amazônico. Segundo dados da Comissão Pastoral da Terra divulgados em 2024, apenas no ano de 2023 foram registrados 2.203 conflitos por terra no Brasil e 1.588 ocorrências que englobam situações de despejos, expulsões, destruição de casas, roças e pertences, pistolagem, grilagem e invasões. Do total, 35% dos conflitos aconteceram na região Norte, sendo a região com maior parte das ocorrências. Por mais que sejam numerosos os casos, grande parcela da população amapaense não sabe o que acontece dentro do seu próprio estado. Isso se deve a uma invisibilização desses grupos por parte da mídia tradicional, que só divulga fatos relacionados aos conflitos de terra quando a mídia popular (aqui refere-se, grupos de WhatsApp e páginas de fofoca em redes sociais) divulga vídeos indevidos que mostram casos fatídicos, como por exemplo, a execução de um camponês. Para Castro (2006), a mídia constrói sentidos comuns de experiência e, assim, possibilita a emergência de novos sentidos e significados da vida social e política, ou seja, a mídia tem o poder de trazer à tona debates importantes e transformar a opinião pública, assim, podendo ser um agente de transformação social. Nesse sentido, a pesquisa é voltada para a pergunta: “quem são essas pessoas?”, a partir da análise crítica da narrativa proposta por Motta (2013). O intuito principal é o de analisar, a partir das narrativas dos impactados, o contexto de violação de direitos e conflito de terras no território amapaense.

Palavras-chave: Invisibilidade. Vulnerabilidade. Moradia. Conflito. Amapá.

²³ Bacharela em Jornalismo. Discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) da Universidade Federal do Amapá. ORCID:

²⁴ Bacharela em Jornalismo. Discente do Mestrado Profissional em Estudos de Cultura e Política (PPCULT) da Universidade Federal do Amapá. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-1151-5097>

O ANACRONISMO, A VIOLÊNCIA E O MISTICISMO DE GLAUBER ROCHA EM ANTÔNIO DAS MORTES – O DRAGÃO DA MALDADE CONTRA O SANTO GUERREIRO

Güinewer Inaê Bueno De Queiroz²⁵

RESUMO

O filme *Antônio das Mortes – O Dragão da Maldade Contra o Santo Guerreiro* (1969) é uma obra comumente vinculada ao movimento cinematográfico conhecido como Cinema Novo, tendo sido roteirizada e dirigida pelo cineasta baiano Glauber Rocha. O filme traz consigo características do gênero *western* americano, sendo uma sequência do longa-metragem *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964) apresenta o antagonista do filme anterior como seu protagonista, na posição de um matador de cangaceiros aposentado que é chamado de volta ao sertão para lidar com o que parece ser o último cangaceiro vivo. A partir da análise focada na montagem de Eduardo Escorel, o objetivo da pesquisa é compreender a presença de elementos de anacronismo na elaboração das características únicas do personagem principal, levando em conta a representação fílmica da sociedade na qual ele se encontra. O resultado desta análise destaca como Rocha e Escorel trabalham com a temporalidade do longa-metragem por meio de sequências não cronológicas, além de utilizar a teatralidade para acentuar a condição anacrônica à qual pertencem Antônio das Mortes e Coirana. Tal condição destaca ambos os personagens narrativa e visualmente como figuras que não pertencem mais ao tempo presente, integrando, ao invés disso, um passado que permanece na atualidade. O regionalismo nordestino também tem esse papel, surgindo no filme por meio da encenação histórica e da rememoração dos cangaceiros e do messianismo, nesta obra representado pelo misticismo associado à figura da Santa. Na segunda parte do filme, após a morte de Coirana e o desenvolvimento de Antônio, que passa a se arrepender de suas ações, o gênero *western* toma conta da narrativa e a trama ganha maior linearidade. A partir daí, o personagem principal se desprende de suas antigas noções e passa a lutar ao lado do povo contra Mata-Vacas e o Coronel, que representam o coronelismo e seu poder opressor. A violência e a luta do bem versus o mal, elementos vitais para o *western* americano, servem para desenvolver a dualidade da história em sua discussão sobre o passado e o futuro. Conclui-se, com isso, que a crítica da época que o filme representa é costurada na narrativa juntamente a ideais de resistência diante de situações de opressão, ambos os elementos inseridos no desenvolvimento do protagonista da obra. Dessa forma, pode-se encarar Antônio das Mortes como fruto de um processo de aprendizado que brota de um passado no qual o próprio personagem agiu como instrumento opressor.

Palavras-chave: Glauber Rocha. Anacronismo. Violência. Misticidade. Narrativa.

²⁵Mestranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás (UFG) e bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. E-mail: guinewerinae@discente.ufg.br.

A REPRESENTAÇÃO DO JORNALISTA COMO VILÃO EM *O ABUTRE*

Savio de Alencar Pessoa²⁶

RESUMO

Este trabalho investiga a representação do jornalista como vilão no filme *O Abutre* (*Nightcrawler*), dirigido por Dan Gilroy e lançado em 2014, por meio da análise das características e condutas do personagem jornalista Louis Bloom, protagonista da película. Além disso, investigou-se, na obra, a presença de estereótipos recorrentes associados ao jornalista no cinema, uma vez que isso pode contribuir para que a figura jornalística se enquadre em determinado arquétipo. *O Abutre* acompanha os passos de Louis Bloom, jornalista *freelancer* e autodidata, que está sempre atrás de um material exclusivo e chocante sobre crimes que ocorrem em Los Angeles, mesmo que precise usar métodos antiéticos, imorais e violentos. Para Valle (2019), Louis é a personificação do jornalista sensacionalista, que se utiliza do interesse público por temas criminais para ganhar fama e dinheiro. Conforme Barros, Licker e Comassetto (2019), para conseguir uma boa história para vender à imprensa, Louis Bloom ultrapassa os limites morais e a ética jornalística. À vista disso, foi empregada a metodologia de análise fílmica textual proposta por Penafria (2009), que permite analisar o filme como um texto e favorece a investigação detalhada dos significados e elementos cinematográficos que constituem a película e determinado personagem. Nessa perspectiva, o referencial teórico se baseia em Berger (2002) e Andrade (2019), que abordam a relação entre cinema e jornalismo, estereótipos e representações; Vogler (2006), que discute o conceito de arquétipo e vilão no cinema; além de Valle (2019) e Barros, Licker e Comassetto (2019), que estudam a representação do jornalista em *O Abutre*. Sob esse viés, compreende-se que Louis Bloom é representado como vilão, com base em suas marcas e ações negativas ao longo da trama, como egoísmo, desprezo pela ética profissional e comportamento manipulador, violento e frio. Ademais, identifica-se a presença de estereótipos frequentemente associados ao jornalista em filmes, que foram utilizados na película para compor e desenvolver o protagonista. Infere-se, também, que, a partir do uso de marcas verossímeis, Louis Bloom representa o lado sombrio do jornalismo fora da ficção e um retrato do jornalista vilão no cinema.

Palavras-chave: Cinema. Jornalista. Representação. Vilão. *O Abutre*.

²⁶ Graduado em Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

RACISMO E MISOGINIA NA COMUNIDADE COSPLAY: ANÁLISE INTERSECIONAL DE COMENTÁRIOS NO CANAL MAGIC PHYRA

Amanda Maria de Sobral Gomes²⁷

RESUMO

O trabalho utiliza da intersecção de raça e gênero para analisar os comentários no vídeo “MEU EXPOSED (e o preconceito na comunidade *cosplay*)” da influenciadora digital negra conhecida como Magic Phyra. O objetivo é observar como violências interseccionais ocorrem em espaços digitais e físicos dedicados à comunidade *cosplay*, quais são os impactos sofridos, além do enfrentamento e da permanência ou não de pessoas que gostam da prática. Como referencial teórico, é acionado os conceitos de culturas, representação, estereótipo, imagens de controle, interseccionalidade e cultura de fãs – sendo considerada a problematização de raça e gênero nesses estudos. Como metodologia, foi analisado o conteúdo do vídeo de Magic, além da coleta de comentários públicos. Dos 499 comentários públicos, foram selecionados para a análise os que continham relatos pessoais sobre a prática de *cosplay*, sendo um total de 90. A seguir, foram criadas seis categorias de análise, focando em percepções de preconceito na comunidade *cosplay*, racismo, misoginia e sexismo, clareamento de pele, desencorajamento em participar e autoaceitação de *cosplayers* ou de pessoas que desejam iniciar ou voltar para a prática. Como resultados, as violências interseccionais são os principais fatores que afastam ou desencorajam a participação e engajamento na comunidade. Muitas pessoas negras afirmaram clarear a pele com maquiagem e edição de fotos, perder peso e fazer cirurgias para se encaixar nas expectativas do padrão de personagens femininas, geralmente hipersexualizadas. A baixa representatividade negra e a representação estereotipada no audiovisual limita as escolhas das pessoas negras, as fazendo se sentirem inseguras ao interpretar personagens brancos ou amarelos. Entretanto, com a influência digital, está sendo comum encontrar pessoas negras *cosplayers* em redes sociais, servindo de inspiração para outras pessoas, como é o caso de Magic Phyra, que enfatiza sobre a autoaceitação, adaptação do *cosplay* a seus corpos e de que a prática deve ser divertida e prazerosa para todas as pessoas.

Palavras-chave: *Cosplay*. Cultura de Fãs. Interseccionalidades. Misoginia. Racismo.

²⁷ Doutoranda e Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM-UFMG), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). É graduada em Jornalismo pela mesma instituição. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9525-7106>

DISPOSITIVO PEDAGÓGICO DA PUBLICIDADE: IMAGEM E (IN)VISIBILIDADE DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA

Mirella Pessoa²⁸

Fabiane de Souza²⁹

Cláudia Linhares Sanz³⁰

Cristina Teixeira Vieira de Melo³¹

RESUMO

A publicidade, em seus diversos formatos e hibridizações, é efeito-instrumento das dinâmicas contemporâneas, evidencia sintomas da atualidade e pode também funcionar como dispositivo pedagógico de reflexão e transformação. Com foco nessa polivalência, parte deste projeto³² mapeou a presença das pessoas com deficiência nas campanhas do Prêmio Colunistas (2019-2023)³³. As peças coletadas formaram um acervo de imagens, servindo como subsídio para práticas midiáticas em contextos escolares. Já a análise desse material permitiu identificar constelações de (in)visibilidades desse grupo, destacando três blocos principais de enquadramentos: (1) Consumo e atualizações do modelo da caridade; (2) Pedagogias da tragédia; e (3) Deslocamento de estereótipos. O primeiro bloco articula o modelo da caridade às dinâmicas atuais de consumo e identidade. Aqui, as marcas promovem causas sociais, gerando identificação com consumidores que valorizam esse apoio. A pessoa com deficiência é retratada como beneficiária de ações que promovem autonomia, acessibilidade e respeito. Já o segundo apresenta a deficiência como tragédia, muitas vezes associada a acidentes, servindo como recurso pedagógico para promover condutas específicas. Por fim, o terceiro bloco desloca visões tradicionais e desafia estereótipos, inserindo pessoas com deficiência em contextos de autonomia e integração. Ao analisar essas peças, situando-as nas dinâmicas de poder contemporâneas, foi possível perceber como a visibilidade da pessoa com deficiência se constitui expressando reivindicações por direitos, mas também atualizando invisibilidades adequadas às lógicas atuais de consumo e espetáculo, típicas da racionalidade neoliberal.

Palavras-chave: Publicidade. Dispositivo pedagógico. Práticas midiáticas. (In)visibilidades da pessoa com deficiência.

²⁸Doutora (UFPE) e Mestre em Comunicação (UnB), graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UnB). Atualmente faz pós-doutorado no PPGCom da UFPE. Vice-líder do GRITS – Grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade e pesquisadora do (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq).

²⁹ Professora substituta na Faculdade de Educação na UnB. Doutora e Mestre em Comunicação (UnB) e Bacharel em Cinema (UFSC). Atualmente faz pós-doutorado na Faculdade de Comunicação da UnB. Pesquisadora no GRITS – Grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade e no (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq).

³⁰Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência, em Berlim (2008); pós-doutorado no Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (ZfL), em Berlim (2017/2018). Atualmente faz pós-doutorado na Universidade de Barcelona. Líder do grupo de pesquisa (IN)VIS (CNPq).

³¹ Professora do Departamento de Comunicação Social e do PPG em Comunicação da UFPE. Doutora em Linguística pelo IEL/Unicamp. Desenvolve trabalhos na área de Análise do Discurso, Cinema e Educação, em particular, documentários.

³² O projeto "Práticas Midiáticas em Educação: Comunicação, Ensino e (In)visibilidades das Pessoas com Deficiência" é um desdobramento do trabalho desenvolvido no âmbito do (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq). Financiado pela FACEPE, o projeto propõe uma investigação sobre a interseção entre comunicação, educação e a imagem das pessoas com deficiência.

³³ O mapeamento teve como objetivo inicial identificar o percentual de presença de pessoas com deficiência nas campanhas consideradas entre as melhores por profissionais da área. O primeiro resultado revelou o quantitativo dessa presença: dentre 349 campanhas disponíveis para análise, apenas 32 incluíam ou mencionavam pessoas com deficiência. A partir disso, questionamos se essa presença poderia oferecer material de análise que fosse além de uma mera presença figurativa. Assim, selecionamos as campanhas em que a presença de pessoas com deficiência permitia uma análise mais profunda e o mapeamento de sentidos vigentes, chegando a um total de 17 campanhas. Disponível em: <https://colunistas.com.br/>.

A ÊNFASE DE ASPECTOS CULTURAIS NA ESTÉTICA DO FILME “O DIA QUE TE CONHECI”

Gilmar Hermes³⁴

RESUMO

Este artigo analisa o filme brasileiro *O Dia Que Te Conheci* (2023), dirigido por André Novais Oliveira, observando como as questões culturais tornaram-se significativas na produção cinematográfica brasileira contemporânea e do ponto de vista estético. Leva-se em conta o fato de que as questões relativas à identidade cultural e à cultura ganharam muita importância na passagem dos séculos XX ao XXI tanto no amplo espectro das Ciências Sociais, como no âmbito específico da estética. O estudo tem como principais ferramentas teóricas a obra de Donis A. Dondis (1997), que leva a observar como são produzidos sentidos das imagens através de elementos representativos, simbólicos e abstratos, e os conceitos semióticos de Charles Sanders Peirce (1993), que situam a iconicidade como o tipo de ação dos signos mais relevante do ponto de vista estético que pode ser observado neste filme. Os signos do tipo ícones têm a capacidade de promover o pensamento abdutivo, levando à produção de novas ideias e hipóteses (Herman Parret, 1997). Também é referenciado com destaque Gilles Deleuze (2018), com as noções de imagem-movimento e imagem-tempo. A questão da identidade cultural, definida por Hall, associada às questões estéticas, permite situar o filme como uma problematização de quem são os personagens no contexto da narrativa do gênero romântico, mas sem que haja uma demarcação, pressupondo uma continuidade inerente ao contexto sociopolítico maior do qual a história do filme faz parte. Ao longo da narrativa, a representação dos personagens do filme codifica um modo de ser possível no contexto cultural mineiro e na sociedade brasileira. Há ícones relativos à vida privada e ao espaço social, tratando de um envolvimento amoroso que transita entre os dois âmbitos. Não se trata de representar quem são exatamente os cidadãos brasileiros em uma encenação literal da sua realidade, mas, em contínuo movimento por espaços domésticos e públicos, pressupondo tanto o que podem ser aqueles indivíduos representados, como também o que eles poderiam vir a ser em outras circunstâncias sociopolíticas.

Palavras-chave: O Dia Que Te Conheci. Cinema brasileiro. Estética. Semiótica. Cultura.

³⁴ Professor do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduado em Jornalismo, Mestre em História e Crítica da Arte e Doutor em Comunicação. Suas pesquisas voltam-se para jornalismo, estudos semióticos, estética e cinema brasileiro. Contatos pelo e-mail <ghermes@yahoo.com>

PIECE OF ME: UM OLHAR SOBRE O ASSÉDIO MIDIÁTICO

Malcon Ricardo Barbosa Lima³⁵

Raifran Gomes da Silva Júnior³⁶

Sammara Jericó Alves Feitosa³⁷

RESUMO

O trabalho explora os limites éticos da cobertura jornalística no contexto do assédio midiático do jornalismo de entretenimento, destacando o impacto dessa prática na saúde mental das vítimas. Com base na pergunta central — qual o limite entre o interesse público e a invasão de privacidade? —, o estudo visa propor uma reflexão sobre a relação entre mídia e celebridades, diferenciando as esferas pública e privada, e avaliando os danos provocados pela invasão midiática. Os objetivos específicos incluem contextualizar a relação de poder entre a mídia e as celebridades, distinguir as esferas pública e privada, identificar os limites éticos da imprensa e analisar os danos decorrentes do assédio midiático. A pesquisa, de abordagem qualitativa, utilizou revisão bibliográfica e entrevistas semiestruturadas com jornalistas locais de Teresina (PI) e celebridades piauienses. Autores como Traquina (2005), Rojek (2008), Marshall (2006) e Barthes (1976) fundamentam a análise, oferecendo uma visão crítica sobre as práticas jornalísticas e suas implicações. Entre os autores destacados, Marshall (2006) enfatiza que o assédio midiático ultrapassa o limite da privacidade, causando danos psicológicos como ansiedade e depressão. Também argumenta que o culto às celebridades é uma construção cultural mediada pela mídia e pela sociedade, ressaltando a responsabilidade ética do jornalismo em respeitar essas dinâmicas. Como resultado, observou-se que o assédio midiático é perpetuado tanto por quem produz, os jornalistas, que estão em busca de audiência, quanto pelo consumidor, o público, que consome conteúdos sensacionalistas. Esse cenário exige práticas jornalísticas mais éticas, fundamentadas no respeito à privacidade e nos princípios da deontologia. A pesquisa conclui que, embora a mídia desempenhe um papel fundamental na formação da opinião pública e democracia, é imperativo que seus profissionais respeitem os limites da privacidade e atuem de maneira ética e responsável, contribuindo para uma sociedade mais justa e informada e, também, evitando danos irreparáveis às figuras públicas e à sociedade.

Palavras-chave: Assédio. Mídia. Jornalismo. Entretenimento. Celebridades.

³⁵ Bacharel em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em 2024

³⁶ B acharel em Jornalismo pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), em 2024

³⁷ Docente com dedicação exclusiva na Universidade Estadual do Piauí (UESPI) no curso de Jornalismo, Campus Torquato Neto; membro do grupo de pesquisa em comunicação alternativa, comunitária, popular e tecnologias sociais da UESPI; organizadora do programa de extensão “Conexões Audiovisuais da Uespi”; Doutoranda no Programa de Comunicação da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE).

O USO DAS MÍDIAS DIGITAIS COMO FORMA DE DISSEMINAÇÃO DA CULTURA DA FLAUTA TRANSVERSAL: ESTUDO DE CASO DO PROJETO DE EXTENSÃO “QUARTETO DE FLAUTAS DA BAHIA”

Shéron Joyce Díaz Morales ³⁸

João Riso Souza Liberato de Mattos ³⁹

Sheyla Pink Díaz Morales ⁴⁰

Leandro Cândido Oliveira ⁴¹

Rafael Dias ⁴²

Lucas Robatto ⁴³

RESUMO

O Quarteto de Flautas da Bahia é um projeto resultante da parceria entre a Universidade Federal de Sergipe e a Universidade Federal da Bahia. Surgiu entre 2018 e 2019, mas foi oficializado, como projeto de extensão, em 2020 devido à suspensão das aulas por conta da pandemia de COVID-19. O principal foco é disseminar a cultura da flauta transversal pelo Brasil. É um dos primeiros conjuntos profissionais estáveis desse tipo no país. Para que um grupo musical ou projeto musical ganhe repercussão, existem diversas estratégias, dentre as quais está o uso das plataformas digitais como ferramentas de divulgação. Além de serem gratuitas, possuem um grande alcance, se bem utilizadas. Para criação das peças publicitárias foram utilizados os aplicativos para celular *Canva* e *Inshot*. Este projeto musical foi divulgado em redes sociais e plataformas musicais. 1) Veiculação dos vídeos de concertos do Quarteto nas redes sociais do projeto; 2) Compartilhamento da publicação ao longo da quinzena via rede social dos integrantes e em grupos do Facebook; 3) Acompanhamento da interação do público com os vídeos. O gerenciamento das redes sociais ocorreu por meio da plataforma *Meta Business Suite*, cujo objetivo era gerenciar as atividades e os dados das páginas das redes sociais do Quarteto, acompanhar os insights e o alcance das publicações. Em relação às métricas do Facebook, principal rede social do projeto, tem-se os seguintes dados: 1) N° de seguidores: 398 (2020) – 1.207 (mar/25); 2) Gênero: 55% homens; 3) Faixa etária: quase 70% entre 35 a 64 anos; 4) País com mais seguidores: Brasil (83%), seguido da França, Estados Unidos e Argentina; 5) Cidades com mais seguidores: Salvador (BA) (27,7%), seguido de Aracaju (SE) (17,1%), São Paulo (SP) e Rio de Janeiro (RJ); 6) Horário mais ativo: Quinta-feira, seguida da segunda-feira e quarta-feira (mar/25); 7) Visualizações dos vídeos: 58 a 5,6 mil *views* (abr/20 - mar/25); 8)

³⁸ Discente do curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura (UFS). Especialista em Ecologia de Ecossistemas Costeiros (UFS). Mestra em Agroecossistemas (UFS) e Oceanografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

³⁹ Músico. Professor Adjunto do Departamento de Graduação em Música da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Realizou Doutorado Sanduíche, sob orientação do Dr. Anders Ljungar-Chapelon, na Lund University/Malmö Academy of Music (Suécia). Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Música (UFBA). Bacharel em Flauta Transversal (UFBA). Desenvolve trabalho artístico como flautista, além de composição e direção de trilhas sonoras para o cinema de animação.

⁴⁰ Jornalista. Mestranda em Cinema pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente (UFS). Especialista em Marketing (UFS). Bacharel em Comunicação Social - Habilitação Jornalismo pela Universidade Tiradentes (UNIT).

⁴¹ Músico. Mestrando da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Bacharel em Flauta Transversal pela Universidade do Estado de São Paulo (UNESP).

⁴² Músico. Doutorando da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre e Bacharel em Flauta Transversal (UFBA).

⁴³ Músico. Professor Adjunto I da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia. Professor de orquestra - chefe de naipe da Orquestra Sinfônica do Estado da Bahia. Doctor of Musical Arts - Woodwind Performance - University of Washington (2001). Mestre em Künstlerische Abschlussprüfung - Staatliche Hochschule Für Musik Karlsruhe (1992). Graduado em Orchester Musiker Abschlussprüfung - Staatliche Hochschule Für Musik Karlsruhe (1990).

Publicações: 145 postagens (abr/20 - mar/25); 9) Matérias publicadas: 5; 10) Transmissão de live: 1 (Concerto Virtual “Similitudes Sergipe – Bahia” e debate em homenagem aos 200 anos de emancipação de Sergipe via canal do Youtube) 11) Sobre os grupos do Facebook: a) 64 grupos (temática: flauta transversal, escolas de arte, conservatórios, universidades); b) Países alcançados: Brasil, Estados Unidos, Índia, França, Itália, México, Argentina, Colômbia, Japão, Israel, Chile, Bélgica, China, Islândia; c) Total de participantes: 389.176. Um universo de mais de 300 mil pessoas a serem alcançadas, difundindo assim, a cultura da flauta transversal no país e mundialmente. A divulgação nos grupos do Facebook resultou em diversos convites para participação em eventos e festivais, como o Festival Internacional de Flautistas no Peru e foi inspiração para diversos conjuntos de flautas do Brasil e do exterior, alguns deles inclusive passando a tocar peças do repertório do Quarteto de Flautas da Bahia, como foi o caso das alunas de um conservatório na Austrália.

Palavras-chave: Flauta transversal. projeto de extensão. Quarteto de Flautas da Bahia. Mídias sociais.

MISTURADOS: UMA EXPERIÊNCIA AUDIOVISUAL E INTERTEXTUAL

Bruno Ribeiro Marques¹

RESUMO

O presente trabalho foi produzido dentro do âmbito de escolas de educação básica na região metropolitana de Fortaleza, no estado do Ceará, com os depoimentos de alunos e professores indígenas, contando experiências, visões e dialogando sobre identidade, memórias, afirmação e lutas. Com argumento extraído do texto *Índios Misturados* do historiador João Pacheco (1998) e o relatório do Presidente da Província do Ceará, discutido no artigo da historiadora Ticiane de Oliveira Antunes (2012), nos possibilitou, a montagem de um audiovisual de 25 minutos, que oferece também uma reflexão do papel da educomunicação, como metodologia ativa e do audiovisual como linguagem da História Pública. As instituições educacionais, sejam de nível básico ou superior, reforçadas pela lei 11645/08, parecem que ainda não foram capazes de reverter a desigualdade sociocultural e segregação racial existente tanto na escola quanto fora dela, pois boa parte do que orbita, relacionado aos direitos e militâncias indígenas, segundo Brighenti (2016), é contraditório haja vista que se ao mesmo tempo o estado cria leis sobre saberes indígenas, bem como a própria educação indígena, “não se responsabiliza pela efetivação da garantia dos direitos territoriais e da livre participação dos povos”. Pensar que a escola, desde da constituição de 1988, intenciona-se em buscar a inclusão social, torna-se urgente a necessidade de dinamização dos mais variados recursos materiais e humanos, que devem contribuir para efetuar, com qualidade, a função social da educação e de cada instituição. Se o espírito é de inclusão, a prática por vezes destoa desse sentimento e se agrava quando mudamos o prisma para os saberes indígenas que deveriam fazer parte do processo da educação nacional. Mas a escola, ou a educação, são, também, ponto de resistência, de militância e novos olhares e formas de narrativas para essas temáticas. É na emergência de retornarmos esta discussão que unimos os argumentos, câmeras e as memórias dos nossos personagens, para desenhar um documentário que ofereça subsídios para incentivar outros atores a usarem o audiovisual e suas formas de propagação no “Ciberespaço” (Levy, 2009), para potencializar identidades, alteridades, memórias entre outros conceitos, possíveis de serem comunicados, através do uso das mídias tanto para sua ação dentro dos ambientes formais e informais da educação, sendo também ponto de produção de História Pública. Novas linguagens de comunicação e seus suportes, principalmente pela divulgação na internet, dinamizaram também a abordagem de temas históricos e a sua circulação, sendo o impacto destas produções históricas ponto fulcral para a área da Didática da História.

Palavras-chave: Audiovisual; História Pública; Educação Indígena; Práticas Pedagógicas;

¹ Professor efetivo da rede pública do Estado do Ceará, desde 2010. Graduado em História, Mestre em Ensino de História pela UFRN. Pesquisador e realizador audiovisual, com ênfase na relação com a Educação Básica.

OS GÊNEROS DIGITAIS PRESENTES EM LIVROS DIDÁTICOS E A IMPORTÂNCIA DO SEU ENSINO EM SALA DE AULA

Natalícia da Silva Ramos ²
Neide Araujo Castilho Teno ³

RESUMO

A ascensão das novas mídias e as inovações propiciadas pelo uso da internet suscitam questionamentos: Qual a importância de se trabalhar gêneros digitais em sala de aula? A própria BNCC (Base Nacional Comum Curricular) incorporou em seu currículo os gêneros digitais a fim de promover o aprendizado, assim, ao utilizarmos os livros didáticos em sala de aula, notamos a presença de tais como blog, recortes de sites, GIF, fanfiction, vlog, wiki dentre outros que são apresentados como um modo de ampliar o conhecimento dos estudantes sobre a linguagem e comunicação no meio digital e trabalhar com sua vivência do dia a dia nesses ambientes tecnológicos. Ao trabalharmos com tais gêneros, que pode ser o de caráter mais formal como e-mail, currículo e dicionário online até os informais como por exemplo, expressões em redes sociais, instiga-nos ao questionamento: Quão importante é trabalhar tais gêneros em ambiente escolar com nossos alunos? Sabemos que os livros didáticos nos apresentam propostas de trabalho com o gênero digital, mas, e as escolas? principalmente as públicas, estão preparadas para poder oferecer ao estudante um suporte para esse aprendizado? Ou seja, tem condições de oferecer aparelhos tecnológicos (tablets, computadores, notebooks, celulares, internet) para esses fins? O principal objetivo deste trabalho que ainda está em andamento é fazer uma pesquisa bibliográfica, descritiva e qualitativa, recorrendo a artigos, teses e dissertações de autores como Marcuschi, Araújo e Dias, Freitas e Rodrigues, entre outros. Visa apontar a teoria sobre o assunto, tais como o que são gêneros digitais, multiletramento e alguns gêneros que são apresentados pelos livros para o fim didático, e, qual o cenário das escolas e o respaldo técnico-prático dessas aulas, bem como o papel do professor e sua capacitação em relação ao ambiente digital e por fim, chegar à conclusão se, de fato o ensino de gêneros digitais em ambiente escolar é importante para preparar os alunos para interagir com a linguagem do mundo real.

Palavras chaves: Gêneros Digitais, Ambiente escolar, livro didático.

² Mestranda do PPGLETRAS/UEMS. Bolsista do PIBAP/UEMS. Colaboradora no de Pesquisa Projeto (Multi) Letramentos e Os Gêneros Textuais e/Ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais, coordenado pela Professora Dra. Neide Araujo Castilho Teno. Orcid. <https://orcid.org/0009-0008-3254-8093> E-mail: silvamosnatalicia@gmail.com.

³ Doutora em Educação /Mestre em Letras. Pesquisadora Sênior do Programa de Mestrado Profissional em Letras-PROFLETRAS (Dourados) e do PPGLETRAS - UEMS/Campo Grande. Coordena o Projeto de Pesquisa: Narrativas de Vida e da Formação Profissional: registros e memórias dos saberes e experiências do agente de letramento, e o Projeto (Multi) Letramentos e Os Gêneros Textuais e/Ou Discursivos: Contribuições para o Ensino e Aprendizagem de Línguas em Tempos Digitais. Orcid. <https://orcid.org/0000-0001-5062-9155> E-mail: cteno@uol.com.br

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NAS INFÂNCIAS: PERCURSOS SENSÍVEIS COMO CONTRIBUTO PARA A CONSTITUIÇÃO HUMANA

Daiane de Melo Gava ⁴

Rita de Cássia Fraga da Costa ⁵

Silvia Sell Duarte Pillotto ⁶

RESUMO

A pesquisa *Educação Estética nas infâncias: percursos sensíveis como contributo para a constituição humana* em desenvolvimento, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE) da Universidade da Região de Joinville (Univille). A investigação atravessa as infâncias, mobilizando memórias e experiências, tendo como objetivo tematizar a Educação Estética nas infâncias mobilizada pelas memórias e experiências pedagógicas, a fim de contribuir na constituição humana. A pesquisa tem em suas bases conceituais e metodológicas os seguintes fundantes: Duarte Jr. (2010; 2002); Meira e Pillotto (2022); Rancière (2023; 2015), no que diz respeito a Educação Estética: Kohan (2004, 2003, 2002), Ostetto (2004) e Madalena Freire (2023) para subsidiar as questões sobre infâncias; Han (2022), Larrosa (2014) e Morin (2021; 2001), com relação as sensibilidades na constituição humana. O método narrativo (auto)biográfico, adotado nesta pesquisa, traz em suas bases a compreensão da relação entre a Educação Estética experienciada nas infâncias e suas implicações na constituição humana. Os instrumentos metodológicos incluem observações/interações, gravações multimídia, fotografias e narrativas coletadas em Mostra Educativa: *Memórias Vivas* e na Entrevista Narrativa Coletiva com oito crianças, que estão no Ensino Fundamental I. Os resultados preliminares da pesquisa evidenciam uma redução substancial da Educação Estética na escola onde essas crianças estão estudando e uma lacuna temporal, o que reflete em seus processos afetivos e na constituição humana, que para a pesquisa acontece no entrelaçamento de experiências, memórias e interações. A experiência pedagógica quando ancorada na sensibilidade, torna-se um potente espaço de construção sensível, o que para Morin (2021) precisa estar pautado na complexidade das relações, integrando razão e sensibilidade. Nesse sentido, a escola pode ser compreendida como um território de constituição subjetiva, singular e coletiva, um espaço onde os sujeitos podem se reinventar por meio do diálogo e da partilha. A ampliação desse percurso investigativo reafirma a importância da Educação Estética e das sensibilidades como experiência pedagógica significativa.

Palavras-chave: Educação Estética; Infâncias; Experiência Pedagógica; Constituição Humana; Sensibilidade.

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista PICPG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9065-5822>

⁵ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS/Univille). Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7276-7863>

⁶ Pós-Doutora em Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal. Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Supervisora do estágio de pós-doutoramento, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

O CINEMA BRASILEIRO COMO DISPOSITIVO FUNDAMENTAL DE FORMAÇÃO DOCENTE: ENSINO E (IN)VISIBILIDADES DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Fabiane de Souza ⁷
Cláudia Linhares Sanz ⁸
Mirella Pessoa ⁹

RESUMO

Se o cinema propaga e sedimenta discursos dominantes, concomitantemente tem o potencial de fazer ver vidas invisibilizadas, corpos, desejos, histórias e pontos de vista não hegemônicos. Este relato de experiência de uso da imagem na formação de iniciação docente de alunos de Pedagogia, Artes Visuais e Letras parte da mobilização da sobreposição entre cinema (especialmente o brasileiro), educação e (in)visibilidade das pessoas com deficiência. O relato é um desdobramento do projeto de pesquisa “Pensando a educação com o cinema (e vice-versa): ensino e (in)visibilidades das pessoas com deficiência”, que se propôs a embasar a formação e a prática docente, assim como experimentar e debater estratégias de ensino com o cinema, no âmbito das invisibilidades das pessoas com deficiência. Há a necessidade de um enfrentamento do trabalho meramente temático dos filmes, articulando-o às peças de uma maquinaria mais ampla, da qual eles fazem parte. Nesse sentido, buscou produzir um embasamento para que futuros professores pudessem criar e propagar seus próprios instrumentos de trabalho com cinema em salas de aula, fazendo do cinema (sua leitura, sua produção) um terreno para construção e reivindicação de existências diversas. Nesse percurso, perguntamos: de que forma as imagens das pessoas com deficiência estão sendo moldadas pela interação com o cinema? Os personagens são caracterizados de maneira isolada, refletindo a tendência da sociedade em mantê-los à margem da vida pública? De que maneira reproduzem, constroem ou atualizam formas de ver a deficiência? Ao mesmo tempo em que a luta por se tornar visível socialmente é reivindicação das pessoas com deficiência contra a exclusão e estigmatização, essa “visibilidade” carrega sentidos que precisam ser considerados, em um contexto de superexposição cotidiana, de aderência a lógicas de espetáculo, concorrência e sucesso, típicas do neoliberalismo atual. Tal enfoque conceitual nos permite compreender a importância do conceito de visibilidade nas demandas das pessoas com deficiência, os sentidos que recebe dentro de uma sociedade em que a visibilidade é ferramenta política, econômica e subjetiva. Pensaremos, assim, de que maneiras a leitura e a criação de imagens (instrumentos centrais na formação das subjetividades contemporâneas) podem desempenhar um papel disruptivo nas invisibilidades sociais, ao serem trabalhadas em contextos de educação.

Palavras-chave: Cinema. Educação. Formação docente. (In)visibilidades da pessoa com deficiência.

⁷ Professora substituta na Faculdade de Educação na Universidade de Brasília (UnB). Doutora e Mestre em Comunicação (UnB) e Bacharel em Cinema (UFSC). Atualmente faz pós-doutorado na Faculdade de Comunicação da UnB. Pesquisadora no GRITS – Grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade e no (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq). E-mail: fabianeedesouza@gmail.com. <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-5703-1711>.

⁸ Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência, em Berlim (2008); pós-doutorado no Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (ZfL), em Berlim (2017/2018). Atualmente faz pós-doutorado na Universidade de Barcelona. Líder do grupo de pesquisa (IN)VIS (CNPq). E-mail: claudialinharessanz@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0256-817X>.

⁹ Doutora (UFPE) e Mestre em Comunicação (UnB), graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UnB). Atualmente faz pós-doutorado no PPGCom da UFPE. Vice-líder do GRITS – Grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade e pesquisadora do (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq). E-mail: mihpessoa@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7194-4186>.

IMAGINAÇÃO E SENSIBILIDADE: AS POSSIBILIDADES DE UM CINECLUBE PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

Raphaella Mendes Silva de Castro Lira¹⁰

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo dissertar sobre a necessidade da presença do cinema em sala de aula na Educação Básica. A partir da experiência desenvolvida ao longo do ano de 2024 no projeto de extensão Cineclube PipoCAp, do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, cuja proposta era estabelecer o funcionamento de um cineclube e a exibição regular de filmes. É consenso que a realidade da sala de aula hoje impõe uma série de limitações ao docente. Sejam os prazos colocados pela própria estrutura escolar ou os desafios impostos pela ementa, dificilmente a maioria deles consegue passar produções cinematográficas para suas turmas. Assim, o projeto nasceu pretendendo sanar essa problemática, ao mesmo tempo em que ofereceu, e segue oferecendo, um espaço de socialização e sensibilização fora da sala de aula. Almejava-se, com a fundação de um cineclube, sensibilizar as crianças e os adolescentes para a fruição artística e consequente análise específica dos elementos do audiovisual, além de capacitar professores e estagiários para a condução de debates sobre audiovisual e pensar estratégias específicas de mediação para as produções cinematográficas. Há, além disso, um ponto que torna ainda mais necessária a existência de um cineclube no Instituto é o fato de existir uma lei (lei 13.006/14), que pauta diretamente a exibição de filmes nacionais no âmbito escolar. Do ponto de vista da abordagem metodológica, pretendeu-se estabelecer um ambiente de discussão horizontal, para fomentar a troca de saberes entre estudantes e demais frequentadores. Com isso, pretendia-se criar um espaço fecundo de discussões, que servisse para auxiliar a formação de pensamento crítico e oferecer possibilidades no campo da formação de professores, na qual o Instituto é símbolo. Portanto, o presente trabalho vai abordar os inúmeros caminhos que o cinema pode abrir nas veredas da Educação Básica e como sua presença dentro da escola é indispensável para a formação de cidadãos sensíveis e que sejam capazes de usar a imaginação em seu próprio benefício. Pretende-se, então, realizar o balanço das atividades de um ano de estabelecimento do projeto, seus caminhos para o futuro e os frutos que até aqui foram colhidos.

Palavras-chave: Cinema. Educação Básica. Debate. Formação. Sensibilização.

¹⁰ Professora do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira, o CAp-UERJ. Possui mestrado e doutorado em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6524-5373>

PIBID: UMA PONTE ENTRE A ACADEMIA E O CHÃO DA ESCOLA.

Luciene Araújo de Almeida ¹¹

RESUMO

O presente trabalho objetiva expor uma discussão acerca dos programas PIBID e Residência Pedagógica e suas implicações na formação dos licenciandos do curso de Letras Português do Instituto Federal de Goiás- Campus Goiânia. No ano de 2024 acompanhei como professora supervisora os discentes no programa Residência Pedagógica e desde outubro de 2024 acompanho os Pibidianos em suas práticas. Pretendo apresentar como a Residência é um programa que garantiu a inclusão prática do licenciando, no modelo que tínhamos. Agora, no novo modelo o IFG aderiu ao PIBID. Buscarei apresentar como os citados programas possibilitam uma formação mais ampla aos bolsistas, pois observam como teoria e prática são importantes quando estamos em salas de aulas. Pretendo relatar algumas práticas que foram desenvolvidas e como elas possibilitaram uma formação ampla e continua com as vivências do “chão da escola”. O método de muitos bolsistas foi a pesquisa ação, pois deveriam observar os principais problemas em suas turmas e apresentarem projetos de intervenção a serem desenvolvidos. Considerando que as observações e práticas na escola campo e os estudos teóricos mediados pelas docentes das disciplinas do curso de Licenciatura em Letras, como perceberam que para o fazer docente entender que cada componente do ato didático é importante para o processo de ensino aprendizagem. Sendo assim, muitos projetos optaram pelo trabalho com gêneros orais e escritos enquanto processo de enunciação dos sujeitos sócio historicamente construídos (Bakhtin, 1997). Contudo, tivemos excelentes intervenções com o trabalho de literaturas, garantindo assim um início de letramento literário aos discentes das escolas campo. Em consonância com Cosson (2006), o letramento literário é a apropriação da literatura enquanto linguagem. Um processo permanente, que inicia nos primeiros contatos com a literatura e é aperfeiçoado a cada nova leitura. Por fim, destacarei algumas experiências que demonstram como os referidos programas no ambiente escolar possibilitam uma ampla formação aos discentes de licenciatura, mas também diálogos produtivos com as escolas campo.

Palavras-chave: Formação docente. PIBID; Residência Pedagógica. Práticas de Ensino. Educação Básica.

¹¹ Professora do Instituto Federal de Goiás, atuando no ensino médio integrado e no curso de licenciatura em Letras: Língua Portuguesa. Atual professora supervisora do PIBID. Doutoranda em Letras e Literatura na Universidade Federal de Goiás. Principais áreas de estudo: Letramento literário e formação docente buscando atender às leis 10.639/2003 e 11.645/2008, no intuito de contribuir para o fortalecimento da figura negra e sua autoestima e para uma educação antirracista.

PROPOSIÇÃO ESTÉTICA: CARTOGRAFIA AFETIVA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS POR MEIO DA A/R/TOGRAFIA E DAS SENSIBILIDADES

Maura Maria Roth¹²

Rita de Cássia Fraga da Costa¹³

Silvia Sell Duarte Pillotto¹⁴

RESUMO

O presente resumo é um recorte da pesquisa/dissertação, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) e ao Núcleo de Pesquisa de Arte em Educação (NUPAE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), em Joinville, SC, Brasil. Os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma Escola da Rede Municipal de Ensino, experienciaram por meio da a/r/tografia, a Proposição Estética: Cartografia Afetiva. A pergunta norteadora da pesquisa foi: *como a a/r/tografia por meio das Proposições Estéticas pode contribuir para potencializar sensibilidades e narrativas socioemocionais dos estudantes da EJA?* A partir da questão de pesquisa, o objetivo foi *compreender as demandas socioemocionais dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos (EJA), tendo a a/r/tografia e as Proposições Estéticas como potencializadoras de sensibilidades*. A a/r/tografia é compreendida como pesquisa/viva, uma vez que articula os vários papéis do pesquisador, destacando o termo a/r/tografia como metáfora para *Artist* (artista), *Researcher* (pesquisa), *Teacher* (professor) e *Graph* (grafia: escrita/representação). Para Irwin (2013) a a/r/tografia privilegia tanto os processos de escrita narrativa, quanto todo o entorno que envolve o verbal e o não verbal em um caminho investigativo, que permite trazer para a sala de aula as diversas linguagens/expressões das artes, sendo possível a sua inserção na matriz curricular da Educação de Jovens e Adultos. Na Proposição Estética: Cartografia Afetiva, os estudantes, como autores da produção, expressaram em cartolinas emoções, sensações e narrativas por meio de palavras escritas e imagens selecionadas por eles. Ao traçar linhas entre os espaços, foram relacionando as suas memórias de vida e se (re)conhecendo em si e no outro como seres pertencentes deste território da EJA, dotado de potência, por vezes oculta diante de tantas fragilidades que acometem o espaço e a vida das pessoas. Arroyo (2017) reitera uma educação capaz de fortalecer laços afetivos, transpondo a insatisfação dos estudantes para um lugar colaborativo e solidário, no qual todos possam se sentir integrados e partícipes das práticas sociais e em suas demandas socioemocionais. A análise da produção de dados foi fundamentada em Bertaux (2010) com o princípio-compreensivo interpretativo, que possibilitou a identificação de indícios socioemocionais nas narrativas dos partícipes, destacados pelas histórias de vida relacionadas aos processos sensíveis e cognitivos. Portanto, a cartografia afetiva, presente nas Proposições Estéticas, atuou como mobilizadora nas narrativas dos estudantes, possibilitando intersecções entre o mediar, o aprender/viver e o viver aprendendo.

Palavras-chave: A/r/tografia. Proposição Estética, Educação de Jovens e Adultos.

¹² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2937-4837>

¹³ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2937-4837>

¹⁴ Pós-Doutora em Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal. Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Supervisora do estágio de pós-doutoramento, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

GAMMA NA FORMAÇÃO DOCENTE: PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL

Nickolas Marques de Andrade ¹⁵

Valéria Bussola Martins ¹⁶

RESUMO

As tecnologias digitais têm se desenvolvido cotidianamente. A sociedade, de maneira geral, ganha valiosas ferramentas de Inteligência Artificial (IA) que reduzem, consideravelmente, horas dedicadas a inúmeras tarefas. Nesse cenário, a educação escolar também pode se beneficiar de ferramentas digitais. É a partir dessa realidade que este estudo surgiu. Investiga-se a utilização da plataforma Gamma em aulas do componente curricular Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, de um curso de Licenciatura em Letras-Português, com foco na produção de material didático. O Gamma é uma plataforma de IA que auxilia o usuário na criação de *slides*, documentos e *sites*. O problema central da pesquisa consiste em depreender como o Gamma pode prover subsídios para a formação docente, oportunizando ferramentas para a elaboração de recursos educacionais interativos e alinhados às orientações da Base Nacional Comum Curricular e às demandas de um mundo cada vez mais multimidiático. Dessa forma, o objetivo principal é analisar o impacto do uso do Gamma na formação de professores, destacando suas potencialidades em prol da criação de apresentações de *slides* para a construção de objetos de conhecimento em aulas, exercícios e jogos. Os objetivos secundários são: avaliar de que maneira o Gamma pode auxiliar educadores no desenvolvimento de práticas pedagógicas inovadoras e conhecer as percepções dos futuros professores quanto à aplicabilidade da ferramenta no dia a dia docente. A pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório. Em aulas da disciplina Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literatura, licenciandos produziram diversos tipos de materiais pedagógicos para as aulas de Língua Portuguesa e Literatura nos anos finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. Após a finalização dos materiais, foi realizada uma análise dos recursos pedagógicos criados bem como foram ouvidas as percepções dos universitários sobre o uso do Gamma. Os resultados indicam que o Gamma dinamizou o processo de criação, poupou tempo, personalizou a formação docente e auxiliou no desenvolvimento da criatividade dos futuros professores, já que uma ideia proposta pela IA pôde gerar outras novas ideias na mente dos universitários. Destaca-se, no entanto, que a figura de um professor-formador continua imprescindível para que os trabalhos sejam direcionados pedagogicamente da maneira adequada. Como referencial teórico, foram usados os pensamentos de Antunes (2003), Brasil (2017), Freire (1996), Gabriel (2022), Lévy (1999) e Masetto (2012).

Palavras-chave: Formação docente. Língua Portuguesa. Material didático. IA. Gamma.

¹⁵ Doutorando em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Mestre, Bacharel e Licenciado em Letras também pela UPM. Especialista em Educação e Tecnologias pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Professor de Língua Portuguesa no Colégio Presbiteriano do Brás (CPB), nos Anos Finais do Ensino Fundamental. Suas pesquisas envolvem o ensino de Língua Portuguesa, calcado em recursos tecnológicos e na cultura digital. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7857-5814>.

¹⁶ Mestra e Doutora em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), com estágio pós-doutoral na Universidade de São Paulo (USP). Tem sólida experiência na Educação Básica. É professora da graduação em Letras e do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Letras da UPM. Bolsista CAPES no PIBID. Suas publicações versam sobre metodologias de ensino de Língua Portuguesa e Literatura, letramento digital e tecnologias educacionais. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1997-3772>.

THIS IS REAL: PRODUÇÃO AUDIOVISUAL COMO METODOLOGIA ATIVA E ARTÍSTICA NO ENSINO MÉDIO

Jardel Lucas Garcia ¹⁷

RESUMO

O objetivo deste trabalho é demonstrar a experiência realizada com alunos do Ensino Médio em uma escola pública mineira dentro das disciplinas da área de Linguagens e suas Tecnologias. Tal experiência se baseou em um projeto maior, intitulado Cinema Digital, criado na referida escola desde o ano de 2022, e que consiste em produzir filmes em curta-metragem com todas as turmas do Ensino Médio como adaptações de obras literárias. Nesse projeto, cada grupo de alunos simula, de fato, um estúdio de cinema, dividindo funções como roteiristas, diretores, atores e atrizes, produtores, cinegrafistas, editores, entre outros, e produzem todas as etapas de um filme em curta-metragem do começo ao fim do ano letivo, publicando-o e submetendo-o à avaliação de uma banca para, então, competir em uma premiação. Nesse cenário, este trabalho se configura como um recorte do referido projeto uma vez que se baseou na análise de uma dessas produções de um dos grupos premiados: o curta-metragem de ficção científica intitulado *This is real*. O filme em questão foi concebido através de uma abordagem organizada pelo grupo de alunos com o professor responsável através de diversas etapas como um conjunto de metodologias ativas de aprendizagem. A primeira delas foi a realização de oficinas de análise escrita de roteiro, ministradas por um dos professores. Em seguida, a partir das ideias elencadas na primeira etapa, o docente conduziu o grupo através da realização de um estudo comparado com algumas obras literárias e audiovisuais de preferência dos alunos. Em seguida, mas papeis foram divididos e procedeu-se à escrita do roteiro e pré-produção. Realizadas tais etapas, o filme foi produzido, filmado e editado pelo grupo de alunos, sendo publicado em espaço digital coordenado pelo professor. Como parte de um trabalho escolar, esse processo todo levou todo um ano letivo e foi avaliado dentro de diversas disciplinas de maneira formativa. Os docentes envolvidos conduziram a avaliação e coletaram dados sobre a percepção dos estudantes quanto à experiência e sobre as habilidades e atitudes esperadas a se desenvolver, obtendo altos índices de satisfação e dados relevantes sobre aprendizagem para subsidiar refinamentos nesta metodologia. Concluíram que o projeto cumpriu sua função de maneira adequada e efetiva para mobilizar competências importantes para os alunos – inclusive artísticas e socioemocionais – em meio a um contexto de reformas controversas no Ensino Médio brasileiro e questões de saúde mental emergentes e tão pouco tratadas em ambientes escolares.

Palavras-chave: Produção audiovisual. Curta-metragem. Metodologia ativa. Estudo comparado. Ficção científica.

¹⁷ Mestre em Pedagogia do eLearning (Laboratório de Educação à Distância e eLearning, Universidade Aberta, Portugal). Professor na UNA Sete Lagoas/MG - Ânima Educação. Professor de Educação Básica na Rede Estadual de Minas Gerais. E-mail: jardelgarcia.ti@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7355-3085>

A GENTE NÃO VÊ SOZINHO: EDUCAÇÃO, CINEMA E A IMAGEM DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Cláudia Linhares Sanz¹⁸

Fabiane de Souza¹⁹

Mirella Pessoa²⁰

RESUMO

A dimensão social que as imagens da comunicação ocupam hoje, difundidas pelos diversos formatos audiovisuais e cinematográficos, não exige apenas que as políticas de inclusão das pessoas com deficiência incluam reflexão e ação nesse domínio. Também o campo da educação se vê cada vez mais impelido a refletir acerca dos processos complexos de invisibilidade que o regime atual de imagens supõe. Nessa interseção, as imagens das pessoas com deficiência nos filmes constituem um tema ímpar para pensarmos os cruzamentos entre imagem, sociedade contemporânea e educação. De que maneira formamos educadores capazes de refletir acerca desse regime de imagens que engendra, entre outras coisas, invisibilidades múltiplas, em especial das pessoas com deficiência? Como a educação pode participar da criação de novas formas de ver e explicar as pessoas com deficiência? De que modo a educação pode acolher a “cultura def”, que tem se desenvolvido também no cinema e, a partir dela, se transformar? Como o cinema é tratado nos diversos ambientes formativos, em especial nos cursos de formação de pedagogos? O que o cinema pode hoje, na educação e na luta pelos direitos humanos? Fruto da pesquisa Invisibilidades das pessoas com deficiência no regime contemporâneo de imagens, realizada no âmbito do convênio UNB – FENAPAES, esse relato de experiências propõe tratar destas questões a partir de três movimentos: analisar a profunda relação entre cinema e as formas de ver a deficiência; discutir como a relação entre cinema, educação e imagens da deficiência pode ser plataforma interdisciplinar de pesquisa para iniciação à docência e, por último, como esta interseção possibilita ampliar perspectivas da formação docente. De fato, a história das imagens das pessoas com deficiência no cinema tem profunda relação com a constituição das formas sociais de ver a deficiência. Esse elo histórico se atualiza hoje, tornando-se campo de disputa de sentidos e abertura para as perspectivas propostas pelas pessoas com deficiência. Por outro lado, a experiência cinematográfica no campo da educação oferece dispositivos singulares para pensarmos as relações entre visibilidade e invisibilidade no contexto atual. Trata-se aqui de compartilharmos como as imagens das pessoas com deficiência no cinema possibilitaram, em nossa experiência com alunos de Pedagogia, licenciaturas de Letras e Artes da Universidade de Brasília, a percepção dos lugares “fixados” e previsíveis que foram “destinados” aos personagens com deficiência, na tela e fora dela. Mostraremos, em contrapartida, de que maneira algumas produções audiovisuais – em especial aquelas realizadas com a participação das pessoas com deficiência – fazem fissuras importantes na paisagem contemporânea da normalidade, abrindo campo para novas práticas docentes.

Palavras-chave: Educação. Cinema. Formação docente. Imagens das pessoas com deficiência. Invisibilidades.

¹⁸ Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília (UnB). Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF) com pesquisa no Instituto Max Plank de História da Ciência, em Berlim (2008); pós-doutorado no Zentrum für Literatur- und Kulturforschung (ZfL), em Berlim (2017/2018). Atualmente faz pós-doutorado na Universidade de Barcelona. Líder do grupo de pesquisa (IN)VIS (CNPq). E-mail: claudialinharessanz@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-0256-817X>

¹⁹ Professora substituta na Faculdade de Educação na Universidade de Brasília (UnB). Doutora e Mestre em Comunicação (UnB) e Bacharel em Cinema (UFSC). Atualmente faz pós-doutorado na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Pesquisadora do (IN)VIS – Grupo de pesquisa sobre a imagem da pessoa com deficiência (CNPq). E-mail: fabianeedesouza@gmail.com. <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0001-5703-1711>

²⁰ Doutora (UFPE) e Mestre em Comunicação (UnB), graduada em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda (UnB). Atualmente faz pós-doutorado no PPGCom da UFPE. Vice-líder do GRITS – Grupo de pesquisa Imagem, Tecnologia e Subjetividade e pesquisadora do (IN)VIS (CNPq). E-mail: mihpessoa@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0002-7194-4186>

FOTOFILMES: UMA FERRAMENTA DE ENSINO DE ARTE NO BRASIL

Shéron Joyce Díaz Morales²¹

João Riso Souza Liberato de Mattos²²

RESUMO

Este artigo apresenta o processo de construção de cinco fotofilmes que servirão como ferramenta no ensino de arte no Brasil. Dentre eles, quatro foram criados a partir de acervo histórico de imagens de Johann Rugendas (1802-1858) e músicas do repertório brasileiro compostas nos séculos XIX e XX, com intuito de se tornarem ferramentas didáticas no ensino de História da Música no Brasil; e um construído através de imagens de obras do acervo de artes plásticas, gráficas e em animação do artista plástico e cineasta baiano Chico Liberato, pioneiro da animação no Brasil, associadas a músicas do repertório brasileiro que fazem parte do universo cinematográfico deste artista. Este teve como objetivo preservar a memória deste artista, divulgar a arte nordestina, além de permitir acesso livre e gratuito ao seu acervo em um formato moderno, através de uma linguagem atual e de forte apelo para o público jovem. A edição dos fotofilmes ocorreu por meio de aplicativos para celular, com a finalidade de serem não somente laboratório didático, mas também tecnológico, desenvolvendo métodos de edição acessíveis e inclusivos, contribuindo com a democratização do ensino. Os fotofilmes têm duração entre quatro e oito minutos, e os títulos explicitam seus conteúdos musicais e visuais: 1) "Rio de Janeiro do século XIX: o Rio de José Maurício Nunes Garcia", com música "*Laudamus te*", da Missa de Santa Cecília, composta por José Maurício Nunes Garcia; 2) "Alvorecer dos negros no Brasil: a África na brasilidade musical de Alberto Nepomuceno e nas imagens de Rugendas (entre batuques, ritmos, resiliência e cores)", com músicas "*Alvorada na Serra*" e "*Batuque*", ambas da "*Série Brasileira*" de Nepomuceno; 3) "Pindorama: a terra indígena de Rugendas e Villa-Lobos" com "*Uirapuru*", composição musical de Villa-Lobos; 4) "Brasil, entre cores, cantos e desencantos: a natureza de Rugendas e Villa-Lobos", com músicas "*Pássaro da Floresta – Canto I*", "*Conspiração*", "*Dança Guerreira*" e "*Epílogo*", peças da suíte orquestral "*Floresta do Amazonas*" de Villa-Lobos; 5) "A temática sertaneza na obra de Chico Liberato" com "*Jabucunã*", composição musical de João Liberato. Os fotofilmes, conhecidos como fotografia em movimento, são uma forma poderosa de expressão artística, comunicação e documentário, oferecendo uma experiência visual única e emocional, trazendo conteúdos históricos do passado para o presente em código atual, dialogando com hábitos e estéticas do mundo digital contemporâneo. A criação dos fotofilmes também promoverá uma reflexão sobre temáticas atuais, inclusive aquelas que fazem parte dos Temas Contemporâneos Transversais, preconizados pela Base Nacional Comum Curricular. Ao final do projeto será montado um acervo com o material audiovisual construído e este será disponibilizado virtualmente.

Palavras-chave: Fotofilme. Ensino. Arte. História da música no Brasil Chico Liberato

²¹ Discente do curso de Música Licenciatura da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura (UFS). Especialista em Ecologia de Ecossistemas Costeiros (UFS). Mestra em Agroecossistemas (UFS) e Oceanografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

²² Músico. Professor Adjunto do Departamento de Graduação em Música da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Realizou Doutorado Sanduíche, sob orientação do Dr. Anders Ljungar-Chapelon, na Lund University/Malmö Academy of Music (Suécia). Doutor em Música pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Mestre em Música (UFBA). Bacharel em Flauta Transversal (UFBA). Desenvolve trabalho artístico como flautista, além de composição e direção de trilhas sonoras para o cinema de animação.

EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA PEDAGOGIA: PRÁTICAS EDUCATIVAS E SEUS DESDOBRAMENTOS PARA A DOCÊNCIA

Kelly Mariot Rohr²³

Maura Maria Roth²⁴

Silvia Sell Duarte Pillotto²⁵

RESUMO

Os acadêmicos do curso de Pedagogia que experienciam a Educação Estética tem maiores condições de exercer a docência com ênfase nos processos criativos e na empatia? Esta é uma das questões que mobilizam uma pesquisa em desenvolvimento, vinculada a Pós-Graduação em Educação (PPGE) e ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, SC. Na busca por tematizar a Educação Estética na formação inicial em Pedagogia, desvelando os desdobramentos e impactos na docência, pelo viés narrativo, os autores fundantes que têm contribuído nos percursos da pesquisa, são: Abrahão (2018), Cellard (2012), Franco (2012), Freire (2023), Han (2023), Josso (2004), Meira; Pillotto (2022), Souza (2014), Meireles (2018), bem como o Projeto Político do Curso de Pedagogia (2021). A abordagem metodológica adotada é a pesquisa narrativa (auto)biográfica, que leva em conta as questões subjetivas, a escuta, o diálogo e as relações constituídas entre pesquisadoras e coautores, - os acadêmicos, professores e coordenador do curso de Pedagogia na Univille, eleitos sujeitos coparticipes e campo desta pesquisa. Ao ouvir e narrar experiências, estamos aprendendo também sobre nós mesmos e o modo como percebemos o mundo. É um sair de si para ir ao encontro do outro; em uma mescla transversal de apreensões e (re)significações pessoais e coletivas (Souza; Meireles, 2018). Nos encaminhamentos metodológicos, estão a análise documental do PPC de Pedagogia (Univille, 2019) compreendendo ser esta, rica fonte de informações (Cellard, 2012), e as entrevistas narrativas, fundamentais por possibilitar outras vias de ação e experiências, visto que a análise das entrevistas está apoiada no princípio-compreensivo-interpretativo (Bertaux, 2010). Nossas escolhas conceituais/metodológicas, priorizam não apartar cognição e sensibilidade, entendendo que as percepções na pesquisa se dão também nas subjetividades a partir da oralidade/sonoridade, expressividade e gesto. Como resultado parcial, esta produção traz um recorte da pesquisa ao anunciar algumas pistas da análise documental do PPC de Pedagogia, elaboração que ainda manifesta a reduzida inserção da Educação Estética nas disciplinas, ementas e respectivos referenciais bibliográficos deste documento estruturante na formação de Pedagogos. A evidência reitera a necessidade de (re)pensar os currículos de Pedagogia e a inserção da Educação Estética nas práticas educativas.

Palavras-chave: Práticas Educativas. Educação Estética. Narrativas. Pedagogia. Docência.

²³ Mestranda em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista CAPES. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4655-3888>

²⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2937-4837>

²⁵ Pós-Doutora em Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal. Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Supervisora do estágio de pós-doutoramento, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

COLORINDO O UNIVERSO: REFLEXÕES SOBRE NARRATIVAS SUBREPRESENTADAS NO CINEMA E NO ENSINO

Tiago Dunham Sales²⁶

Alex Kreibich²⁷

Márcea Andrade Sales²⁸

RESUMO

A formação docente tem discussão aprofundada após Edição da LDB 9394/96. Entramos no século XXI com muitos desafios, destacadamente, frente às questões que envolvem pessoas antes invisibilizadas nas pautas das políticas públicas – negros/as, quilombolas, indígenas; ciganos/as; pessoas transgênero; pessoas com deficiência... Práticas docentes que refletiam o ensino mnemônico são desafiadas a superar o livro didático e buscar outras estratégias, como adotar o *cinema como fonte histórica* (Morentin, 2007)²⁹. A linguagem cinematográfica entra, faz morada nos espaços educativos e a formação de professores/as ganha assento nas discussões da Sétima Arte, atravessada pela *mediação estético-política* (Migrolin & Barroso, 2016)³⁰. Buscamos, aqui, identificar quais lugares o Cinema ocupa na Educação. A experiência fílmica pelo lado de quem estuda (n) o Audiovisual, quando alinhada a processos formativos educacionais, ganha repercussão na Educação, promovendo diálogo de diferentes experiências curriculares na formação em exercício. O Audiovisual foi usado como ferramenta de ensino desde o cinema mudo, quando a União Soviética implementou a circulação de cinema popular na comunicação com sua população analfabeta. Atualmente, tal ferramenta é indispensável ao ensino, sobretudo pelo fato de todo conteúdo digital ser, em sua maioria, audiovisual. Assim, trazemos uma experiência da produção de um filme para contribuir com o debate sobre educação e cultura na sociedade contemporânea. Trata-se do filme "A Cor do Universo é Bege" (*work in progress*) – Edital Lei Paulo Gustavo SP Nº 01/2023, protagonizado por duas mulheres negras sáficas. Este curta-metragem traz em suas discussões identidades das personagens, indo além na busca das suas percepções como indivíduos. Pode-se dizer que esta produção se alinha teórico-metodologicamente à referências fílmicas contemporâneas, atravessada por inspirações do cinema realista com marcas expressamente brasileiras que nos inquietam em seu modo disruptivo. Com este trabalho pretendemos ampliar as contribuições do Cinema, tendo professores/as como sujeitos que *propiciam o encontro com o audiovisual* (Bergala in Stecz, 2022)³¹; assim como reverberar experiências fílmicas realizadas no âmbito de um curso de Audiovisual, no contexto educacional.

Palavras-Chave: Educação. Experiência Fílmica. Formação Profissional. Prática Pedagógica.

²⁶ Estudante de Imagem e Som (UFSCAR). Montador/Editor de Vídeo. Colorista. Consultor Criativo. Pesquisador do Grupo de Estudos de Narrativas Emergentes (GENE UFSCAR/CNPq). E-mail: tiago.dunham@estudante.ufscar.br

²⁷ Estudante de Imagem e Som (UFSCAR). Cineasta e Produtora Cultural. Multiartista. Consultora de Acessibilidade. Pesquisadora. E-mail: 4lex.kreibich@gmail.com

²⁸ Doutora em Educação. Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia – Departamento de Educação/Campus I – Salvador/BA. Líder do Grupo de Pesquisa GEFEPE UNEB/CNPq. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1158-6089>

²⁹ Morettin, Eduardo Victorio. O cinema como fonte histórica na obra de Marc Ferro. In M. H. Capelato, E. Morettin, M. Napolitano, & E. T. Saliba (Orgs.), *História e cinema: dimensões históricas do audiovisual* (p. 39-64). São Paulo, SP: Alameda. 2007

³⁰ Migrolin, C. & Barroso, E. Pedagogias do cinema: montagem. *Significação: Revista de Cultura Audiovisual*, 43(46), p. 15-28. <https://doi.org/https://doi.org/10.11606/issn.2316-7114.sig.2016.115323> Acesso em 10fev25.

³¹ STECZ, Solange Straube O professor como passador: apontamentos sobre o audiovisual na educação. in MIGLIORIN, Cezar. *Modos de fazer e experimentar: cinema e educação*. – Rio de Janeiro: Áspide Editora, 2022. Disponível em <https://ppgcine.cinemauff.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Modos-de-fazer-e-experimentar-cinema-e-educacao.pdf>. Acesso em 06fev25.

AS SENSIBILIDADES NO ENSINO SUPERIOR EM ADMINISTRAÇÃO

Alessandra Daiana da Costa ³²

Rita de Cássia Fraga da Costa ³³

Silvia Sell Duarte Pillotto ³⁴

RESUMO

No contexto atual as práticas educativas no Ensino Superior enfrentam desafios crescentes, especialmente na formação de profissionais da área de Administração. Além disso, temos criado um tempo acelerado, no qual a pausa para o pensamento, as experiências e as relações afetivas têm ficado em último plano ou ainda, ausentes em nossa existência. Essas ideias justificam uma pesquisa em desenvolvimento vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação e ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE), na Universidade da Região de Joinville (Univille). A investigação busca analisar o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) de Administração da Univille, Joinville, e os dispositivos utilizados no referido documento para a formação profissional em Administração, enfatizando aspectos relacionados as sensibilidades. A investigação tem como base metodológica a análise documental (Cellard, 2022), que tem propiciado um olhar crítico/sensível referente ao Projeto Pedagógico do Curso (PPC), possibilitando a reflexão sobre a presença de dispositivos que tratam de aspectos relacionados a criação, imaginação, percepção, emoção, fundamentais para o profissional que trabalha com pessoas. A produção/coleta de dados e sua análise tem sustentação no princípio-compreensivo-interpretativo (Bertaux, 2010), auxiliando na identificação de pistas, que apontam para a pouca ênfase das sensibilidades no Projeto Pedagógico do Curso (PPC). O estudo teórico/metodológico aponta que a Administração, como campo profissional, requer o desenvolvimento das sensibilidades, que potencializam o saber viver/trabalhar junto, respeitando seus pares e fortalecendo a solidariedade, a empatia e o bem comum, considerando que esses profissionais atuarão em cenários que exigem outras competências além das técnicas e operacionais. Em suma, ao investigar a presença das sensibilidades no PPC de Administração, mas sobretudo, a importância das sensibilidades na Educação Superior em Administração, a pesquisa tem identificado indícios que podem contribuir para o repensar os Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPC) e, conseqüentemente, as práticas educativas, destacando as sensibilidades como atributos para um profissional crítico/sensível, preparado para os desafios da vida no âmbito pessoal e profissional. A pesquisa aponta ainda que o conjunto de competências técnicas e as sensibilidades promovem nos profissionais e acadêmicos de Administração um modo de atuar e liderar de maneira renovadora. E, por fim, quando as práticas educativas se alinham às demandas atuais, como a inclusão, a sustentabilidade e a liderança humanizada, os cursos de Administração passam a formar profissionais conscientes de suas responsabilidades sociais. Portanto, é na integração entre técnica e sensibilidade que reside o significativo impacto da Administração enquanto campo que pode transformar organizações e instituições, contribuindo nas práticas sociais.

Palavras-chave: Práticas Educativas. Sensibilidades. Projeto Pedagógico. Ensino Superior.

³² Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Pós-graduada em Administração Estratégica, Graduada em Recursos Humanos e em Administração. Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5774-1681>

³³ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS/Univille). Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7276-7863>

³⁴ Pós-Doutora em Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal. Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Supervisora do estágio de pós-doutoramento, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

O ATELIER EM ARTESANIAS COMO PRÁTICA EDUCATIVA: A EDUCAÇÃO ESTÉTICA NA FORMAÇÃO INICIAL DE PEDAGOGOS/PROFESSORES

Rita de Cássia Fraga da Costa³⁵

Alessandra Daiana da Costa³⁶

Silvia Sell Duarte Pillotto³⁷

RESUMO

Quais práticas educativas e intervenções em relação a Educação Estética e a inserção das Artesanias estão na formação dos pedagogos/professores? Esta é a questão que vem mobilizando uma pesquisa em desenvolvimento, vinculada ao Plano de trabalho do estágio de pós-doutoramento em Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), e ao Núcleo de Pesquisa em Arte na Educação (NUPAE/ Univille), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado da Santa Catarina (FAPESC), e aprovação no comitê de ética (CEP/Univille), que tem por objetivo analisar a Educação Estética desdobrada em práticas educativas e a inserção das Artesanias nos cursos de Pedagogia, destacando transformações e impactos na formação inicial do pedagogo/professor. Esta é uma pesquisa de abordagem Narrativa (Clandinin; Connelly, 2015), documental e bibliográfica (Fontana, 2018), com aporte teórico na Educação Estética (Duarte Junior, 2010; Larrosa, 2002; Meira; Pillotto, 2022), nas Artesanias enquanto linguagem/expressão (Costa, 2019), e em experiências estéticas na formação inicial de Pedagogia (Pillotto *et al.*, 2024). O campo de pesquisa ocorre em três universidades comunitárias destacadas por seu histórico na formação de pedagogos/professores, na região norte-nordeste de Santa Catarina, com uma turma da graduação em Pedagogia em cada uma das instituições anuentes (Univali, FURB, Univille). Nesta proposição, o 'Atelier em Artesanias' é prática pedagógica que acontece na disponibilidade de escuta para o encontro com os acadêmicos, mobilizando-os a criar possibilidades de expressar, (re)configurar e (re)significar suas narrativas, no desafio conjunto de construir uma imagem de si, no arranjo com têxteis, e de contar a experiência vivida ao refletir sobre as potencialidades da Educação Estética e das Artesanias em sua formação/atuação. Por fim, as análises preliminares sobre as produções do primeiro encontro do campo desta pesquisa, a partir de reflexão dialógica entre os envolvidos (acadêmicos em Pedagogia), revelam a carência destes futuros pedagogos/professores em estar sujeito as experiências das proposições estéticas e ainda, a ausência de práticas educativas e ou proposições estéticas com as Artesanias enquanto recurso e ou metodologia nas aulas da formação inicial em Pedagogia, porquanto, seguimos com a necessidade de ampliar e seguir com o debate a respeito dessa temática.

Palavras-chave: Práticas educativas. Formação inicial. Atelier em Artesanias. Educação Estética. Pedagogia.

³⁵ Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Doutora em Patrimônio Cultural e Sociedade (PPGPCS/Univille). Mestra em Educação (PPGE/Univille). Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7276-7863>

³⁶ Mestranda em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Pós-graduada em Administração Estratégica, Graduada em Recursos Humanos e em Administração. Pesquisadora membro do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). Bolsista FAPESC. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5774-1681>

³⁷ Pós-Doutora em Estudos da Criança na Universidade do Minho (UMINHO), Braga, Portugal. Doutora em Engenharia da Produção (UFSC). Supervisora do estágio de pós-doutoramento, professora e pesquisadora no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade da Região de Joinville (Univille), Joinville, Santa Catarina, Brasil. Líder do Núcleo de Pesquisas em Arte na Educação (NUPAE/Univille). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4497-2285>

CINEMA NA AMÉRICA LATINA: O QUE MOSTRAMOS DE NÓS?: ANÁLISE DO FILME DIÁRIOS DE MOTOCICLETA DE WALTER SALLES

Sullivan Charles Barros ¹

RESUMO

No cerne das construções das identidades no cinema latino-americano, as intersecções de gênero, raça, classe além de outros marcadores sociais da diferença, emergem como elementos cruciais que moldam as narrativas e os personagens. Ao adentrarmos na formação das identidades latino-americanas, é fundamental reconhecer que essa construção não se deu de maneira linear ou homogênea. A colonização, um dos eventos mais impactantes na história da América Latina, não apenas transformou as estruturas sociais já existentes, mas também impôs narrativas que marginalizam as ricas culturas indígenas e africanas. A chegada dos colonizadores europeus trouxeram consigo não só a imposição de uma nova ordem social e econômica, mas também uma tentativa de apagar as identidades originárias, substituindo-as por uma visão eurocêntrica que ainda ecoa nas relações sociais contemporâneas. O cinema latino-americano ao abordar essas intersecções, oferece visões mais abrangentes e inclusivas das experiências vividas por diferentes grupos, não apenas desafiam os estereótipos, mas também oferecem espaços para que vozes marginalizadas sejam ouvidas, além de inspirar um compromisso com a justiça social e a igualdade, refletindo as aspirações de uma sociedade em busca de reconhecimento e respeito. Essas mudanças não apenas enriquecem novas narrativas sobre a América Latina e os Latino-Americanos, mas também inspiram futuras gerações de cineastas locais a contar suas próprias histórias e de grupos sociais minoritários, o que contribui para apresentações, representações e reapresentações mais autênticas e plurais da experiência humana nesta região. Neste sentido, irei analisar o filme “Diários de Motocicleta” de Walter Salles que relata a viagem e livro de memórias escrito por Ernesto Guevara aos 23 anos de idade, que mais tarde se tornaria conhecido internacionalmente como o icônico comandante guerrilheiro marxista e revolucionário Che Guevara. O filme narra a expedição de 1952, inicialmente por moto, em toda a América do Sul por Guevara e seu amigo Alberto Granado. Como a aventura, inicialmente centrada em torno de hedonismo juvenil, se desenrola, Guevara se descobre transformado por suas observações sobre a vida do campesinato indígena empobrecido. Por meio dos personagens que eles encontram em sua jornada continental, Guevara e Granado testemunham em primeira mão as injustiças que o rosto destituído e estão expostos a pessoas e classes sociais que eles nunca teriam encontrado de outra forma. Para sua surpresa, a estrada apresenta-lhes tanto uma imagem verdadeira e cativante da identidade latino-americana. Propõe-se, desta forma, uma análise fílmica que ao analisarmos o filme, tornou-se fundamental ter em mente que o contexto histórico e social não é um pano de fundo neutro: ele é um protagonista silencioso que molda as narrativas e as experiências dos personagens. Por meio dessa lente, pude perceber como as questões de gênero, classe, raça e outros marcadores sociais da diferença se entrelaçam, criando uma “tapeçaria” rica que reflete a diversidade e a complexidade das identidades latino-americanas.

Palavras-chave: Cinema; América Latina; Latino-Americanos.

¹ Professor de Sociologia, Universidade Federal de Catalão. Pós-Doutorando em Ciências Sociais, Universidade Federal de Uberlândia. Doutor em Sociologia, Universidade de Brasília.

EXPERIÊNCIAS COM O CINEMA NO EXÍLIO: UMA ANÁLISE DA CORRESPONDÊNCIA ENTRE FERNANDO PINO SOLANAS E OCTAVIO GETINO

André Luís dos Santos Queiroz ²

Paulo Victor de Oliveira Costa ³

RESUMO

No período de 1976 a 1983, os cineastas argentinos Fernando Pino Solanas e Octavio Getino tiveram que se exilar em meio a uma intensa perseguição política na Argentina, que culminou em um golpe de estado e na instauração de uma ditadura militar. Solanas se exilou na França, ao passo que Getino partiu, inicialmente, para o Peru, com sua esposa, Susana Velleggia. No entanto, as duas principais referências do Grupo Cine Liberación não perderam o contato nesta fase de afastamento. Na presente comunicação, vamos realizar uma análise do conteúdo de cinco cartas escritas no período de abril a setembro de 1977 — três de Solanas, em Paris, e duas de Getino e Velleggia, em Lima. Porém, o objetivo principal desta comunicação é destacar aspectos da relação que os dois mantiveram com o cinema nesse início de exílio. Desse modo, não vamos nos aprofundar nessas questões, apenas iluminá-las e pensar caminhos para o seguimento da pesquisa no futuro a partir destes documentos. Solanas, por exemplo, descreve nas cartas, com uma riqueza de detalhes, o processo de desenvolvimento do roteiro não-filmado de *La Razón Pura*, ao qual ele se dedicava a maior parte do tempo, de modo que até mesmo suas dúvidas e dificuldades em relação ao filme são expostas. Além disso, as cartas também apresentam a rotina de Solanas no tocante às viagens a trabalho, participação em festivais e perspectivas de realização do filme mencionado. Getino, por sua vez, se apresenta como uma figura capaz de esclarecer algumas das dúvidas do companheiro de cinema e aprofundar as reflexões ao redor do roteiro. Seus escritos também são fundamentais para entender suas experiências com cinema em Lima durante o exílio. Por fim, é fundamental ressaltar que essas cartas foram coletadas no arquivo pessoal de Fernando Pino Solanas durante nosso estágio de trabalho junto ao Instituto Gino Germani/Universidad de Buenos Aires. Gostaríamos de agradecer a gentileza de Ângela Correa e Victoria Solanas em nos permitir o acesso a esse material inédito.

Palavras-chave: Fernando Pino Solanas. Octavio Getino. Exílio político. Cinema argentino.

² Professor Titular no Instituto de Arte e Comunicação Social/Universidade Federal Fluminense. Pós-doutor em Estudos Cinematográficos no Instituto Gino Germani/Universidad de Buenos Aires (2024) e Pós-doutor em Teoria e História da Literatura no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp (2016). Ensaísta, roteirista e diretor de cinema. Escreveu, entre outros livros, *Cinema e Luta de Classes na América Latina* (Insular, 2024). Coordenou e traduziu *Fernando Pino Solanas – cinema política libertação nacional* (Insular, 2022). Coordenador do Projeto de Pesquisa e Extensão Cinema e Memória na América Latina (GEC/IACS/PROEX/UFF).

³ Graduado em Estudos de Mídia (UFF). Mestrando de Cinema e Audiovisual (UFF) com pesquisa na linha Histórias e Políticas sobre o Cinema Novo brasileiro e o Grupo Cine Liberación argentino.

NARRATIVAS MÍTICAS NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA

Josielio Pereira Marinho⁴
Linduarte Pereira Rodrigues⁵

RESUMO

A teledramaturgia no Brasil é marcada por inúmeras produções audiovisuais, como filmes, minisséries e telenovelas que fazem parte da memória coletiva do povo brasileiro desde 1951. Neste sentido, a teledramaturgia brasileira, ao reproduzir mitos, por meio da ficção, cria símbolos e arquétipos que promovem identificação ou repulsa pela audiência através da mídia, que atua de modo reflexivo na construção e atuação de personagens arquetípicas (Jung, 2014) que performatizam os enredos das histórias do cotidiano brasileiro (Candido, 1976) na tela da TV. Diante desse contexto, esta pesquisa de doutorado, em fase de desenvolvimento, toma como objeto de estudo a telenovela *Pátria Minha* (1994-1995), escrita por Gilberto Braga e produzida na década de 1990 pela TV Globo. A análise se volta, em especial, para as personagens Raul Pelegrini (Tarcísio Meira) e Kennedy Santos (Alexandre Moreno), que protagonizam conflitos que geraram um forte impacto emocional no público. Estes conflitos vão desde a luta pelos valores morais de cada personagem até problemas estruturais como o racismo e a discrepância socioeconômica do país. O estudo busca demonstrar, a partir da metáfora do *catch* de Roland Barthes (2007), o processo criativo da narrativa dramática, que “conta” com a influência da audiência, pela mídia, como molde para o produto final. De modo específico, por meio da análise de cenas de diálogos das personagens, bem como dos discursos gerados na época, extraídos das mídias digitais, a pesquisa investiga o mito do herói na teledramaturgia brasileira e o processo de atualização da narrativa teledramática como um acontecimento de atualização de mitos de época, reconfigurados para atender as necessidades da audiência. Dessa forma, o estudo equipara a teledramaturgia brasileira como forma de expressão artístico-cultural que, através do entretenimento, promove reflexões sobre as práticas sócio-humanas, os costumes e as épocas. Para tanto, a pesquisa se apoiou nos postulados da Linguística da Prática (Rodrigues, 2017) sob os moldes da Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011), refletindo sobre as dimensões simbólicas, socioculturais e arquetípicas presentes na teledramaturgia brasileira. Nesse viés, destaca a relevância dos estudos dramatúrgicos, sobretudo quando remontam as narrativas de experiência (os mitos) que refletem sobre as formações e construções identitárias, bem como as relações de poder nas culturas.

Palavras-chave: Teledramaturgia Brasileira. *Pátria Minha*. Mitologia. Semiótica Antropológica.

⁴ Doutorando em Literatura pelo do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Mestre em Educação pelo Programa Profissional em Formação de Professores (PPGFP-UEPB), linha de pesquisa Linguagem, Cultura e Formação Docente; Membro do grupo de pesquisa Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: josielio28@gmail.com.

⁵ Doutor em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING-UEPB); Professor do curso de Licenciatura em Letras (Português) da Faculdade de Linguística, Letras e Artes (FALLA), e dos Programa de Pós-Graduação em Formação de Professores (PPGFP-UEPB) e Literatura e Interculturalidade (PPGLI-UEPB); Líder do grupo de pesquisas Teorias do Sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). E-mail: linduartepr@gmail.com.

CURTA-METRAGEM VER-O-PESO: O EXPERIMENTALISMO NO CINEMA AMAZÔNICO

Ireane Ferreira Melo ⁶

Josiclei de Souza Santos ⁷

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo estudar o curta-metragem “Ver-o-Peso” (1984), uma produção paraense, sob a direção de Januário Guedes, Sônia Freitas e Peter Roland. A obra cinematográfica retrata o cotidiano do Mercado do Ver-o-Peso, situado em Belém do Pará. Sob essa perspectiva, conforme exposto por Wilma Leitão (2010), o Mercado do Ver-o-Peso é reconhecido como a maior feira livre da América Latina, configurando-se como um importante centro de comercialização de produtos regionais, que engloba saberes, interações e símbolos representativos da identidade local. Este estudo consiste em analisar os elementos filmicos, além de explorar as experimentações visuais e poéticas subjacentes à análise fílmica da referida obra. O curta-metragem destaca a cultura imagética da região amazônica. As imagens que compõem a narrativa fílmica revelam uma cidade polifônica e multitemporal, em que o arcaico e o natural se mistura ao moderno urbano, proporcionando uma visão abrangente de Belém, assim como de seus aspectos econômicos, políticos e culturais. Nesse contexto, o filme estabelece uma correlação entre as características das comunidades ribeirinhas e as dinâmicas típicas de uma grande metrópole. Um exemplo marcante disso é o intenso fluxo de pessoas, embarcações e mercadorias que caracteriza o cotidiano dos indivíduos que transitam e exercem atividades comerciais no mercado do Ver-o-Peso. O curta-metragem apresenta, em algumas sequências há a perspectiva do fotógrafo estrangeiro em relação aos pontos turísticos de Belém, observando essa multitemporalidade urbana percebida pela sua arquitetura e transeuntes, em outras há a perspectiva do ribeirinho que atravessa da região das ilhas do município para a parte urbana continental. A pesquisa, de natureza qualitativa e fundamentada em um estudo bibliográfico, busca proporcionar uma introdução aos elementos semióticos ligados às construções discursivas a Amazônia que atravessa a obra. Ao apresentar as andanças de uma pessoa em situação de rua que observa a cidade e seus eventos e que a partir declama poemas tomando-os como tema, o filme evoca a figura do *flâneur*, conceito discutido por Walter Benjamin, e a partir da obra poética de Charles Baudelaire. Os resultados da pesquisa evidenciam que a obra ora em estudo e marco do cinema paraense exerce um papel fundamental na reflexão sobre a Amazônia quanto ao gênero fílmico, “Ver-o-Peso” se apresenta como uma obra de caráter híbrido propiciando uma conexão entre a linguagem audiovisual e a poética contemporânea amazônica. Com base nos resultados obtidos, é possível concluir que o filme “Ver-o-Peso” proporciona uma perspectiva subjetiva da cidade de Belém, espaço urbano amazônico, destacando suas interações com os rios e as ruas, todas imersas na dinâmica do Mercado do Ver-o-Peso.

Palavras-chave: Cinema amazônico. Experimentalismo. Ver-o-Peso.

⁶ Graduanda do curso de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa, pela Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Abaetetuba. Membro do Grupo de Pesquisa “Poesia, fotografia e audiovisual na Amazônia”.

⁷ É professor pesquisador e extensionista, doutor em Literatura, crítico literário e artista visual. Possui graduação em letras pela Universidade Federal do Pará (2003), mestrado (2007) e doutorado em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará (2019). Atualmente é professor adjunto da Universidade Federal do Pará. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: Amazônia, cultura, erotismo, processos identificatórios e interartes

BRINQUEDOTECA UNIVERSITÁRIA: A ARTE DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA VIVENCIADA COM ALUNOS DE PEDAGOGIA DA UNINASSAU NA CIDADE DE PARNAÍBA – PI

Dalva de Araujo Menezes ⁸

RESUMO

A brinquedoteca universitária é um ambiente necessário para o profissional de educação à sua futura atuação em sala de aula. Esta pesquisa visa apresentar a oficina que foi realizada em uma brinquedoteca universitária com alunos de Pedagogia. Traçamos como objetivos geral: Analisar as consequências positivas que o aluno de pedagogia tem ao ter vivências e aprendizado significativo dentro do ambiente de uma brinquedoteca universitária. E como objetivos específicos: Aprender a contar história como forma de arte lúdica e atraente para as crianças; conhecer uma brinquedoteca universitária com toda sua dinâmica e atividades que podem ser realizadas; identificar as atividades e materiais que podem ser vivenciados pelas crianças. Com base nestes objetivos, contamos com a fundamentação teórico-metodológico dos seguintes autores: Kishimoto (2001), Sousa (2012), Fortuna (2005), Friedmann (2015), dentre outros que deram suporte acerca do embasamento sobre a importância da brinquedoteca universitária e a contação de história. Para Kishimoto (2001) enfatiza a brincadeira como uma atividade fundamental para o desenvolvimento infantil, pois proporciona aprendizagem, criatividade e interação social. Diante do contexto, surge como problemática: O que o aluno de pedagogia pode vivenciar e aprender na brinquedoteca universitária para atuar como profissional da educação, sobretudo com a contação de história na educação infantil? A oficina contou com a elaboração prévia de um projeto de como seria a realização das ações. Foi realizada na Brinquedoteca da UNINASSAU na cidade de Parnaíba – PI. Tivemos a participação de 23 alunos e 2 professoras. Primeiramente foi feita apresentação da brinquedoteca, para que pudessem conhecer e entender o ambiente em que estávamos envolvidos. Posteriormente, com o cenário montado, foi realizada uma contação de história, passo a passo, mostrando aos alunos como deve ser contada historinhas às crianças, o que deve ser feito, perguntado, expressado, articulado, foi mencionado também sobre a importância da expressão facial e corporal ao contar a história para crianças. Após a contação, foi apresentado alguns instrumentos musicais que podem ser explorados, utilizados com as crianças, como também confeccionados. Ao concluirmos todas as apresentações, deu-se início à confecção de um instrumento musical pelos discentes, o bandeiro, cada um construiu o seu instrumento, ao seu modo, com seu modelo próprio, que emitia um som. Concluímos que a oficina realizada com os discentes de pedagogia foi de grande relevância, onde cada um aprendeu mais ainda sobre a importância da brinquedoteca como ambiente lúdico, mas, sobretudo de grande aprendizagem. Enfatizando um local de solidariedade e coletividade, e que cada um aprende ao seu modo, da sua maneira, no seu tempo, rico de valores e sentimentos.

Palavras-Chaves: Brinquedoteca Universitária. Profissional de educação. Educação infantil. Ambiente lúdico.

⁸ Professora efetiva da Universidade Estadual do Piauí – UESPI. Contadora de Histórias. Mestre e Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUC/PR. <https://orcid.org/0000-0001-7708-4044>

DESMEMBRANDO O CINEMA DE HORROR NEGRO BRASILEIRO

Lucas Bitencourt Fortes⁹

RESUMO

A partir de um olhar sobre três produções cinematográficas nacionais, sendo os curtas-metragens *Gênesis 22* (1999), de Jeferson De, *Egum* (2020), de Yuri Costa, e *Arapuca* (2023), de Joel Caetano, o objetivo é discutir a existência de um cinema de horror negro brasileiro. Além de analisar tais produções, processo denominado aqui como “desmembramento”, pretende-se também problematizá-las, buscando perceber algumas das representações produzidas em cada uma. Para o que se propõe, parte-se do campo dos Estudos Culturais, compreendendo o potencial representacional e pedagógico presente em produções cinematográficas, mesmo aquelas pertencentes ao gênero de horror. Em termos metodológicos, utiliza-se um tripé composto por etnografia de tela, metodologia visual crítica e análise cultural. A partir dessa proposta, torna-se perceptível o quanto, ao longo da história do Brasil, buscou-se excluir e invisibilizar os sujeitos negros, prejudicando, assim, a possibilidade de que suas vozes fossem ouvidas. Isso reflete-se no meio audiovisual, no qual a presença negra foi e ainda é restrita, seja nas telas ou por trás delas. Cabe, nesse sentido, refletir sobre o pequeno número de diretores negros, assim como os estereótipos que ainda persistem em diversas produções. Todavia, apesar de todas as adversidades e barreiras impostas, os sujeitos negros conseguiram conquistar seus espaços, fazendo com que emergisse o que se pode chamar de cinema negro brasileiro. Quando se delimita o olhar, nota-se que, até mesmo dentro do gênero de horror, por vezes visto como marginal, há diretores negros que buscam, a partir das particularidades que o gênero oferece, fazer com que suas histórias e vozes sejam ouvidas. Em meio a uma sociedade que ainda discrimina, e na qual o próprio gênero de horror, por vezes, não é valorizado, encontram-se trabalhos como *Gênesis 22* (1999), de Jeferson De, *Egum* (2020), de Yuri Costa, e *Arapuca* (2023), de Joel Caetano, os quais, apesar de serem curtas-metragens, evidenciam a existência e potencialidade do que pode-se denominar como cinema de horror negro brasileiro. A partir dessas produções torna-se possível perceber múltiplos e valiosos temas que são desenvolvidos. Assim, sob uma perspectiva negra, temáticas relacionadas, por exemplo, à religiosidade, trauma e identidade se manifestam de forma muito subjetiva. Além disso, tornou-se possível perceber que o gênero de horror se configura como uma possibilidade contravisual, permitindo que outras histórias se tornem presentes e sejam ouvidas.

Palavras-chave: Cinema Negro. Horror. Representação. Estudos Culturais.

⁹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Mestre em Educação pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). ORCID: <<https://orcid.org/0000-0002-3134-1612>>. Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/932558668331469>>. E-mail: <l.bitencourt.fortes@gmail.com>.

BYE BYE, BRASIL (1979): FILME E CANÇÃO

João Vitor Rodrigues Alencar¹⁰

RESUMO

O objetivo desta comunicação é realizar um estudo comparado entre o filme "Bye bye, Brasil" (1979), de Cacá Diegues, e a canção homônima, composta por Chico Buarque e Roberto Menescal, através dos referenciais teóricos e metodológicos que abordam a relação entre arte e sociedade tais como formulados por Antonio Candido, Adélia Bezerra de Meneses e Ismail Xavier. O filme retrata as andanças de uma caravana mambembe de circo pelo país, onde eles se deparam com diversas transformações sociais. Uma das principais transformações está sintetizada no encontro entre essa trupe itinerante com a presença da recém-chegada televisão no interior do país. Esse encontro é incorporado no filme como índice de uma mudança mais ampla, que articula modernidade e atraso como um dado que localiza a dinâmica nacional no interior do desenvolvimento capitalista. Como o próprio Diegues sintetiza em sua biografia "Vida de cinema", trata-se de "um filme sobre um país que começa a acabar, para dar lugar a um outro que acaba de começar". Tendo sido composta como tema de um filme já quase pronto e seguindo as sugestões do próprio diretor, era apenas natural que a canção também retomasse esses elementos, o que de certa forma parece ter inclinado parte de sua recepção pelo público e pela crítica. No entanto, iremos argumentar que há diferenças consideráveis entre ela e o filme. Na canção, acompanhamos uma conturbada ligação telefônica em que um eu (que não tem ligação com a cultura popular, como o circo) em suas andanças e projetos em busca de um empreendimento que lhe possibilite algum retorno financeiro. Em relação à própria presença da televisão como índice de transformações histórico-sociais é curioso notar que o tema aparece num verso conjugado no passado e não como um fato central da vida presente que predetermina uma direção futura para a sociedade brasileira: "Eu vi um Brasil na TV". A presença dos media é, assim, um elemento que dá visibilidade à nação, mas só enquanto uma imagem midiática ligada ao passado. Nesse sentido, a letra de Chico parece deslocar a discussão das novidades sociais do país novo que se formava do âmbito relacionado à presença da grande mídia para a natureza das atividades do sujeito.

Palavras-chave: Cinema brasileiro contemporâneo. Indústria cultural. Música Popular Brasileira.

¹⁰ Graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP) e professor do Instituto Federal do Pará (IFPA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6914-1819>. E-mail: joao.alencar.edu@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1470620101683081>.

UMA CORPOGRAFIA INTERSECCIONAL DA CENA DAS FESTAS DE RUA DE MÚSICA ELETRÔNICA

Jonara Cordova ¹¹

RESUMO

O trabalho apresentado propõe uma reflexão sobre a mediação interseccional (Crenshaw, 2013; Akotirene, 2019) na prática do direito à cidade (Lefebvre, 2001), a partir da ocupação dos espaços públicos com eventos musicais. Para a realização do estudo, é considerada a cena das festas de rua de música eletrônica em Porto Alegre (POA), no Rio Grande do Sul, Brasil. Tal cena é formada por coletivos independentes de artistas e produtores que realizam festas em locais públicos com o intuito de disputar os espaços da cidade de maneira crítica. Assim, tendo a cartografia (Rolnik, 2006), a corpografia (Britto e Jacques, 2008) e a roleta interseccional (Carrera, 2021) como inspirações metodológicas, o artigo propõe uma corpografia interseccional, trazendo um mapeamento das distintas formas de opressão vivenciadas por pessoas LGBTQIA+ e negras, bem como das práticas de re-existência (Achinte, 2009) e das táticas de resistência (Certeau, 1998) às diversas formas de injustiça social no contexto festivo. A análise foi realizada a partir de informações coletadas na observação participante de uma festa de rua majoritariamente realizada por e para pessoas trans, bem como de entrevistas feitas com um dos *DJs* e produtores do evento e com o fotógrafo que registrou as imagens da festa. Ao considerar a relação dos corpos que compõem o evento com quatro eixos de análise (*coletividades, espacialidades, sonoridades e virtualidades*), identifiquei que tais pessoas configuram-se sujeitos comunicantes (Saggin e Bonin, 2017), por meio das suas corporalidades (Rosário e Aguiar, 2014), performances (Taylor, 2013) e performatividades (Butler, 2003). Assim, disputam o espaço urbano e expressam sentidos políticos a partir da música, da dança, das vestimentas e da construção de sociabilidades em praças e ruas de Porto Alegre, que reverberam para outros espaços físicos e virtuais, subvertendo a lógica capitalista das “cidades-logotipo” (Britto e Jacques, 2008) e a cisheteronormatividade na cena musical eletrônica.

Palavras-chave: Festa de rua. Música eletrônica. Corpografia interseccional. Performance. Performatividade.

¹¹Jornalista, mestra e doutoranda no PPG em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9019-1781>.

ORLANDO DE VIRGINIA WOOLF E UM APARTAMENTO EM URANO DE PAUL BEATRIZ PRECIADO: TRAVESSIAS E PERFORMANCES DE GÊNERO QUE TRANSGRIDEM A CISHETERONORMATIVIDADE

José Ariosvaldo Alixandrino ¹²

RESUMO

Este estudo tem como objetivo principal, analisar e problematizar as representações e performances identitárias de gênero, em *Orlando* de Virginia Woolf e em *Um Apartamento em Urano* de Paul Beatriz Preciado. Obras escritas em contextos históricos e sociais distintos, embora ambas apresentem similaridades, diferenças e ressignificações sobre identidades de gênero que transgridem a matriz inteligível binária cisheteronormativa. Através de uma análise bibliográfica e comparativa, reflete-se como os dois textos desafiam as normas cisheterorreguladoras de gênero e identidades, criando, no entanto, espaços de resistência, ressignificações e subversão. Ambos os textos, apresentam identidades que transgridem a cisheteronormatividade pré-estabelecida como aceita e natural para performar identidades sexuais e de gênero. Enquanto em *Orlando* percebe-se características e transformações transgressivas acerca das condições em ser masculino ou feminino, visões ambíguas e contraditórias, fluidez performativa das várias manifestações afetivas. *Um Apartamento em Urano* oferece uma crítica mais explícita às normas pré-estabelecidas de gênero e identidade, ao binarismo cisheterorregulador. O autor propõe e sugere que todos (as) (es) os corpos possam performar suas subjetividades. Nossa análise contribui para uma compreensão de forma crítica acerca das múltiplas possibilidades para performar gênero e identidades, e a importância da literatura enquanto ferramenta desafiadora e subversiva em relação às normas sociais cishegemônicas dominantes. Além disso, destaca a importância em considerar a complexidade e a diversidade das representações da identidade, gênero e sexualidade na literatura.

Palavras-chave: Cisheteronormatividade. Gênero. Literatura. Performances. Representatividade.

¹² Possui graduação em Letras, mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pela Universidade Estadual de Goiás, (UEG) e doutorando em Letras - Literatura e Crítica Literária pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC/GO) E-mail: jose.alixandrino@putlook.com . Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/7985272725906696>

A ESPIRITUALIDADE DOS ADOLESCENTES RETRATADA NA PRODUÇÃO DE CURTA-METRAGEM ESTUDANTIL

Rita Cunha¹³

RESUMO

A temática da pesquisa se ocupará com questões relacionadas à espiritualidade dos adolescentes estudantes na escola IENH (Instituição Evangélica de Novo Hamburgo) e as formas de representação dessa espiritualidade na produção fílmica. A pesquisa analisará definições de termos como espiritualidade, sentido de vida, produção de curtas e adolescência. Buscará identificar como a espiritualidade é retratada nas produções fílmicas desses adolescentes que participam do projeto pedagógico. Considerando que a adolescência é uma fase do desenvolvimento humano onde é formada a identidade e que nessa formação identitária há inclusive a afirmação de uma espiritualidade. Considerando também que essa espiritualidade vai além de uma simples religiosidade se expandindo para fora do espectro eclesial. Dessa forma, é possível afirmar que o ser humano adolescente em compasso de espera para a vida adulta ensaia identidades e a sua espiritualidade procura uma inscrição. Inscrição essa que, entre outros espaços, se manifesta também na arte, notadamente na produção fílmica, que como uma janela simbólica, representa a transcendência do cotidiano desses adolescentes. Para realizar esta pesquisa será feito um mapeamento bibliográfico. Um curta será analisado a fim de verificar o espelhamento com os adolescentes e como se configura a espiritualidade deles. De acordo com Robert Yin “Quanto mais suas questões procurarem explicar alguma circunstância presente (por exemplo “como” ou “por que” algum fenômeno social funciona) mais o método do estudo de caso será relevante”. E com base nessa relevância é que o estudo de caso foi a técnica escolhida para descrever o projeto de curta-metragem a seguir. Por fim, as hipóteses formuladas para o estudo em questão são: Adolescentes retratam suas vidas imprimindo em suas histórias, nesse caso no curta, seus saberes, anseios, dúvidas, quereres, sonhos, traumas, expectativas e assim a sua espiritualidade. A pessoa adolescente além do desenvolvimento técnico e da aprendizagem em diferentes funções na produção de um curta ainda consegue desenvolver a sua espiritualidade durante o processo de amadurecimento do tema e com as vivências posteriores. A pessoa adolescente se reconhece como protagonista em suas histórias, muitas vezes sendo reflexo da realidade. Adolescentes se espelham nos filmes e veem o seu reflexo na produção fílmica.

Palavras-chave: Adolescentes. Curta-metragem. Educação. Espiritualidade. Sentido de vida.

¹³ Doutoranda em Teologia, Faculdades Est. Contato: ritacassiacunha@hotmail.com

SAMURAI NEGÃO - ATRAVESSAMENTOS CULTURAIS EM GHOST DOG (1999) e AFRO SAMURAI (2007)

Washington Albuquerque¹⁴

RESUMO

O artigo analisa os atravessamentos culturais em *Ghost Dog: The Way of the Samurai* (1999), de Jim Jarmusch, e *Afro Samurai* (2007), de Takashi Okazaki, explorando como a figura do samurai é ressignificada a partir do protagonismo negro. Com base na teoria de identidade cultural de Stuart Hall (2006), a pesquisa argumenta que essas obras rompem com representações tradicionais ao criar um "samurai contemporâneo", resultado da fusão entre culturas distintas. A globalização e a diáspora negra são fatores centrais na construção dessas narrativas, que incorporam elementos do *bushido*, do *hip-hop*, do *western* e da estética *noir*. O samurai, tradicionalmente um símbolo do Japão feudal, transforma-se ao entrar em contato com outros contextos socioculturais, refletindo a fluidez da identidade cultural. Esse processo ocorre por meio da ressignificação de códigos estéticos, narrativos e filosóficos. Em *Ghost Dog*, o protagonista é um assassino de aluguel que vive de acordo com o *Hagakure*, o código dos samurais, mas atua no submundo do crime organizado. Sua relação com a máfia italiana evidencia um paradoxo entre tradição e contemporaneidade, onde honra e lealdade colidem com traição e violência urbana. *Afro Samurai* apresenta um mundo neo-feudal e futurista onde o personagem principal, marcado pela perda e pelo desejo de vingança, busca derrotar seu inimigo sob a filosofia do *kataki-uchi* (vingança de sangue). A estética das obras reforça essas hibridizações culturais. Em *Ghost Dog*, a trilha sonora assinada por RZA mistura *hip-hop* e sonoridades orientais, enfatizando a interseção entre culturas. A filmagem e a ambientação remetem ao *chanbara* e ao *noir*, criando um protagonista solitário que, apesar de seguir códigos de honra, está deslocado no tempo e no espaço. *Afro Samurai*, por sua vez, combina o visual dos *spaghetti westerns* com a estilização dos animes de ação, além de incluir elementos da cultura afro-americana, como o cabelo *black power* do protagonista e a trilha sonora composta também por RZA. Abordar a identidade cultural como algo dinâmico é uma forma dessas obras demonstrarem que a figura do samurai pode ser reinterpretada de formas inovadoras, desafiando estereótipos e expandindo os limites do gênero. Desse modo, *Ghost Dog* e *Afro Samurai* são exemplos de como o cinema e a animação podem funcionar como espaços de experimentação identitária, criando novas narrativas que refletem a complexidade das interações culturais na contemporaneidade.

Palavras-chave: Samurai, Multicultural, Identidade Cultural, Diáspora, Contemporaneidade.

¹⁴ Mestrando em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) na Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), sob orientação da Profa. Dra. Beatriz Avila Vasconcelos. Membro do Grupo de Pesquisa em Arte, Cultura e Subjetividades (GPACS/CNPq) e do grupo Processos de Criação no Cinema e nas Artes do Vídeo (CINECRIARE/CNPq). Docente no curso de Comunicação Social no Instituto Superior do Litoral do Paraná (ISULPAR). Designer multidisciplinar, artista visual e filmmaker no Masdon Studio e Game Designer na Odd Press. E-mail: heyalbqrq@gmail.com.

“O QUE SERÁ” E “DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS”: ARTE E SOCIEDADE

João Vitor Rodrigues Alencar¹⁵

RESUMO

O objetivo desta comunicação é realizar um estudo comparado entre a adaptação cinematográfica de “Dona flor e seus dois maridos” (1976), de Bruno Barreto, e a canção-tema feita sob encomenda para ele, “O que será”, de Chico Buarque, através dos referenciais teóricos e metodológicos que abordam a relação entre arte e sociedade tais como formulados por Antonio Candido, Adélia Bezerra de Meneses e Ismail Xavier. Relacionadas desde sua origem e tendo alcançado grande sucesso, as duas obras marcaram época e costumam ser lembradas em conjunto, como exemplo de uma fina percepção da transformação na relação entre a arte e a sociedade em meados dos anos 1970 no que se refere aos desejos e às demandas do público. Apesar da origem comum, buscarei indicar uma hipótese diferente, a de que as injunções históricas, marcadas por um lado pelos anseios mobilizados pelo processo de liberalização, tanto econômica quanto política, e, por outro, pela frustração com os rumos econômicos sintetizados na derrocada do dito milagre econômico, são incorporados ao filme e à canção de maneiras diferentes. Enquanto o filme “Dona flor e seus dois maridos” subsume esse processo através da realização de um produto mercadológico bem acabado para os padrões da época através da incorporação de determinados padrões técnicos, realizando um fenômeno de afastamento a determinadas discussões ligadas ao cinema novo, “O que será” recupera, articula o retorno ao romance de Jorge Amado à experiência vivenciada em Cuba, realocando as questões estéticas do filme num novo patamar de discussão política, sintonizado com os acontecimentos decisivos daqueles anos 1970, mas que radicam na experiência da colonização e das lutas revolucionárias contra ela. Assim, no lugar de uma obra que busca incorporar elementos do gosto nacional num novo padrão de consumo internacional, Chico nos apresenta uma canção que recupera elementos arcaicos que irmanam às experiências de engajamento latino-americano em torno de possibilidades revolucionárias.

Palavras-chave: Cinema brasileiro contemporâneo. Anos 70. Música Popular Brasileira.

¹⁵ Graduado em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP), doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada (USP) e professor do Instituto Federal do Pará (IFPA). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6914-1819>. E-mail: joao.alencar.edu@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1470620101683081>.

O JOGO DA DOMINAÇÃO: VIOLÊNCIA SIMBÓLICA, HORROR PSICOLÓGICO E INSURGÊNCIA FEMININA NO FILME *HEREGE* (2024)

Loislainne Ferreira Araújo¹⁶

Rafael Adelino Fortes¹⁷

Noemi dos Reis Corrêa¹⁸

RESUMO

O filme *Herege* (2024) apresenta uma narrativa que explora as relações entre gênero e religião, explorando a vulnerabilidade feminina em um contexto de dominação patriarcal. A história segue a trajetória de duas missionárias que, ao confrontarem o enigmático Sr. Reed, são submetidas a um jogo psicológico que reflete estruturas históricas de opressão. O objetivo deste estudo é investigar como a obra cinematográfica constrói a relação entre as protagonistas e seus antagonistas, evidenciando as tensões entre submissão e resistência nos cenários religioso e social. A vulnerabilidade das missionárias é percebida tanto de forma física quanto simbólica, o que representa a posição historicamente submissa das mulheres dentro das instituições religiosas Beauvoir, (2020). O Sr. Reed representa o poder masculino, cuja autoridade não se limita à força física, mas também à capacidade de manipulação ideológica, o que remete ao conceito de violência simbólica de Bourdieu (1998). O longa reforça e, ao mesmo tempo, subverte essas dinâmicas ao apresentar as mulheres não apenas como vítimas passivas, mas também como agentes de transformação, criando uma tensão narrativa entre obediência e insurgência. A obra utiliza enquadramentos e iluminação para enfatizar a diferença de poder entre os personagens, evocando a estética do horror psicológico para reforçar a sensação de aprisionamento e impotência feminina Clover (1992). A relação entre gênero e religião no filme estabelece uma conexão com as discussões sobre o papel da mulher nas doutrinas cristãs, que, frequentemente, associam a feminilidade à pureza e à pureza. A obra, dessa forma, permite uma análise crítica das estruturas de poder que sustentam a subjugação das mulheres em contextos religiosos e sociais. *Herege* (2024) evidencia as dinâmicas de dominação masculina historicamente presentes nas instituições religiosas, ao mesmo tempo em que propõe uma reflexão sobre a resistência feminina dentro dessas estruturas. A representação das missionárias e sua relação com o antagonista revela tensões entre submissão e autonomia, salientando a relevância das mulheres em contextos de opressão e sua capacidade de subversão. A abordagem do filme contribui para os estudos sobre gênero no cinema, aumentando o debate sobre as representações culturais da mulher no horror contemporâneo e suas implicações sociais e simbólicas.

Palavras-chave: Gênero. Religião. Patriarcado. Violência simbólica. Horror psicológico.

¹⁶ Acadêmica do curso de Letras – Português e inglês do Centro Universitário Cidade Verde (UniCV)

¹⁷ Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Londrina, Doutor em Estudos de Linguagem pela Universidade Federal de Mato Grosso e docente no IFMT – campus Juína. <https://orcid.org/0000-0002-1155-2789>

¹⁸ Doutora em Sociologia pelo programa de Pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos - PPGS/UFSCAR. <https://orcid.org/0000-0002-1924-6460>

E O OSCAR VAI PARA... ANNE HATHAWAY: O EFEITO DA DECISÃO DO DIRETOR PELO USO DE CLOSE-UP SOBRE O ENGAJAMENTO EMOCIONAL DIANTE DAS CENAS DE "OS MISERÁVEIS" (2012)

Thales Vianna Coutinho ¹⁹

RESUMO

A psicologia da mídia sugere que planos em close-up intensificam a empatia dos espectadores com os personagens, ampliando a percepção de suas emoções e estados mentais. Estudos recentes apontam que essa técnica cinematográfica facilita a teoria da mente e aprofunda a imersão na narrativa. Este trabalho analisa o uso dessa estratégia no filme *Os Miseráveis* (2012), com foco na cena em que Anne Hathaway interpreta *I Dreamed a Dream*, performance que lhe rendeu o Oscar de Melhor Atriz Coadjuvante. A decisão do diretor Tom Hooper de utilizar um close-up de rosto na atriz contribuiu para maximizar a conexão emocional com o público, tornando a sequência um dos momentos mais emblemáticos do filme. No caso de Hathaway, a escolha estética destacou cada nuance de dor e resignação da personagem Fantine, amplificando seu apelo dramático. No entanto, apesar de sua contribuição estética e emocional decisiva para o sucesso da cena, em um momento histórico em que a própria literatura científica da psicologia não demonstrava esse efeito, o Oscar de 2012 foi injusto ao não indicar Tom Hooper na categoria de *Melhor Diretor*. Sua direção refinada, antecipando os achados científicos, foi determinante para a construção de uma das performances mais impactantes da década. Esta análise reafirma o papel central da linguagem visual na recepção afetiva e no reconhecimento crítico de atuações cinematográficas.

Palavras-chave: Close-up, Empatia, Psicologia da mídia, Engajamento emocional, Cinema.

¹⁹ Psicólogo, mestre em Medicina Molecular (UFMG) e doutorando em Teoria Literária (União de Londrina). Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Campos de Andrade – União de Londrina. E-mail: psicologia@uniandrade.edu.br

OS 6 ATOS DO VII SIEL: OS REGISTROS E A MEMÓRIA DAS/NAS PERFORMANCES ARTÍSTICAS DURANTE A SEMANA DE LETRAS

Henrique dos Santos Mosciaro²⁰

Aline Silva Vieira²¹

Angela Maria Guida²²

RESUMO

O SIEL/Semana de Letras é o principal evento acadêmico dos cursos de Letras da FAALC/UFMS, onde todos os alunos e professores se concentram em prestigiar as diferentes palestras, conferências, comunicações e minicursos que são ofertados ao longo de quatro dias; no SIEL de 2024, passamos a contar com variadas apresentações culturais ao longo do evento, antes de cada palestra/conferência, colocando a arte no mesmo espaço de prestígio que, até então, somente ocupava a parte dita "científica". Neste trabalho, tratamos de um memorial artístico, visando fazer algumas reflexões, decorrentes das apresentações e as temáticas várias exploradas por meio das performances através de diferentes linguagens artísticas. Totalizando 6 "atividades artísticas", como consta na programação de 2024, foram realizadas ao longo do evento, contemplando as seguintes linguagens artísticas: dança, música, teatro, literatura (poesia) e audiovisual. Cada atividade recebeu um número e foi nomeada como um "ato", também sendo atribuído um nome em diferentes línguas, e o corpus performático buscava sempre conectar-se com a temática da mesa redonda que se seguia, assim como contar uma história. Nossa metodologia é uma análise de cunho qualitativo, com um caráter etnográfico, baseando-nos tanto nos textos adaptados em cena, quanto nas montagens e as apresentações das performances, que, por meio destas, são avivadas memórias e resgatadas diferentes histórias de: exílio no Brasil de 64; resistência e corpos dissidentes; mitos das acrópoles e ágoras; leitores no MS; identidade fronteiriça; e é através da busca de registros para as montagens das apresentações que efetiva-se a contação de diferentes histórias, permitindo que elas, por meio do objeto artístico, continuem vivas na memória coletiva.

Palavras-chave: Memorial Artístico. Registro. Performance. Semana De Letras, SIEL.

²⁰ Técnico em Informática pelo Instituto Federal de Mato Grosso do Sul (IFMS) – Campus Corumbá, graduando do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

²¹ Mestre, e doutoranda, em Letras e Bacharel em Artes Cênicas pela Faculdade de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal da Grande Dourados (FALE/UFGD), graduando do Curso de Letras – Licenciatura – Português/Espanhol pela Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS)

²² Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (FL/UFRJ) e Professora Associada da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (FAALC/UFMS), atuando nos cursos de graduação em Letras (Português/Espanhol e Português/Inglês) e pós-graduação em Estudos de Linguagens (PPGEL/UFMS) e Educação Matemática (PPGEduMat/UFMS)

LIMINARIDADE, IMAGINÁRIO E IDENTIDADE QUEER EM *I SAW THE TV GLOW*

Ash Armanini Mezdri²³

Fernando Mezdri²⁴

RESUMO

O presente trabalho analisa o filme *I Saw The TV Glow* (2024) de Jane Schoenbrun, examinando como sua narrativa constrói e explora espaços simbólicos de resistência queer através dos conceitos de liminaridade, imaginário e identidade. O objetivo central da pesquisa é aprofundar a compreensão das identidades queer por meio da jornada das personagens Owen e Maddy em busca de suas verdadeiras identidades e corpos; e é por meio da série fictícia *The Pink Opaque* que são protagonistas encontram um espaço de (re)descoberta e resistência frente às normas cisheteronormativas impostas. Trata-se de uma análise narrativa, simbólica e cinematográfica, com base em revisão bibliográfica, que articula três perspectivas principais: a teoria da liminaridade de Turner (1974), que ilumina o estado transitório das identidades queer; os horizontes imaginativos de Crapanzano (2005) que evidenciam as fronteiras e limites entre a realidade e a fantasia do filme; e o poder simbólico conforme Bourdieu (2007) para analisar as imposições e violências simbólicas do cotidiano. As reflexões de Butler (2018) são igualmente importantes para entender a significância da performatividade e a subjetividade de gênero. A análise mostra como o filme estabelece uma conexão entre a liminaridade da transgeneridade à possibilidade de existir além do imaginário, com *The Pink Opaque* atuando como um catalisador das inquietações internas diante da violência simbólica contra corpos desviantes da norma cisheteronormativa. A escolha de cores saturadas e vivas, aliadas à ambientação nostálgica e melancólica, reforça - juntamente com a narrativa e outros elementos visuais da trama - o contraste das expectativas sociais normativas e a busca por uma identidade que tenta viver plenamente. As decisões tomadas por Owen e Maddy ilustram algumas das formas de se lidar diante esse choque de realidades e principalmente diante imposições simbólicas naturalizadas. Conclui-se que *I Saw The TV Glow* funciona como obra cinematográfica e como símbolo de resistência social: oferece um refúgio para identidades não-normativas, e transforma a tela da televisão em um portal para a reinvenção do ser para além da realidade.

Palavras-chave: Identidade. Imaginário. Liminar. Queer. Simbolismo.

²³ Graduando em Antropologia na Universidade Federal de Santa Catarina

²⁴ Licenciado em Filosofia, mestre e doutor em Sociologia Política pela UFSC. Professor do ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC - câmpus Gaspar).

A CASTRAÇÃO DO TOQUE: *NOLI ME TANGERE* E JEAN-CLAUDE BRISSEAU

Brenda Valois²⁵

RESUMO

Deambulando pela sua nova casa, no subúrbio parisiense, Bruno (Vincent Gasperitsch) se depara com a Figura de uma mulher que, trajando roupas de outra época acompanhada por um falcão sob uma luz azul mística, se distingue do ambiente realista. Atraído pela mulher, o garoto percorre o corredor do apartamento até que todo o espaço seja tomado pela luminosidade distinta. A Figura da mulher, que agora aparece vestindo apenas a sua nudez, convida e guia a mão de Bruno pelo seu corpo. Entretanto, quando o garoto decide prosseguir tocando-a sem sua assistência, o falcão – que a acompanhava – ressurgiu na imagem arranhando o rosto de Bruno, encerrando a cena e negando o toque. Essa cena do filme *O Som e A Fúria* (1988) é um evento típico dos filmes de Jean-Claude Brisseau – cineasta francês que teve suas principais realizações entre as décadas de 1980 e 2000, tocando sempre em três pontos muito caros para o seu cinema: misticismo, brutalidade e sexualidade. Mas a marca do diretor se dá, efetivamente, dentre outros pontos, pela construção de uma diegese em que o real e o fantasma – o profano e o divino – coabitam. Todavia, apesar de haver um único regime, o toque parece estar submetido a uma ordem ou hierarquia que estabelece limites, que leva ao caminho da interdição e, conseqüentemente, à castração. Assim, o objetivo desta pesquisa é analisar e compreender a impedição do toque à Figura – aqui, o conceito de Figura sendo trabalhado através do estudo de Erich Auerbach em *Figura*, de Aby Warburg, por intermédio de Philippe-Alain Michaud (*Aby Warburg e a imagem em movimento*) e de Didi-Huberman (*Imagem Sobrevivente*), com a sua investigação sobre a sobrevivência das imagens e os fantasmas da história da arte, e de Nicole Brenez com a sua leitura figural no cinema em *On The Figure in General and The Body in Particular* – como uma castração através da relação com o evento bíblico do *Noli me Tangere*, do Evangelho de João, no Novo Testamento, dentro dessa diegese em que coabitam o divino e o profano. Nesse evento bíblico – dilatado por Jean-Luc Nancy em *Noli me Tangere: On the raising of the body* –, Jesus, aparecendo pela primeira vez ressuscitado, não permite que Maria Madalena toque o seu corpo, impondo uma distância entre o sagrado e o profano, mesmo que ambos coexistam num único plano.

Palavras-chave: Jean-Claude Brisseau. *Noli me tangere*. Figura. Divino. Profano.

²⁵ Brenda Valois (ORCID: 0009-0006-6709-375X) é graduanda em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação do Prof. Dr. André Antônio Barbosa.

O QUADRO, A LUZ E SEU REGISTRO: SOBRE A DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA EM “AINDA ESTOU AQUI” E “MARTE UM”

Daniel Leão²⁶

RESUMO

Este trabalho propõe uma análise da cinematografia (direção de fotografia) de *Ainda estou aqui* (Walter Salles, 2024) e *Marte Um* (Gabriel Martins, 2022), investigando como elementos técnicos e estéticos — como luz, cor e composição visual — articulam-se às narrativas e temas sociais abordados. Nossa metodologia se baseia na análise de planos, paletas cromáticas e esquemas de iluminação, articulando-os às discussões teóricas sobre cinematografia (MOURA, 2001; THOMPSON; BORDWELL, 2013; BROWN, 2021), da cor e da iluminação (PEDROSA, 2008; REVAULT D’ALLONNES, 2021) e a representação da pele negra no cinema (BOMFIM, 2019; DYER, 1999; FELICIANO, 2023). Em ambos os filmes é possível perceber um uso complexo e distinto de estratégias de iluminação e composição. Para citar nos termos em aspectos centrais que serão abordados, *Ainda estou aqui* (cinematografia de Adrian Teijido), filmado em película Kodak Vision 500] 5219, teve uma manipulação fundamental. Nas palavras de Teijido, “A partir do momento em que Rubens Paiva é levado pela polícia, decidi puxar 1 Stop o [filme Kodak Vision 500] 5219. Usei a textura do grão como um elemento narrativo”. Neste gesto, alcança-se ainda outra forma de registrar as luzes e cores ambientes, o que é ainda reforçado pelas estratégias de iluminação e caracterização. Os enquadramentos são igualmente notáveis, como o plongée escolhido para registrar a subida de Eunice à área íntima da casa antes da mudança para São Paulo. Em *Marte Um*, Leonardo Feliciano se vale de uma iluminação que busca emular aquela dos corpos celestes, levando em consideração a importância que estes têm para o protagonista do filme, sempre dentro da linha dietética da obra: “o meu trabalho foi guiado pelas luzes acadêmicas clássicas, mas na intenção de personalizá-las ao máximo: isto é, reter os signos da luz solar e lunar, para então, escanear suas assinaturas, e estampá-las nas peles dos atores e locações”, como afirma Feliciano. A luz dos astros foi alinhado com uma “iluminação dramática para peles negras”, conjugando-se fontes de luz que refletissem de forma especular na pele. Ambos os filmes, distintos em suas preocupações, estilo e mesmo em seu material de registro, empregam a cinematografia como extensão da dramaturgia, valendo-se da expressão imagética como elemento essencial para simbolizar os aspectos afetivos, políticos e narrativos da história. Uma análise conjunta pode contribuir para debates sobre técnica e estética no cinema nacional, destacando a fotografia como linguagem autoral e expressiva.

Palavras-chave: Cinema Brasileiro Contemporâneo. Cinematografia. Direção de Fotografia. *Marte Um*. *Ainda estou aqui*.

²⁶ Daniel Leão é professor e cineasta. Graduado em Cinema (UFF, 2010) e doutor em Artes Visuais (UDESC, 2020), realizou pesquisa pós-doutoral (UFSC, 2023-2024) com apoio do CNPq a respeito dos filmes que abordam a golpe de 2016. É professor de Direção de Fotografia na Universidade Federal Fluminense.

TRAMAS DA MEMÓRIA NA HQ *BORDADOS*, DE MARJANE SATRAPI

Raquelle Barroso de Albuquerque²⁷

RESUMO

Este trabalho faz considerações acerca da memória, na narrativa gráfica *Bordados* (2010), da ilustradora, escritora e cineasta franco-iraniana Marjane Satrapi. Nesta narrativa autoficcional, a autora se utiliza de ironia e comicidade para sondar as memórias das mulheres que fazem parte de sua vida e círculo social no Irã. Ao passo que se reúnem para bordar e tomar chá, elas narram suas histórias pessoais, cheias de confissões íntimas e certo grau de amargura, regadas pela hipocrisia do regime absolutista que rege o país. Satrapi consegue montar, de forma bem-humorada, mas também melancólica, um recorte da condição da mulher numa sociedade marcada pela misoginia que tanto reprime quanto condena a sexualidade e os corpos femininos. A partir dos relatos das personagens, têm-se não apenas seus testemunhos e histórias pessoais, mas também um rápido olhar que possibilita ao leitor imaginar a história de todas as mulheres, independente de espaço e tempo. A metodologia deste trabalho se desenvolve através da leitura da HQ e com embasamento de teóricos de diferentes áreas do saber acadêmico, para que, deste modo, seja construída uma análise crítica da memória tal como aparece na narrativa em questão. O principal suporte teórico será encontrado em: Jeanne Marie Gagnebin (2009), a qual afirma que a história não seria exatamente uma “descrição positiva”, mas contém, além de tudo, um toque de *poiesis*, visto que se faz também com as histórias dos que a viveram, com seus testemunhos; Paul Ricoeur (2007) fala da história narrada e que esta “remete sempre às dimensões humanas da ação e da linguagem”; Aleida Assman (2011), dentre outras questões, fala do local geracional ser assim entendido por ser uma memória que precisa do tempo para fazer sentido, além dos relatos que resgatam memórias; Maurice Halbwachs (2024) traz a reflexão acerca da memória individual e da memória coletiva, que se costuram, tal qual um bordado, e formam uma só História.

Palavras-chave: Memória. Narrativa gráfica. Feminino. História. Sociedade.

²⁷ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Ceará – UFC, programa no qual pesquisa espaço e memória na literatura e nos quadrinhos. É professora efetiva de Língua Portuguesa no Instituto Federal do Piauí – IFPI.

NOTAS SOBRE A REPRESENTAÇÃO DE ARTISTAS NO CINEMA

Victor da Silva Zanini²⁸

RESUMO

Este trabalho busca observar a representação da prática artística no cinema, analisando como as narrativas audiovisuais constroem imagens de artistas e de seus processos criativos, e os consequentes discursos que essas narrativas reforçam ou subvertem perante paradigmas da figuração de artistas na cultura de modo geral. Buscando articular a história da arte, a teoria e crítica cinematográfica, os estudos culturais, e os estudos de gênero, raça e representação, elenca-se uma série de filmes a fins de ilustrar e problematizar a forma como a arte e artistas são concebidos no cinema, considerando as nuances de gênero, raça e contexto social. Ao se observar como estas figuras de artistas são inseridas e desenvolvidas na narrativa e que papel a arte desempenha na performatividade e enredo destas personagens, pode-se melhor compreender de que modo estas representações reafirmam ou subvertem estereótipos e hegemonias. Duas questões centrais emergem dessa discussão: o contraste de diferentes representações que variam entre realistas e alegóricas, negativas e positivas, simplistas e complexas; e a forma como a autoria negra, feminina ou com conhecimento prático no campo artístico impacta a construção representativa nestes filmes. Enquanto figuras históricas costumam ser retratadas sob um viés romantizado ou alegórico e figuras masculinas são frequentemente vinculadas à genialidade ou à centelha divina, artistas mulheres tendem a ser representadas em estado de suspensão, liminaridade ou à margem do cânone. Da mesma forma, a presença de artistas negros no cinema oscila entre narrativas que os colocam como exceções e aquelas que reprisam sua invisibilidade histórica. Outros filmes desnaturalizam a prática artística ou utilizam a arte como simbolismo de exclusividade, distância e estranhamento. Problematicar essas representações impõe buscar formas do cinema contribuir para a ampliação das possibilidades de construção de imagens de artistas e da arte, evidenciando a importância de contra-narrativas na reformulação da história da arte e da cultura visual em outros filmes e representações que contemplem a diversidade da prática artística e a relevância de suas relações com gênero, raça e contexto social, e explorem a potência transformadora da arte, notabilizando seu papel na formação de identidades, na construção de conhecimentos, e no desenvolvimento dos meios sensoriais e intelectuais pelos quais compreendemos a existência. Abrindo espaço para o cinema enquanto ferramenta de visibilidade, subversão e resistência, e para um outro devir da experiência e da prática artística não só no espaço cinematográfico, mas no mundo como um todo.

Palavras-chave: Arte e Cinema. Artistas. Representação. Gênero. Raça.

²⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Cinema e Artes do Vídeo (PPG-CINEAV) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar), campus Curitiba II/Faculdade de Artes do Paraná (FAP).

A ESTÉTICA PRÉ-RAFAELITA EM “MELANCOLIA” DE LARS VON TRIER

Gabriela Sá Pauka²⁹

RESUMO

O presente estudo analisa a estética pré-rafaelita no filme *Melancholia* (2011), de Lars von Trier, identificando e interpretando seus múltiplos momentos intertextuais com a pintura pré-rafaelita. O longa-metragem, ao expandir os limites do gênero *sci-fi*, propõe uma investigação estética sobre o comportamento humano diante da aniquilação da vida na Terra, distanciando-se do tradicional enredo de ficção científica, aquele apoiado pelo progresso racionalista e tecnológico. O filme estrutura-se a partir da colisão iminente entre a Terra e o planeta Melancholia, evocando, por meio de paródias e referências visuais, a sensibilidade e a composição das obras da Irmandade Pré-Rafaelita. O artigo tem como objetivo mapear e analisar as referências pré-rafaelitas presentes no filme, explorando os efeitos de sentido gerados pela intertextualidade. A fundamentação teórica da pesquisa apoia-se nas noções de intertextualidade de Julia Kristeva (1974), na teoria da paródia de Linda Hutcheon (1989) e na comparação interartística proposta por Mario Praz (1982). Dessa forma, a abordagem enfatiza o cinema como um meio intertextual por excelência, que dialoga com cânones da pintura e da literatura. A análise identifica cenas do filme que remetem a telas icônicas da Irmandade Pré-Rafaelita, como *Ophelia* (1852), de John Everett Millais, *A Filha do Lenhador* (1851), de Millais, *A Senhora de Shalott Olhando para Lancelot* (1894), de John William Waterhouse, e *Beata Beatrix* (1870), de Dante Gabriel Rossetti. Em *Melancholia*, essas referências são apropriadas de forma paródica, subvertendo significados originais e ressignificando a iconografia pré-rafaelita para uma reflexão contemporânea sobre o colapso da civilização moderna e o desencantamento do mundo. A pesquisa também evidencia como Trier utiliza técnicas cinematográficas específicas para acentuar o caráter intertextual do filme. A estética da luz, a paleta de cores e a câmera instável são recursos que reforçam a melancolia e o estranhamento da narrativa. Além disso, a trilha sonora, composta pelo prelúdio de *Tristão e Isolda*, de Richard Wagner, complementa a evocação da estética romântica e da tragédia inevitável. Os resultados apontam que Trier, ao recorrer ao pré-rafaelismo, propõe uma crítica ao ideal mecanicista da modernidade e reafirma a necessidade de um olhar artístico que recupere a sensibilidade e a subjetividade humanas. O estudo conclui que *Melancholia* não apenas referência o passado artístico, mas o transforma em um pastiche pós-moderno que tensiona os limites entre tradição e inovação.

Palavras-chave: Intertextualidade. Audiovisual e Artes Visuais. Estudos Comparatistas. Paródia Estética. Estudos Interartes.

²⁹ Professora Assistente do Departamento de Ciências da Educação/Letras da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Campus de Ariquemes. Doutoranda em Literatura e Vida Social pela na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Campus de Assis. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1573-9495>

CINEMA BRASILEIRO NEODISTÓPICO

Felipe Benicio³⁰

RESUMO

A ficção especulativa, sobretudo a ficção científica e a distopia, estão presentes na história do cinema desde a sua gênese, como atestam clássicos como *Le Voyage dans la Lune* (Georges Méliès, 1902) e *Metropolis* (Fritz Lang, 1927). Como é sabido no campo de estudos da ficção científica, tais obras são menos sobre o futuro do que sobre aspectos inerentes ao contexto em que foram concebidas (Suvin, 1979; Seed, 2011), o que implica em dizer que, nesse contexto, a especulação acerca do futuro, ou mesmo o vislumbre de realidades alternativas, é algo potencialmente carregado de uma visão crítica em relação ao seu presente histórico. Embora o cinema brasileiro não seja famoso pelas suas produções especulativas, é evidente que tal artifício tem sido cada vez mais utilizado por realizadores/as audiovisuais nos últimos anos, principalmente em produções independentes, oferecendo muitas vezes um contraponto crítico e criativo aos *blockbusters* hollywoodianos congêneres. Em um contexto brasileiro em que a sociedade tem flertado de maneira cada vez mais perigosa com o fascismo, a intolerância e toda sorte de preconceitos, não é de se admirar que a literatura e cinema nacionais tenham aderido à ficção especulativa como uma ferramenta para expressar seus medos e suas esperanças. Diante disso, a presente comunicação tem como objetivo apresentar um breve panorama crítico do cinema brasileiro contemporâneo, com enfoque em obras que podem ser caracterizadas como neodistópicas, isto é, narrativas que reelaboram as características típicas das distopias do século XX, dando origem a significativas reconfigurações formais e temáticas, como pode ser observado nos filmes *Branco sai, preto fica* (Adirley Queirós, 2014), *Divino amor* (Gabriel Mascaro, 2019), *Bacurau* (Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles, 2019), *Medusa* (Anita Rocha da Silveira, 2021), *Mato seco em chamas* (Joana Pimenta e Adirley Queirós, 2022). Para tanto, são cruciais para a presente reflexão as discussões teóricas de Baccolini e Moylan (2003), Moylan (2016) e Claeys (2017) sobre distopias; Levitas (2001) e Sargent (2010) sobre utopismo; Benicio (2023) sobre o neodistópico; Nagib (2006) e Kalil (2023) sobre a utopia no cinema brasileiro. Espera-se que esta comunicação possa contribuir para o desdobramento do conceito de neodistópico, utilizando-o para refletir sobre obras audiovisuais; com as discussões acerca do cinema especulativo brasileiro; e, por fim, com a fortuna crítica dos filmes analisados.

Palavras-chave: Cinema brasileiro contemporâneo. Ficção especulativa. Neodistópico.

³⁰ Felipe Benicio é escritor, doutor em Estudos Literários e professor de literatura do curso de Letras-Inglês da Universidade Federal de Alagoas. Publicou o livro de poemas *do Caos &* (Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018), e o livro de teoria literária *O neodistópico: metamorfoses da distopia no século XXI* (Edufal, 2023). Integra o grupo de pesquisa Literatura & Utopia e é membro do Coletivo Volante. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5839-0994>.

A SIMBOLOGIA DO PAVÃO MISTERIOSO EM NARRATIVAS SERIADAS

Rodrigo Nunes da Silva³¹
Linduarte Pereira Rodrigues³²

RESUMO

As representações simbólicas advêm dos lastros mitológicos e constituem o pensamento coletivo, revelando valores universais capazes de representar padrões e conceitos por meio da imaginação humana (Durand, 2012). Como forma de linguagem simbólica, esse reservatório universal, que jorra imagens ancestrais/arquetípicas, incide na compreensão da condição sociocultural e histórica dos povos, assim como nos dilemas que fazem parte das práticas discursivas contemporâneas. Nesse contexto, este trabalho toma as séries televisivas como material de análise, considerando-as como produções multimidiáticas que combinam diferentes linguagens para construir significados e que trazem à tona acervos simbólicos do imaginário coletivo que tanto representam/figurativizam quanto engendram os modos como os indivíduos agem na sociedade. Por isso, a pesquisa se volta para o nomadismo das vozes e a ressignificação de signos e símbolos que reverberam em narrativas seriadas populares da atualidade, a partir da atualização de elementos e personagens mí(s)tico-simbólicos. Destaca como estudo de caso a simbologia do pavão misterioso em três séries dramáticas de *streaming*: i) *Veneno*, lançada em 2020, pela HBO Max, com direção de Javier Ambrossi e Javier Calvo — apresenta a história da cantora transgênero e personalidade televisiva Cristina Ortiz; ii) *Sagrada Família*, lançada em 2022, pela Netflix, com direção de Manolo Caro — expõe a representação da maternidade; e iii) *Manifest: o mistério do voo 828*, exibida em quatro temporadas entre 2018 e 2023, pela Netflix, com direção de David Frankel — perscruta fenômenos escatológicos. Nestas produções, o estudo reflete acerca do mistério do pavão e as nuances arquetípicas que atravessam seus enredos, explorando o simbolismo multifacetado que tece as tramas do texto seriado; e desse modo, objetiva analisar o processo de semiose imagético-figurativo suscitado pelo imaginário do pavão misterioso nas narrativas contemporâneas. A pesquisa dialoga com pressupostos teóricos que transitam por práticas culturais, dialógicas e interartes (Zumthor, 1993; 2005; Bakhtin, 2016; Clüver, 2007; Rajewski, 2012), mediante um olhar simbólico-antropológico (Durand, 2012; Jung, 2014; 2021) que enviesa a tomada macro científica da Semiótica Antropológica (Rodrigues, 2011) e congrega o imaginário e os símbolos nos processos de significação textual. Assim sendo, o estudo demonstra que os mecanismos semióticos que tecem as narrativas ficcionais seriadas provêm de artefatos mitológicos que compõem uma vasta gama de significados simbólicos. Por essa razão, a força simbólica do pavão misterioso se consagra nas brumas do tempo, sendo orquestrada por vozes mitológicas que produzem e fazem circular efeitos de sentido, conectando a humanidade aos fenômenos históricos e culturais de todos os tempos.

Palavras-chave: Imaginário popular. Pavão Misterioso. Narrativas seriadas.

³¹ Doutorando em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Bolsista CAPES. Membro do Grupo de pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq/UEPB). ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2553-2399>. E-mail: rodrygonunes22@gmail.com.

³² Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Professor da Faculdade de Linguística, Letras e Artes e dos Programas de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade e Formação de Professores da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Líder do Grupo de Pesquisa Teorias do sentido: discursos e significações (TEOSSENO-CNPq-UEPB). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9748-179X>. E-mail: linduartepr@gmail.com.

NARRATIVAS CORPORAIS NAS INFÂNCIAS: EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS NO ENCONTRO DE SI COM O OUTRO

Paula Carina Kornatzki³³

Sílvia Sell Duarte Pillotto³⁴

RESUMO

A presente pesquisa visa produzir dados de experimentos com crianças do ensino fundamental I acerca das narrativas corporais. Observar como se dão as narrativas corporais com crianças do quarto ano do ensino fundamental, tendo como fundamento a experiência estética. Investigar a potencialidade comunicativa dos corpos que se sensibilizam, se conectam e se transformam em meio a situações extracotidianas e lúdicas. Criar métodos para promover ações empíricas de experiências estéticas, aprendizagem e diálogo, e produzir dados que amparem o trabalho de outras professoras. Analisar as narrativas corporais nas infâncias por meio de experiências estéticas evidenciando contribuições para os processos sensíveis. Os conteúdos internos que surgem dos gestos e movimentos das crianças em atuação serão apreciados pelos colegas e pela professora/pesquisadora com intuito de trazer inovação à educação. Promover a expressão significativa do corpo das crianças de modo que se sintam mais valorizadas. Explorar momentos de sensibilização e experiência estética, deslocando a criança da atmosfera cotidiana para a suspensão artística e poética, criando espaço seguro para a expressão corporal e a troca. Tais procedimentos podem evidenciar os conteúdos internos, os quais necessitam um olhar cuidadoso e respeitoso. Como professora pesquisadora anseio capacitar-me a promover as experiências estéticas e o desenvolvimento integral das crianças. Utilizarei o método narrativo autobiográfico pois, apesar de pesquisar as infâncias, me coloco no centro da investigação como autora e produto da mesma que analisa fenomenologicamente os acontecimentos. Os autores e autoras que podem contribuir nesta pesquisa são Merleau Ponty, Osteto, Duarte Júnior, Meira e Pillotto, Rancière e Paulo Freire. Segundo Merleau Ponty (2011) o movimento corporal humano é ação que atribui significado ao mundo. Esta afirmação pode nos ajudar a justificar a execução de práticas didáticas que conduzam os saberes por meio do corpo e da voz. Conhecer o corpo, os movimentos que ele produz e as sensações sentidas nos faz produzir desenvolvimento humano e político por meio da linguagem. Rancière, (2020) expõe que a arte contemporânea possui estreita relação com a política, pois, por meio da sensibilidade comum das comunidades, e das condições de tempo e espaço em que os indivíduos se encontram, a estética se aproxima da política. Campo a ser considerado na presente pesquisa devido às possibilidades de desdobramentos que as práticas corporais e vocais artísticas podem obter. Meira e Pillotto (2010) apontam a pertinência de abordagens sensíveis, afetivas e imaginárias nos processos de ensino e aprendizagem, que produzam espaços de encontros significativos, preparando cidadãos e cidadãs com empatia e afeto.

Palavras-chave: Narrativas corporais. Infâncias. Corpo. Práticas educativas. Experiência Estética.

³³ Doutoranda em Educação pela Universidade da Região de Joinville (Univille). Orcid 0009-0001-6118-2915 kornatzkipaula@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/5170192994669578>

³⁴ Professora Orientadora pela Universidade da Região de Joinville – Univille. pillotto0@gmail.com, <http://lattes.cnpq.br/3787447361829087>

REFLEXÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA DA HISTÓRIA ORAL ATRAVÉS DE O RESGATE DE UM CAMPEÃO (2007)

Caliel Alves dos Santos ¹

RESUMO

A História contemporânea adquiriu maior interdisciplinaridade no início do século XX. Dela surgiu o campo de pesquisa História e Cinema. Isso gerou diversas possibilidades de interação, dentre elas, o uso do cinema para refletir sobre os diferentes métodos de pesquisa. Nesse intento, o estudo propõe uma reflexão teórico-metodológica sobre a História Oral por meio da análise do filme *O resgate de um campeão* (2007). Antes disso, um breve histórico. O cinema surgiu no final do século XIX. Apesar do seu potencial em suscitar problematizações, não foi alvo dos historiadores até que novos paradigmas historiográficos surgidos no Pós-Guerra fizessem do cinema um tema de pesquisa. A análise documental do cinema exigiu novas abordagens e conceitos. Por meio do cinema, é possível refletir sobre outras áreas de saber, como a História Oral. Em detrimento de outras percepções, pode ser compreendida como um campo de pesquisa da Ciência Histórica, com método bem-definido, e focado na memória de sujeitos ou grupos sociais que registram as suas experiências de vida através de entrevistas. Ela exige do pesquisador um projeto com roteiro de pesquisa estruturado; domínio das técnicas de registro, entrevista e transcrição; além de postura ética. No longa-metragem dirigido por Rod Lurie, apesar de baseado em fatos reais, seguiu a linha do drama, e modificou vários eventos em tela. Na obra, o repórter Erik Kernan (Josh Harnet), busca uma matéria que possa alavancar a sua carreira. Ele encontra um morador de rua que se identifica como o famoso boxeador Bob Shatterfield (1923-1977), interpretado por Samuel L. Jackson. Durante o longa-metragem, Kernan realiza algo próximo à História Oral, toma registro da história de vida do pugilista em uma série de entrevistas. Entretanto, ao longo do processo, o repórter naturaliza o discurso do boxeador, o que o faz cair na ilusão biográfica. Outro fator a ser considerado é que Kernan não se atenta as contradições, esquecimentos e invenções da memória do entrevistado. Não confronta as fontes orais, usa outros documentos apenas para confirmar a narrativa. Seus erros no método de pesquisa o conduziram a um problema ético: o morador de rua não era quem alegava ser, e sim Tommy Kincaid, o que o descredibilizou no jornalismo. A conclusão é de que o filme se mostrou adequado para uma análise dos fundamentos da História Oral, seu método e suas implicações éticas. Guardada a distância entre o repórter e o historiador, eles estão sujeitos aos mesmos erros, e devem seguir os mesmos procedimentos básicos: ética, análise documental e senso crítico.

Palavras-chave: Cinema. Ética. História Oral. Ilusão Biográfica. Interdisciplinaridade.

¹ Graduado em História pela UNEB, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0690-492X>.

SUBVERTENDO POR MEIO DAS LENTES: DIÁLOGOS ENTRE OS COLETIVOS FEMININOS E AS PRODUÇÕES CONTEMPORÂNEAS DAS DIRETORAS DE CINEMA INDEPENDENTE DA COREIA DO SUL

Júlia Santos Andrade ²

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar duas produções independentes da Coreia do Sul, sendo elas *House of Hummingbird* (벌새, 2018), produzido por Kim Bora, e *The House of Us* (우리집, 2019), de Yoon Ga-eun. A ideia é, por meio de uma análise interna das obras, investigar as possíveis relações desses filmes contemporâneos, dirigidos por mulheres, com os coletivos femininos que marcaram o cinema sul-coreano. Para tanto, além da análise dos filmes, realizamos uma incursão no cinema independente feminino na Coreia do Sul, perpassando diferentes contextos políticos em que o país se encontrava, percebendo a influência que as conjunturas políticas e as questões sócio-históricas possuem nessas produções. Os coletivos sobre os quais nos debruçamos são *Kaidu Club* e *Bariteo*, que surgiram nos anos 1970 e 1980, das criadoras Han Ok-Hee e Kim So-young, respectivamente, e Byun Young-ju, diretora independente que se destacou nos anos 90. Utilizamos, para isso, as ferramentas oferecidas pela Sociologia do Cinema, de Pierre Sorlin, buscando analisar como se dá a construção da imagem, seu sentido e como as personagens femininas estão construídas nos filmes. Assim, exploramos os sistemas relacionais, isto é, o conjunto de relações que são estabelecidas entre o personagem principal e aqueles que estão ao seu redor, construindo hierarquias e valores entre eles, e os pontos de fixação nesses filmes, conceito definido por Sorlin como uma questão ou um fenômeno que aparece de forma regular nas produções fílmicas, sendo sinalizada por repetições ou até mesmo alusões. Tendo isso em vista, as proposições desenvolvidas por Pierre Sorlin são utilizadas na análise do sentido construído pela imagem, levando em conta que, como pontuado pelo autor, os filmes são expressões sociológicas que transpõem a realidade ao invés de copiá-la. Dessa forma, esperamos que essa pesquisa traga luz aos coletivos e diretoras independentes na Coreia do Sul e à maneira com que seus discursos e construções cinematográficas confrontaram os ideais patriarcais que orientavam as políticas e o nacionalismo, contemplando a conjuntura na qual se encontravam, procurando enriquecer o campo acadêmico com novas perspectivas sobre gênero, cinema e cultura sul-coreana.

Palavras-chave: Sociologia do cinema. *House of Hummingbird*. *The House of Us*. Coletivos femininos de cinema independente. Feminismo.

²Licenciada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP – EFLCH). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Paulo – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP – EFLCH). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0316-8584>.

BOCAGE - O TRIUNFO DO AMOR (1997): A ADAPTAÇÃO CINEMATOGRAFICA NO CONTEXTO DA LUSOFONIA

Jonatas do Carmo Freitas (PPGLA/UEA) ³

RESUMO

O filme luso-brasileiro *Bocage - O Triunfo do Amor*, lançado em 1997 e dirigido por Djalma Limongi Batista, é uma recriação poética da vida e obra do poeta português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805), conhecido por sua poesia erótica, amorosa e satírica, é marcado por um constante sentimento de deslocamento e rebeldia, refletidos tanto em sua trajetória pessoal quanto em sua produção literária. Batista iniciou sua formação cinematográfica em Manaus, explorando diversos gêneros e influências, desde o neorrealismo italiano ao cinema novo, sendo um cineasta brasileiro de destaque. O filme supracitado oferece uma adaptação cinematográfica sobre o exilamento e peregrinação de Bocage, com proeminente metaforização, inserindo-se no contexto mais amplo da lusofonia. Vê-se este viés de análise logo na primeira cena, que começa com Bocage à deriva em uma gaiola de ramos chegando em terra firme, e sendo recebido por uma diversidade de grupos com seus estandartes – uma construção imagético-simbólica sobre o movimento ultramarino português – lugar esse que simboliza na narrativa o ponto de encontro entre os povos que compartilham a lusofonia, que recebem Bocage e a sua “boa-nova poética”, mas que logo se veem transmutados pelo estrangeiro. À vista disso, esta pesquisa propõe explorar como a adaptação cinematográfica de Batista retrata a figura de Bocage no contexto da transnacionalidade lusófona, especificamente entre Brasil e Portugal, considerando a relevância do poeta para a cultura e identidade portuguesa, mas também o seu afastamento físico e simbólico dela. A partir disso, investigaremos como o filme contribui para o debate da cultura e identidade transcultural lusófona. Partimos da interpretação iconológica de Panofsky (2017), sobre as visualidades da obra, com aporte teórico em Robert Stam (2008), sobre a adaptação da literatura para o cinema, e Stuart Hall (2006), sobre os estudos culturais a partir da identidade diáspora, tecendo, por fim, um diálogo com Halbwachs (1990), sobre memória enquanto processo de construção coletiva, individual e resignificada. Almejamos, assim, a reflexão do partilhamento lusófono no fenômeno da dinâmica transcultural. Ao explorar esses aspectos, pretendemos conceber como a adaptação fílmica de Batista elabora o pensamento da lusofonia do ponto de vista de uma ex-colônia, contribuindo para o debate sobre a transculturalidade entre os países de língua portuguesa a partir do cinema brasileiro.

Palavras-chave: Bocage. Cinema luso-brasileiro. Adaptação cinematográfica. Lusofonia.

³ Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, UEA.
Pesquisa orientada pela Dr.^a Luciane Viana Barros Páscoa: Doutora em História Cultural pela Universidade do Porto (2006), professora do Programa de Pós-graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, UEA.

A SOCIOLOGIA DA CULTURA COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE DO PERFIL DE PÚBLICOS DE CINEMA: O CASO DO CINETEATRO SÃO LUIZ E DO CINEMA DO DRAGÃO

Fábio de Sousa Neves⁴

RESUMO

A proposta de análise para esta comunicação oral situa-se dentro da área da Sociologia da Cultura – subcampo da Sociologia que se dedica a analisar os bens culturais (objetos, artefatos, obras, como quadros, exposições, esculturas, filmes, peças teatrais e musicais, assim como também os serviços que organizam a gestão, a difusão, os usos sociais desses elementos etc.) –, tratando-se de uma investigação sobre a conformação dos gostos existentes a partir do consumo cultural cinematográfico na cidade de Fortaleza, no Ceará, tendo como recorte empírico o público de dois espaços específicos: o Cinema do Dragão (com programações fílmicas que, de maneira geral, não se situam no cenário *mainstream*) e o Cineteatro São Luiz (com programações variadas que transitam nas exhibições entre películas *cults* e *mainstream*). A proposta, portanto, é de uma investigação sobre os condicionantes sociais responsáveis pela construção dos gostos e de preferências pelos espaços especificados. São traçados perfis gerais entre os públicos e suas práticas, mediante a utilização de questionários e entrevistas. A partir dessas metodologias, alguns condicionantes são colocados em evidência como a faixa etária, local de moradia e grau de instrução. Para tanto, a base teórica deste trabalho encontra na Sociologia da Cultura e nas análises sobre gosto e consumo sua orientação basilar. Com base nisso, algumas conclusões puderam ser traçadas. Uma delas estava presente na existência de posições de hierarquias através das preferências fílmicas e dos espaços de exhibições que ofereciam películas que se contrapunham aos *blockbusters*. É perceptível, também, que os dois cinemas e os condicionantes sociais elencados nesta pesquisa contribuem de maneira decisiva para a construção dos gostos dos espectadores. Há, portanto, uma promoção de bens culturais que vão do *alternativo* ao *mainstream* (em sua minoria) e que tais produtos são consumidos, de maneira geral, por uma classe que busca responder aos seus anseios culturais mais do que responder às questões puramente econômicas. Os dados evidenciam uma classe com grau de instrução mais elevado, que, mediante a maiores ou menores dificuldades, desenvolvem mecanismos e estratégias de diferenciação a partir dos filmes assistidos nas salas de exhibições do Cinema do Dragão e do Cineteatro São Luiz.

Palavras-chaves: Sociologia da Cultura; Cinema; Consumo; Distinções.

⁴ Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC), mestrado em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), com dissertação intitulada "Sociologia e Cinema: Uma análise da conformação dos gostos dos Cineteatro São Luiz e Cinema do Dragão" e está cursando doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual do Ceará (UECE) cuja tese tem como tema "A estruturação de um circuito exibidor de cinema em Fortaleza entre meados dos séculos 1940-1970". Tem experiência nas áreas das Ciências Humanas, Sociologia, tendo como enfoque a Sociologia da Cultura. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-2812-3470>. Email: fabioneves125@gmail.com

O CINEMA FANTÁSTICO ENFRENTA O NEOLIBERALISMO: UMA ANÁLISE DE HALLOWEEN 3 – A NOITE DAS BRUXAS (HALLOWEEN III – SEASON OF THE WITCH, 1982) E ELES VIVEM (THEY LIVE, 1988)

Emmanuel Correia ⁵

RESUMO

O presente trabalho busca, através dos filmes *Halloween 3 – A Noite das Bruxas* (*Halloween III Season of The Witch*, 1982) e *Eles Vivem* (*They Live*, 1988), discutir como o cinema fantástico, representado pelos gêneros cinematográficos do horror e ficção científica na década de 1980, utilizava artifícios com o intuito de criticar o pensamento neoliberal. Para Kellner (2001), a ficção científica é considerada uma ferramenta na luta contra as hegemonias, pois desenvolve uma visão crítica aos valores defendidos pelos países e grupos dominantes. Já o horror, para Barbieri (2024, p. 30), possui uma função similar, pois nega a ordem expressa, expondo medos internos do país que desenvolveu a obra. Com este pensamento de questionar e expor os problemas de um país por meio do cinema, este trabalho adota a metodologia da história social do cinema. Esta metodologia considera não só os aspectos fílmicos, mas também as dinâmicas sociais circunscritas dentro do universo cinematográfico, com o objetivo de analisar uma obra. Segundo Valim (2013), essas dinâmicas referem-se, direta ou indiretamente, ao período e à sociedade que as produziram. No caso deste estudo, os dois filmes selecionados remetem à década de oitenta, período no qual o neoliberalismo surgiu e fortaleceu-se globalmente por meio de duas figuras políticas: Ronald Reagan e Margareth Thatcher. Ambos desacreditavam o Estado e defendiam um discurso de que tudo na sociedade, incluindo saúde e educação, deveria ser administrado como uma empresa, conforme afirma Fisher (2020). Após análise dos filmes, chegou-se à conclusão de que eles trazem a visão política de seu realizador, John Carpenter, que afirmava desenvolver filmes anticapitalistas, segundo Boulenger (2003). Entretanto, esses filmes não são obras isoladas, mas fazem parte de um ciclo de outras produções lançadas na mesma década e que possuíam temática similar de criticar o neoliberalismo, como é o caso *Robocop – O Policial do Futuro* (*Robocop*, 1987) e *Videodrome – A Síndrome do Vídeo* (*Videodrome*, 1983).

Palavras-chave: Cinema. Ficção Científica. Horror. Neoliberalismo.

⁵ Mestrando do programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-1378-2964>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3819139760304101>. E-mail: emmanuelcorreia03@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NA EDUCAÇÃO INDÍGENA: A INTERCULTURALIDADE NO ENSINO DA MATEMÁTICA

Fábio Henrique de Souza Lacerda ⁶

Géssica Souza Lacerda ⁷

Alceu Zoia ⁸

RESUMO

Este trabalho apresenta uma análise de diversas pesquisas que abordam a valorização dos saberes indígenas no ensino da Matemática por meio de abordagens etnomatemáticas. A Etnomatemática é uma perspectiva que reconhece a importância dos conhecimentos matemáticos produzidos por diferentes culturas, valorizando suas práticas e saberes. Nesse contexto, são analisados estudos que buscam promover a interculturalidade, diálogo horizontal entre diferentes conhecimentos e a inclusão dos saberes ancestrais das comunidades indígenas no processo educativo. O objetivo deste trabalho é sintetizar as principais conclusões de três pesquisas que se dedicaram a analisar como a Etnomatemática pode contribuir para valorizar e incorporar os saberes matemáticos tradicionais das comunidades indígenas no contexto educacional. As pesquisas abordam diferentes práticas artesanais, culturais e comerciais, buscando compreender como as abordagens etnomatemáticas podem ser aplicadas de forma interdisciplinar e significativa no ensino da Matemática. As pesquisas apresentadas neste artigo demonstram que a incorporação dos saberes indígenas no ensino da Matemática por meio da Etnomatemática é uma estratégia eficaz para tornar o processo educativo mais relevante, contextualizado e inclusivo. Os estudos ressaltam a importância de estabelecer uma relação de respeito e valorização das culturas ancestrais, contribuindo para a construção de uma sociedade mais plural, justa e igualitária. Os artigos também enfatizam a relevância da Pedagogia da Alternância e do diálogo intercultural para a valorização dos conhecimentos tradicionais, bem como para o fortalecimento da identidade cultural dos povos indígenas. A promoção da aprendizagem colaborativa e a participação das comunidades nas atividades educativas são aspectos fundamentais para o sucesso dessas abordagens. Em conclusão, os estudos analisados destacam que ao reconhecer e incorporar os conhecimentos tradicionais das comunidades indígenas, é possível promover uma aprendizagem mais contextualizada e empoderadora para os estudantes indígenas. A abordagem intercultural e a valorização das diferenças culturais são essenciais para construir uma educação que promova o respeito à diversidade.

Palavras-chave: Etnomatemática. Educação indígena. Levantamento bibliográfica. Interculturalidade.

⁶ Mestre em Educação pela Universidade do Estado de Mato Grosso. Professor na Escola Estadual Boa Esperança – Curvelândia-MT. ORCID: 0009-0002-8938-6191. E-mail: fabio.lacerda@unemat.br

⁷ Mestre em Educação. Professora na Escola Estadual Boa Esperança – Curvelândia-MT. ORCID: 0009-0000-4498-3393. E-mail: gessica.lacerda@unemat.br

⁸ Pós-Doutor, Doutor e Mestre em Educação, Professor de Filosofia da Faculdade de Educação e Linguagem, Unemat, Campus de Sinop e do PPGEdu/Unemat, na linha de pesquisa Educação e Diversidade. ORCID: 0000-0002-0512-9511. E-mail: zoia@unemat.br

O SEQUESTRO DA SUBJETIVIDADE ENQUANTO ÚNICO MÉTODO DA EVOLUÇÃO CAPITALISTA: UMA DIALOGIA FÍLMICA PARA A DIALÉTICA MARXISTA

Davi Junqueira Marin ⁹

RESUMO

No passado – ou melhor, a partir de Marx, com a formação de uma intelectualidade que se colocasse a favor do proletariado ou que ao menos buscasse – inicialmente, tardiamente ou não, mas de toda forma finalmente – descrever e esclarecer filosoficamente a questão da exploração das elites sobre suas classes de trabalhadores a partir de suas relações de mais valia, entre outras, em tempos que se iniciava a sociologia enquanto ciência que colocava o explorado enquanto objeto científico, no foco da discussão das necessidades e das importâncias políticas, o capitalismo, comparado ao que temos hoje, quase duzentos anos depois, ainda engatinhava, como podemos extrair de autores como Boltanski e Chiapello (2020), Dardot e Laval (2022). Com as questões trabalhistas não tem sido diferente e, como enuncia Gramsci (1978), é muito difícil e custoso, demorado, mas não impossível, que se forme uma classe de pensadores a favor de uma então já formada intelectualidade que, nas palavras do mesmo Gramsci, seriam aqueles que desempenham qualquer função social um pouco mais complexa, sob o ponto de vista dos letramentos, dos repertórios culturais e sociais, das atribuições de suas funções. Se para as classes favorecidas isso já é difícil, imaginemos para as classes de operários e trabalhadores excluídos de toda sorte. Uma busca de construção epistêmica que passa então a contribuir para uma resistência frente aos poderes instituídos. A epistemologia marxista dá início, contemporaneamente, à micro física dos poderes proletários, em termos foucaultianos (Foucault, 2018). Depois de Marx veio Freud, com sua ideia de inconsciente, sequestrando para sua nova ciência recém inaugurada, a psicanálise, todo o percurso histórico que o mundo tinha até ali no uso das forças ancestrais para as dialéticas do cotidiano, na transposição e transmutação do *mýthos*, como coloca Paul Ricoeur se quisermos trabalhar a ideia da vida ser *ipsis literis* uma narrativa, com ações e eixos temporais em suas linhas sequenciais, costurando coerências e buscando coesão no texto da vida, texto social, tecido da cultura. O que de fato observamos é que, na toada do século XX, o *modus operandi* capitalista cedeu lugar à uma mecânica antes psicanalítica que meramente uma dialética de classes no chão da fábrica, na fazenda, nas instituições públicas ou privadas, ou qualquer outro espaço de trabalho. Se a dialética de classes ainda existe, ela já está internalizada em processos mentais por vezes difíceis de serem identificados.

Palavras-chave: Subjetividade e capitalismo. Dialética da obediência. Cinema e Sociologia do trabalho.

⁹ Graduação em Comunicação Social – hab. em publicidade e propaganda pela Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM, 2002). Com especialização em Gestão Pública e Gerência de Cidades pela UNESP de Araraquara SP (2005), é mestre e doutor em Comunicação e Semiótica (PPGCOS) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC, 2018 e 2022). Foi professor pela UNICEP, em São Carlos – SP. <https://orcid.org/0000-0001-6231-1136>

SOCIOLOGIA EM TELA: REFLEXÕES SOCIAIS ATRAVÉS DO CINEMA

Larissa Sousa Lima¹⁰

Elizete Santos¹¹

RESUMO

O cinema na contemporaneidade é uma das formas de cultura mais influentes, apresentando-se como um instrumento que além de proporcionar o entretenimento auxilia o telespectador a refletir sobre diferentes perspectivas e realidades sociais. É diante dessa perspectiva que se desenvolve o projeto de extensão 7Arte em Cena – Acadêmicas de Ciências Sociais Projetando a Sociologia em Tela. Conduzido por duas Acadêmicas do curso de Ciências Sociais Licenciatura do Programa Ensinar - Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus Coelho Neto. Esse projeto tem como objetivo intermediar o cinema e a Sociologia, estimulando reflexões críticas e sociais sobre as problemáticas apresentadas nas telas e conectando-as à realidade dos espectadores por meio da interpretação sociológica dos fatos. Além de incentivar uma leitura crítica do audiovisual, busca potencializar a visão dos telespectadores convencionais para que percebam os filmes e documentários não apenas como uma forma de entretenimento, mas como recursos pedagógicos eficientes na educação básica. Dessa forma, possibilita uma análise mais aprofundada da sociedade e do meio em que vivem, incentivando a crítica, a reflexão e o questionamento sobre sua própria realidade. Questões como por que determinadas desigualdades existem?, quais fatores sociais moldam as oportunidades das pessoas? e como os conceitos sociológicos se manifestam nas experiências retratadas no cinema? são centrais para a proposta do projeto. As atividades tiveram início em março de 2024 e estão previstas para encerrar em outubro de 2025. O público-alvo são jovens da Pastoral da Juventude da Comunidade Santa Clara, na cidade de Duque Bacelar – MA. Na primeira fase, os encontros ocorriam quinzenalmente, sendo dedicados à exibição e discussão de filmes e documentários nacionais e internacionais previamente selecionados pela equipe, como *As Sufragistas*, *Pureza*, *O Show de Truman*, *Escritores da Liberdade*, *Falas da Terra* e *Que Horas Ela Volta?*. Atualmente, na segunda fase do projeto, os encontros acontecem mensalmente e estão voltados à produção de curtas-metragens pela equipe, possuindo como protagonistas os próprios jovens, abordando desafios sociais contemporâneos, como desmatamento e meio ambiente, cultura e religião, saúde mental e inteligência artificial. Por meio dessas atividades, o projeto vem proporcionando ao longo de sua execução uma experiência que combina conhecimento e lazer, utilizando o cinema como ferramenta de transformação social e promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico entre os participantes.

Palavras-chave: Cinema. Sociologia. Reflexão Crítica. Juventude. Educação.

¹⁰Graduanda em Ciências Sociais Licenciatura pelo Programa Ensinar - Formação de Professores da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), campus Coelho Neto e bolsista do projeto de extensão: 7Arte em Cena. Acadêmica/os de Ciências Sociais Projetando a Sociologia em Tela.

¹¹Doutora em História (PPGHistória/UNISINOS) e orientadora do projeto de extensão: 7Arte em Cena. Acadêmica/os de Ciências Sociais Projetando a Sociologia em Tela.

ENTRE A POTÊNCIA DO FALSO E OS MOVIMENTOS ABERRANTES: O CINEMA-PENSAR DELEUZEANO

Gabriel Gnann Belloni Vieira¹²

RESUMO

A partir da distinção entre imagem-movimento e imagem-tempo, este trabalho investiga a função pedagógica do cinema moderno segundo a filosofia de Gilles Deleuze, com ênfase na potência do falso como categoria estética e ontológica. O percurso parte do diagnóstico de Deleuze sobre o colapso da imagem-ação clássica e avança na direção da imagem-tempo como uma reorganização radical do sensível, capaz de suspender o vínculo direto entre percepção e ação. Essa suspensão abre espaço para novas formas de visibilidade em que o tempo emerge diretamente na imagem, operando transformações na maneira como pensamos, sentimos e nos relacionamos com o real. Ao abandonar a busca pela verdade e pela objetividade, o cinema moderno se aproxima da criação artística como fabulação — uma potência de invenção que reconfigura a percepção e produz sentidos em que a representação se esgota. A análise parte da leitura filosófica dos conceitos desenvolvidos por Deleuze em *A Imagem-Tempo*, mobilizando-os em diálogo com cineastas como Alain Resnais, Godard, Antonioni, Kurosawa, Orson Welles e David Lynch. Defende-se que a imagem-tempo não apenas rompe com os clichês da representação realista, mas institui um novo tipo de imagem em que o pensamento se faz visível: o falso, aqui, não se opõe à verdade, mas a reinventa. Através da noção de movimentos aberrantes e da função fabuladora, o cinema deixa de ser reflexo do mundo e passa a funcionar como operador conceitual, instância em que o visível desafia a lógica do julgamento e convoca o espectador à errância, à hesitação e à criação. Em lugar de reproduzir o mundo, o cinema moderno inventa formas de vida. Ao pensar com o cinema, e não apenas sobre ele, o trabalho articula filosofia e estética para mostrar como a imagem-tempo, ao abandonar o enciclopedismo e a transparência do olhar clássico, torna-se um dispositivo pedagógico e político, uma experiência de pensamento em ato.

Palavras-chave: Cinema moderno; Imagem-tempo; Potência do falso; Filosofia do cinema; Gilles Deleuze.

¹² Mestre em Comunicação pela Universidade Estadual de Londrina e Mestrando em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina.

CINEMAS IBERO-AMERICANOS: DITADURAS NA AMERICA LATINA I

Lidia Beatriz Selmo Foti¹³

Valeria Verónica Quiroga¹⁴

RESUMO

Este resumo se refere ao Evento de Extensão levado a cabo de 17 de agosto a 19 de outubro de 2023, via YouTube, no canal Cultura, interculturais e outras artes, oriundo do Projeto de Extensão Universitária de mesmo nome, tendo como coordenadoras e vice as autoras deste trabalho. Durante o Evento foram discutidos cinco filmes latino-americanos a saber: *O ano em que meus pais saíram de férias*, *Pra frente, Brasil* – ambos brasileiros –, o filme chileno *No*, o documentário uruguaio *Tupamaros: la fuga* e *Kamchatka*, filme argentino. Para o debate dos longas e do documentário, convidaram-se profissionais de variadas áreas, a saber: linguística, língua, geografia, e história – o que mostrou a interdisciplinaridade do projeto e, conseqüentemente, do evento propriamente dito. A coordenadora do Evento mediou as conversas e realizou as perguntas enviadas pelos participantes. Cada uma das apresentações teve aproximadamente 160 visualizações, realizando-se uma média aritmética entre os participantes. A ideia do evento é promover a segunda edição, convidando outros profissionais e abordando filmes de nacionalidades diferentes dos já analisados que versam sobre o tema, apresentando um aspecto da história das Américas: a ditadura e suas características. Os vídeos dos debates podem ser assistidos no seguinte canal <https://www.youtube.com/@culturasinterculturaseoutr5688>. A prática deste tipo de evento surgiu na época da pandemia, quando as coordenadoras começaram os trabalhos, comentando filmes ibero-americanos sob diversas temáticas, em vários tipos de eventos e cursos, contabilizando algumas centenas de análises realizadas sob olhares das diferentes áreas do conhecimento, e por sua característica remota, atingindo um público que foi desde o local, até o internacional. Para tanto e pela característica extensionista, alunos voluntários e bolsistas sempre estiveram presentes nas apresentações, seja nos vídeos de análise dos filmes, seja nos bastidores, elaborando listas de presenças, feedbacks e relatórios dos cursos/ eventos. Acreditamos que um trabalho desta envergadura apresenta aos estudantes das coordenadoras, bem como aos participantes externos, conhecimentos extras acerca desse complicado momento histórico ocorrido nas Américas.

Palavras-chave: Ditadura. América Latina. Cinema. Língua Espanhola. Língua Portuguesa.

¹³ Possui graduação em LICENCIATURA EM ESPANHOL/PORTUGUÊS pela Universidade Federal do Paraná (2007) e mestrado em Letras pela Universidade Federal do Paraná (2009). Atualmente é professor adjunto IV da Universidade Federal do Paraná. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: ensino de espanhol, aquisição de ELE para brasileiros, ensino de língua espanhola; língua Estrangeira/, aquisição ELE falantes brasileiros.

¹⁴ Possui licenciatura e mestrado em Letras (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita – UNESP) e doutorado em Linguística (UFSCar). Atualmente é professora de línguas espanhola e portuguesa no Setor de Educação Profissional e Tecnológica da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Atua na Extensão Universitária Coordenando Projetos, Cursos e Eventos.. É membro do Grupo de Pesquisa "Narrativas Estrangeiras Modernas", cadastrado no CNPq.

INTERPRETAÇÃO IMANENTE DE NARRATIVA FÍLMICA: UMA PROPOSTA DE FERRAMENTA DE ANÁLISE PARA O CINEMA DE PROBLEMA SOCIAL

Victor Finkler Lachowski¹⁵

RESUMO

Esta proposta de comunicação visa apresentar a *Interpretação Imanente de Narrativa Fílmica* enquanto ferramenta de análise para se investigar o Cinema de Problema Social. Sendo uma mescla do Tratado Filosófico benjaminiano (Benjamin, 2009) e da Filosofia Interpretativa adorniana (Adorno, 2003; 2014), utilizadas para análise de obras literárias e adaptando-as para narrativas cinematográficas; como acréscimo a formatação metodológica baseada nas *Constelações* (Benjamin, 1984) e *Constelações Fílmicas* (Souto, 2020). A crítica benjaminiana busca o *teor de verdade* das obras de arte, pois quanto mais significativo for o teor de verdade de uma obra, mais inaparente e íntima será sua ligação ao seu teor factual (Benjamin, 2009, p. 11). Nessa abordagem, determina-se que as obras reveladas como “duradouras” são as quais seu teor de verdade está profundamente incrustado em seu teor factual, fazendo com que os dados dos reais presentes na obra revelem-se no transcurso da crítica (Benjamin, 2009, p. 11). A interpretação filosófica vai além das aparências imediatas da realidade com suporte da teoria e os conceitos desenvolvidos pelas ciências, pela sociologia marxista e pela psicologia freudiana especificamente (Adorno, 2003; 1969). Ciência e arte, conceito e imagem, análise e expressão — estes formam os dois pólos da atividade filosófica. A tensão entre esses pólos torna a crítica frutífera para falar a verdade sobre o mundo (Buck-Morss, 1977). Tais categorias de análise revelam conceitos e ideias e são aprofundados em eixos de análises (Benjamin, 1984; Souto, 2020). Se analisam categorias como falas, interações, cenas, ações, personagens individuais ou em núcleos, condições sociais-relacionais desses, lógicas internas do que acontece dentro da narrativa. esses conceitos na arte são investigados através de seus “irmãos” na filosofia, psicologia, terminologia marxista (Benjamin, 2009, Adorno, 1969; Buck-Morss, 1977). Com isso, a *Interpretação Imanente de Narrativa Fílmica* é desenvolvida para observar esses escopos e recortes na linguagem cinematográfico, tomando como ponto de vista inicial o *Cinema de Problema Social*: filmes caracterizados por pontos de vista de esquerda/liberais, que tratam de temas e questões sociais como criminalidade, corrupção, política, drogas, delinquência juvenil, gangues, quadrilhas etc. (Ryan e Kellner, 1988, p. 87-95). Russell (1978, p. 60) escreve que os Filmes de Problema Social são concebidos como formas da filial liberal da ideologia burguesa - uma inflexão conservadora causada pela exposição de condições injustas e opressivas. Contudo, o viés progressista liberal é focado em expor o problema social e não ações eficientes. eis a contradição: ao exaltar a possibilidade de alguma ação corretiva, os filmes de PS, enquanto retratam aspectos negativos da sociedade americana, paradoxalmente celebram o sistema por ser flexível e suscetível ao aprimoramento. Segundo Stephen Neale (2000, p. 105-110), os filmes de PS giram em torno da dramatização de tópicos de questões sociais - pena capital, vida carcerária, delinquência juvenil, pobreza, conflito marital, tensões familiares e racismo. São filmes que combinam análises sociais e conflitos dramáticos em uma estrutura narrativa coerente; o conteúdo social é transformado em eventos dramáticos, e a narrativa fílmica é adaptada para acomodar temas sociais como material de história por meio de um conjunto específico de convenções de filmes.

Palavras-chave: Interpretação Imanente de Narrativa Fílmica. Ferramenta de Análise. Tratado Filosófico benjaminiano. Filosofia Interpretativa adorniana. Cinema de Problema Social.

¹⁵ Doutorando em Comunicação (PPGCOM-UFPR); Mestre em Comunicação (PPGCOM-UFPR); Bacharel em Publicidade Propaganda (UFPR). Integra o NEFICS - Núcleo de Estudos de Ficção Seriada e Audiovisualidades. Sócio da Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE). Escritor, Roteirista e Redator. Autor da coletânea de contos "O Insosso e o Insólito entre os Pinheirais". E-mail: victorlachowski@hotmail.com. ORCID - <https://orcid.org/0000-0003-2607-4756>

O DUELO DA EMOÇÃO E DA REFLEXÃO

Waldir Cezaretti de Freitas ¹

RESUMO

A obra "*Entre a Rima e a Razão*" de Vladimir Nabokov apresenta uma reflexão profunda sobre a interseção e a expressão artística, entre análise e lógica, através de uma abordagem que equilibra criatividade e racionalidade, o autor explora diversas formas de manifestação artística, desde a literatura até as artes visuais. A obra apresenta técnicas que auxiliam os artistas a desenvolverem seus instintos criativos enquanto aplicam raciocínio estruturado em suas produções. Nabokov destaca a importância da compreensão dos princípios subjacentes da expressão artística, como simbolismo, metáfora e estrutura narrativa, e como esses elementos podem ser conscientemente manipulados para transmitir significados mais profundos. Examinar, analisar, enfatizar *Entre a Rima e a Razão* refletem suas estéticas e filosofias literárias destacando a dualidade entre a criatividade da composição original e a fidelidade exigida na tradução, apresentando o bilinguismo do autor e suas perspectivas sobre a arte de traduzir. Nabokov via suas traduções como um diálogo entre diferentes línguas e culturas, ilustrando a tensa interação entre a rima (expressão poética) e a razão (precisão intelectual). Através de análises de obras de arte e literatura, Nabokov demonstra como artistas ao longo da história empregaram o equilíbrio entre criatividade e lógica para criar obras-primas. Ele propõe exercícios práticos para que artistas aspirantes desenvolvam seu próprio processo criativo. Analisar a interseção entre expressão artística e racionalidade explorando como o autor concilia criatividade e estrutura lógica em suas propostas. Investigar as técnicas intertextuais destacando como a combinação de linguagens (literatura, artes visuais) reforça a relação entre instinto criativo e metodologia analítica. O papel da "rima" (criatividade) e da "razão" (racionalidade) como pilares de processos artísticos, avaliando como Nabokov propõe equilibrá-los para ampliar a expressividade e a coesão nas produções. Além disso, a obra se aprofunda na psique humana por meio da poesia, apresentando uma escrita que oscila entre a melancolia e a esperança. A temática é variada e profunda, abordando o amor, a perda, a solidão e a redenção, enquanto a linguagem rica em simbolismo transporta o leitor para diferentes dimensões emocionais. "*Entre a Rima e a Razão*" se estabelecem como um tratado filosófico e prático sobre a criatividade, desafiando noções convencionais e oferecendo um arcabouço estruturado para aprimorar o processo criativo. Essa investigação parte do princípio de que a criatividade, embora frequentemente associada à espontaneidade e irracionalidade, pode ser disciplinada e refinada por meio de um método estruturado, denominado "O Método Stanislav". Com métodos estruturados entre arte e lógica, Nabokov, propõe uma perspectiva analítica de Stanislav Shvabrin, no qual apresenta uma metodologia que integra técnicas práticas para artistas, denominado "O Método Stanislav", que visa cultivar instintos criativos sem abandonar o rigor intelectual.

Palavras-chave: Rima. Razão. Nabokov. Stanislav. Reflexão.

¹ Autor de livros e artigos com Mestrado em Letras pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) em Campo Grande, MS. Possui Graduação em Letras com habilitação em Português/Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Atualmente lotado na SED/MS e como acadêmico regular no Programa de Doutorado em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <https://orcid.org/0000-0001-6443-5685>.

OS ZUMBIS COMO METÁFORA EM *NIGHT OF MINI DEAD* (LOVE, DEATH & ROBOTS, T03E04)

Thales Vianna Coutinho ²

Verônica Daniel Kobs ³

RESUMO

Atualmente, os zumbis ocupam um espaço central na cultura popular contemporânea, sendo frequentemente utilizados como metáforas para dilemas sociais, políticos, culturais e, especialmente, de saúde pública. Argumenta-se que a evolução das narrativas de horror zumbi reflete medos coletivos de diferentes épocas, funcionando como expressões bioculturais das ansiedades humanas diante de ameaças invisíveis, como vírus, colapsos institucionais ou crises ambientais. Nesse contexto simbólico, o zumbi atua como um espelho da fragilidade da sociedade moderna frente a situações extremas que testam seus limites. Método: Com base nessa perspectiva, analisamos o episódio *Night of the Mini Dead* (T03E04), da série *Love, Death & Robots*, observando como ele subverte a narrativa tradicional dos filmes de zumbi ao apresentar um contexto apocalíptico em ritmo extremamente acelerado, irreverente e com forte carga satírica. A brevidade e intensidade do episódio, aliadas à ausência de diálogos inteligíveis, contribuem para uma experiência visual caótica, que simula a velocidade e o descontrole de pandemias reais, como a da covid-19. Resultado: Entre os elementos narrativos mais marcantes estão o colapso social quase imediato, a destruição de espaços públicos, o pânico generalizado e a resposta política completamente desarticulada. Tais recursos apontam para uma crítica contundente à ineficiência das lideranças mundiais em lidar com crises sanitárias. A decisão final de recorrer a armamentos nucleares, destruindo o planeta, remete aos impasses, à negligência e à irracionalidade observados durante a pandemia recente. Considerações: Dessa forma, o episódio pode ser compreendido como uma metáfora da crise pandêmica, destacando como atitudes impulsivas, ausência de planejamento e incompetência política agravam a propagação de ameaças em escala mundial. Ao adotar um tom cômico, visualmente exagerado e frenético, a narrativa revela o absurdo das respostas institucionais ao caos, expondo a vulnerabilidade das estruturas sociais diante de colapsos sistêmicos. O humor subversivo reforça a crítica à lógica destrutiva de um mundo que, diante do desastre, responde com mais destruição.

Palavras-chave: Zumbis. Metáfora. Pandemia. Cultura *pop*. Análise Biocultural.

² Psicólogo, mestre em Medicina Molecular (UFMG) e doutorando em Teoria Literária (União de Curitiba). Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Campos de Andrade – União de Curitiba. E-mail: psicologia@uniandrade.edu.br

³ Professora e Pesquisadora na área de Letras, doutora em Estudos Literários (UFPR), com pós-doutorado em Literatura e Mídias (UFPR). Coordenadora e Professora dos Programas de Pós-Graduação *stricto sensu* em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade – União de Curitiba. E-mail: veronica.kobs@uniandrade.edu.br

IMIGRAÇÃO E INTERTEXTUALIDADE EM *SUBMISSÃO* (2015) E *ARQUIVO DAS CRIANÇAS PERDIDAS* (2019)

Michelle dos Santos ⁴

Lilian Monteiro de Castro ⁵

RESUMO

Esta investigação apoia-se metodologicamente nos estudos literários comparados, na historiografia literária e na historiografia propriamente dita para tomar como cerne de seu interesse o jogo da intertextualidade em espiral, a memória de literatura, isto é, os “procedimentos de retomadas, de lembranças e de re-escrituras, cujo trabalho faz aparecer o intertexto” (Samoyault, 2008, p. 47). Trata-se de apresentar uma pesquisa cuja principal hipótese é a de que a poética da intertextualidade é tanto o principal impulso da comunicação literária quanto é inseparável da angústia de escritores contemporâneos. Para tanto, será oportuno apontar, enumerar e discutir os elementos sumários para uma poética da intertextualidade nos romances *Submissão*, do escritor francês Michel Houellebecq, lançado no ano de 2015, e *Arquivo das crianças perdidas*, da escritora mexicana radicada nos Estados Unidos, Valeria Luiselli, publicado originalmente em 2019. Ambos abordam – com funcionamentos, estilos e técnicas diferentes – um dos temas geopolíticos mais sensíveis na contemporaneidade: as ondas migratórias que a Europa e os Estados Unidos vêm recebendo e como esses países estão reagindo a elas. No primeiro, acompanhamos a distopia de uma França islamizada e, no segundo, acompanhamos a tragédia da separação à força de crianças imigrantes de seus pais, entre 2017 e 2018, devido à política de “tolerância zero” do primeiro governo de Donald Trump, na fronteira entre México e EUA. Além de Tiphaine Samoyault, a escolha de tais obras conduziu-nos às reflexões de Stuart Hall sobre globalização e relações identitárias, culturais e raciais, em *Da diáspora*, e de Henry Rousso sobre passados traumáticos que insistem em não passar, em *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*.

Palavras-chave: Imigração. Intertextualidade. Literatura comparada. *Arquivo das crianças perdidas*. *Submissão*.

⁴ Doutora em Educação e Mestre em História, ambas titulações pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora adjunta na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e integrante da linha de pesquisa “Cultura, Linguagens e Identidades” do Programa de Pós-Graduação em História desta mesma instituição. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão nas áreas de História e de Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2883-9970>

⁵ Possui graduação em História (2004) e Letras Português-Inglês (2021) pela Universidade Estadual de Goiás (2004). Possui mestrado em Literatura pela UnB (2018). Atualmente faz doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília. Professora da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF).

OS ESTADOS UNIDOS E O ARQUIVO DAS CRIANÇAS PERDIDAS (2019), DE VALERIA LUISELLI

Sarah Isabella dos Santos Mendonça ⁶

Michelle dos Santos ⁷

RESUMO

Este estudo tem por objetivo compreender a movimentação da intertextualidade e como ela orbita o jogo literário proposto pelo romance *O arquivo das crianças perdidas* (2019), de Valeria Luiselli, escritora mexicana radicada nos Estados Unidos. O livro analisado transita entre dois cenários principais: uma realidade familiar cotidiana e um contexto político caótico, marcado pela crise imigratória e pelos espectros naturalizados da violência colonial que racializa pessoas, hierarquizando-as, e acaba por desumanizar populações inteiras do Sul Global. A narrativa acompanha um casal de pesquisadores e seus dois filhos e se desenrola no deslocamento deles entre Nova Iorque e Arizona. Inicialmente impulsionado por uma pesquisa comum sobre paisagens sonoras, o casal acaba se dividindo quando o marido, um técnico de som, decide focar-se nas lutas de etnias indígenas, como os Apaches nas montanhas Chiricahua, ao passo que, paralelamente, a esposa, uma jornalista, decide dedicar-se ao resgate e arquivamento de histórias de crianças perdidas durante a obscura jornada da imigração na fronteira sul entre 2017 e 2018. Com intertexto ou intertextualidade queremos designar aqui “o diálogo entre os textos” (Compagnon, 2010, p. 108), que opera como condição de entrelaçamento de múltiplos discursos com a força de amálgama de sons, vozes e imagens. Sincronicamente com a crise migratória do primeiro governo Trump (2017-2021), sob a ótica do encarceramento de crianças – majoritariamente centro-americanas – separadas de seus pais devido à rigidez das políticas encabeçadas pelo republicano, busca-se mapear e analisar emulações entre a história e a literatura na obra de Luiselli. Objetiva-se principalmente aproximar os acontecimentos atuais do aldeamento de nativos americanos no século XIX. Para tanto, estabelece-se como principal método o comparatismo, combinado à crítica literária e à revisão bibliográfica que também nos permitirão tecer pontos de intersecção entre a narrativa e a realidade histórica, mobilizando referenciais teóricos sobre intertextualidade (Compagnon, 2010; Samoyault, 2008), ficção e historiografia (White, 1994).

Palavras-chave: Intertextualidade. *O arquivo das crianças perdidas*. Literatura. História. Violência de Estado.

⁶ Graduanda do Curso de História, cursando o 3º semestre na Universidade Estadual de Goiás – Câmpus Nordeste.

⁷ Doutora em Educação e Mestre em História, ambas titulações pela Universidade de Brasília (UnB). Atualmente é professora adjunta na Universidade Estadual de Goiás (UEG) e integrante da linha de pesquisa “Cultura, Linguagens e Identidades” do Programa de Pós-Graduação em História desta mesma instituição. Possui experiência em ensino, pesquisa e extensão nas áreas de História e de Educação. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2883-9970>

UM ESTUDO DE ALGUNS ELEMENTOS RECORRENTES EM DOIS CONTOS DE MARIANA ENRÍQUEZ

Altamir Botoso ⁸

Danielle Gomes Aziz Pereira ⁹

RESUMO

Mariana Enríquez (1973-), escritora argentina contemporânea, aborda em sua produção literária temas como a violência, a marginalização social e a desigualdade. Em seus contos, o horror ultrapassa o convencional ao expor realidades brutais e as tensões urbanas na Argentina. Os ambientes/espços das suas histórias são disformes, anormais e monstruosos, perpassando essas características aos personagens. Em suas narrativas, há personagens que rompem com os ideais esperados socialmente. O menino do conto "El chico sucio" (2016) é como uma criança-monstro, já corrompida pelo ambiente, pela violência estrutural e social, demonstrando ambiguidade moral, ou seja, a criança ora é inocente, ora é horripilante/monstruosa. "El monstruo" (2008) e "Bajo el agua negra" (2016), além dessas temáticas, trazem elementos recorrentes — o corpo monstruoso do Riachuelo, a miséria nas margens do rio, a violência policial e a figura de Emanuel — que revelam um universo ficcional coeso, no qual personagens e espços se articulam em torno de experiências de exclusão e opressão. Esses elementos evidenciam tanto um exercício de intertextualidade dentro do próprio *corpus* literário da contista quanto um processo de intratextualidade, em que os contos se conectam e expandem um mesmo universo narrativo. O termo intertextualidade foi introduzido por Julia Kristeva em artigos de 1966 e 1967, com base nas reflexões de Mikhail Bakhtin, para descrever o diálogo que um texto estabelece com outros, de forma explícita ou implícita (Nitrini, 2008, p. 15). Esse conceito sugere que nenhuma criação é totalmente original ou isolada, pois carrega referências e vozes de outros discursos. Para Jenny (1979, p. 10), a identificação dessas conexões amplia a criticidade em relação à obra, ou seja, a percepção desses elementos intertextuais, simbólicos e espaciais é essencial para uma leitura crítica da obra de Enríquez, pois evidencia como a autora atualiza o gótico e o fantástico ao inscrevê-los em uma realidade urbana e latino-americana marcada pela desigualdade, pela exclusão e pela presença do monstruoso como metáfora social. Sendo assim, a nossa proposta de comunicação visa aproximar os dois contos mencionados e ressaltar que a intertextualidade é fundamental para aprofundar a compreensão dessas duas narrativas, permitindo ao leitor identificar relações que ampliam os seus sentidos e revelam camadas ocultas de significado.

Palavras-chave: El monstruo. Bajo el agua negra. Mariana Enríquez. Intertextualidade. Literatura argentina.

⁸ Doutor em Letras, na área de Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP, Campus de Assis-SP. Docente do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS. <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

⁹ Pós-graduanda no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS, nível mestrado, na área de Estudos Literários. <https://orcid.org/0009-0004-4289-8039>

ATRAVÉS DE UMALENTE CHAMADA SLASH: RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE VLOGGERS NO YOUTUBE E COMUNIDADES DE FÃS

Júlia Zen Dariva¹⁰

RESUMO

As comunidades de fãs diferenciam-se entre si com base no objeto cultural ao redor do qual elas se organizam ou na prática interpretativa compartilhada pelos membros de uma mesma comunidade. Uma das práticas interpretativas possíveis é conhecida por fãs e acadêmicos da área como *slash*, nome dado às diferentes produções de fãs que tematizam a homossexualidade masculina. O presente trabalho visa discutir como o *storytelling* nos vídeos para YouTube do vlogger britânico Will Lenney (WillNE) é construído em diálogo com a produção das fãs de slash que criam vídeos, prosa e ilustrações representando uma relação romântica fictícia entre Will e outro vlogger com quem ele colabora frequentemente, James Marriott. A escrita de slash sobre pessoas reais é prática comum nas comunidades de fãs desde o início dos anos 1970. Apesar disso, ainda há certa relutância em discutir o gênero conhecido como *Real Person Slash* fora dos espaços de fãs, pois trata-se de uma prática que depende da ficcionalização de pessoas reais e que frequentemente conta com a representação explícita de diferentes interações sexuais. Por essa razão, mantém-se uma separação entre os espaços online ocupados pelas fãs e o espaço ocupado pelas pessoas transformadas em personagens fictícios em suas obras. Argumentamos aqui que essa separação é desconfigurada no contexto da comunidade de fãs de slash de Will Lenney e James Marriott, já que a produção das fãs frequentemente permeia os vídeos de Lenney. Apesar de fãs e críticos utilizarem o termo *queerbaiting* para criticar a forma com que criadores de conteúdo tentam atrair um público queer através da ênfase na possibilidade homoerótica, o presente trabalho contextualiza a produção dos vídeos do canal de Lenney sob o viés do slash como metodologia, enquanto prática interpretativa que informa como Lenney e Marriott escrevem-se como personagens em suas próprias histórias, tornando seus vídeos um local potentemente intertextual que brinca com as diferentes lentes que refratam o sujeito no mundo digital. Nesse contexto, Lenney configura-se como escritor de slash e mistura-se com suas fãs, dissolvendo as barreiras anteriormente estabelecidas entre esses diferentes espaços.

Palavras-chave: Intertextualidade. YouTube. Slash. Real Person Slash. Comunidades de fãs.

¹⁰ Estudante de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Inglês: Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pesquisando slash e outras produções de fãs em contexto anglófono. E-mail: julia.dariva@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6786-4925>.

A INTERTEXTUALIDADE ENTRE *QUARENTA DIAS*, DE MARIA VALÉRIA REZENDE E *ALICE NO PAÍS DAS MARAVILHAS*, DE LEWIS CARROLL

Maria Eduarda de Camargo Madureira ¹¹

Altamir Botoso ¹²

RESUMO

A presente comunicação tem como objetivo realizar uma análise da obra *Quarenta Dias*, de Maria Valéria Rezende, por meio de uma abordagem intertextual com o livro *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll. O romance de Maria Valéria Rezende narra não somente a transformação individual de sua protagonista, mas também lança um olhar crítico e sutil sobre temas profundos que muitas vezes são negligenciados pela sociedade, tais como a desvalorização da identidade feminina em decorrência da maternidade, a contraposição das classes e a invisibilidade social das pessoas vivendo em situação de rua. Na leitura de *Quarenta dias*, chama a atenção o diálogo que esta obra estabelece com o texto de Lewis Carroll, começando pelos nomes das protagonistas e as situações que ambas vivenciam dentro das narrativas das quais fazem parte. A autora se destaca por suas transições literárias que vão além das convenções tradicionais da leitura, proporcionando uma reflexão mais ampla sobre o conceito de intertextualidade e o seu emprego na obra referida. A intertextualidade com *Alice no País das Maravilhas* é apresentada de forma explícita, enriquecendo o enredo e trazendo à tona o domínio literário de Maria Valéria Rezende, que consegue estabelecer conexões sutis e significativas com uma obra clássica. Dessa forma, o sentido da sua obra é ampliado, dando margem a diferentes interpretações. Sendo assim, o nosso propósito é não só examinar as reverberações do romance de Carroll que se fazem presentes em *Quarenta Dias*, mas também ressaltar como Maria Valéria Rezende, uma autora à frente de seu tempo, consegue estabelecer um diálogo fecundo com a tradição, renovando e ampliando novos sentidos e interpretações para essas duas produções ficcionais. Nesse sentido, buscamos destacar a originalidade e a relevância de *Quarenta dias* no contexto da literatura contemporânea e contribuir para a fortuna crítica dos dois escritores das obras selecionadas como *corpus* de análise. Como suporte teórico, pautar-nos-emos pelos estudos de Kristeva (2005), Perrone-Moisés (1990), Samoyault (2008), Walty (2009), Candia (2021), Modesto (2023).

Palavras-chave: Intertextualidade. Maria Valéria Rezende. Lewis Carroll. *Quarenta dias*. Literatura comparada.

¹¹ Graduanda do curso de Letras/espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campus de Campo Grande-MS e bolsista de Iniciação Científica nessa mesma universidade.

¹² Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em "Estudos de Linguagens" da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

A CONSTRUÇÃO DO AUTOR EM ABISMO EM CAETÉS, DE GRACILIANO RAMOS

Altamir Botoso¹³

RESUMO

O objetivo desta comunicação é estudar a técnica da *mise en abyme* no romance *Caetés*, de Graciliano Ramos (1892-1953), publicado pela primeira vez em 1933. Tal técnica possibilita ao escritor mostrar ao leitor como sua obra foi construída e os procedimentos empregados para edificar seu relato. Assim, a estrutura romanesca acolhe em seu centro uma réplica em miniatura de si mesma. Essa reduplicação da narrativa permite problematizar as noções de autoria, ficção/realidade, leitor/personagem, sonho/realidade, mesclando esses elementos e delegando ao leitor um papel mais ativo na construção e decifração das histórias que lê. Na obra referida, o protagonista, João Valério, está escrevendo um romance que também se intitula *Caetés*. No desenrolar das duas narrativas, a primeira delas aborda a história de João Valério e o triângulo amoroso no qual ele se envolve e a segunda trata dos indígenas, habitantes primitivos de Palmeira dos Índios, ocorrem entrecruzamentos e espelhamentos entre essas duas construções narrativas e a figura autoral acaba assumindo um posto de destaque. Dessa maneira, a nossa proposta é evidenciar o papel do autor *en abyme*, conforme postula Alain Goulet (*Lettres Françaises*, n. 7, 2006, p. 39-58) em "L'auteur mis en abyme (Valéry et Gide)" e ressaltar as conexões entre o personagem autor João Valério e o autor empírico do livro *Caetés*. Como suporte para as análises, serão empregados os estudos críticos de Barthes (2007), Dällenbach (1991), Antunes (1982), Alonso (2017, 2024), Todorov (2006), Goulet (2006), Hutcheon (1991), Ricardou (1967). Em síntese, verifica-se que a *mise en abyme* viabiliza que uma obra se duplique e fale de si mesma, tornando-se plurissignificativa e ampliando as suas possibilidades de interpretação pelo leitor tanto no que tange à construção romanesca quanto em relação à figura autoral, que pode ser vista como um alter ego do escritor Graciliano Ramos e desvelar algumas de suas facetas e dos meandros e dificuldades das suas produções ficcionais.

Palavras-chave: *Caetés*. Graciliano Ramos. Literatura brasileira. Literatura especular. *Mise en abyme*.

¹³ Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em "Estudos de Linguagens" da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

COGNITIVAMENTE INADAPTÁVEL: O CASO DE “A COR QUE VEIO DO ESPAÇO” DE H. P. LOVECRAFT

Thales Vianna Coutinho ¹⁴

RESUMO

The Colour Out of Space (“A Cor que veio do Espaço”) é um conto do escritor norte-americano H. P. Lovecraft, publicado em 1927, que encapsula a filosofia lovecraftiana do desconhecido e do incognoscível, característica nuclear do horror cósmico (Dzienkonski, 2023). No original, a cor é descrita como: “A cor, que lembrava algumas das faixas do estranho espectro do meteoro, era quase impossível de descrever; e era somente por analogia que eles a chamavam de cor”. Ao longo das décadas, foi adaptada para o cinema em diferentes ocasiões. A saber: “Die, Monster, Die!” (1965), “The Curse” (1987), “Colour from the Dark” (2008), “Die Farbe” (2010) e “Color Out of Space” (2019). No entanto, todas as adaptações cinematográficas de *The Colour Out of Space* apresentaram desafios em traduzir a incompreensibilidade cósmica de Lovecraft para a linguagem visual (Basu & Ray, 2023). O objetivo desse trabalho foi tecer uma argumentação de psicologia teórica para explicar as dificuldades significativas e reiteradas enfrentadas pelas tentativas de adaptar o conto de Lovecraft para o cinema. Para isso, realizou-se uma revisão narrativa da literatura, buscando por artigos que tratassem dos limites perceptuais e cognitivos da imaginação. É possível conceber pontos de vista radicalmente diferentes do humano? (Elson, 2024). Malik (2015) explorou os limites da imaginação humana e argumentou que, embora pensemos ser capazes de imaginar o impossível, o que realmente fazemos é reinterpretar conceitos conhecidos. Ainda, ao analisar a natureza de um conteúdo perceptivo e das imagens mentais, verificou-se que ambos compartilham características fundamentais (Nanay, 2015). Já McCarroll (2022) investigou as relações entre memória e imaginação, argumentando que ambas são centrais para a construção da realidade subjetiva. Portanto, à luz dessas evidências, é possível argumentar que a razão pela qual as adaptações cinematográficas do conto de Lovecraft inspiram críticas negativas é que estamos diante de uma obra inadaptável, tendo em vista que sua descrição desafia a nossa estrutura cognitiva capaz de imaginar visualmente algo.

Palavras-chave: Cognitivamente Inadaptável. Intermedialidade. Lovecraft. Pesquisa Teórica. Psicologia Cognitiva.

¹⁴ Psicólogo, mestre em Medicina Molecular (UFMG) e doutorando em Teoria Literária (União de Londrina). Coordenador do curso de Psicologia do Centro Universitário Campos de Andrade – União de Londrina. E-mail: psicologia@uniandrade.edu.br

ESTUDO DA TÉCNICA DA MISE EN ABYME EM UM SOPRO DE VIDA, DE CLARICE LISPECTOR

Maikeli Sarai Meza Vasquez¹⁵

Altamir Botoso¹⁶

RESUMO

A obra póstuma da escritora Clarice Lispector, *Um sopro de vida*, é um livro que adquire relevância por apresentar em seu enredo o desenvolvimento de uma obra ou romance dentro de outro romance. Esse livro, publicado postumamente, está estruturado em três partes, é narrado em primeira pessoa pelo escritor narrador que se encontra em um processo de criação de sua mais recente personagem, Ângela Pralini, a qual é concebida a partir da necessidade desse escritor de entender e expressar seus próprios desejos internos não concretizados e explorar a linha que se estabelece entre autor e personagem. Durante a leitura, verifica-se que a estrutura narrativa e o enredo de *Um sopro de vida* edifica-se pela nítida utilização da técnica mise en abyme. A técnica em questão é conhecida como *mise en abyme* e é identificada nos processos de criação ficcional pelo fato de haver uma história dentro da história principal ou o espelhamento entre os personagens ou acontecimentos que ocorrem no enredo de uma narrativa. Levando em conta o exposto, o objetivo desta comunicação será analisar como Lispector utiliza essa técnica para criar uma interligação entre a ficção e a realidade, especialmente no desenvolvimento da personagem Ângela Pralini, que se torna um reflexo das inquietações existenciais do personagem Autor, estabelecendo uma relação com o autor empírico e criando um jogo de espelhos que amplia as dimensões da narrativa, refletindo sobre o próprio ato de escrever e sobre os dilemas internos da personagem. A interdependência entre autor e personagem, evidenciada pela construção da figura de Ângela, fortalece o enredo e proporciona uma profundidade única à obra, ampliando suas camadas de significado. A utilização dessa técnica cria uma rede de reflexões, fazendo com que o romance seja uma obra multifacetada. Ao mesmo tempo, é possível identificar que o romance apresenta uma estrutura narrativa que caracteriza as obras da escritora Clarice Lispector. Como suporte teórico, empregamos os estudos de Dällenbach (1977, 1991), Rita (2010), Goulet (2006), Todorov (2006), Alonso (2011, 2015), Nunes (1989), Costa (2020), dentre outros.

Palavras-chave: Clarice Lispector. Autor en abyme. Mise en abyme. *Um sopro de vida*. Literatura brasileira.

¹⁵ Graduanda do curso de Letras/espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campus de Campo Grande-MS e bolsista de Iniciação Científica nessa mesma universidade.

¹⁶ Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em "Estudos de Linguagens" da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

LÍRICA E SOCIEDADE EM “3 MINUTOS”

Ana Emília Klein¹⁷

RESUMO

Em que medida somos donos das nossas escolhas? E se podemos decidir por nós mesmos, qual é o tempo necessário para tomar uma decisão difícil? Marília tem três minutos para finalmente abandonar uma vida com a qual não está satisfeita, romper com um casamento frustrado e encontrar-se com o desconhecido. Por que três minutos? É o tempo de duração da sua ficha telefônica – e de uma corrida de bastão de 1600 metros e do cozimento de um ovo –, para deixar uma mensagem definitiva ao seu marido por meio da secretária eletrônica. Este trabalho investiga as tensões que subjazem à personagem de “3 Minutos” (1999), curta-metragem dirigido por Ana Luísa Azevedo e roteirizado por Jorge Furtado, analisando os fatores material e social como condicionadores para as deliberações aparentemente espontâneas de Marília. Para isso, parte-se da análise e interpretação do filme enquanto forma estética que conforma em si tensões sociais, tendo no horizonte como o jogo de câmera, a composição do cenário e o monólogo da personagem revelam tanto a relação íntima quanto a condição social do casal. A hipótese de leitura é de que as mágoas de Marília e seu desejo por uma vida mais tranquila, sem as desventuras implicadas na rotina de quem trabalha com/no circo, tornam sua decisão mais complexa do que um simples ato de liberdade. Isso porque a relação conjugal parece atravessada por questões materiais e sociais (e morais) quanto ao papel da mulher na sociedade, que vão dar também em um desgaste do vínculo. A última fala da personagem, “O que é que eu fiz da minha vida?”, sugere uma reflexão sobre as reais possibilidades de Marília, o quanto ela é responsável pelo seu destino e até que ponto suas escolhas foram de fato livres. Nesse sentido, o problema íntimo enquanto fio condutor da narrativa inscreve-se numa questão de ordem social, ao apontar para desejos marcados por estruturas de poder e gênero. Defende-se, portanto, que o gesto do curta-metragem revela uma tensão entre subjetividade e sociedade e posiciona-se criticamente, ainda que de forma sutil, à estrutura patriarcal e às limitações impostas às mulheres em contextos de dependência, seja afetiva, seja material.

Palavras-chave: Curta-metragem. Engajamento. Cinema brasileiro.

¹⁷ Mestre em Letras. Docente do Curso de Letras da Universidade do Vale do Taquari – Univates. <https://orcid.org/0009-0005-8833-4877>.

PROJETO DE MODERNIDADE, TENSÕES E TRADIÇÕES: MACUNAÍMA (1969) E AS MEMÓRIAS DO CINEMA NOVO

Meire Oliveira Silva¹⁸

RESUMO

O Cinema Novo Brasileiro ascende diante de inúmeras incursões voltadas à compreensão do conceito de identidade nacional, em meio aos diversos "projetos de Brasil", nas primeiras experiências cinematográficas, entre as décadas de 1960 e 1970. Assim, tais iniciativas, mormente promovidas por instituições como o Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), o Itamaraty, entre outras, constituem o nascedouro do Cinema Novo. O CPC, por exemplo, tinha como objetivo trazer à população consciência e arte, incentivando projetos que aproximassem cultura e política. Ao ser analisada a questão antropofágica que atravessa *Macunaíma* (Hollanda, 2002), na adaptação do livro ao cinema, a partir de Joaquim Pedro de Andrade (1969), realiza-se uma série de relações interartes e intermedialidades. Da mesma forma, discussões em torno do desenvolvimento brasileiro, a partir dos anos 1950, contribuíram para emoldurar certa ideia de nacionalidade, que oscilava entre a resistência de artistas e a efervescência diante da construção de Brasília como nova capital. O cinema documentário de Joaquim Pedro de Andrade caminha na mesma direção de descoberta do país, sobretudo, com a aliança entre o SPHAN e outros órgãos oficiais que sedimentaram o apoio a jovens cineastas, em sua maioria, do Rio de Janeiro, atuando nas novidades do cinema direto (Ramos, 2008). Para descrever e averiguar os impactos de tais transformações, a presente comunicação está voltada para a reflexão acerca dos diálogos entre a literatura modernista e o cinema brasileiro, bem como a suas tensões, situando nos anos 1960 a retomada da literatura modernista, sobretudo do romance de 1930, mas também da chamada fase heroica modernista nos anos 1920, até culminar no sucesso de bilheteria de *Macunaíma* (1969), de Joaquim Pedro de Andrade, que amalgamou anseios libertários anunciando o desbunde e a contracultura dos anos seguintes.

Palavras-chave: Macunaíma. Joaquim Pedro de Andrade. Cinema Novo.

¹⁸ Pós-doutoranda em Literatura Brasileira pela USP. Possui Doutorado (2012) e Mestrado (2007) em Teoria Literária e Literatura Comparada (ambos pela USP); MBA em Gestão Escolar (USP, 2023); Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologia Educacional Digital (Universidade Estadual de Londrina - UEL, 2022). Bacharelado em Letras (2001, FFLCH-USP) e Licenciatura em Letras (2002, FE-USP). Docente do curso de Letras, na área de Literatura, na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Pesquisadora em Cinema e Literatura; Estudos de gênero e étnico-raciais, além de Memória e Ditadura civil-militar brasileira. É autora de *O caos e a lira* (Benfazeja, 2021); *Liturgia da pedra: negro amor de rendas brancas* (Alameda, 2018) e *O cinema-poesia de Joaquim Pedro de Andrade* (Appris, 2016). E-mail: meireoliveirasilva79@gmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5950515096751794> ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-4863-6062>

PERSPECTIVA BÍBLICA E PRODUÇÃO DE PRESENÇA EM “ANA TERRA”, DE ERICO VERISSIMO

Ligia Fernanda Giorgia de Oliveira Klein¹⁹

Greicy Pinto Bellin²⁰

RESUMO

A intersecção entre textos sagrados e obras literárias tem sido objeto de crescente interesse nos estudos literários, como demonstram os trabalhos de Northrop Frye (2004) e Robert Alter (2007). Esse diálogo abre espaço para análises intertextuais que revelam como a literatura se apropria de elementos bíblicos para a construção de sentido. Este resumo apresenta a pesquisa de mestrado que investiga a relação na obra “*Ana Terra*”, de Erico Verissimo, considerando as intertextualidades com o livro de *Rute* e “*Provérbios 31*”. O estudo fundamenta-se nas teorias da intertextualidade de Bakhtin (1929), Kristeva (1979) e Barthes (1979), bem como, na produção de presença e *Stimmung* propostas por Hans Ulrich Gumbrecht (2014). A trajetória de “*Ana Terra*”, marcada pela luta e resiliência, ecoa a narrativa de *Rute*, que também enfrenta desafios e transforma sua realidade por meio da coragem e da determinação. Do mesmo modo, a representação feminina em “*Ana Terra*” se aproxima da mulher virtuosa de “*Provérbios 31*”, cujas qualidades de força e trabalho refletem a identidade da protagonista. Essas intertextualidades contribuem para a construção da identidade cultural e simbólica da personagem, inserindo-a em um contexto de tradição e ancestralidade. A teoria da produção de presença de Gumbrecht permite compreender como a materialidade do texto e a ambiência evocada na narrativa de Verissimo afetam o leitor de maneira sensorial. Elementos como a paisagem, as descrições corpóreas e a violência experienciada por Ana criam um impacto emocional que ultrapassa a simples interpretação hermenêutica, favorecendo uma experiência imersiva. A atmosfera emocional, ou *Stimmung*, que permeia a obra intensifica a conexão entre texto e leitor, promovendo um envolvimento que ressoa com questões de identidade, ancestralidade e territorialidade. Além disso, a abordagem intertextual possibilita uma leitura que transcende os limites do texto literário, revelando a influência da tradição bíblica na literatura brasileira contemporânea. Ao destacar os diálogos entre “*Ana Terra*” e as Escrituras, esta pesquisa amplia a compreensão da narrativa e reforça a relevância do romance de Verissimo na construção de uma literatura que articula memória, cultura e experiência histórica. Assim, essa pesquisa de mestrado não apenas analisa os aspectos literários e intertextuais, mas também explora as dimensões sensoriais da leitura, enfatizando como a literatura pode ser vivenciada de maneira tangível e afetiva pelo leitor.

Palavras-chave: “*Ana Terra*”. Bíblia. Intertextualidade. Presença e *Stimmung*.

¹⁹ Mestranda em Teoria Literária pelo Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE), Especialização em Educação Bilingue para Surdos pelo IPE, Graduação em Bacharelato em Letras/Libras Tradução e Interpretação, Graduada em Formação de Docentes Letras pela Faculdade Educacional da Lapa, Graduada em Teologia pela Faculdade Evangélica do Paraná. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9627-5938>.

²⁰ Pós-Doutorado em Letras pela Universidade Estadual de Campinas e pela Universidade Federal do Paraná, Doutorado e Mestrado em Estudos Literários, Graduação em Letras, também, pela UFPR e professora titular do Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária do Centro Universitário Campos de Andrade (UNIANDRADE). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3787-7722>.

DA ESCRITORA À PERSONAGEM FICCIONAL NO CONTO “CLARICE”, DE ADRIANA LUNARDI: INTERTEXTOS

Karen Micaely Silva Deboletto²¹

Altamir Botoso²²

RESUMO

A partir dos conceitos de dialogismo de Mikhail Bakhtin, Julia Kristeva formulou o conceito de intertextualidade, teoria que afirma que nenhum texto é totalmente original, mas sim uma rede de referências, citações e reverberações de outros textos, que são absorvidos e transformados por intermédio de um processo de constante diálogo e reinterpretação das produções textuais de escritores contemporâneos e do passado também. No livro de contos *Vésperas*, de Adriana Lunardi (2002), se pode perceber importantes relações intertextuais entre as escritoras, que são transformadas em protagonistas das narrativas que compõem o referido volume, e aspectos de suas obras e de suas vidas. Ao homenagear escritoras como Clarice Lispector, Ana Cristina César, Júlia da Costa, Katherine Mansfield, Colette, Virginia Woolf e outras, Lunardi não apenas cita ou alude às suas obras, mas estabelece um importante diálogo intertextual, no qual se destacam a retomada de dados empíricos das mortes dessas escritoras e ainda são ressaltados elementos estilísticos das suas construções ficcionais dentro dos contos dos quais elas fazem parte. *Vésperas* é uma teia de referências que convida o leitor a percorrer os caminhos da literatura e a descobrir novas conexões entre os textos de *Vésperas* e os escritos das autoras que ocupam o centro das histórias nele narradas. As referências não se limitam às obras das escritoras, mas também abrangem seus contextos históricos e suas experiências pessoais. Pautados por essas considerações, objetivamos analisar o conto “Clarice” da obra mencionada acima e salientar os intertextos que se estabelecem entre essa narrativa e os dados biográficos de Clarice Lispector, bem como possíveis retomadas de traços da escrita clariciana na recriação ficcional que Lunardi empreende nesse conto. Para embasar nossas análises, empregaremos os estudos de Walty (2009), Corrales (2010), Kristeva (2005), Botoso; Mendes (2023), Chiarelli (2016), dentre outros.

Palavras chave: Conto. Clarice. Adriana Lunardi. Intertextualidade. Literatura brasileira.

²¹ Graduanda do curso de Letras/espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Campus de Campo Grande-MS e bolsista de Iniciação Científica nessa mesma universidade.

²² ² Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em “Estudos de Linguagens” da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação – Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

A FICÇÃO DENTRO DA FICÇÃO: A MISE EN ABYME EM A RAINHA DOS CÁRCERES DA GRÉCIA DE OSMAN LINS

André Luiz Aguirre Martinez ²³

Altamir Botoso ²⁴

RESUMO

Em seu último romance, *A rainha dos cárceres da Grécia* (1976), Osman Lins cria uma história na qual se destaca o fato de haver um romance dentro de um romance, configurando um meta-romance, pois dentro da narrativa, há uma escritora que também escreve uma obra ficcional. Esse procedimento foi denominado pela crítica como *mise en abyme* e o nosso objetivo é estudar essa técnica e demonstrar como ela se efetiva na construção do referido livro, enlaçando duas histórias/dois romances. O enredo da obra trata da vida de um professor de biologia do ensino médio, que tenta interpretar o livro de sua amante, a qual havia falecido e deixado um texto escrito com algumas cópias limitadas. A narrativa deste romance produzido pela sua amante se entrelaça com a narrativa do professor e possibilita muitas interpretações a serem efetuadas pelos próprios leitores. Dessa maneira, a técnica de espelhamento na história pode refletir a realidade ficcional e pode ser uma referência a si mesma e até ao próprio autor empírico. Comparada a outras técnicas, a particularidade de imensidão do infinito gera um fenômeno único de reduplicação de imagens. Como embasamento teórico, pautar-nos-emos pelos estudos de Dällenbach (1979, 1991), Goulet (2006), Alonso (2011, 2015), Antunes (1982), Camargo (2008), Cardoso (2016), Todorov (2006). Em termos mais claros e objetivos, podemos dizer que o procedimento da *mise en abyme* se refere à repetição de um elemento no interior de outro que é, por sua vez, igual ou semelhante ao primeiro. Nesse sentido, buscaremos evidenciar a maneira pela qual um texto ficcional discute elementos próprios da ficção tais como a figura do escritor, a obra que ele escreve, a criação das personagens, evidenciando um processo metaficcional no qual a narrativa discute e problematiza a si própria e ao processo de criação de um texto fictício.

Palavras-chave: *Mise en abyme*. Osman Lins. *A rainha dos cárceres da Grécia*. Romance metaficcional. Literatura brasileira.

²³ Graduando do curso de Letras/espanhol da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, Câmpus de Campo Grande-MS e bolsista de Iniciação Científica nessa mesma universidade.

²⁴ Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em "Estudos de Linguagens" da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação - Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

A MISE EN ABYME EM “THE WEREWOLF” E “THE COMPANY OF WOLVES”, DE ANGELA CARTER

Matheus Carlesso da Silva²⁵

Altamir Botoso²⁶

RESUMO

Originando-se na heráldica, campo que analisa brasões, o termo *mise en abyme*, cunhado por C. E. Magny, e discutido também pelo escritor francês André Gide, refere-se a uma técnica literária caracterizada pela repetição, pelo espelhamento, pela duplicação e pela construção caleidoscópica ou fractal. Essa técnica se manifesta em diversas formas de arte, desde pinturas até anúncios publicitários e, na literatura, um exemplo amplamente conhecido é a icônica obra *Hamlet*, de William Shakespeare, na qual encontramos uma peça sendo encenada dentro de outra peça, semelhante às bonecas *matrioskas*, que são colocadas umas dentro das outras... Dessa forma, nossa pesquisa busca relacionar a referida técnica com os contos “*The Werewolf*” e “*The Company of Wolves*”, presentes no livro *The Bloody Chamber* (2015), da autora inglesa Angela Carter que, após ler e traduzir para o inglês as histórias clássicas do autor francês do século XVII Charles Perrault, Carter obteve um material riquíssimo com o qual soube trabalhar e subverter a sua estética narrativa, rompendo estruturas tradicionais, especialmente no que se refere à representação feminina e à dominação masculina. À luz de teóricos como Lucien Dällenbach (1989), Véronique Labeille (2011) e Mariângela Alonso (2015), que se dedicam ao estudo da *mise en abyme*, além de pesquisadores especialistas na obra de Carter, como Cleide Antonia Rapucci (2024) e Marie Mulvey-Roberts (2022), nosso estudo visa realizar uma revisão bibliográfica dos autores previamente citados, com o objetivo de investigar, identificar e categorizar as manifestações da *mise en abyme* presentes nos contos selecionados. Ademais, mesmo sendo uma autora cujos escritos estão entre uns dos mais inovadores do século XX, Carter ainda é pouco reconhecida no âmbito literário e acadêmico brasileiro. Portanto, o presente estudo pretende contribuir para um maior reconhecimento dos escritos de Angela Carter no Brasil e, mais especificamente, em Mato Grosso do Sul, reforçando a relevância da autora, bem como um aprofundamento dos estudos teóricos sobre a *mise en abyme* no contexto da literatura contemporânea.

Palavras-chave: Angela Carter. *Mise en abyme*. Literatura Inglesa. *The Bloody Chamber*. Contos.

²⁵ Mestrando em Estudos Literários no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

²⁶ Doutor em Letras e professor do curso de Letras/Espanhol e do Mestrado em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, UEMS, e cursando o Estágio Pós-Doutoral do Programa de Pós-Graduação em “Estudos de Linguagens” da Faculdade de Arte, Letras e Comunicação – Faalc/UFMS, sob a orientação do professor Dr. Wellington Furtado Ramos. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3231-2351>

MÁIQUEL E SUA FICÇÃO MACABRA: A *MISE EN ABYME* EM O MATADOR, DE PATRÍCIA MELO

Ana Paula Almeida Mendes ²⁷

RESUMO

Esta apresentação tem como objetivo identificar e analisar a presença da técnica da *mise en abyme* em um trecho do livro *O Matador* (2008), de Patrícia Melo e é baseada na dissertação de mestrado intitulada *As múltiplas possibilidades da mise en abyme em Um sopro de vida e O Matador* (2025) defendida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. Na obra de Patrícia Melo, o narrador Máiquel elabora um livro para prestar conta de seus crimes aos que o contrataram. Esse material é construído a partir de um álbum de fotografias de bebês adquirido em uma papelaria. Essa ação autoral que cria uma obra ficcional dentro da narrativa escrita pela autora real é justamente o ponto no qual observamos a presença da técnica. Uma autora empírica cria uma personagem que é autora e que, por sua vez, também elabora um livro. Ambas as obras apresentam os elementos comuns às narrativas. Observam-se personagens, narrador, tempo, espaço e enredo. Enquanto o livro de Patrícia Melo tem Máiquel como narrador, no dele há os jornalistas que relataram os crimes em seus artigos. Isto porque sua obra consiste em um compêndio de recortes de notícias que relatam seus próprios delitos, incluindo fotos. Na obra encaixante, isto é, no livro de Melo, as personagens são pessoas que em algum momento cruzaram com Máiquel, além do próprio. No dele, são representadas por suas vítimas. São figuras eternizadas no momento de suas mortes, no livro macabro. Tempo e espaço também estão em cada um dos textos. Na obra "maior", observamos uma temporalidade cronológica, partindo de um momento específico da vida do protagonista até o encerrar de seu relato. Na de Máiquel, o tempo é fracionado, porque não há como saber se as notícias foram coladas em ordem cronológica. Assim, comprova-se a presença da técnica da *mise en abyme* nessa relação de encaixe entre as duas narrativas, nos permitindo testemunhar uma personagem e sua criação autoral dentro da narrativa da qual ela mesma faz parte e é, ademais, o próprio narrador. Os estudos se basearam nos textos teóricos de Lucien Dällenbach, Mariângela Alonso, Alain Goulet, dentre outros.

Palavras-chave: *Mise en abyme*. O matador. Patrícia Melo. Intertextualidade. Narrativas contemporâneas.

²⁷ Ana Paula Almeida Mendes é Mestre em Letras pelo programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-5814-386>.

Realização



Apoio



Parceria

